

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE ENGENHARIA CIVIL, ARQUITETURA E URBANISMO

Guilherme Antônio Michelin

**O Reconhecimento de uma
Paisagem Cultural
FAZENDA LAGEADO – Botucatu/SP**

Dissertação apresentada à Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Engenharia Civil, na área de concentração de Recursos Hídricos, Energéticos e Ambientais, Linha de Pesquisa de Planejamento Regional, Patrimônio e Paisagem.

Orientador: Dr. André Munhoz de Argollo Ferrão

CAMPINAS
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA ÁREA DE ENGENHARIA E ARQUITETURA - BAE - UNICAMP

M582r Michelin, Guilherme Antônio
O reconhecimento de uma paisagem cultural: Fazenda Lageado - Botucatu/SP / Guilherme Antônio Michelin. -- Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientador: André Munhoz de Argollo Ferrão.
Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo.

1. Planejamento regional. 2. Patrimonio cultural - Proteção. 3. Café - Brasil - Historia. 4. Fazendas de café. 5. Paisagens culturais. I. Argollo Ferrão, André Munhoz de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Título em Inglês: The recognition of a cultural landscape:: Lageado Farm - Botucatu/SP

Palavras-chave em Inglês: State planning, Cultural heritage protection, Coffe Brazil history, Coffee farm, Cultural landscapes Brazil

Área de concentração: Recursos Hídricos, Energéticos e Ambientais

Titulação: Mestre em Engenharia Civil

Banca examinadora: Regina Andrade Tirello, José Matheus Yalendi Perosa

Data da defesa: 21/01/2010

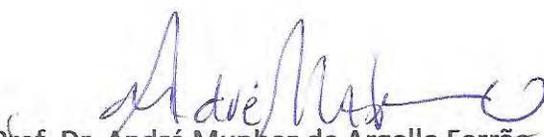
Programa de Pós Graduação: Engenharia Civil

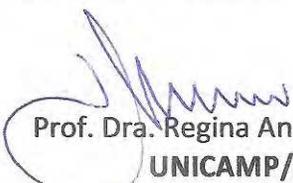
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE ENGENHARIA CIVIL, ARQUITETURA E URBANISMO**

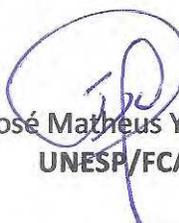
**O Reconhecimento de uma Paisagem Cultural:
FAZENDA LAGEADO – Botucatu/SP**

Guilherme Antônio Michelin

Dissertação de Mestrado aprovada pela Banca Examinadora, constituída por:


Prof. Dr. André Munhoz de Argollo Ferrão
Presidente e Orientador/UNICAMP/FEC


Prof. Dra. Regina Andrade Tirello
UNICAMP/FEC


Prof. Dr. José Matheus Yalendi Perosa
UNESP/FCA

Campinas, 21 de Janeiro de 2010

Dedico este trabalho a meus pais,

Dr. Daya e Prof. Marilene.

Agradecimentos:

A Deus.

Obrigado a Marita, minha amada esposa, pela paciência, apoio e amor incondicional;

Obrigado a toda minha família, pelo carinho e pela formação pessoal;

Obrigado à direção da Faculdade de Ciências Agrônômicas e da Universidade Estadual Paulista que contribuíram com o desenvolvimento deste estudo. Agradeço em especial ao Prof. Leonardo Theodoro Bull, por incentivar a implementação do Projeto de Revitalização de Uso da Área Histórica da Fazenda Lageado, em 2005, e a José Eduardo Candeias, coordenador do projeto, pelo companheirismo e por tornar realidade nossos sonhos de preservação da Fazenda Lageado.

Aos Amigos, Empresas Amigas e Instituições Amigas da Fazenda Lageado e à população botucatuense, parceiros mais importantes nesta tarefa de construção e conservação da nossa paisagem cultural;

Agradeço à Fundação de Ensino e Pesquisas Agrícolas e Florestais, que apoiou este trabalho de 2006 a 2008;

Obrigado à Mirza Pellicciotta e à Juliana Binotti, pelo suporte espiritual e intelectual;

Obrigado a meus professores e companheiros da Faculdade de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Estadual de Campinas e do Labore, por somarem a minha vida suas ricas visões do mundo.

Obrigado a todos que contribuíram de forma direta ou indireta no processo de desenvolvimento deste trabalho e que não pude citar nominalmente.

Obrigado especial a meu orientador, Dr. André Argollo, pela riqueza de possibilidades que dividimos durante todo o processo de desenvolvimento deste trabalho.

Resumo

MICHELIN, Guilherme Antônio. **O Reconhecimento de uma paisagem cultural: Fazenda Lageado – Botucatu/SP**. Campinas, SP: [s.n.], 2010. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo.

Com uma evolução histórica singular, a Fazenda Lageado desenvolveu-se como propriedade particular produtora de café para exportação no último quartel do séc XIX. Em 1934, passa ao controle do governo federal, transformando-se Estação Experimental. Em 1972, o governo estadual recebe a fazenda através de cessão de uso por 99 anos para implantação de unidade de Ensino Superior. Esta singularidade com que a Fazenda Lageado vem se desenvolvendo ao longo do tempo, sua divisa direta com o perímetro urbano de Botucatu e a arquitetura característica dos períodos por que passou trazem uma carga histórica muito forte e uma intensa relação com o desenvolvimento da região onde está inserida. Através da análise transdisciplinar aliada ao enfoque sistêmico e à visão de processos, propõe-se auxiliar o leitor a visualizar relações existentes entre os processos co-evolutivos da fazenda e da área urbana, no intuito de possibilitar a explicitação do próprio processo de formação da paisagem local, em seu caráter físico e, também, cultural.

Palavras Chave: 1. Planejamento regional; 2. Patrimônio cultural – Proteção; 3. Café - Brasil – Historia; 4. Fazendas de café; 5. Paisagens culturais.

SUMÁRIO

Lista de Ilustrações	3
Lista de Tabelas	7
Lista de Abreviações	8
<i>I – INTRODUÇÃO</i>	9
O objeto de pesquisa	9
Conto de Apresentação.....	14
Relações com o objeto de estudo.....	17
A Fazenda e o Arquiteto	17
<i>II- OBJETIVOS</i>	23
Objetivos Gerais	23
Objetivos Específicos	23
<i>III- CONTEXTO HISTÓRICO</i>	25
Ocupação humana da paisagem	26
Botucatu – Portal do Sertão	26
O Café e a Ferrovia – processos contíguos na construção da Paisagem	37
A Bacia do Ribeirão Lavapés (BRL) – Unidade de análise	47
<i>IV- METODOLOGIA</i>	55
A evolução do olhar sobre o objeto – processo em constante desenvolvimento	55
<i>V- TEORIA E PRÁTICA</i>	63
Arquitetura Rural e Espaço Não-Urbano	63
O binômio “Patrimônio – Paisagem”	83
Do patrimônio à paisagem.....	83
Da paisagem ao patrimônio.....	99
<i>VI – RESULTADOS OBTIDOS</i>	121
As Fontes Primárias de Pesquisa	121

No âmbito da Estação Experimental Central do Café	130
Nível Regional	133
A Fazenda Lageado e a Bacia do Lavapés	133
Nível da Propriedade.....	145
A evolução da ocupação física da Fazenda Lageado: Uma leitura através dos seus vestígios edificados	145
Usos e visuais de interesse	158
Nível do Edifício e do Maquinário.....	167
O sistema das águas.....	168
A evolução do uso e ocupação do terreiro e de suas edificações adjacentes	178
Riscos atuais à conservação da paisagem cultural da Fazenda Lageado.....	196
VII – CONCLUSÃO	203
Desdobramentos possíveis deste estudo	206
VIII- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	209
<u>ANEXOS.....</u>	215
ANEXO 01 – INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL.....	217
ANEXO 02 – VISUAIS DE INTERESSE.....	231
ANEXO 03 – SISTEMA DE ÁGUAS.....	247
ANEXO 04 – MAPAS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL.....	271

Lista de Ilustrações

<i>Figura 1 – Croquis das delimitações do perímetro urbano e da Fazenda Lageado dentro do Município de Botucatu</i>	10
<i>Figura 2 - Bacias Hidrográficas. Fonte SILVA et all (2008).....</i>	11
<i>Figura 3 – Fazenda Lageado, recorte de estudo.....</i>	12
<i>Figura 4 - Vista aérea do "Bairro" na década de 1960. Fonte: Spadaro e Gomes (1994)</i>	18
<i>Figura 5 - Mapa do trajeto dos monçoeiros na região. Fonte: Pupo (2002).....</i>	30
<i>Figura 6 - Representação gráfica da possível área doada por José Gomes Pinheiro. Fonte Pupo e Ciaccia (2005)</i>	32
<i>Figura 7 – Criação da Freguesia. Fragmentos da Lei nº 283. Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo.....</i>	33
<i>Figura 8 - Elevação de Botucatu à vila. Fragmentos da Lei nº506 - Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo.</i>	34
<i>Figura 9 – Divisas do Município - Fragmentos das Leis 554 e 657. Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo.....</i>	34
<i>Figura 10 - Mapa do Município de Botucatu na data de sua criação. Fonte: Pupo(2002).</i>	35
<i>Figura 11 – Provável transposição dos limites do Município de Botucatu para mapa atual.....</i>	36
<i>Figura 12 - perímetro urbano de Botucatu - desenho de C. Schmitt (sem data)</i>	39
<i>Figura 13 - "As Três Pedras. Serra de Botucatu" - desenho de C. Schmitt (Explor. pº Botuc. 24/9/82)</i>	40
<i>Figura 14 - "Fim do espigão do Dr João, visto do cafezal do Barão de Serra Negra" – desenho de C. Schmitt (sem data).....</i>	42
<i>Figura 15 - "Casa e Venda do Juca Capitão (antiga D. Joanna) na Estrada velha de Tiete pª Botucatu na margem E. do Capivara" – desenho de C. Schmitt (Estação Alambary – São Manoel 10/4/86)</i>	43
<i>Figura 16 - "Vista da Serra do Barão" - desenho de C. Schmitt (cafezal do (?) Tico Antunes 5/4/86).....</i>	44
<i>Figura 17 - Vista do Alto da Serra de Botucatu na Estrada velha pª Tietê (80° SW) - desenho de C. Schmitt (Exploração por Botucatu 8/10/82).....</i>	45
<i>Figura 18 - "Serra de Botucatu. Vista do Alto do Barão e do Valle do Córrego Fundo da estrada pª o Fonseca" - desenho de C. Schmitt (Exploração pª São Manoel 4/5/86).....</i>	46
<i>Figura 19 – Município de Botucatu em vermelho, sobre o Mapa das Unidades Hidrográficas de Gerenciamento de Recursos Hídricos - URGHI. Fonte: IGC</i>	48
<i>Figura 20 - Localização da Bacia do Ribeirão Lavapes no Município de Botucatu</i>	49
<i>Figura 21 – Ribeirão Lavapés, dentro da Fazenda Lageado</i>	50
<i>Figura 22 – Juzante do Ribeirão Lavapés, visto da ponte de acesso à arquitetura da produção</i>	50
<i>Figura 23 - Vazante do Ribeirão Lavapés, visto da ponte de acesso à arquitetura da produção.....</i>	51
<i>Figura 24 - A bacia como ampulheta.....</i>	51
<i>Figura 25 - Delimitação da Bacia do Lavapés sobre MDT Elevação. Fonte: Orsi.....</i>	52
<i>Figura 26 - Altitudes da BRL. Fonte: Orsi (2004).....</i>	53
<i>Figura 27 - Declividades da BRL. Fonte: Orsi (2004).....</i>	54
<i>Figura 28 - Abordagem sistêmica e visão de processos para o estudo da arquitetura rural. Fonte Argollo Ferrão (2004b).....</i>	56
<i>Figura 29 – Esquema dos 3 conjuntos-recorte de análise.</i>	59
<i>Figura 30 - exemplo de evolução natural dos vetores "processo cultural" e "processo produtivo"</i>	59
<i>Figura 31 – Arquitetura da Produção esquematizada ciclicamente.....</i>	60
<i>Figura 32 - Conjuntos-recorte analisados.....</i>	61
<i>Figura 33 – “Espiral evolutiva” – Recorte de análise físico-temporal do objeto de estudo</i>	61
<i>Figura 34 - Croquis de análise da evolução da malha urbana. Fonte: Michelin (2004).....</i>	64
<i>Figura 35 - Restauro da Tulha como ato irradiador de desenvolvimento. Fonte: Michelin (2004)</i>	71
<i>Figura 36 - Relações diretas entre a Tulha e seu entorno imediato. Fonte: Michelin (2004)</i>	72
<i>Figura 37 – Escalas de análise da Fazenda Lageado e da malha urbana de Botucatu. Fonte: Michelin (2004)</i>	73

<i>Figura 38 – “Cafetal Buenavista”. Desenho de Paredes (2003). Fonte: Ramirez e Paredes (2004).</i>	76
<i>Figura 39 - Mapa do caminho do café até Cuba. Fonte: Ramirez e Paredes (2004)</i>	77
<i>Figura 40 - Cafezal plantado em terraços. Ao fundo, conjunto de edificações mesclando-se à paisagem natural. Fonte: www.sweetmarias.com</i>	80
<i>Figura 41 – Vista geral da Cidade de Drama. Fonte: www.sweetmarias.com</i>	80
<i>Figura 42 - Utilização da cobertura do edifício para secagem do café. Fonte: www.sweetmarias.com</i>	81
<i>Figura 43 - Estação ferroviária de Botucatu</i>	87
<i>Figura 44 - Projeto do Posto Lageado</i>	87
<i>Figura 45 - Mapa delimitando proposta de ampliação no perímetro de Tombamento</i>	108
<i>Figura 46 - Distintas tipologias de Tombamento propostas na TGI. Fonte: Michelin (2001)</i>	109
<i>Figura 47 – Montanhas do Tongariro. Imagem: UNESCO / S. A. Tabbasum</i>	113
<i>Figura 48 - Comunidade local. Imagem: UNESCO / S. A. Tabbasum</i>	113
<i>Figura 49 - Montanhas Sagradas do Tongariro. Imagem: UNESCO / S. A. Tabbasum</i>	114
<i>Figura 50 -"Serra de Botucatu. Vista do Alto do Barão e do Valle do Córrego Fundo da estrada p^a o Fonseca" - desenho de C. Schmitt (Exploração p^a São Manoel 4/5/86)</i>	121
<i>Figura 51 - Atuação da empresa Conceição e Cia na Bolsa do Café de Santos. Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo</i>	123
<i>Figura 52 – Detalhe da data de contrato (novembro de 1921) e vendedor (F. Conceição & Cia). Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo</i>	123
<i>Figura 53 - Detalhe compradores (diversos) e data de entrega (dezembro de 1921). Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo</i>	124
<i>Figura 54 - Capa do Levantamento de materiais adquiridos junto à Fazenda Lageado. Fonte: Biblioteca FCA (obras raras)</i>	124
<i>Figura 55 - Levantamento do terreiro superior, com área de 11.700m², com valor estimado de 175:500\$000.</i>	125
<i>Figura 56 - Residência n° 28, de Carlos Fioravante, na Colônia Fazendinha</i>	126
<i>Figura 57 - Detalhe do nome da Colônia Fazendinha e de seu morador, Carlos Fioravante.</i>	127
<i>Figura 58 - Croquis da casa n°28</i>	127
<i>Figura 59 - Data e assinatura do Agrônomo responsável pelo serviço</i>	128
<i>Figura 60 – Parte do levantamento planialtimétrico de 1934, contendo casa grande, terreiros com indicação de áreas e tulhas de passagem</i>	129
<i>Figura 61 - Casa do Despoldador, com lavadores de café, caixas d'agua e terreiro anexo, com a linha de trem indicada em tracejado.</i>	129
<i>Figura 62 - Relatórios das Atividades da Estação Experimental de Botucatu, de diversos anos.</i>	130
<i>Figura 63 - Projeto paisagístico para Diretoria da EECC</i>	130
<i>Figura 64 - Projeto para Posto Ferroviário (estação)</i>	130
<i>Figura 65 - Planta da Sede com indicação de uso das edificações, já com sistema de águas e topografia.</i>	131
<i>Figura 66 – Limites do Município de Botucatu em 1855 (mancha vermelho claro) e limite atual, em vermelho escuro.</i>	133
<i>Figura 67 - Recorte da Bacia dentro do Município. Desenho sobre MDT-Elevação. Fonte: Silva et all (2008)</i>	134
<i>Figura 68 – Croquis do funcionando em funil da Bacia</i>	135
<i>Figura 69 - Localização da Fazenda Lageado sobre Mapa de Altitudes da BRL, de Orsi (2004)</i>	136
<i>Figura 70 - Localização da Fazenda Lageado sobre Mapa de Declividades da BRL, de Orsi (2004)</i>	137
<i>Figura 71 - mancha urbana, Fazenda Lageado e Bacia do Lavapés no Município de Botucatu</i>	138
<i>Figura 72 – Croquis da Paisagem pré-existente ao período de análise.</i>	140
<i>Figura 73 – Croquis da Paisagem do 1° período de análise: Fazenda Cafeeira</i>	141
<i>Figura 74 - Croquis da Paisagem do 2° período de análise: Estação Experimental Central do Café</i>	142
<i>Figura 75- Croquis da Paisagem do 3° período de análise: Universidade Estadual Paulista</i>	143

<i>Figura 76 - Croquis sem escala da situação do campus em relação à cidade e à fazenda.....</i>	<i>144</i>
<i>Figura 77 - Fazenda Lageado - Sistema viário atual.....</i>	<i>146</i>
<i>Figura 78 - Fazenda Lageado - Sistema viário atual com edificações</i>	<i>147</i>
<i>Figura 79 - Mapa da Estação Experimental (final da década de 1930). Fonte: Biblioteca FCA (Obras Raras).....</i>	<i>147</i>
<i>Figura 80 - Provável sistema viário original da fazenda cafeeira, com locação das edificações de época em vermelho.</i>	<i>148</i>
<i>Figura 81 - Sistema viário principal do 2º período, com inserção das edificações de época em azul.....</i>	<i>148</i>
<i>Figura 82- Sistema viário principal da universidade, em amarelo, com inserção das edificações de época.....</i>	<i>149</i>
<i>Figura 83- mancha da ocupação original da fazenda cafeeira</i>	<i>150</i>
<i>Figura 84 - Edifício da Tulha e Casa de Máquinas.....</i>	<i>150</i>
<i>Figura 85 - Casa de Morada (Casa Grande)</i>	<i>151</i>
<i>Figura 86 - Casa de Colono (Colônia Seis Casas).....</i>	<i>151</i>
<i>Figura 87 – mancha da ocupação principal da estação experimental</i>	<i>152</i>
<i>Figura 88 - Prédio da Diretoria da Estação Experimental.....</i>	<i>152</i>
<i>Figura 89 - Hospedaria</i>	<i>153</i>
<i>Figura 90 - Casa de servidor da Estação Experimental.....</i>	<i>153</i>
<i>Figura 91 – mancha da ocupação da universidade</i>	<i>154</i>
<i>Figura 92 - Departamento de Engenharia Rural. Fonte: www.fca.unesp.br</i>	<i>154</i>
<i>Figura 93 - Fonte: www.fca.unesp.br</i>	<i>155</i>
<i>Figura 94 - Departamento de Ciências do Solo. Fonte: www.fca.unesp.br</i>	<i>155</i>
<i>Figura 95 - evolução da ocupação da Fazenda Lageado.....</i>	<i>156</i>
<i>Figura 96 - evolução da ocupação da Fazenda Lageado e análise do sistema viário.....</i>	<i>157</i>
<i>Figura 97 – Fazenda Lageado - Uso e ocupação com atividades de esporte e lazer.....</i>	<i>159</i>
<i>Figura 98 - Pedestres utilizando avenida central da universidade para lazer e esporte</i>	<i>159</i>
<i>Figura 99 - Pedestres utilizando avenida central da universidade para lazer e esporte</i>	<i>160</i>
<i>Figura 100 - Família brincando em bolsão de estacionamento, no final de semana.</i>	<i>160</i>
<i>Figura 101 - Pedestres praticando corrida</i>	<i>161</i>
<i>Figura 102 - Famílias no final de tarde ao redor da Hospedaria</i>	<i>161</i>
<i>Figura 103 - Crianças brincando no gramado em final de tarde. Vista da Cuesta ao fundo.....</i>	<i>162</i>
<i>Figura 104 - Feira do Automóvel Antigo (set/2009). Foto: José Eduardo Candeias</i>	<i>162</i>
<i>Figura 105 - Feira do Automóvel Antigo (set/2009). Foto: José Eduardo Candeias</i>	<i>163</i>
<i>Figura 106 - Feira do Automóvel Antigo (set/2009). Tulha ao Fundo. Foto: José Eduardo Candeias.....</i>	<i>163</i>
<i>Figura 107 - Feira do Automóvel Antigo (set/2009). Casa Grande ao fundo. Foto: José Eduardo Candeias.....</i>	<i>164</i>
<i>Figura 108 - Campo de futebol do Atlético Clube Lageado</i>	<i>164</i>
<i>Figura 109 – Fazenda Lageado - Visuais de interesse (EM VERMELHO: Visuais em local de permanência; EM AMARELO: visuais a partir do sistema viário);</i>	<i>165</i>
<i>Figura 110 - Fazenda Lageado - visuais de interesse sobre uso e ocupação</i>	<i>166</i>
<i>Figura 111 – aqueduto no terreiro superior</i>	<i>168</i>
<i>Figura 112 - ralo para captação de águas e canaletas no terreiro inferior.....</i>	<i>168</i>
<i>Figura 113 - Caixas d'água</i>	<i>169</i>
<i>Figura 114 – tanques de lavagem do despulpador de café.....</i>	<i>169</i>
<i>Figura 115 – Comporta</i>	<i>169</i>
<i>Figura 116 - Caixa de decantação</i>	<i>169</i>
<i>Figura 117 - O caminho das águas no período cafeeiro.....</i>	<i>170</i>
<i>Figura 118 - O caminho do Café (período da fazenda).....</i>	<i>171</i>
<i>Figura 119 – Análise do sistema de águas sobre desenho de Afonso Poyart.....</i>	<i>173</i>

<i>Figura 120 – Provável sistema de Águas e Energia na Estação Experimental Central do Café (2º Período)</i>	<i>174</i>
<i>Figura 121- Sistema de Águas na Fazenda Cafeeira (1º Período).....</i>	<i>175</i>
<i>Figura 122 - Levantamento da tijoleira, exposto através de prospecção arqueológica. Desenvolvido por Guilherme Michelin, dentro do projeto Arqueologia no Campus.....</i>	<i>176</i>
<i>Figura 123 - Vista aérea do conjunto edificado – harmonia entre a arquitetura da produção do café, edificações da Estação Experimental e edificações universitárias. Fonte: Prefeitura Municipal de Botucatu (www.botucatu.sp.gov.br).....</i>	<i>178</i>
<i>Figura 124 - Ocupação do terreiro no 1º período</i>	<i>179</i>
<i>Figura 125 - Tulha de passagem, pequena. A parte refeita do muro (pedras mais claras) é o provável local da segunda tulha, desaparecida completamente.</i>	<i>180</i>
<i>Figura 126 - tulha de passagem, grande.</i>	<i>180</i>
<i>Figura 127 - Uso do terreiro no 1º Período</i>	<i>181</i>
<i>Figura 128 - Varanda da Casa Grande voltada para a Tulha</i>	<i>182</i>
<i>Figura 129 - Vista da entrada da tulha a partir do patamar da Casa Grande.....</i>	<i>182</i>
<i>Figura 130 - Ocupação do terreiro e adjacências no 2º período.....</i>	<i>183</i>
<i>Figura 131 - Galpão para equipamentos construído sobre o terreiro intermediário.....</i>	<i>184</i>
<i>Figura 132 - Secador de café a lenha.....</i>	<i>184</i>
<i>Figura 133 - galpão de serviços implantado sobre o terreiro superior</i>	<i>185</i>
<i>Figura 134 – Detalhe do conjunto de telhas do galpão.....</i>	<i>185</i>
<i>Figura 135 - Bomba de combustível marca Wayne, implantada na lateral do Galpão.....</i>	<i>186</i>
<i>Figura 136 - Volume à direita acrescido durante período de Estação Experimental.....</i>	<i>187</i>
<i>Figura 137 - Placa do aerador/classificador implantado na tulha.</i>	<i>187</i>
<i>Figura 138 - Aerador/classificador implantado na tulha, em 1935.....</i>	<i>188</i>
<i>Figura 139 - Uso do terreiro e adjacências no 2º período.....</i>	<i>189</i>
<i>Figura 140 - Ocupação do terreiro e adjacências no 3º período.....</i>	<i>190</i>
<i>Figura 141- Uso atual do terreiro e adjacências.....</i>	<i>191</i>
<i>Figura 142 - Evolução da Ocupação dos Terreiros e áreas adjacentes.....</i>	<i>192</i>
<i>Figura 143 - Evolução do Uso dos Terreiros e áreas adjacentes.....</i>	<i>192</i>
<i>Figura 144 - Vista do conjunto de interesse com interferência</i>	<i>197</i>
<i>Figura 145 - Vista do conjunto de interesse com interferências na paisagem</i>	<i>197</i>
<i>Figura 146 - Prédio da Diretoria da EECC antes da reforma (2008)</i>	<i>199</i>
<i>Figura 147 - Prédio da Diretoria EECC durante a reforma (01/2009).....</i>	<i>199</i>
<i>Figura 148 - Saguão de entrada antes da reforma (foto: 2004).....</i>	<i>200</i>
<i>Figura 149 - Saguão durante a reforma (02/2009)</i>	<i>200</i>
<i>Figura 150 - Edificação sem uso, com risco de arruinação</i>	<i>201</i>
<i>Figura 151 - fluxo de veículos cruzando a área histórica no final do dia, em um feriado prolongado.</i>	<i>201</i>
<i>Figura 152 - pedestres e veículos dividindo espaço na avenida central da universidade.....</i>	<i>202</i>

Lista de Tabelas

<i>Tabela 1 - conjuntos-recorte de análise, com exemplos de relações de co-evolução.....</i>	<i>58</i>
<i>Tabela 2 - Relação entre as metodologias de Argollo (2004), Michelin (2004), Saia (1945) e Ramirez & Paredes (2004)</i>	<i>74</i>
<i>Tabela 3 - Componentes comuns da arquitetura rural cubana, segundo Ramirez e Paredes (2004).....</i>	<i>74</i>
<i>Tabela 4 - Maiores Cafeicultores. Botucatu 1920.....</i>	<i>122</i>

Lista de Abreviações

CECRE – Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos;

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo;

DPHAN – Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;

EECC – Estação Experimental Central do Café;

EFS – Estrada de Ferro Sorocabana;

FCA/UNESP – Faculdade de Ciências Agrônomicas da Universidade Estadual Paulista;

FEC/UNICAMP – Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas;

FEPAF – Fundação de Estudos e Pesquisa Agrícolas e Florestais;

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;

SPHAN – Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;

UFBA – Universidade Federal da Bahia;

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura;

UNESP – Universidade Estadual Paulista;

I - INTRODUÇÃO

O objeto de pesquisa

Com uma evolução histórica singular, cuja conformação física atual data de 1881, a Fazenda Lageado desenvolveu-se como propriedade particular produtora de café para exportação, utilizando-se de tecnologia hidráulica como força motriz para o beneficiamento dos grãos. Em 1934, a fazenda passa ao controle do governo federal, tornando-se a *Estação Experimental Central de Café*, também conhecida como Usina de Café de Botucatu. Neste período recebe inúmeros investimentos em maquinários e tecnologia de ponta para o desenvolvimento de pesquisas agrícolas, inicialmente sobre o próprio café e posteriormente expandidas para outros grãos e produtos agrícolas. Apenas no ano de 1972, o governo do Estado de São Paulo recebe uma cessão, de 99 anos, para uso da fazenda como unidade de Ensino Superior e implantação dos cursos de Agronomia e Medicina Veterinária, unindo as Faculdades de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu com outros Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado, pela Lei Estadual nº 952, de 30 de janeiro de 1976, para a formação da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Este processo de evolução singular da Fazenda Lageado e sua relação física com a cidade de Botucatu, cujo perímetro urbano já faz divisa direta com a área onde se encontra o conjunto de edificações de interesse educacional (da universidade) e histórico-arquitetônico (antigas edificações do período cafeeiro e da estação experimental), conforme Figura 1, incitou a busca por possíveis relações entre estes processos co-evolutivos da fazenda e da área urbana, no intuito de possibilitar a explicitação do próprio processo de formação da paisagem local.



Figura 1 – Croquis das delimitações do perímetro urbano e da Fazenda Lageado dentro do Município de Botucatu

Cruzando-se estas informações aos recortes físicos naturais gerados pelas principais bacias hidrográficas que banham o Município, apresentados na Figura 2, verifica-se a intersecção dos conjuntos de análise no exato ponto de estreitamento da bacia hidrográfica do Ribeirão Lavapés, a qual abrange também grande parte do perímetro urbano de Botucatu, conforme Figura 3.

A Bacia apresenta também outras características bastante peculiares, como uma grande variação de altitude, entre 400 e 900 metros, transposição de águas da bacia do Pardo para a do Médio Tietê, entre outros pontos que serão apresentados posteriormente.

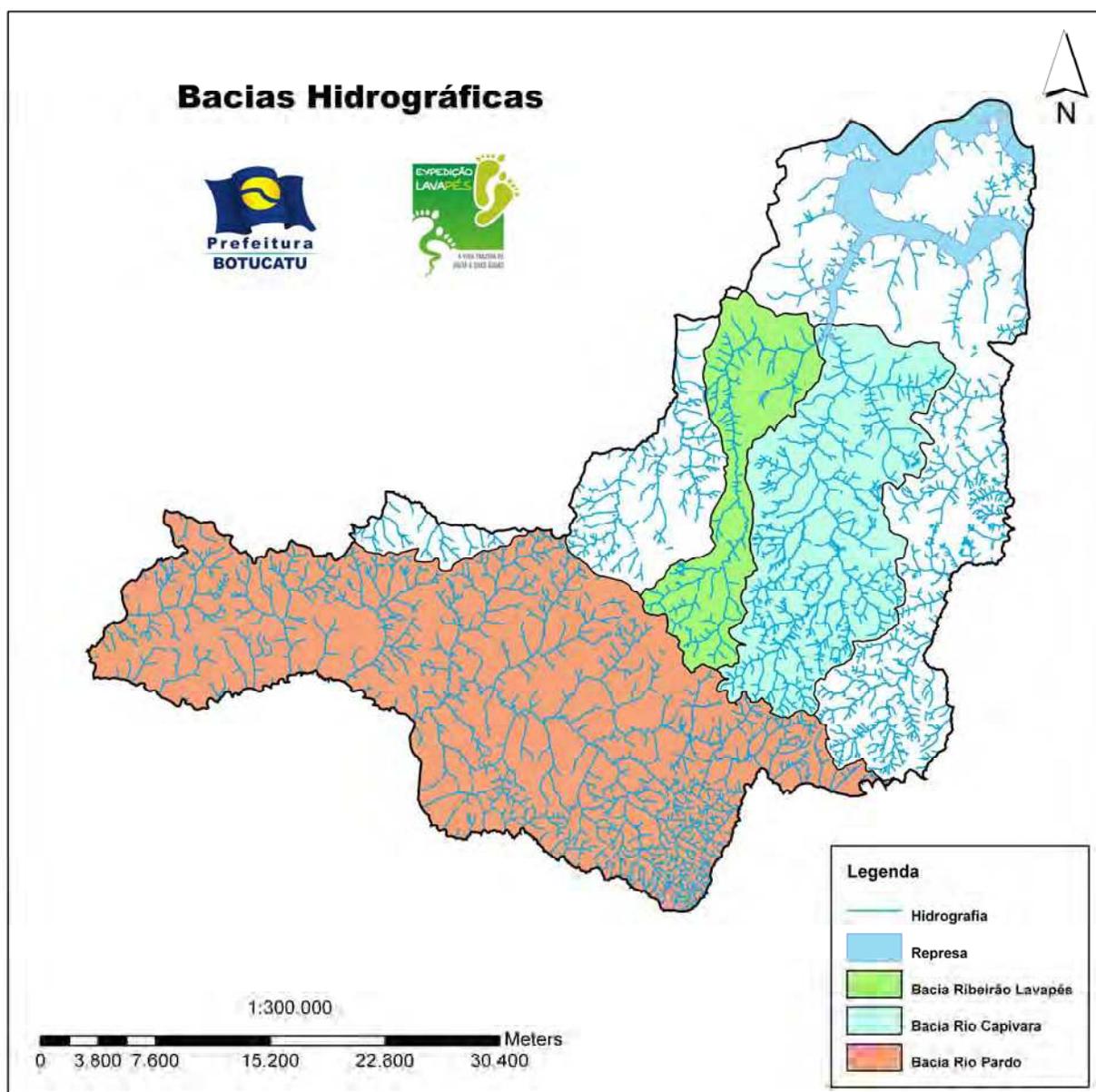


Figura 2 - Bacias Hidrográficas. Fonte SILVA et all (2008)¹

Inserindo-se nesta equação o conjunto arquitetônico resultante da co-evolução dos processos produtivos e culturais da Fazenda Lageado, obtêm-se o recorte físico de análise capaz de

1 SILVA, Ramon Felipe Bicudo. **Lavapés, água e vida : nos caminhos da Educação Ambiental** / Ramon Felipe Bicudo da Silva, André Castilho Orsi, Fernanda C. Silva Chinelato; fotografia Eduardo Rodrigues da Silva, Ramon Felipe Bicudo da Silva; revisão de textos Bahige Fadel – Botucatu, SP : Gráfica Editora Lar Anália Franco, 2008. 216p. ISBN 978-85-60884-02-5

abranger um excelente número de informações em um espaço físico interessante: o ponto de estreitamento de uma bacia hidrográfica.



Figura 3 – Fazenda Lageado, recorte de estudo

Paralelamente, as camadas históricas capazes de representar a temporalidade de cada período da evolução histórico-administrativa da Fazenda Lageado, citado brevemente acima, podem ser visualizadas fisicamente através da análise das arquiteturas características relativas aos processos produtivos e culturais de cada um desses períodos.

Desta forma, numa mesma região delimitada fisicamente, o estreitamento da bacia do Lavapés, observa-se a coexistência harmônica de rastros deixados pela cultura cafeeira e pelos imigrantes, pela tecnologia dos maquinários desenvolvidos durante o período de Estação

Experimental e sua mão de obra técnica, ou ainda pelo atual uso da área como universidade, com suas novas construções ou suas intervenções em áreas pré-existentes.

Há aproximadamente duas décadas, a implantação de novas construções para abrigar a evolução natural da universidade vinha ocorrendo primordialmente fora do núcleo original da fazenda cafeeira, seguindo plano diretor de 1972, de autoria do Arq. Eugênio Monteferrante, gerando um processo progressivo de abandono físico deste núcleo histórico-cultural. Com isto, despertou-se espontaneamente um processo de re-apropriação desta área pela população local e regional, manifestado através de novos usos voltados ao lazer e à cultura, convivendo em consonância aos usos próprios dos afazeres diários da universidade.

Nos últimos anos, porém, estes processos de atendimento à demanda universitária por espaço têm se manifestado fisicamente através do rápido surgimento de edificações muito próximas ao núcleo histórico central, desenvolvidas sem critérios específicos ou ainda, mais comumente, sem projeto arquitetônico, explicitando uma lacuna na legislação local que acarreta riscos bastante sérios ao entendimento deste conjunto histórico-arquitetônico, capaz até então de expressar a construção da paisagem cultural local.

Conto de Apresentação

Embora a formatação de uma dissertação de mestrado acadêmico direcione normalmente o autor a utilizar-se de regulamentos formais para o desenvolvimento da escrita e da aplicação de metodologias, o processo específico de evolução deste trabalho percorrerá também, e constantemente, o caminho das visões pessoais e vínculos humanos, relacionando-os invariavelmente ao próprio objeto de estudo.

O menino e a fazenda

Nascido na cidade de Botucatu, conterrâneo da Fazenda Lageado, na década de 1970 uma pequena cidade do interior paulista, com pouco mais de 50 mil habitantes, morador da Vila dos Lavradores, também conhecido por “Bairro”, a três quadras do final do perímetro urbano, com cerca de dez anos já esperava ansioso a chegada do final de semana para poder passear de bicicleta com os amigos. Naquele tempo, a molecada corria solta na rua, e o castigo era ficar fechado em casa assistindo televisão... Café da manhã tomado, mochila nas costas contendo o lanche preparado pela D. Marilene, sua mãe, os pneus amarelos da bicicleta nova, objeto de sonho dos moleques da época, calibrados na tarde anterior no posto da esquina, passava no Bar do João, aquele bar na quadra de baixo de sua casa, comprar uma garrafa de guaraná caçulinha, na conta do pai, e encaminhava-se com mais uma dezena de amigos para um destino sempre presente: a Fazenda Lageado, a longínquos dois quilômetros de casa.

Imbuídos do espírito empreendedor que só um grupo de crianças pode ter, optavam sempre pelos caminhos mais árduos e complexos quanto possível, chegando a uma estrada vicinal, de terra, visando alcançar as cotas mais altas da fazenda, crescendo, aproximadamente, incríveis 600 m à distância final. Logo na entrada secundária da fazenda, algumas vezes encontravam o portão fechado e eram obrigados a passar pela praticamente intransponível cerca de arame farpado com quatro fios, com suas bicicletas e mochilas, para

chegarem ao primeiro ponto de parada. A grande árvore, no topo do morro, sombreava seu descanso e seu banquete e delimitava uma plantação de árvores frutíferas que só conseguiam atacar mediante um intenso esquema de segurança, ficando um moleque olhando para cada lado, camuflando as bicicletas com galhos de árvores. Se os seguranças da faculdade os pegassem contariam para seus pais e a bronca seria bem grande. Soubessem o que sabem hoje, não atacariam os estudos realizados pela faculdade de agronomia. Mas eram apenas crianças, e as frutas tão saborosas...

Preparados para a segunda parte da aventura, alcançar os gigantescos terreiros de café do outro lado do vale, a descida de pedras e cascalhos era tão famosa quanto íngreme, e qualquer falha no freio ou tangente mal escolhida na curva lá embaixo transformava-se em várias escoriações. Choro só quando o negócio era grave, como alguns braços ou dedos quebrados, ou pior ainda, a bicicleta, afinal, naquela época homem não chorava!

Mas o que realmente, nos dias de hoje, faz abrir aquele característico sorriso tímido no homem barbaço que outrora fora este menino, fazendo seus olhos brilharem, é a lembrança da sensação de vitória após a curva. O vento nos cabelos, o sorriso estampado no rosto, a estrada, agora de terra batida e plana, permitindo uma pilotagem arriscada sem as mãos. E a procura de ângulos, à sua esquerda, onde a vegetação mais densa dali permitia, para ver os primeiros enquadramentos do conjunto de prédios enormes em torno do terreiro, o local a ser alcançado, sem a necessidade de mais nenhum grande esforço, pois a gravidade cumpria agora sua parte.

Magrelo e pequenino (só espichou a partir dos quinze para dezesseis anos de idade), em raríssimas ocasiões conseguia chegar à frente de toda a turma, na disputa para alcançar a bica d'água em primeiro lugar, a segunda parada obrigatória, escondida na vegetação cerrada da floresta que se erguia na estrada entre o Paiol e o Curral...

Mas isso não o importava tanto. A bica servia para tomar água gelada, molhar os cabelos, a despeito do que era dito pelas mães..., e descansar um pouco, conversando e rindo da aventura, sentados nos troncos das árvores caídas, deitados nas grandes raízes que sobressaíam ao solo, ou na caixa d'água de concreto, que era quadrada e baixa com bordas largas que ali se mostrava já em desuso há algum tempo, e acessível facilmente àquelas pernas ainda curtas, com a vegetação tomando o espaço que deveria conter a água. E sua maior recordação, talvez pela própria lembrança lhe vir à mente em câmera lenta, é de algumas dezenas de metros antes, passando a ponte sobre o rio, naquela época limpo e mais caudaloso, e da necessidade de levantar a cabeça e os olhos, para conseguir visualizar o conjunto magnífico e imponente, mais especificamente aquele enorme prédio de tijolos aparentes, que seu avô um dia lhe contara que era a "tuaia" (local de outras tantas histórias dessa turma...), e logo depois, no início da curva que subia à direita contornando-a, surgia a Casa Grande, com aquelas palmeiras bem grandes na frente, e o infundável muro do terreiro ao seu lado, todo em pedra, com o pontilhão passando por cima da estrada, que seu avô também contou que era para levar o café naqueles pequenos vagões para o andar de cima da tulha, e de como tudo desaparecia ao entrar na estrada de terra da floresta em direção à bica, para as últimas pedaladas fortes seguidas de um cavalo de pau para levantar poeira, encostar a bicicleta e tomar água, molhar a cabeça, descansar, conversar e rir...

Relações com o objeto de estudo

A Fazenda e o Arquiteto

Este pequeno conto de apresentação remete à história de um, entre os tantos cidadãos botucatuenses, a possuírem uma relação direta com a evolução histórica da Fazenda Lageado. Embora descrito de maneira informal num tempo cronológico não muito distante do atual, vários destes eventos e relações são de extrema importância no entendimento da influência da Fazenda na formação da paisagem local, seja ela física ou cultural.

A singularidade com que o Lageado, assim comumente conhecido pela população local, vem se desenvolvendo ao longo do tempo e a arquitetura característica dos períodos por que passou trazem uma carga histórica muito forte e uma intensa relação com o desenvolvimento da região onde está inserida.

Com isto, a identificação dos usuários com o conjunto existente na fazenda tem relação direta não somente com a metodologia de implantação e construção das edificações, mas também com a compreensão e absorção desta evolução pelos usuários de cada período, onde a relação dos mesmos com a fazenda se volta constantemente ao conjunto histórico edificado.

E neste exato sentido, a Fazenda Lageado apresenta-se como objeto central deste estudo, expressada na soma da necessidade de uma análise mais apurada sobre as relações entre a população botucatuense e este patrimônio histórico-arquitetônico-cultural já reconhecido por ela, com a própria evolução de vida, pessoal e acadêmica, do outrora menino-protagonista do conto de apresentação.

Além do óbvio interesse que um conjunto do porte existente na Fazenda Lageado possa despertar nos cidadãos da região e seus visitantes, e mesmo em profissionais ligados à arquitetura, restauro, agronomia, engenharia, história ou outras áreas afins, a evolução pessoal deste autor relaciona-se diretamente a dois pontos importantes:

- a *universidade*, onde o pai, Odair Carlito Michelin, conhecido como Dr. Daya, é médico formado nas primeiras turmas da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu e professor da instituição desde então;
- e a *infância na Vila dos Lavradores*, bairro bastante próximo à entrada da fazenda, que permitiu constantes passeios ao campus universitário, portador de uma arquitetura tão agradável e imponente, tornando-se o grande impulso para ingressar na carreira de Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-MACK).

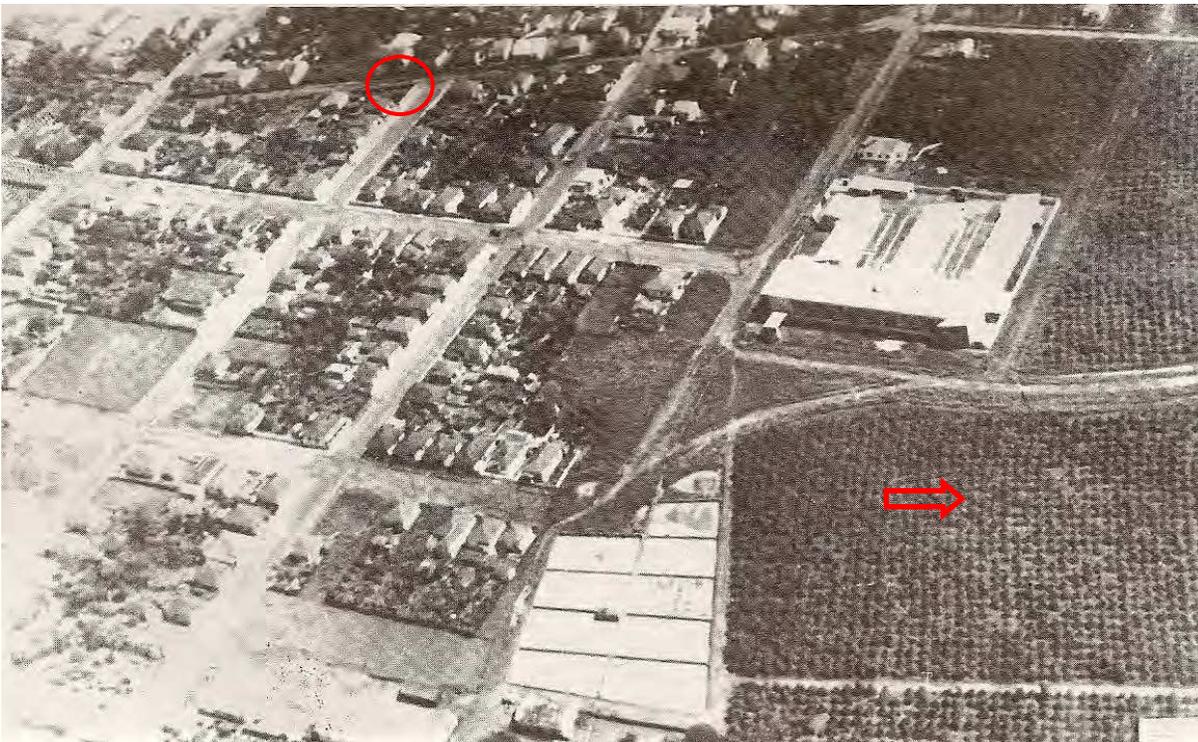


Figura 4 - Vista aérea do "Bairro" na década de 1960. Fonte: Spadaro e Gomes (1994)²

A fazenda surge, então, como tema de trabalho pessoal para a disciplina Arquitetura no Brasil II, no ano de 1999, ministrada pela Prof. Dra. Mônica Junqueira de Camargo, uma primeira aproximação do autor através de um método científico para o levantamento histórico e

² Intervenções do autor sobre a foto original de SPADARO, J.; GOMES, L. R. C. **Vila dos Lavradores 1893-1994** Narrativas Ilustradas. Botucatu: Jornal A Cidade, 1994. p.1. (O círculo vermelho indica o local onde a residência da família Michelin foi construída no início da década de 1970, lá residindo até hoje. A seta indica o sentido da Fazenda Lageado).

fotográfico da fazenda, no intuito maior de visualizar as diferenças entre as arquiteturas advindas de cada um dos seus três períodos de evolução histórico-administrativa.

O interesse pessoal, principalmente pelo processo de seu desenvolvimento, direcionou a escolha do tema do Trabalho de Graduação Interdisciplinar (TGI) necessário à obtenção do título de Arquiteto e Urbanista, no ano de 2001, sob orientação da própria Dra. Mônica Junqueira: “Subsídios para Tombamento da Fazenda Lageado pelo CONDEPHAAT”. Esta monografia encontra-se como parte integrante do processo de Tombamento da Fazenda Lageado.

A fazenda segue, então, como objeto de estudo no ano de 2004, durante o Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos (CECRE)³. Como parte da avaliação individual final, foi desenvolvido e apresentado o projeto “Parque Urbano: Fazenda Lageado”.

O próprio jogo de palavras, “fazenda” X “urbano”, foi intencionalmente incorporado ao título visando incitar discussões sobre efetivas marcas, sinais, ou ainda vestígios físicos, culturais (ou mesmo temporais...), deixados pelo objeto de estudo no local onde ele se insere.

Com base no projeto “Parque Urbano: Fazenda Lageado” surge, em maio de 2005, o “Projeto de Revitalização de Uso da Área Histórica da Fazenda Lageado”, desenvolvido junto com o servidor José Eduardo Candeias. Este projeto configurou-se através de parceria formada entre o autor, a Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA/UNESP) e a Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais (FEPAF), visando analisar, adequar e implantar as idéias desenvolvidas para a conservação do patrimônio da Fazenda Lageado.

3 Dirigido exclusivamente para arquitetos, urbanistas e engenheiros civis, o curso é uma atividade regular da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, oferecido bianualmente desde 1981, contando com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e de outras importantes instituições nacionais e internacionais da área da preservação cultural. Mais informações sobre o CECRE podem ser obtidas no website <http://www.cecre.ufba.br>.

A implantação prática de algumas das propostas teóricas desenvolvidas ao longo destes quase dez anos expôs algumas questões referentes, principalmente, às relações entre a população local e as diversas maneiras como ela vem se apropriando da Fazenda Lageado.

Como implantar uma solução urbana em um elemento físico rural? Ou ainda, isto é viável? Até onde iria a urbanidade desta fazenda? Até onde estaria mantida uma “ruralidade” nos usos nitidamente urbanos da universidade? É possível definir uma fazenda como um parque para uma cidade?

Em grande parte, a dificuldade em se entender a problemática da relação “rural X urbano”, consiste fundamentalmente, na área de transição entre ambas, no que concerne às suas relações e, principalmente, na transição física propriamente dita, o sustentáculo material onde ocorre grande parte destas relações.

No caso da Fazenda Lageado, esta questão é ainda mais complexa. A própria localização física da fazenda, hoje com sua parte edificada principal já circundada pela urbes; a unicidade do processo evolutivo de uso da área e seu patrimônio (fazenda particular, estação experimental federal e atualmente universidade); o reconhecimento do Lageado pela população botucatuense enquanto patrimônio histórico, são alguns pontos que sustentam esta afirmação.

A demanda por informações desta natureza estimulou, então, a continuidade dos estudos acadêmicos sobre a Fazenda Lageado, confluindo com a tipologia de análise e as metodologias propostas pelo Dr. André Munhoz de Argollo Ferrão, da “Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo” da Universidade Estadual de Campinas (FEC/UNICAMP), culminando nesta dissertação de mestrado na área de Recursos Hídricos Energéticos e Ambientais, linha de pesquisa sobre Planejamento Regional, Patrimônio e Paisagem, paralelamente à participação no grupo de pesquisadores do Laboratório de Empreendimentos, o Labore.

Apesar de não ser o caso, obviamente, de apresentar aqui todos os resultados obtidos nos estudos anteriores, alguns poderão ser constantemente citados, principalmente pelas bases

gráficas desenvolvidas, o que possibilitará visualizar o processo de amadurecimento do entendimento pessoal do autor sobre o objeto de estudo.

Importante, porém, explicitar que a intenção disto não é, de forma alguma, direcionar a leitura sobre o objeto ou mesmo propor uma metodologia única para isso, mas, sim, apresentar um conjunto de bases teóricas e experiências realizadas, visando auxiliar na compreensão pessoal de cada leitor sobre o desenho da paisagem cultural da Fazenda Lageado.

II- OBJETIVOS

A partir das questões apresentadas na introdução deste trabalho, a conservação e conseqüente evolução desta paisagem cultural dependem, então, não apenas de sua visualização, mas também de seu melhor entendimento. Desta forma, os objetivos desta dissertação apresentam-se:

Objetivos Gerais

- Identificar o papel da Fazenda Lageado enquanto ambiente formador da paisagem física e cultural da Bacia do Ribeirão Lavapés;

Objetivos Específicos

- Explicitar as camadas históricas sobrepostas na Fazenda Lageado através da identificação de seu conjunto edificado em cada um de seus três períodos histórico-administrativos.

- Demonstrar a relação entre a ocupação física da Fazenda Lageado, no estreitamento da Bacia do Ribeirão Lavapés, e a utilização direta dos seus recursos hídricos nos processos de beneficiamento de grãos durante os períodos de produção cafeeira e de Estação Experimental.

- Delimitar uma área de interesse para a conservação da paisagem cultural da Fazenda Lageado, a partir do reconhecimento de elementos que a desenharam.

- Identificar elementos danificadores da paisagem cultural da Fazenda Lageado.

III- CONTEXTO HISTÓRICO

A questão inicial a ser abordada, neste trabalho, refere-se à necessidade de um pleno conhecimento do objeto para melhor estudá-lo. Apesar da obviedade da afirmação, não é incomum a grande dificuldade em se encontrar, dentro da área acadêmica, material compilado e organizado sobre o objeto de interesse, principalmente na área de preservação de patrimônio cultural.

A amplitude temporal por que passam demandam especial atenção não apenas aos próprios objetos em si, mas também à evolução de toda a comunidade a ele relacionada. Isto explicita-se nas distintas formas e rigores com que as informações a respeito de um bem são tratadas e armazenadas, em cada um destes tempos cronológicos distintos.

Importante entender, também, que não é intenção deste trabalho revisitar ou rediscutir questões já amplamente conhecidas e debatidas sobre conservação e restauração do patrimônio histórico-cultural-arquitetônico. Pretende-se, sim, utilizá-las como base sólida para a explicitação de novas contribuições que auxiliem o leitor a visualizar relações entre os processos de edificação física do patrimônio cultural de uma região e o processo de desenho de sua paisagem cultural.

Com isto, para visualizar e identificar corretamente a influência da Fazenda Lageado na formação da paisagem da Bacia do Ribeirão Lavapés, agente reconhecidamente atuante neste processo, cada leitor pode, e deve, permitir-se à liberdade do próprio olhar sobre o objeto a ser estudado, neste caso, o conjunto formado pela Fazenda Lageado e a paisagem onde ela se insere.

Desta forma, este trabalho não vai apresentar ou basear-se em análises através de definições ou conceitos prontos, nem tem a pretensão de exaurir qualquer assunto. Ao contrário, esta dissertação apresentará, sobretudo graficamente, a visão peculiar do seu autor sobre o processo evolutivo da paisagem cultural da Fazenda Lageado e suas relações, de forma a servir

como base para as análises de cada leitor. É justamente neste processo, a multiplicidade de visões possíveis, que se manifestará a riqueza do processo constante de desenho desta paisagem cultural.

Ocupação humana da paisagem

Botucatu – Portal do Sertão

Retornando aproximadamente três séculos na linha do tempo, a ocupação desta parte do interior paulista, os chamados Sertões do Paranapanema, teve origem em duas áreas: as margens do rio Paranapanema, a partir da mineração de ouro nas vertentes deste rio no período aproximado de 1722 a 1748, segundo Almeida (1968)⁴ e outro mais ao Norte, segundo Pellicciotta (2004)⁵, onde várias trilhas e picadões começavam a ser abertas em direção à região de mineração, uma variante do caminho de Cuiabá, que seguia a oeste da atual cidade de Botucatu, penetrando os sertões para alcançar o rio Grande.. Além desta variante, tem-se notícia de outros caminhos abertos entre as áreas de pastagem, como por exemplo, um caminho utilizado pelos jesuítas para interligar suas fazendas no pé da serra de Botucatu com o rio Paranapanema, ou um caminho aberto a partir de Sorocaba que, pela região oeste, buscava alcançar o rio Grande.

Sobre estes caminhos, o historiador Hernâni Donato, considerado entre os maiores estudiosos da região, em suas ‘Achegas para a História de Botucatu’, registra os processos de sua evolução, que culminaram na fundação da cidade, distinguindo-os em três tipologias: caminhos de socorro, caminho religioso e caminho militar.

Sobre o primeiro, diz:

“partindo de Sorocaba, cruzava os campos botucatuenses para ir ‘matar a fome dos mineiros (...) levando-lhes a boiada a passo e os gêneros alimentícios em lombo de mula’ (...) O projeto mais conhecido para esse caminho de socorro foi aquele estabelecido por Bartolomeu Oaes da Silva. Propunha-se levar a Cuiabá todo o gado que a gente das minas

4 ALMEIDA, Aluísio de **O Tropeirismo e a Feira de Sorocaba**. Sorocaba: Luzes Gráfica Editôra Ltda, 1968, p26
5 PELLICCIOTTA, Mirza B. **Os Sertões do Paranapanema**. São Paulo: Empresa Documento Arqueologia e Antropologia, 2000, 45p.

necessitasse. Por uma picada que teria como referência o curso do Rio Tietê, costeando pelo norte a serra de Botucatu, aproximando-se daquela de Agudos”⁶

Já o caminho religioso trata diretamente de relações com os registros da presença de uma fazenda de criação jesuíta em Botucatu, por volta de 1720, sobre a qual cita:

“Tal caminho religioso seria calcado sobre as trilhas indígenas de voltear a serra e da do Peabiru⁷. (...) O padre Estanislau de Campos, visitador, declarara, segundo um biógrafo, ter de percorrer caminho áspero entre as fazendas confiadas aos seus cuidados, as de Guareí e Botucatu. (...) Foi este o principal dos roteiros para a penetração das atuais zonas Paulista e Noroeste.”⁸

Ainda sobre estes caminhos religiosos:

“Em 1762, a Informação Anual do Colégio Jesuíta de São Paulo, justificando as esperanças econômicas postas na exploração da pecuária, explicava que tais resultados seriam possíveis por estar a fazenda de criar dos campos de Botucatu ‘no caminho das minas’”. (...) O Padre Luiz Gonzaga Cabral, s.j., em “jesuítas no Brasil”, citando Aleixo Garcia (...) afirma que os padres ‘abriram as estradas de Santos a São Paulo e mais outras para o interior, especialmente uma por Botucatu até os aldeamentos do Paranapanema, com comunicação fluvial para Mato Grosso’ ”⁹

Donato visualiza os ‘caminhos militares’ em Botucatu após a restauração da Capitania e indicação do morgado de Mateus¹⁰ como seu capitão-general, na última metade do séc. XVIII, quando a região passa a ser entendida como ponto estratégico para reforço militar da Capitania contra qualquer possível novo ataque espanhol sobre os domínios portugueses.

“... A fim de manter sólida tal posição e aumentada a flexibilidade do sistema defensivo, além da fundação de povoações, o Botelho e Mourão quis um caminho bem aberto e conservado, até o Iguatemi. Minucioso em tudo, faz saber qual o traçado do seu desejo: ‘... a vereda que se deve seguir é entrar pela serra de Botucatu onde tenha maior comodidade e daí botar o agulhão em ponto fixo na barra do rio Pardo e aí cortando o sertão, bem no meio da campanha entre os

6 DONATO, Hernani. **Achegas para a História de Botucatu**. Botucatu, SP: Banco Sudameris Brasil: Prefeitura Municipal de Botucatu, 1985, 3ª edição reescrita, p35

7 O Peabiru, segundo Hernani Donato (in: **Sumé e Peabiru**, Mistérios Maiores do século da descoberta, Edições GRD, São Paulo, 1997), seria “a via transcontinental que antes do Descobrimento ligava a futura São Vicente à andina Cuzco. E por esta, ao Pacífico e à cidade do México.”

8 DONATO, H. Op. Cit., p36

9 DONATO, H. Op. Cit., p.35

10 Luis Antonio de Souza Botelho e Mourão, nome oficial do morgado de Mateus.

dois rios Paranapanema e Tietê, fugindo sempre de avizinhar os matos e pantanais que ambos tem por toda sua margem...”¹¹

A ocupação desta região, conforme as descrições de Hernani Donato, apresenta traços comuns em seus ‘caminhos’. Apesar do próprio termo sugerir a utilização do espaço físico como área de passagem, trânsito, a escolha da locação deste, ou de qualquer outro caminho, traz intrínseca a necessidade de subsídios físicos para sobrevivência, tanto do homem quanto dos animais utilizados em sua movimentação, além das questões relativas à segurança de toda a comitiva.

Em suma, é consensual que uma paisagem escolhida como base, seguidamente, para tantos ‘caminhos’ deva privilegiar a existência de água, a facilidade de acessos e transporte, a facilidade em se conseguir alimentos, a fertilidade de terrenos, além de permitir grandes visuais para segurança, entre outras questões.

Apenas como referência, indícios arqueológicos recentemente encontrados remontam a uma ocupação indígena na área entre 6 a 10 mil anos. Mesmo não analisando com profundidade esta ocupação, seja por não ser o foco específico deste trabalho ou mesmo para não correr o risco de tratar de forma leviana um tema desta relevância, o processo contínuo de estabilização do homem há tanto tempo neste espaço físico é um forte sinal da sustentabilidade real intrínseca nesta paisagem.

O processo de ocupação humana nesta região, que posteriormente culminou na implantação da Fazenda Lageado, pode ser visualizado também a partir do próprio processo de evolução destes ‘caminhos’ do “homem branco”¹², explicitados por Donato.

Neste sentido, os ‘caminhos de socorro’ utilizavam a região como corredor de passagem, ligando Sorocaba ao Mato Grosso. A relação de fixação no local se dava, obviamente, de forma temporária, através dos pousos. A partir disto, a implantação das fazendas jesuíticas apresentava, ao menos, dupla função: a introdução da pecuária para exploração econômica

11 DONATO, H. Op. Cit. p.36

12 Em contrapartida ao indígena. (nota do autor)

utilizando-se dos caminhos já consolidados e o trabalho de “catequização” da população indígena local.

Estes “caminhos religiosos” subsidiam, então, a criação dos “caminhos militares”, onde a ocupação permanente da região passa a ser proposta prioritária. Atentando-se à citação de morgado de Mateus sobre seu traçado “bem no meio da campanha entre os dois rios Paranapanema e Tietê, fugindo sempre de avizinhar os matos e pantanais que ambos tem por toda sua margem...”, nota-se também uma predileção em privilegiar espaços que apresentem visuais de observação.

O plano de Botelho e Mourão para ocupação efetiva da região, incluindo a fundação da vila de Wotucatu ¹³, em 1766, acaba por não acontecer¹⁴, e durante muitos decênios a data de fundação e seu fundador, o morgado de Mateus, ficaram impressos como um erro histórico.

Após a saída do morgado do governo, Donato (1985) apresenta o sertão de Botucatu como um imã, atraindo indivíduos com causas não tão nobres: “... fuga ao recrutamento, perseguições políticas, receio à ação policial, deserção dos contingentes da tropa e de polícia, etc.” ¹⁵. Apenas a partir de 1830, aproximadamente, começaram a chegar famílias com o contingente mineiro.

Corroborando com a procedência desta população, Trajano Pupo (2002)¹⁶, apoia que “os primeiro povoadores não indígenas de nossa região vieram principalmente de Itapetininga e de Franca, juntamente com um apreciável contingente do sul de Minas”. E continua, caracterizando-os:

“O tipo mineiro que povoou os campos de Botucatu, portanto, devia ser basicamente branco, recenseado como tal, mas com sangue indígena e negro, oriundo de cruzamentos mais antigos com esta raça. Os mineiros qualificados

13 Outra variante do topônimo Botucatu, explicitados em DONATO, H. Op. Cit. P25-27

14 Segundo Donato, a fundação de ‘Wotucatu’ estaria a cargo do negociante e fazendeiro Simão Barbosa Franco, em troca de favores e concessão de terras, algo bastante comum para a época devido à escassez de recursos e, principalmente, de contingente populacional na região.

15 DONATO, H. Op. Cit., p51

16 PUPO, Trajano Carlos de Figueiredo, **Botucatu Antigamente...** (das origens até 1917), Itu, SP, Editora Ottoni, 2002, p. 26-27

nos processos policiais, em Botucatu, invariavelmente aparecem como ‘brancos’ ou ‘de cores honestas’¹⁷.

Trajano analisa, também, a obra de Donato em paralelo aos relatos monçoeiros de Afonso Taunay, na tentativa de reconstituir um mapa destes trajetos (conforme Figura 5) e de verificar a evolução da ocupação da região, citando constantemente os embates entre os colonizadores e os índios habitantes da região, além do banditismo.

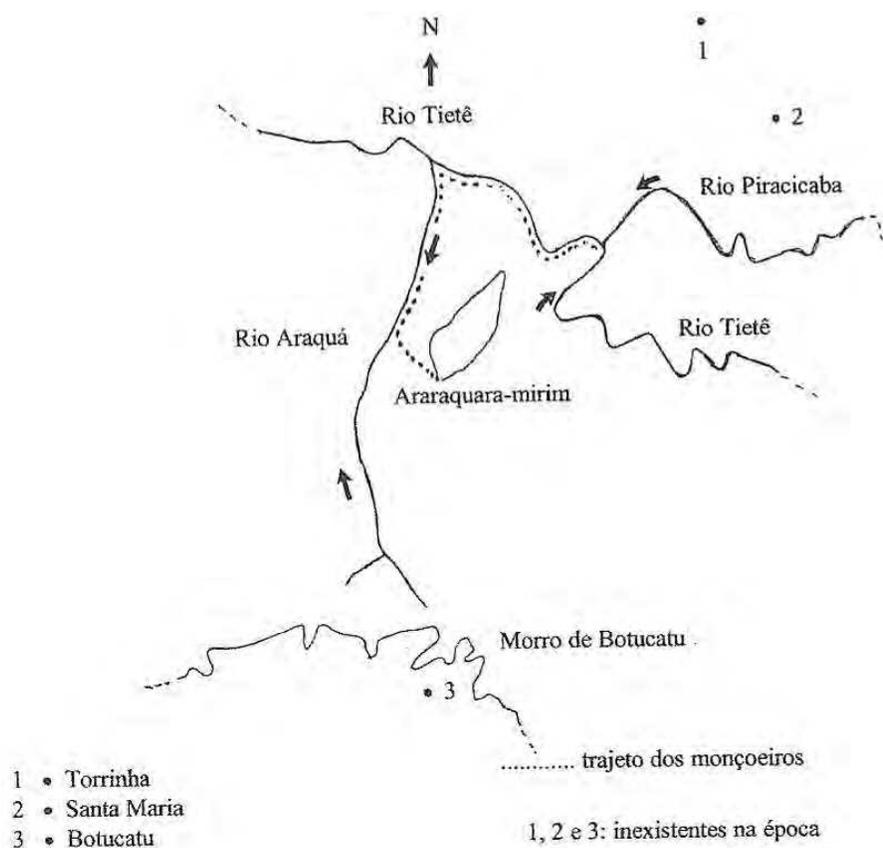


Figura 5 - Mapa do trajeto dos monçoeiros na região. Fonte: Pupo (2002)

E são estes embates que impulsionam o capitão José Gomes Pinheiro Vellozo¹⁸ a permitir que o mineiro Joaquim da Costa de Abreu se aposses de terras no alto da serra, um vão de sesmaria

¹⁷ PUPO, Trajano Carlos de Figueiredo, 2002, Op. Cit., p. 26-27

¹⁸ O Capitão José Gomes Pinheiro Vellozo era proprietário de terras em Sorocaba (Fazenda Campo - Largo), em Itapetininga, em Botucatu (Fazendas Monte - Alegre, Capão Bonito, Morrinhos e Pedras) e em Mato Grosso. A Fazenda Monte Alegre incluía a parte central da atual cidade de Botucatu e os Bairros de Lavapés, Cidade Alta e Tanquinho. Foi Deputado Provincial, Oficial das Milícias, Capitão das Antigas Ordenanças do Imperador e Coletor

que o interessara quando abria picadas para fugir da estrada real, em trabalho para a fazenda Sobrado, propriedade de um portofelicense, onde era capataz. Sobre isto, diz Donato (1985):

“O fazendeiro da Sobrado faz como os outros: recomenda a seu capataz ... que evite a estrada real, gravada por onerosos tributos em barreiras sucessivas. Do Paraná (então Campos Gerais) deverá abrir picadão direto ao alto da serra de Botucatu. (...) Joaquim começa por abrir a picada. De um ponto sobre o alto da serra, onde há alguns ranchos, resto de grupo caiuí junto a um ribeirão. Acampou ali, longo tempo, mais interessado na terra do que na picada encomendada pelo patrão.”¹⁹

Joaquim Costa de Abreu, ao possuir as terras de Gomes Pinheiro, em 1840, faz doação ao patrimônio de Nossa Senhora das Dores de Cima da Serra, erguendo capela e iniciando o processo de fundação da cidade.

A relação entre ambos não viria ser tão amistosa, pois Joaquim acaba por possuir mais do que o combinado. Sobre esta rusga, Donato (1985) diz: “Sucedeu que o tropeiro voltou e poseu quanto pode. Fez casa, curral e lavoura. Chamou, da terra natal, parentes e amigos, seguidores da política conservadora. (...) Enquanto isso, avança com sinais de demarcação sobre as terras de Gomes Pinheiro. (...)”²⁰.

Mas a grande questão de discórdia foi a chamada ‘porteira da contenda’, que teria sido mandada colocar por Costa de Abreu. Pinheiro manda tirar a porteira e segue tiroteio entre as partes. Ela acaba por ficar, Pinheiro ingressa em juízo contra Costa e a questão se arrasta. Joaquim Costa de Abreu falece antes do término do litígio.

Apenas em 1843, ocorre acordo entre as partes e José Gomes Pinheiro faz doação de terras para o patrimônio, porém mudando o nome da padroeira em homenagem à esposa, Ana

de Rendas Gerais e Provinciais em Itapetininga em 1844. (fonte: www.pinheimomachado.com, visitada em 7/10/09 Às 11h44)

19 DONATO, H. Op. Cit., p54

20 DONATO, H. Op. Cit., p55

Florisbela. “Sant’Anna de sima da Serra”. Sobre o termo de doação, Pupo e Ciaccia (2005)²¹ interpretam seu texto, traçando o seguinte possível mapa da área:

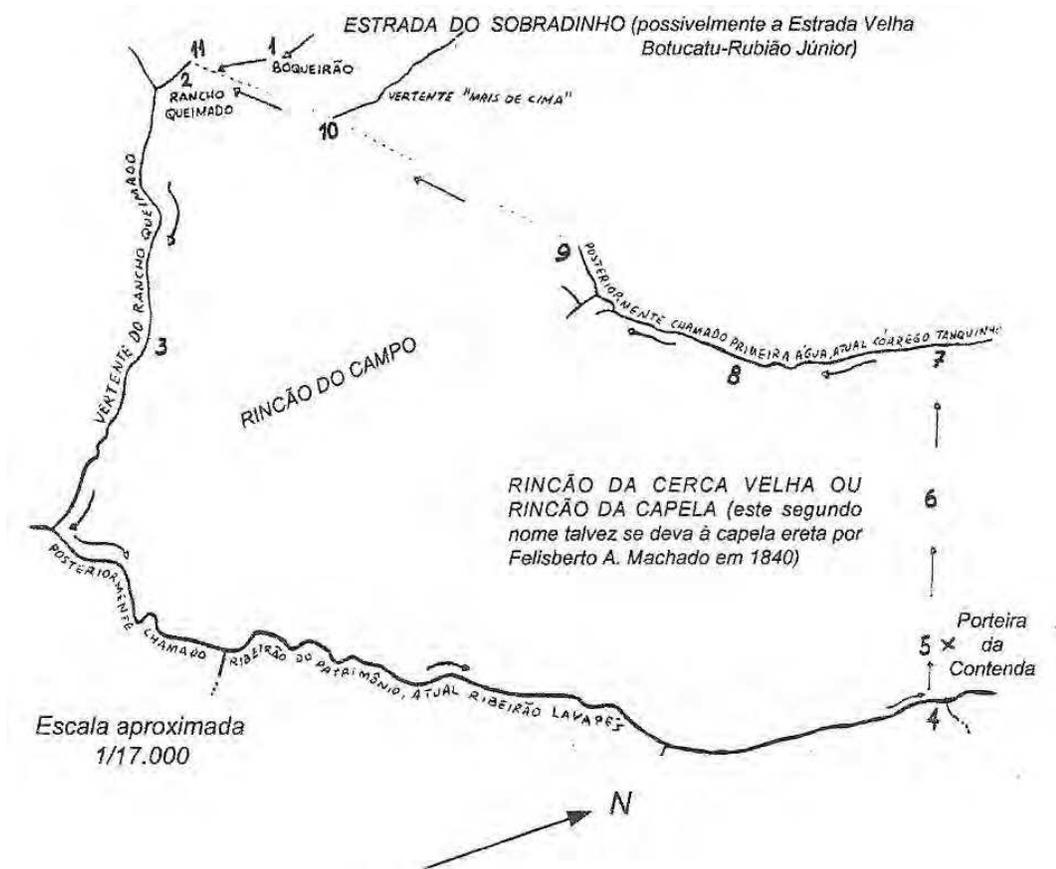


Figura 6 - Representação gráfica da possível área doada por José Gomes Pinheiro. Fonte Pupo e Ciaccia (2005)

- 1- “... pequeno boqueirão entre duas vertentes...”
- 2- “... donde houver um Rancho Queimado no lado direito...”
- 3- “... e descendo desta vertente do Rancho queimado abaixo, pelo veio d’água, sempre pela água mais acostada do Rincão do Campo...”
- 4- “... até altura que faz quadra procurando o rumo da Porteira da Contenda...”
- 5- “Porteira da Contenda”
- 6- “... e por esta adiante...” (a linha 6 corresponde bem aproximadamente ao traçado da atual rua Velho Cardoso – HD,55)
- 7- “... até bater na primeira vertente do lado esquerdo...”
- 8- “... e subindo por esta vertente acima até sua cabeceira...”
- 9- “... e desta cabeceira tirar-se-á uma linha reta...”
- 10- “... até a cabeceira da outra vertente mais de cima, que fica em frente à cabeceira do supra-dito Rancho Queimado...”²²

21 PUPO, Trajano Carlos de Figueiredo, CIACCIA, Paulo Pinheiro Machado, **As Primeiras Fazendas da Região de Botucatu**, Botucatu, SP, Prefeitura Municipal de Botucatu, 2005.

Nota-se que a área definida como Rincão da Cerca Velha viria a configurar o centro histórico de Botucatu, entre os atuais Ribeirão Lavapés e Córrego Tanquinho.

Após algumas tentativas, a 15 de outubro de 1845, o capitão, eleito novamente vereador na Câmara de Itapetininga²³, apresenta nova indicação para criação da Freguesia de Botucatu. Assinada pelo presidente da província Manuel da Fonseca e Lima a 19 de fevereiro de 1846, a lei nº 283, lei nº 7 do ano de 1946, diz o texto:

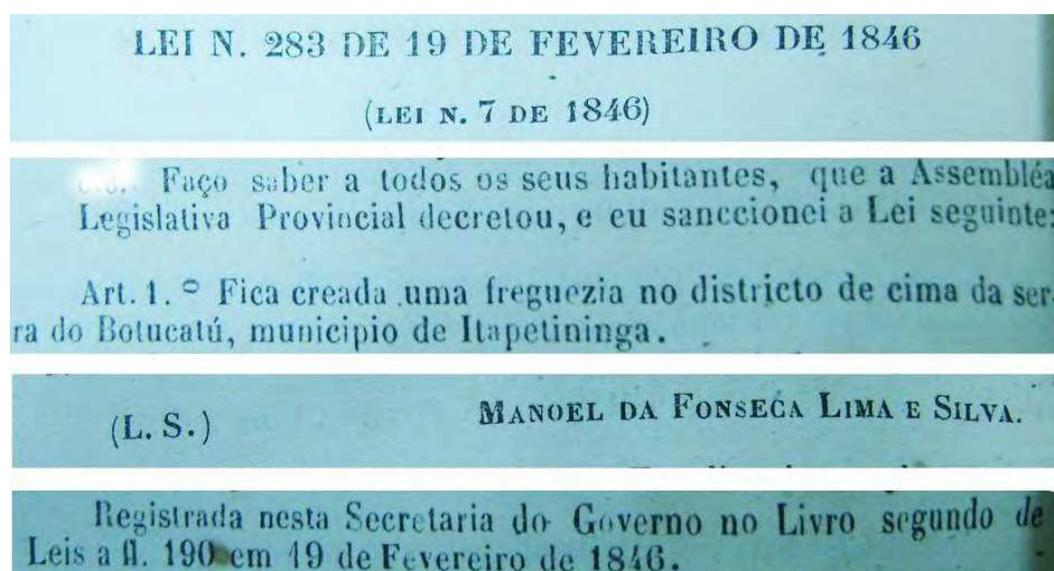


Figura 7 – Criação da Freguesia. Fragmentos da Lei nº 283. Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

José Gomes Pinheiro Vellozo passa a ser considerado, então, o real “fundador de Botucatu”.

A elevação de Botucatu a vila data de 14 de abril de 1855, data comemorada pelos botucatuenses como fundação da cidade. Diz a lei assinada por José Antônio Saraiva, então presidente da Província:

22 PUPO, Trajano Carlos de Figueiredo, CIACCIA, Paulo Pinheiro Machado, 2005, Op.Cit. p.34.

23 Pela participação no golpe liberal, tendo papel ativo de chefia ao lado de Regente Feijó e Tobias de Aguiar, Pinheiro Machado ficara afastado da Câmara de Itapetininga desde 1842.

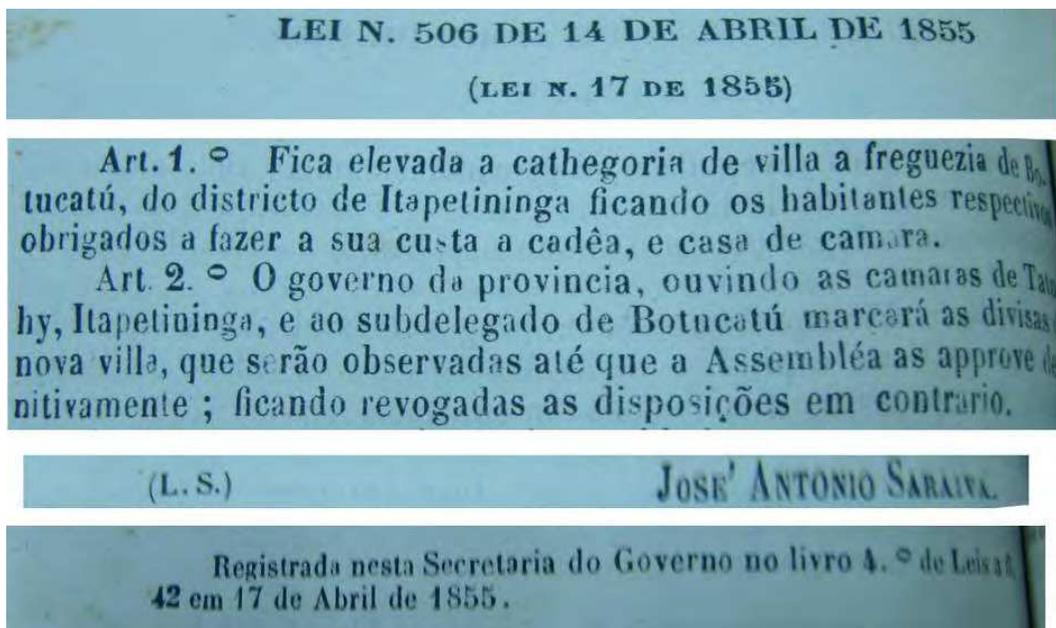


Figura 8 - Elevação de Botucatu à vila. Fragmentos da Lei nº506 - Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo.

As leis nº 554, de 05 de março de 1857 e nº 657, de 09 de abril de 1859 marcam as divisas, delimitando um gigantesco espaço de terra.

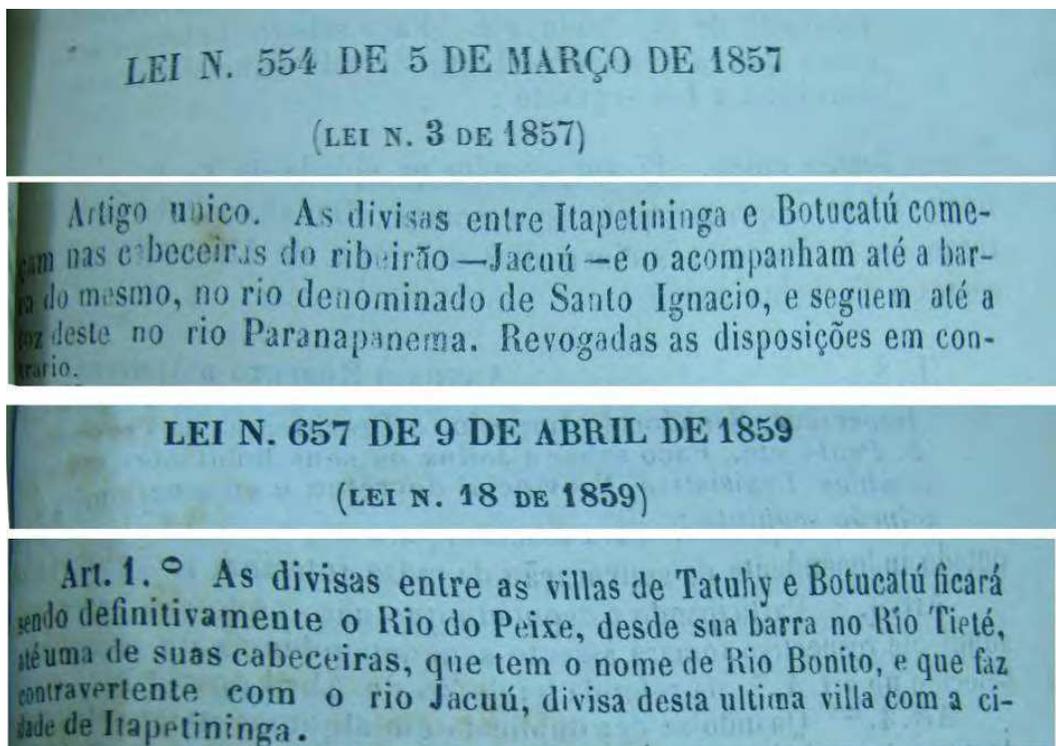


Figura 9 – Divisas do Município - Fragmentos das Leis 554 e 657. Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Donato explicita seu espanto: “Um universo!”. E cita as divisas propostas quando a Câmara de Itapetininga sobre a presença do Imperador: ‘sua latitude é de trinta legoas mais ou menos, sua longitude é de oitenta legoas: é dividido ao norte pelo Rio Tietê, ao sul pelo Paranapanema ao oeste pelo Paraná e ao leste pelo Ribeirão do Jacu’²⁴.

A representação gráfica apresentada por Pupo (2002), na Figura 10, expõe as divisas do Município de Botucatu diretamente com as Províncias do Paraná, ao Sul, e do Mato Grosso, ao Oeste, equivalendo hoje a aproximadamente a quarta parte do atual estado de São Paulo, conforme indicado na Figura 11.

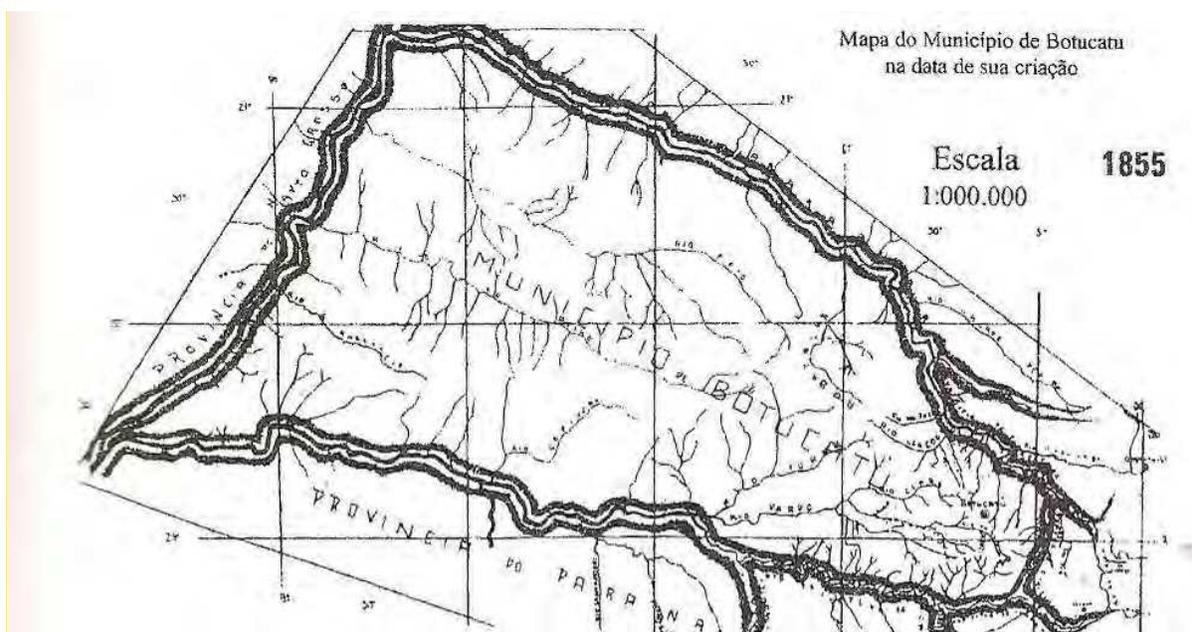


Figura 10 - Mapa do Município de Botucatu na data de sua criação. Fonte: Pupo(2002).

24 DONATO, H. Op. Cit., p116

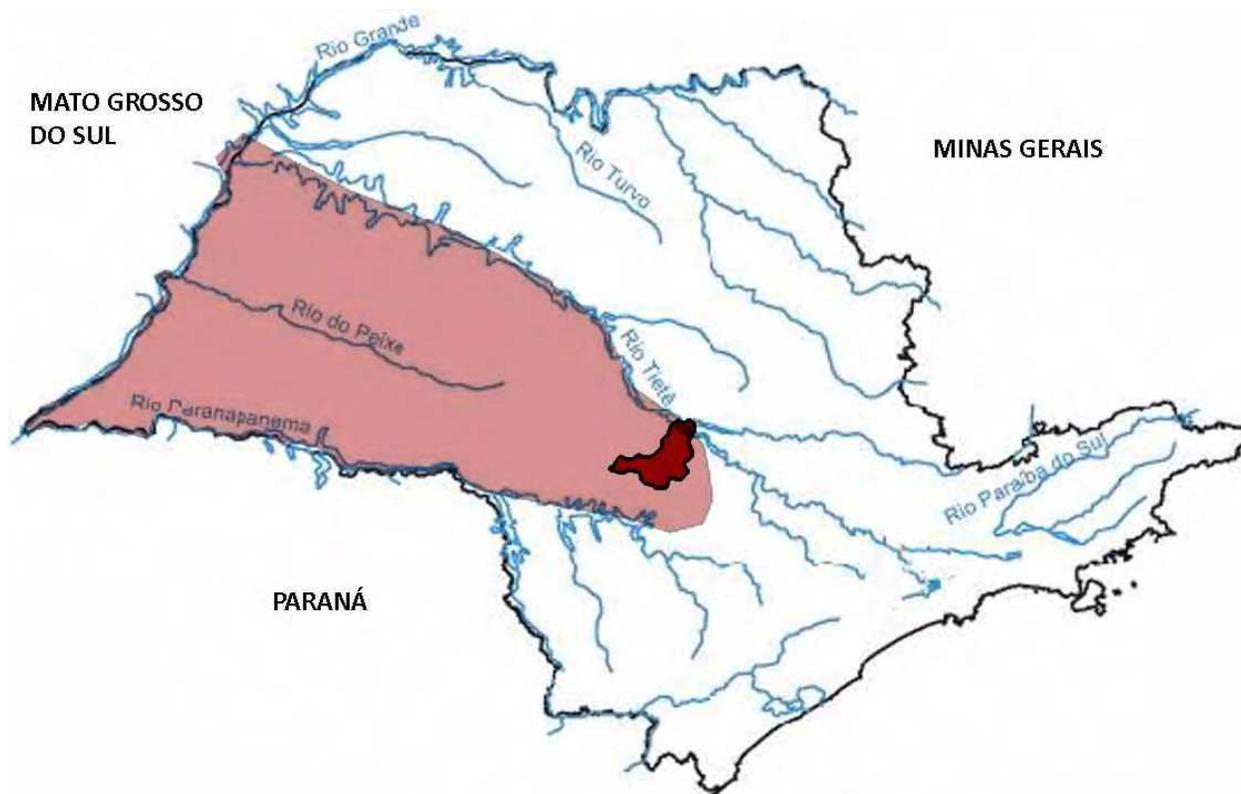


Figura 11 – Provável transposição dos limites do Município de Botucatu para mapa atual

No dia 15 de dezembro de 1860 o imperador Pedro II, pelo Decreto nº 2702, desanexa o Termo Botucatu dos de Itapetininga e Tatuí, criando nele o lugar de Juiz Municipal, que acumula as funções de Juiz de Órfãos.²⁵ Em 1866, Botucatu se transforma em Comarca e, em 1876, recebe o título de cidade.

Sobre o mérito de Botucatu na evolução da Província de São Paulo, Niminon Pinheiro²⁶ cita:

“Em 1844 foi fundado o povoado de Botucatu, centro de expansão pioneira, e em 1855 já era vila. Futuras cidades se constituíram: São Domingos, São Pedro do Turvo (1872), Lenções (freguesia em 1858, vila em 1866 e comarca em 1877), Santa Cruz do Rio Pardo (vila em 1860, freguesia em 1872 e distrito de paz em 1876), Avaré (1862), São José dos Campos Novos (vila em 1868), e outras mais no

25 PUPO, Trajano Carlos de Figueiredo, Op. Cit. p. 67

26 PINHEIRO, Niminon S. **Os Nômades: Etnohistória Kaingang e seu contexto:** São Paulo 1850 a 1912. Tese de Doutorado defendida no Dep.História da UNESP de Assis, p.196/197. In: Pellicciotta, M.M.B., op.cit.

mesmo ritmo (..) Em 1872, a população paulista do planalto estava por volta de 57406 habitantes. Em 1890, subiu para 89.840. Esta população era oriunda de Minas Gerais mas também de outras regiões da própria Província de São Paulo. O seu centro de abastecimento era Botucatu. Em 1886, Botucatu tinha 2000 habitantes na cidade e 16.000 no município”

O último quartel do séc. XIX traz a Botucatu, então, dois grandes vetores de desenvolvimento intrinsecamente relacionados entre si, capazes de influenciar vigorosamente o desenho da paisagem local:

- A compra das fazendas Lageado, Edgárdia e parte de algumas fazendas adjacentes, em 1881, por João Baptista da Rocha Conceição, filho do Barão de Serra Negra; e
- A chegada da Estrada de Ferro Sorocabana (EFS), em 1889.

O Café e a Ferrovia – processos contíguos na construção da Paisagem

Exatamente durante este período, o final do século XIX, a expansão da cultura do café se dá baseada no que Argollo Ferrão (2004) chamaria de Complexo Ciência & Tecnologia, implantado em São Paulo.

“Naquele período, a base da economia brasileira podia ser representada, principalmente, pelo complexo cafeeiro paulista, portanto, era natural que os centros de pesquisa e experimentação agrícola, bem como entidades de assistência agropecuária, criados na época, se localizassem em São Paulo, e tivessem como objetivo gerar e difundir conhecimento compatível com a realidade do estado.”²⁷

A criação da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, em 1886, e do Instituto Agrônomo de Campinas, em 1887, aliados à autorização da construção da Hospedaria dos Imigrantes, em 1881, e a criação do Serviço de Imigração e Colonização, também em 1886,

27 Cf. ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. **Arquitetura do Café**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004a, p.38.

entre outros centros e entidades, permitem a constatação, segundo Argollo Ferrão, do processo de formação de uma estrutura que promovesse o crescimento equilibrado do trinômio “solo – planta – trabalho”, suporte de desenvolvimento da cultura cafeeira, base sob a qual o governo imperial assentaria a moderna cafeicultura paulista e brasileira, promovendo:

- *“a titulação das terras ‘do sertão’, que estavam sendo incorporadas rapidamente à economia imperial;*
- *O desenvolvimento de conhecimentos específicos e tecnológicos para lastrear a evolução do complexo agroindustrial, em geral, e do café, em especial;*
- *E a garantia, sem traumas, da substituição da mão-de-obra escrava pela de trabalhadores assalariados, imigrantes europeus.”²⁸*

Estes três pontos, citados por Argollo Ferrão, são também inerentes ao processo de evolução da cafeicultura na região de Botucatu. Todos os três manifestaram-se na chegada da ferrovia à cidade para alcançar este promissor centro produtor e comercial, na tecnologia desenvolvida e aplicada, tanto para isto, quanto no processo produtivo que acabaria por definir a arquitetura da Fazenda Lageado, e também pela mão-de-obra imigrante utilizada não apenas no desenvolvimento e construção da ferrovia e da fazenda, mas também no funcionamento de ambas.

A disputa entre as Companhias Ituana e Sorocabana para alcançar a cidade, considerado como portal para o sertão paulista, foi histórica, sendo iniciada oficialmente em 1882. Alcançar Botucatu significaria o primeiro passo para conquistar o oeste paulista, um centro produtor em rápida expansão, região de vultosos investimentos.

Esta contenda foi então responsável pela implantação de duas estradas de ferro paralelas no estado de São Paulo, e sobre seu resultado, diz Donato (1995):

“Em junho de 1888, o bairro de Antônio Monteiro, região de fazendas junto ao sopé de leste da serra. Atingido este local, a serra poucos metros distante, a

28 ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de (2004a). Op. Cit. p 42.

Sorocabana entendeu que vencera a disputa com a Ituana: ganhara a batalha do rumo do oeste. Em comemoração, assim que o primeiro trem bufou na estaçõzinha ali construída, foi colocada uma placa dando ao sítio, estação e instalações o nome de Vitória. Que veio a ser, bem mais tarde, por imposição oficial federal, Vitoriana.”²⁹

Desta data, até a efetiva chegada da ferrovia à cidade, Donato conta que a escalada da serra era feita através dos troles do Candinho³⁰, além da trilha própria de muares. E sobre a epopéia de conquista da serra:

“Enquanto os troles do Candinho subiam e desciam, sob o sol e a chuva, a conquista da serra transformou-se em epopéia contada em verso e prosa na capital, na corte, na Alemanha. Na Alemanha porque um engenheiro alemão, Schmidt (sic), dirigia os trabalhos, muitos alemães eram capatazes e feitores.”³¹

Especificamente sobre este engenheiro da Sorocabana, o alemão Carlos Schmitt, desenvolve inúmeros levantamentos visando a definição dos caminhos a serem percorridos pelo leito da estrada de ferro até o alto da serra. Apesar de C. Schmitt não datar diversos dos seus esboços, pode-se supor que todos tenham sido desenvolvidos entre 1882 e 1887, conseqüentemente limites mínimo e máximo de datas existentes em outros desenhos do mesmo caderno.

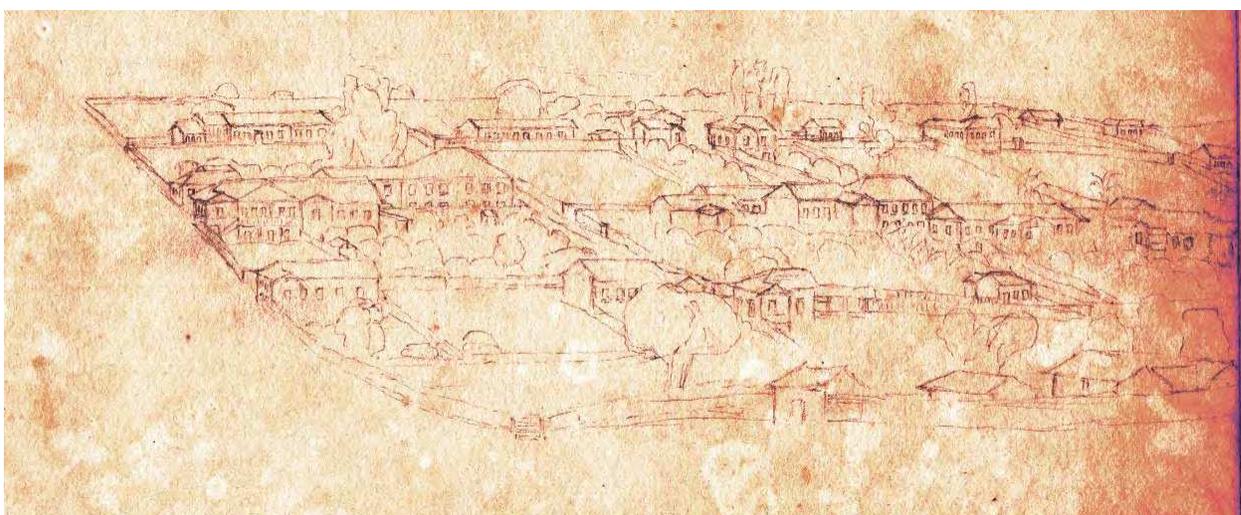


Figura 12 - perímetro urbano de Botucatu - desenho de C. Schmitt (sem data)

29 DONATO, Hernani. Op. Cit. p280.

30 Conforme Donato (2004), Candinho de Godoy fora o vencedor da concorrência para o funcionamento da linha de troles, 18 quilômetros que ligavam Botucatu ao trem.

31 DONATO, Hernani. Op. Cit. p281.

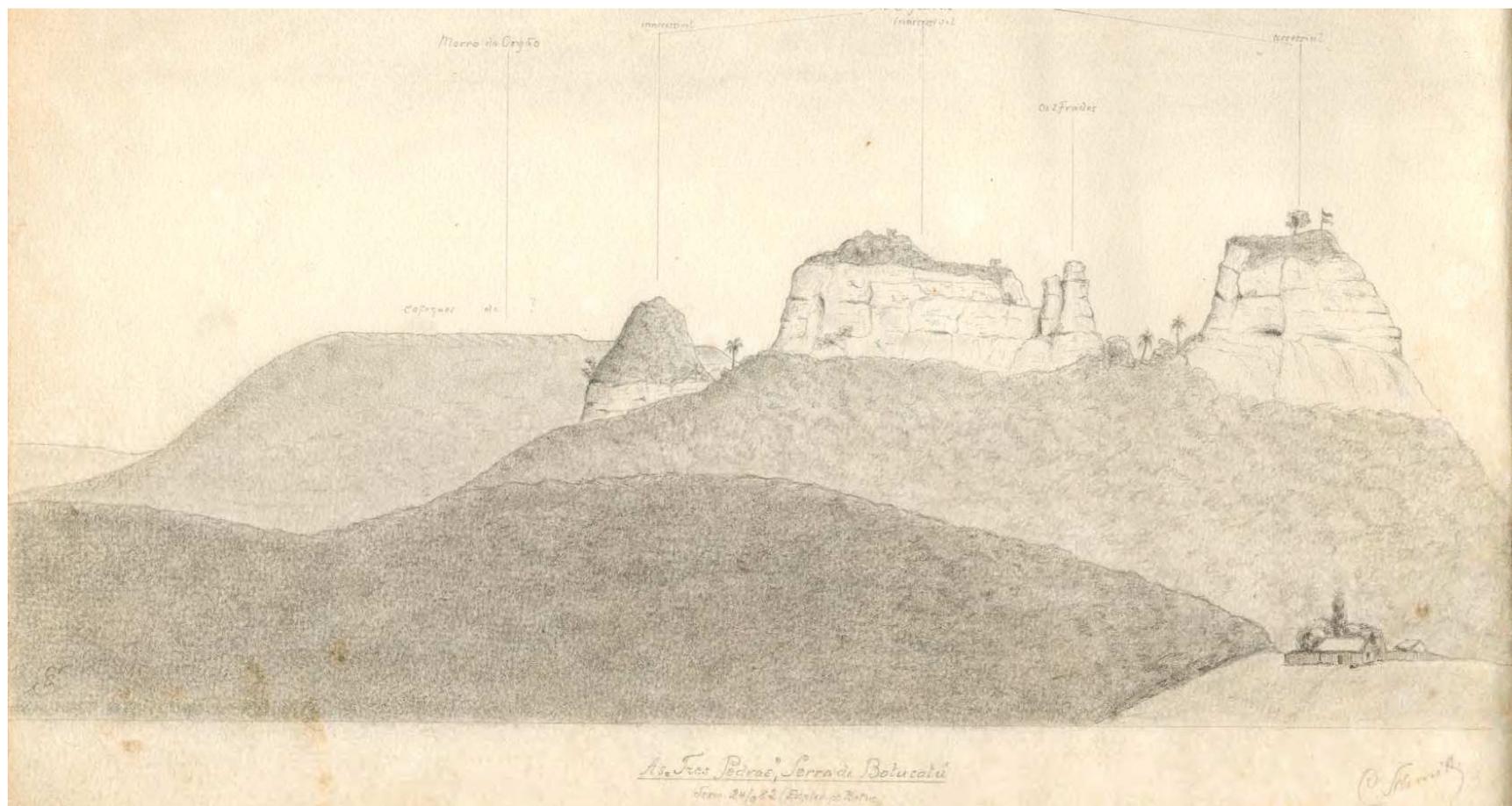


Figura 13 - "As Três Pedras. Serra de Botucatu" - desenho de C. Schmitt (Explor. pº Botuc. 24/9/82) ³²

³² As Três Pedras estão localizadas na delimitação atual do Município de Pardinho.

As informações contidas nestes levantamentos auxiliam vigorosamente na visualização do processo de transformação que estes dois vetores, café e ferrovia, fomentam na paisagem. Apesar de diversos de seus desenhos apresentarem-se apenas como esboços e croquis sem acabamento final detalhado (conforme figuras Figura 14 e Figura 16), pode-se vislumbrar perfeitamente não apenas a amplitude visual da paisagem analisada, mas principalmente os pontos de referência utilizados (localidades e proprietários), além de alguns usos da terra naquele período.

Desta forma, o Dr. João Baptista da Rocha Conceição³³ e seus cafezais, são constantemente citados, tanto como pontos de referência quanto no próprio título dos desenhos³⁴, principalmente o “cafezal do Barão de Serra Negra”, nítida homenagem ao pai do Dr. João Baptista, implantado no final do Espigão da serra, nos limites da Fazenda Lageado, local com visuais privilegiados para as cotas baixas da bacia hidrográfica.

Em seus desenhos, utiliza como referência constante os cafezais, que aparentemente já assumiam considerável parte da paisagem, mesmo antes da chegada da ferrovia.

A Figura 17 e a Figura 18, por exemplo, apresentam com perfeição a relação de avanço da cultura cafeeira sobre a vegetação nativa, com significativas áreas de devastação e de cafezais, que, desenhados sem volume como foram, insinuam-se como áreas de plantio recente. Cafeeiros jovens, nitidamente à espera de um amadurecimento concomitante à chegada da ferrovia.

33 Dono da Fazenda Lageado e Edgárdia.

34 Nestes desenhos apresentados de Carlos Schmitt, o Dr. João Baptista e seus cafezais estão citados no título da Figura 14, no canto superior direito da Figura 15, título da Figura 16, título e ponto de referência central da Figura 18, além das terras de seu irmão Manoel Conceição, o “Maneco”, indicados ao centro da Figura 14. Há também duas indicações de ‘Serra Negra’, à direita na Figura 14 e Serra de Piracicaba (Serra Negra), segundo nome à direita no alto da Figura 17, muito provavelmente referenciando também as terras do seu irmão, o Conde de Serra Negra.

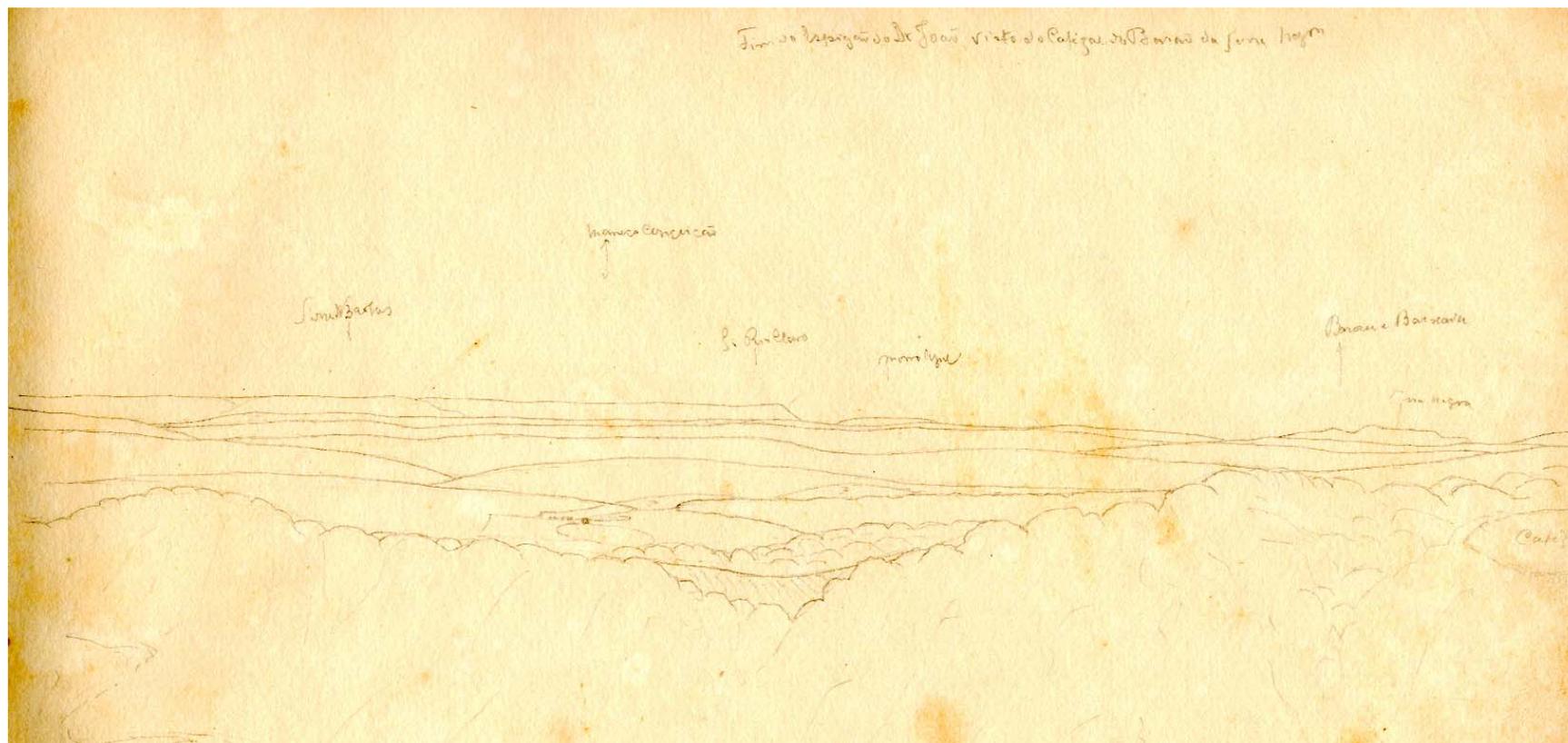


Figura 14 - "Fim do espigão do Dr João, visto do cafezal do Barão de Serra Negra" – desenho de C. Schmitt (sem data)

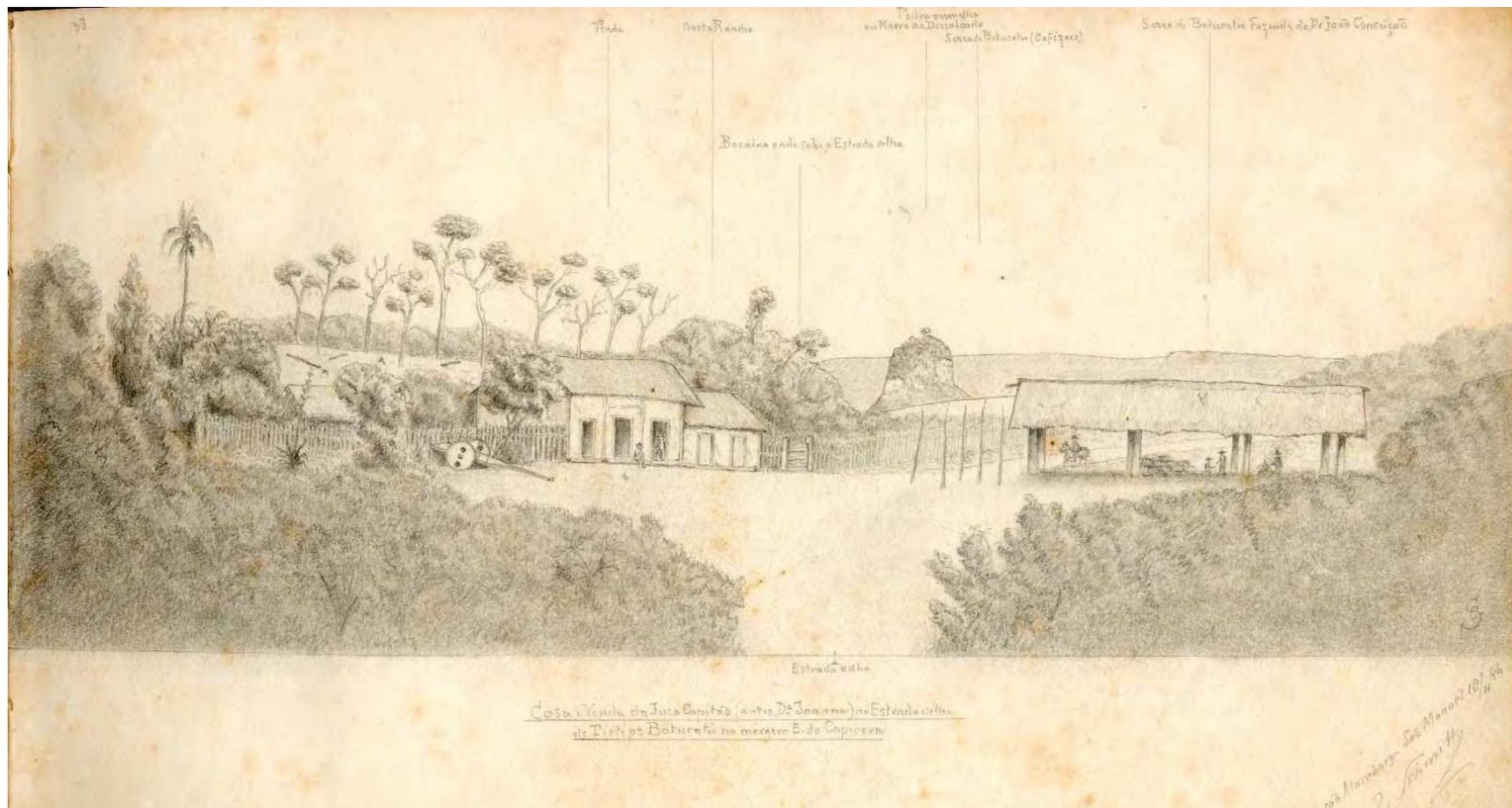


Figura 15 - "Casa e Venda do Juca Capitão (antiga D. Joanna) na Estrada velha de Tietê pã Botucatu na margem E. do Capivara" – desenho de C. Schmitt (Estação Alambary – São Manoel 10/4/86)

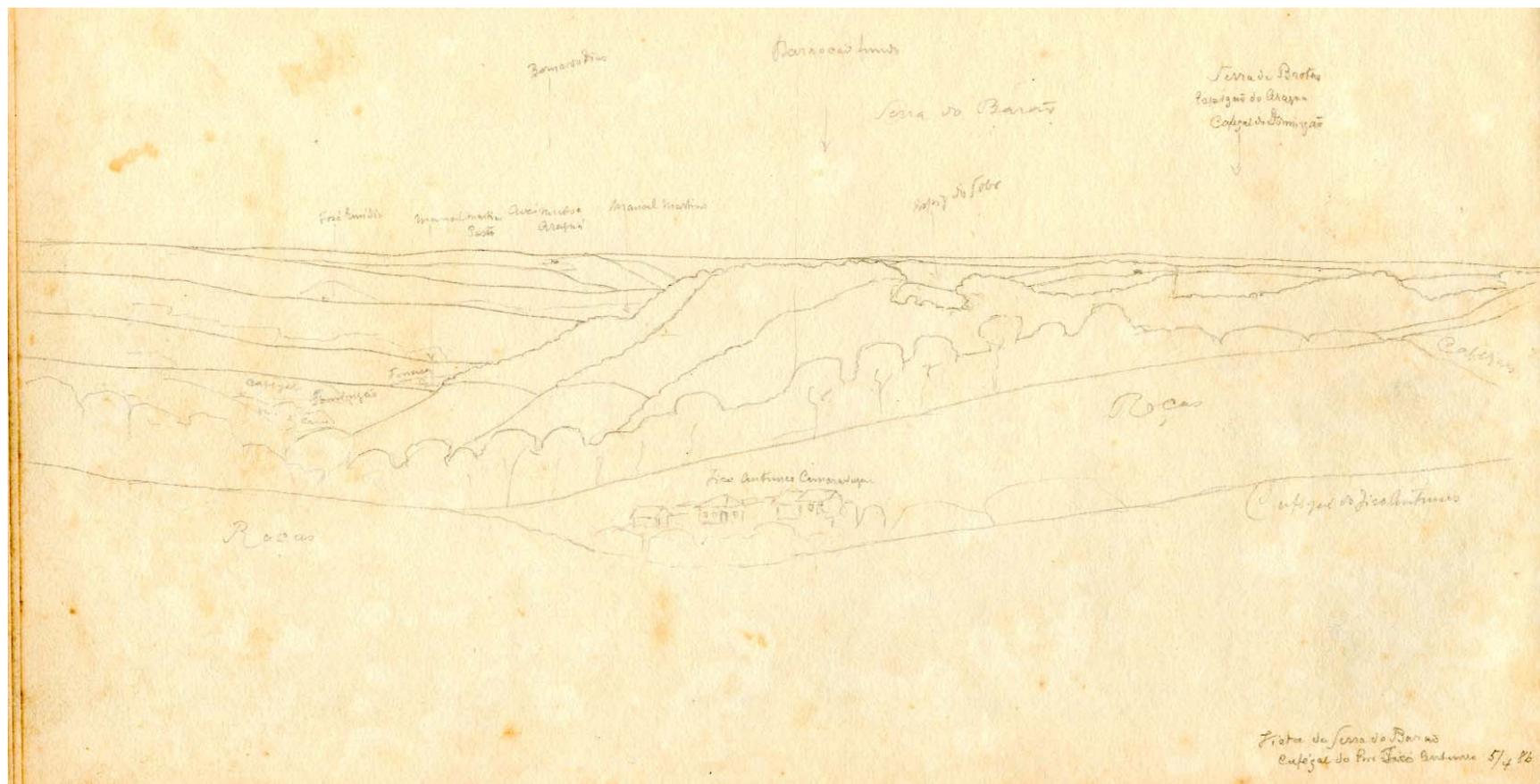


Figura 16 - "Vista da Serra do Barão" - desenho de C. Schmitt (cafezal do (?) Tico Antunes 5/4/86)

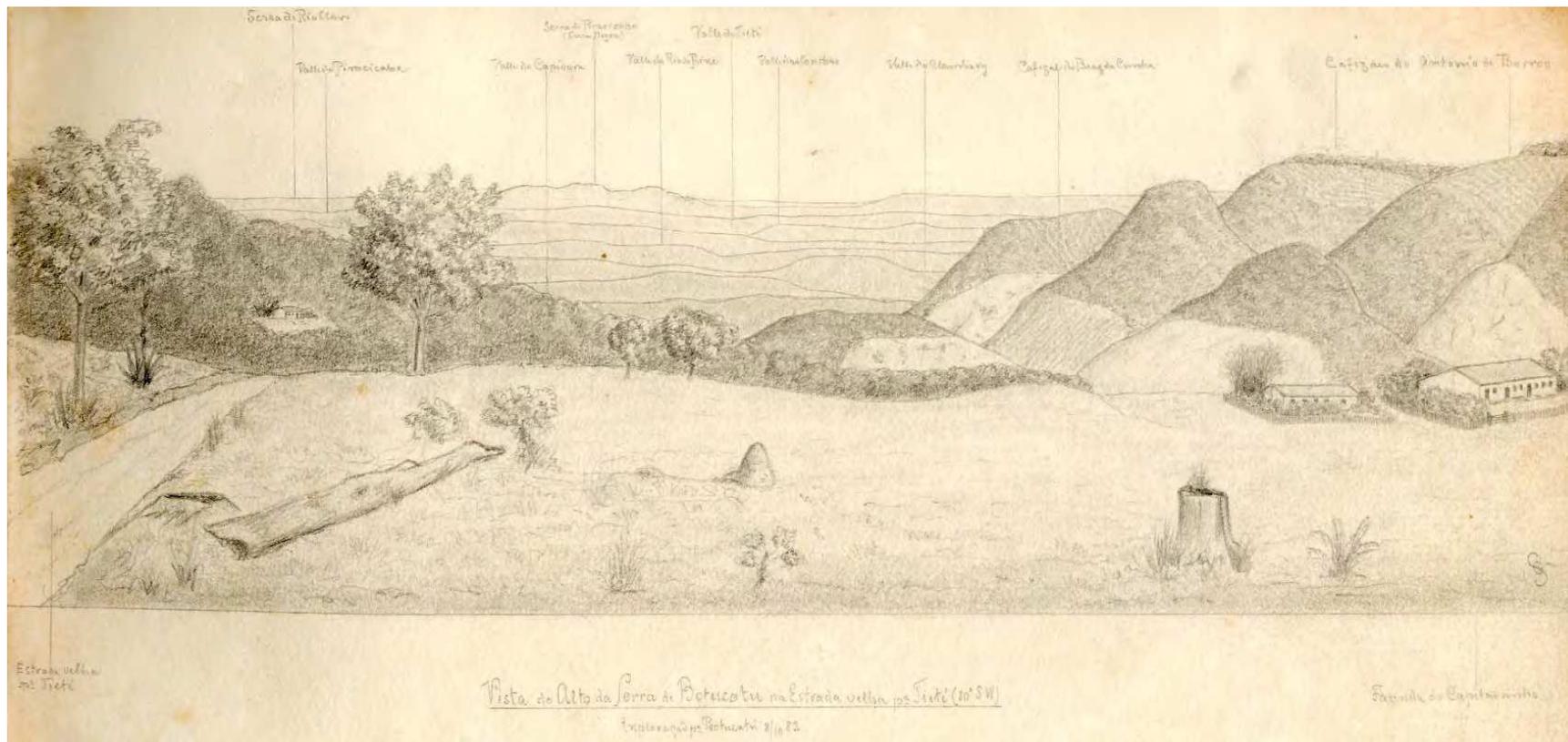


Figura 17 - Vista do Alto da Serra de Botucatu na Estrada velha p^a Tietê (80° SW) - desenho de C. Schmitt (Exploração por Botucatu 8/10/82)

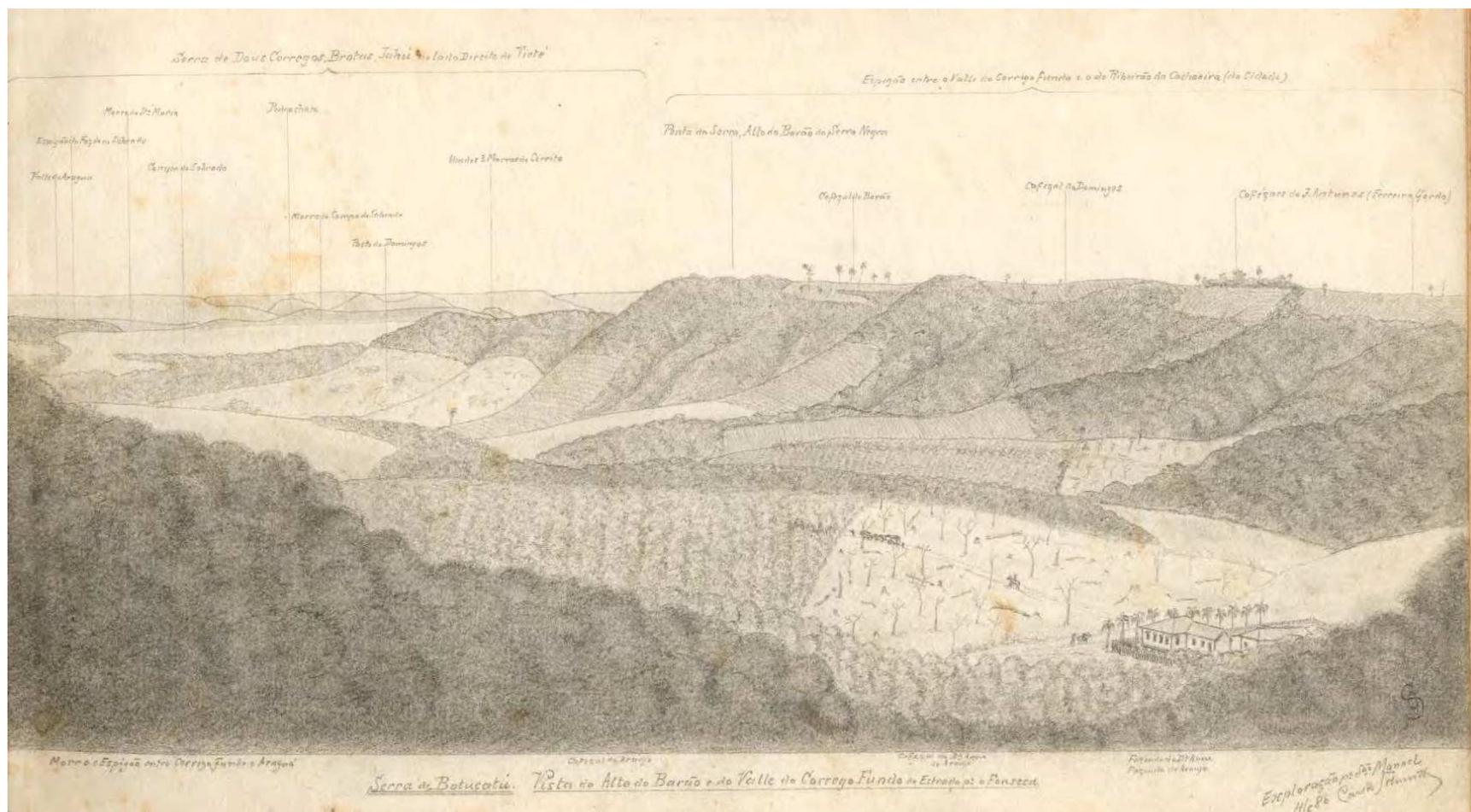


Figura 18 - "Serra de Botucatu. Vista do Alto do Barão e do Valle do Córrego Fundo da estrada pª o Fonseca" - desenho de C. Schmitt (Exploração pª São Manoel 4/5/86)

Estes anos marcaram também um período de transição da mão-de-obra empregada nos trabalhos, com a Abolição da Escravatura, em 1888, e Proclamação da República, em 1889, atos declaradamente modificadores dos fatores econômicos e sociais.

Inicia-se um fluxo constante de imigrantes estrangeiros para a região, a contar dos alemães, chefiados por Schmitt na conquista do sertão pela ferrovia, conforme citado por Donato, e do fluxo incitado pela cultura cafeeira, estando a família Conceição entre os principais empregadores. Em Botucatu, este fluxo foi principalmente de italianos, mas também espanhóis, portugueses, alemães e japoneses.

Se historicamente, já se pôde verificar a existência de fortes relações da Fazenda Lageado com os processos principais de modificação da paisagem regional, faz-se necessário entender fisicamente como isto aconteceu.

A Bacia do Ribeirão Lavapés (BRL) – Unidade de análise

Analisar a paisagem cultural de uma região requer a definição de limites físicos que componham uma unidade de análise.

Como o recorte temporal a ser analisado normalmente é bastante amplo, a escolha de limites político-administrativos para análise da evolução destas paisagens, raramente, é a escolha mais adequada. Botucatu é um exemplo típico disto, pois os limites de criação do município equivaleriam hoje a aproximadamente um quarto de todo o estado de São Paulo.

Já as bacias hidrográficas, enquanto unidade de análise da paisagem, comportam-se de maneira bastante satisfatória, visto que não apresentam modificações rudes dentro da magnitude centenária a ser analisada, excetuando-se obviamente fatores de ação humana ou catástrofes naturais.

Botucatu possui, dentro do perímetro de seu Município, três Unidades Hidrográficas de Gerenciamento de Recursos Hídricos (URGHI):

- URGHI Tietê/Sorocaba, onde encontra-se a Bacia do Ribeirão Lavapés (10)
- URGHI Médio Paranapanema (17), onde atualmente é captada água de abastecimento da zona urbana de Botucatu, na Bacia do Rio Pardo;
- URGHI Piracicaba/Capivari/Jundiá (5), que abrange uma ínfima parte do município.

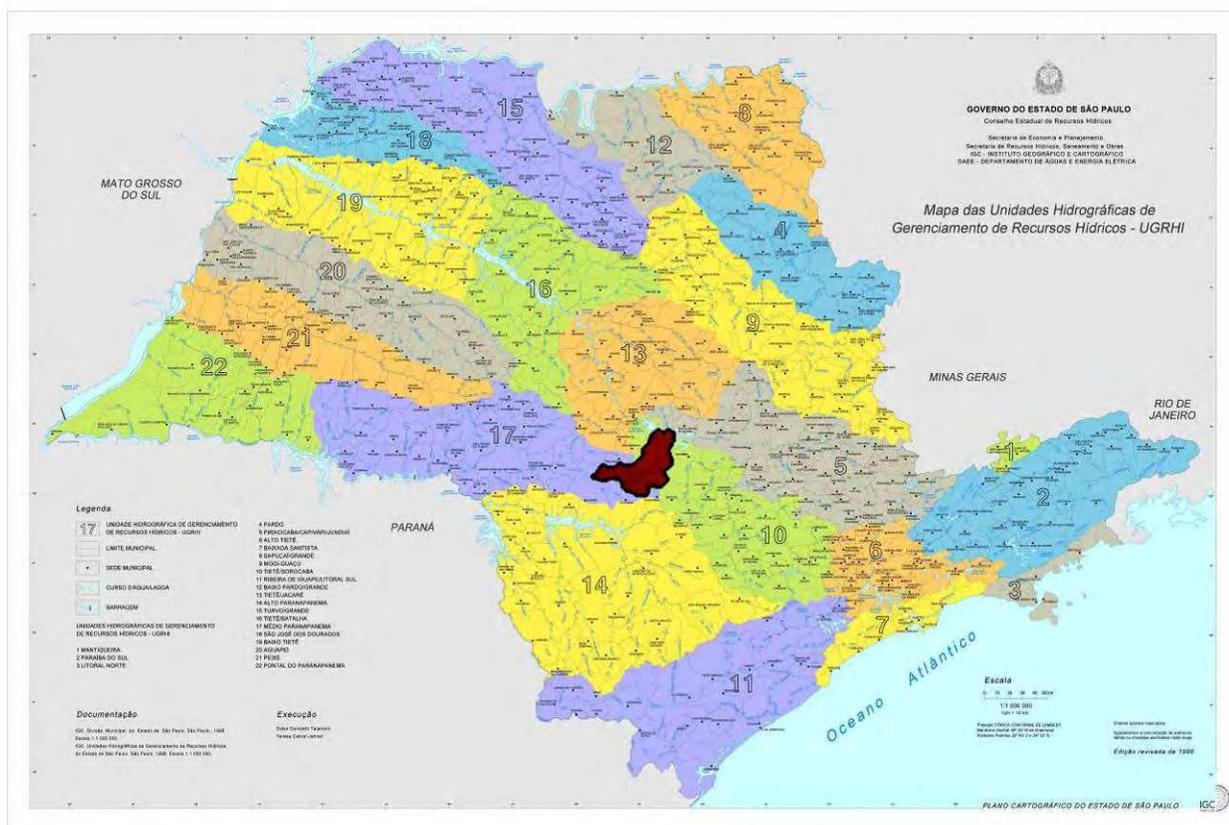


Figura 19 – Município de Botucatu em vermelho, sobre o Mapa das Unidades Hidrográficas de Gerenciamento de Recursos Hídricos - URGHI. Fonte: IGC

Para o recorte de análise, outro fator a ser considerado são as necessidades advindas da implantação de uma produção agro-industrial cafeeira na região. Pode-se supor, com o mínimo de erro, que a existência e a qualidade das águas da região devem estar entre os motivos principais desta escolha.

No caso do objeto de estudo, eram as águas da bacia do Lavapés que seriam utilizadas tanto para irrigação dos cafezais como enquanto força motriz dos principais equipamentos de beneficiamento do café, enquanto fazenda cafeeira, e como geração de energia elétrica a partir de 1936, no início da Estação Experimental.

Segundo Orsi (2004) a Bacia do Ribeirão Lavapés apresenta área de drenagem de 10.704 hectares e tem o Ribeirão Lavapés como principal curso d'água percorrendo um trecho de 40km desde sua nascente até a desembocadura na represa de Barra Bonita, o Rio Tietê.



Figura 20 - Localização da Bacia do Ribeirão Lavapes no Município de Botucatu



Figura 21 – Ribeirão Lavapés, dentro da Fazenda Lageado



Figura 22 – Juzante do Ribeirão Lavapés, visto da ponte de acesso à arquitetura da produção



Figura 23 - Vazante do Ribeirão Lavapés, visto da ponte de acesso à arquitetura da produção

No aspecto físico, esta bacia apresenta um fato curioso em função das condições geográficas da área: uma formação física semelhante a uma ampulheta, compreendendo, no âmbulo superior, grande parte do perímetro urbano de Botucatu e a parte “alta” da bacia, com altitudes variando entre 924 a 716 m (ORSI, 2004), enquanto a área de desembocadura e parte baixa da bacia, com altitudes variando entre 611 a 455 m (ORSI, 2004), consistiria na outra âmbula, conforme pode-se notar na Figura 26. Não por acaso, a Fazenda Lageado está implantada exatamente vértice da ampulheta.



Figura 24 - A bacia como ampulheta

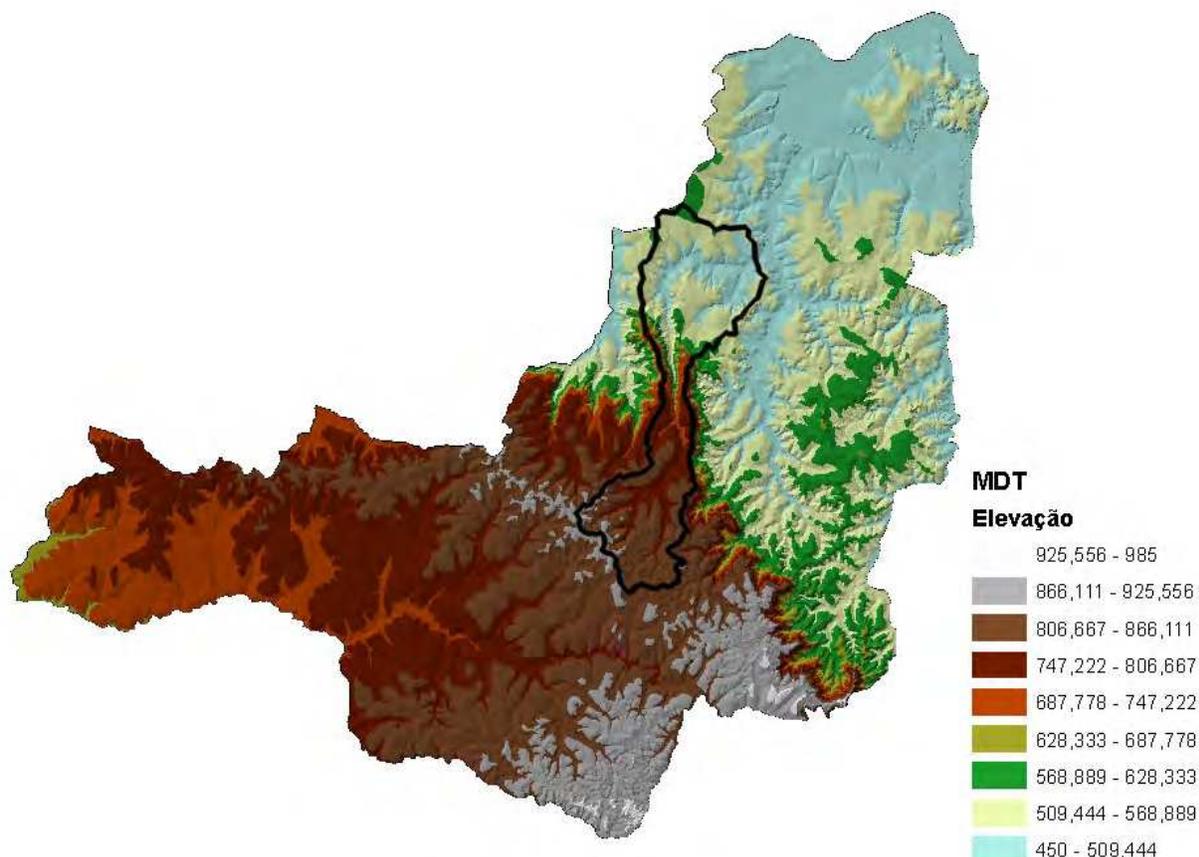


Figura 25 - Delimitação da Bacia do Lavapés sobre MDT Elevação. Fonte: Orsi

Ao considerar a desembocadura da parte inicial da bacia na altura da Fazenda Lageado, Leopoldo (1989) encontrou uma densidade de drenagem de 1,36 km/km², declividade média de 11% e declividade total do curso principal de 1,05%; características que impõem à bacia um escoamento das águas de chuva bastante rígido, com maior escoamento superficial que infiltração, ambiente propício para captação de águas com o fim agro-industrial.

Atualmente, a Bacia do Ribeirão Lavapés é considerada uma bacia de transposição. Leopoldo (1989) verificou uma descarga média da bacia junto à saída da Fazenda Lageado, de 0,6 m³/s com produção diária calculada em 51.840 m³, sendo que desse total, estima-se que cerca de

30.000 m³ são oriundos do Rio Pardo (pertencente à Bacia do Paranapanema) e bombeados para a cidade de Botucatu para fins de abastecimento.

Soma-se a esta informação, a localização da Estação de Tratamento de Efluentes da SABESP para toda a cidade de Botucatu, implantada dentro da Fazenda Lageado, fator que novamente explicita a importância do direcionamento das águas dentro desta bacia.

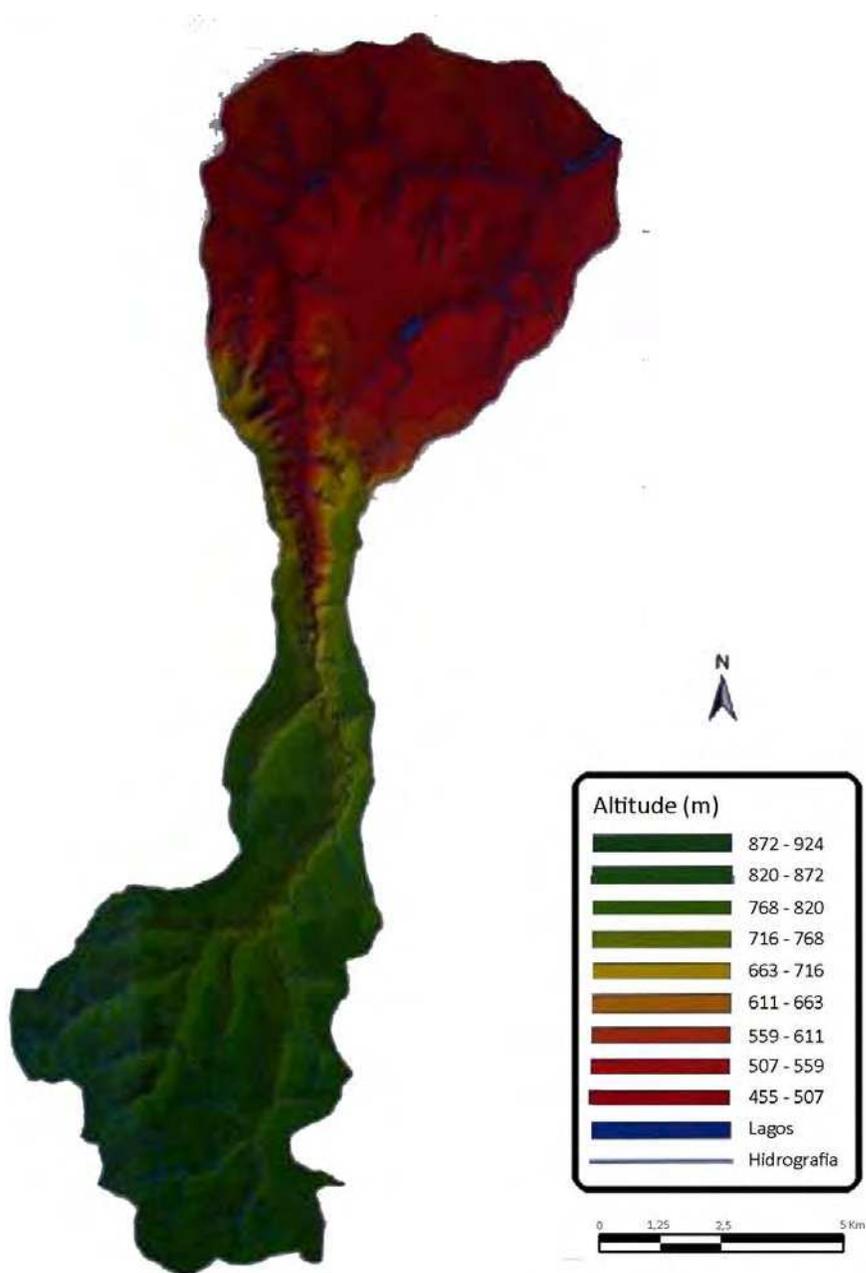


Figura 26 - Altitudes da BRL. Fonte: Orsi (2004)

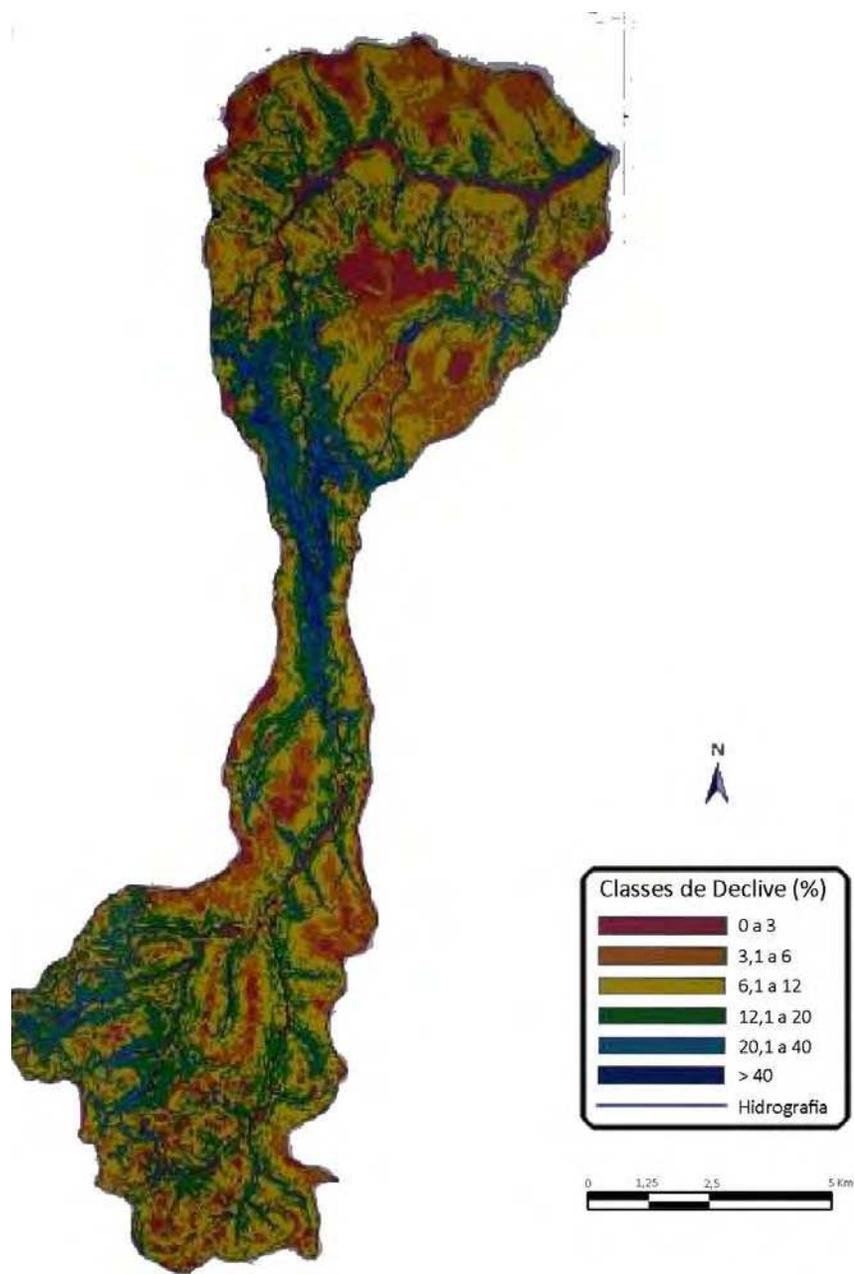


Figura 27 - Declividades da BRL. Fonte: Orsi (2004)

IV- METODOLOGIA

A evolução do olhar sobre o objeto – processo em constante desenvolvimento

Sobre esta questão, emerge um fator que será de extrema importância nas análises que se seguirão. Argollo Ferrão (2004a) expõe à vista a relação entre esses vetores de mudanças (sistema de trabalho, economia e sociedade) e o reflexo que isto viria a ter no ambiente construído, principalmente com relação às técnicas de produção e conseqüente arquitetura produzida nas fazendas cafeeiras paulistas.

Importante entender que o termo ‘ambiente construído’ não deve ser aplicado exclusivamente às edificações construídas. O que Argollo Ferrão chama genericamente de “arquitetura da produção cafeeira”, incluiria diversos níveis possíveis de análise, a conhecê-los:

- “a *arquitetura das regiões cafeeiras*, que se estabeleceu segundo uma lógica toda especial de ocupação dos espaços geográficos e de planejamento urbano, compatível com a evolução da infra-estrutura de apoio à economia cafeeira;
- a *arquitetura das fazendas de café*, em que os edifícios, caminhos, parques, jardins, pomares, plantações e criações são concebidos de acordo com padrões arquitetônicos específicos e compatíveis com o seu modo de produzir;
- a *arquitetura do cafezal*, em que se planeja a instalação e o manejo da plantação de forma a protegê-la dos fenômenos climáticos perniciosos, facilitar seus tratamentos culturais e racionalizar a colheita, preparo e transporte interno do produto;
- e, finalmente, a *arquitetura do cafeeiro*, representada pelo trabalho de melhoramento genético, que se preocupa em desenhar e consubstanciar uma planta com formato, tamanho, resistência de ramos e folhas, inserção de flores e frutos, etc., capaz de proporcionar alta produtividade, mecanização das principais práticas agrícolas, conforto para os trabalhadores que a manejam, resistências às pragas e

doenças, enfim, atender requisitos preestipulados por pesquisadores afinados com o setor produtivo.”³⁵

Esta metodologia de olhar sobre o objeto apresenta-se de forma mais destrinchada em Argollo Ferrão (2004b)³⁶, que propõe o uso da abordagem sistêmica e a visão de processos como guia para estudo e caracterização da arquitetura rural, no âmbito de um determinado complexo produtivo, representada esquematicamente na Figura 28.

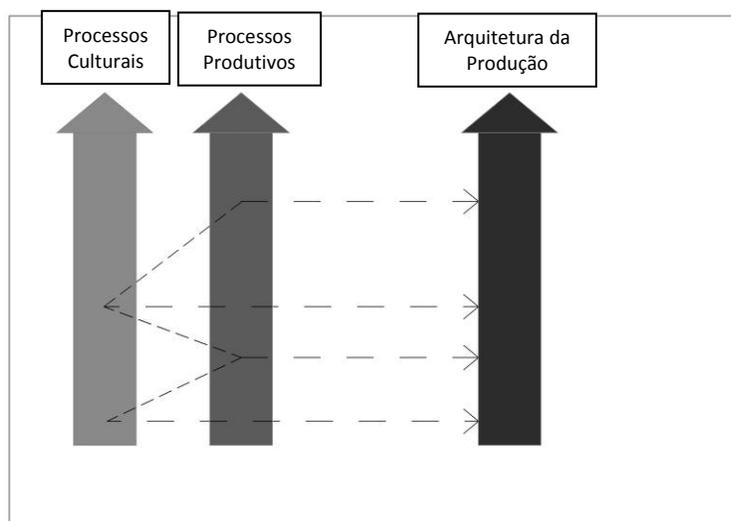


Figura 28 - Abordagem sistêmica e visão de processos para o estudo da arquitetura rural. Fonte Argollo Ferrão (2004b)

As três linhas de evolução, chamadas pelo autor de “vetores de co-evolução” pela interatividade que lhes é intrínseca, são explicitadas por ele da seguinte forma:

O vetor de co-evolução “*processos culturais*” deve buscar o desenho dos processos culturais que compõe o contexto que se pretende estudar, ou seja, os processos culturais que afetam e são afetados pelo complexo produtivo que se está analisando. Devem ser observados fatores históricos, características geográficas, sócio-econômicas, ecológicas, etc.

35 ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. 2004a. Op. Cit. p 47.

36 ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. Arquitetura Rural e Paisagens Culturais no Brasil a partir de uma abordagem sistêmica e da visão de processos. VEGUETA 8, ISSN: 1133-598X. 2004b. P. 133 – 148.

O vetor de co-evolução “*processos produtivos*” diz respeito aos “processos C&T” (“processos científicos e tecnológicos”, nitidamente relacionados ao “Complexo Ciência & Tecnologia”, em citações anteriores de Argollo Ferrão (2004a)), o conjunto que exprime a realidade do que se procura enxergar no primeiro vetor. Apesar de também poderem se caracterizar como processos culturais, o fato dos processos C&T estarem diretamente relacionados à evolução física da arquitetura rural, faz com que o autor reitere a importância desta divisão para facilitar o reconhecimento de sua co-evolução.

Sobre a relação de co-evolução entre os dois primeiros vetores e sua repercussão na formação da *arquitetura da produção*, o terceiro vetor, são as palavras de Argollo:

“Ambos os vetores: o que representa a evolução dos processos culturais e o que representa a evolução dos processos produtivos co-evoluem afetando-se mutuamente, promovendo e sofrendo mudanças a partir da lógica que os processos que os compõe possui. Tais mudanças repercutem sobre um terceiro vetor de co-evolução: o que representa o processo de conformação da arquitetura da produção do complexo em foco, ou seja, processos agro-industriais ou agro-ecológicos, em se tratando do estudo da arquitetura rural.

Assim, a co-evolução do contexto em que se inserem os vetores que representam os processos culturais e os processos produtivos determina a evolução do vetor que representa o processo de conformação da arquitetura da produção do cluster tomado como objeto de estudo. A arquitetura rural é, pois, resultante da integração dos processos culturais e produtivos que co-evoluem no âmbito de um determinado complexo agroindustrial, ou agro-ecológico.”³⁷

Esta abordagem sistêmica da arquitetura rural permite, então, segundo Argollo, a caracterização de tipologias arquitetônicas rurais por períodos e sub-regiões delimitados histórica e geograficamente.

No caso da Fazenda Lageado, isto vem a tornar-se um ferramental de extremo interesse, visto que o que se pode entender como “complexo produtivo” da Fazenda Lageado possui três recortes temporais e históricos bastante definidos, explicitados pela sua evolução histórico-administrativa. Ao mesmo tempo, todos os recortes terão a mesma delimitação geográfica, ou

37 ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. 2004b. Op. Cit. p 141.

seja: o gargalo da bacia do Lavapés, paisagem conformada pela própria área física da Fazenda Lageado.

Isto remete diretamente à seguinte questão: se, conforme diz Argollo, os processos culturais e produtivos co-evoluíram com a construção de uma arquitetura da produção, e dentro de um recorte histórico-temporal e geográfico caracterizariam uma tipologia arquitetônica rural específica, uma maneira para se analisar a evolução histórico-administrativa da Fazenda Lageado seria através da visualização de três conjuntos-recorte de vetores “processo cultural / processo produtivo / arquitetura da produção”, organizados da seguinte forma:

Tabela 1 - conjuntos-recorte de análise, com exemplos de relações de co-evolução.

		<u>VETOR A</u>	<u>VETOR B</u>	<u>VETOR C</u>
Conjunto-recorte de análise		“processo cultural”	“Processo Produtivo”	“Arquitetura da produção”
<u>CONJUNTO I</u>	Fazenda cafeeira (particular)	Aumento de exportação, a implantação da ferrovia facilitando acesso à mão-de-obra especializada, política nacional de auxílio aos cafeicultores, etc.	Desenvolvimento de sistema de transporte e pré-separação de grãos do cafezal para os terreiros, tecnologia de transporte de grãos secos por vagonetas do terreiro até a tulha, conseqüente aumento na produção	Construção de Tulha maior, em alvenaria de tijolos, com sistema de ponte, onde as vagonetas despejam diretamente os grãos pré-separados nos grandes silos de madeira, internos à edificação.
<u>CONJUNTO II</u>	Estação Experimental (federal)	Política nacional de desenvolvimento da agro-pecuária, existência de indústrias direcionadas ao suporte da agricultura na cidade, etc.	Desenvolvimento de equipamento para separação dos grãos de café	Retirada de maquinário antigo e implantação de novas máquinas dentro da Tulha, sem modificações estruturais na edificação.
<u>CONJUNTO III</u>	Universidade (estadual)	Museu do café passa a gerir o conjunto histórico, Criação do selo de Empresa Amiga da Fazenda Lageado, etc.	Estudos acadêmicos sobre a evolução da Fazenda Lageado, Implantação do Projeto de Revitalização de Uso da Área Histórica, etc.	Retirada de anexos e divisórias executadas na Tulha, sem conceito, abertura da Tulha para visitação como museu, implantação de Centro de Ciência na Tulha.



Figura 29 – Esquema dos 3 conjuntos-recorte de análise.

É natural, neste caso, que tanto o vetor “processo produtivo” quanto o vetor “processo cultural” sejam visualizados como processos contínuos e “lineares”, se tomarmos como referência o recorte temporal analisado (iniciado enquanto fazenda cafeeira, até os dias atuais, como universidade). A formação destes vetores segue uma seqüência evolutiva natural durante três conjuntos-recorte em análise, podendo ser visualizados facilmente como vetores contínuos, obviamente únicos em sua especificidade, explicitado pelas próprias modificações de posse e uso por que passaram.

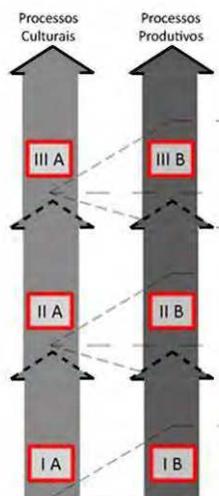


Figura 30 - exemplo de evolução natural dos vetores "processo cultural" e "processo produtivo"

Já a “arquitetura da produção”, no caso da Fazenda Lageado, não pode ser explicitada de forma tão simplista. Isto, pois, em diversos momentos, um mesmo conjunto de objetos físicos servirá de sustentáculo para usos e ocupações variadas, exatamente como foi edificado, ou mesmo utilizando-se de pequenas adequações, sem que, para isso, imponha modificações no entendimento do observador sobre o ambiente construído originalmente.

Paralelamente, não há como negar que o vetor “arquitetura da produção” continua co-evoluindo junto aos outros dois, formalizando-se fisicamente em novas edificações acrescidas ao conjunto original, visando atender às novas necessidades apresentadas pelos outros vetores.

Assim, como visto, o processo de evolução da “arquitetura de produção” da Fazenda Lageado seria um vetor contínuo, em co-evolução aos outros dois, ao mesmo tempo confinado espacialmente. Seguindo nesta linha de raciocínio, como estas três “arquiteturas da produção” materializam-se, fisicamente falando, em uma mesma paisagem, é possível uma sobreposição destes vetores, obtendo-se a seguinte conformação:

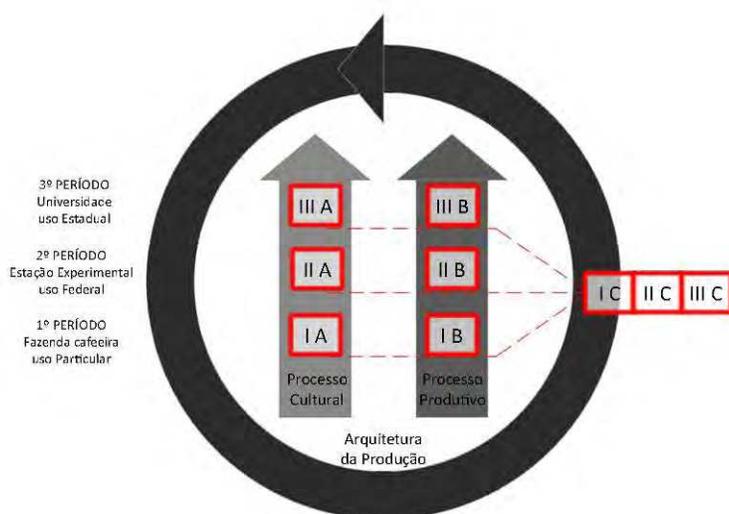


Figura 31 – Arquitetura da Produção esquematizada ciclicamente

Dentre diversos pontos comuns na arquitetura da produção, que poderiam ser apresentados nos três conjuntos-recorte de análise, a Tulha foi escolhida por facilitar a rápida assimilação do que se pretende mostrar a seguir.

Contudo, se este esquema representa de forma bastante satisfatória o conjunto dos processos e informações a serem visualizadas fisicamente para este estudo, não representa com fidelidade a contínua co-evolução histórica da arquitetura da produção junto à evolução dos seus processos culturais e produtivos. Mais interessante, seria, neste caso, sua representação tridimensional, em espiral ao redor dos outros dois vetores.

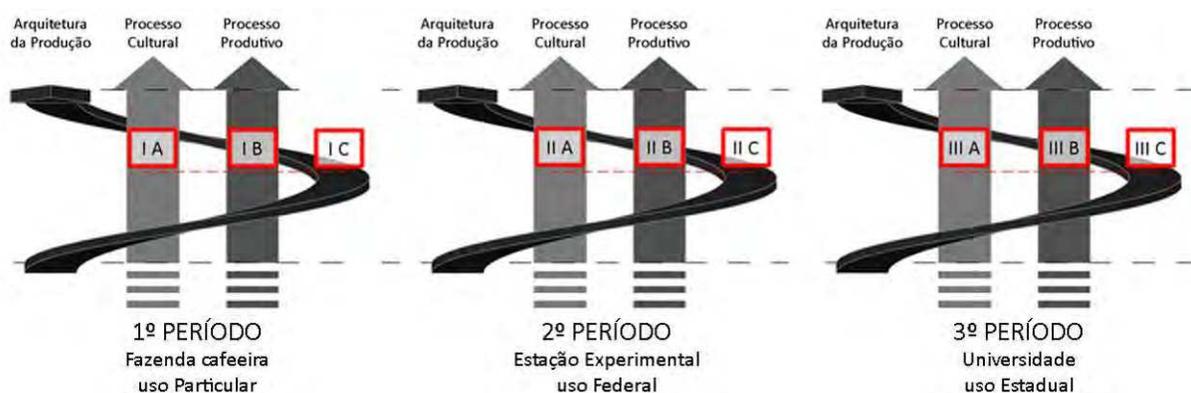


Figura 32 - Conjuntos-recorte analisados

Esquemáticamente, este recorte de análise físico-temporal de estudo é representado, então, a partir da soma dos seus três conjuntos-recorte, desenhando uma “espiral evolutiva” ao seu redor, representando a co-evolução do conjunto formado pelos processos culturais, produtivos e arquitetônicos da Fazenda Lageado.

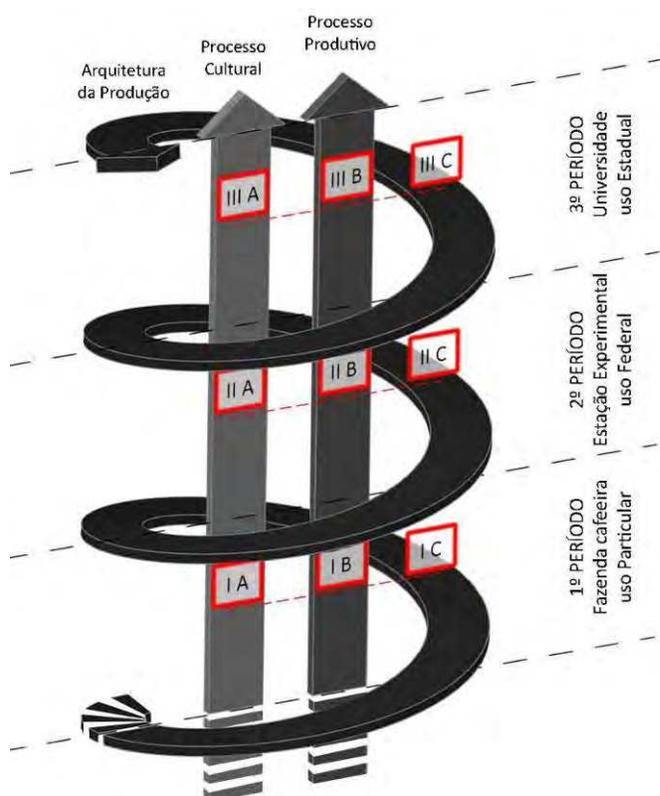


Figura 33 – “Espiral evolutiva” – Recorte de análise físico-temporal do objeto de estudo

Assim sendo, cada fração da evolução histórica-cultural-arquitetônica da Fazenda Lageado atribui um potencial histórico e material inerente a cada um de seus ambientes construídos,

constituindo um conjunto único. Portanto, mesmo podendo cada elemento ser analisado separadamente, todos devem estar contextualizados neste conjunto único de relações interdependentes.

Estas complexas relações inerentes ao processo de formação do conjunto cultural de interesse da Fazenda Lageado impõem uma grande dificuldade em se analisar ou mesmo visualizar de forma direta o conjunto de processos em curso, ou mesmo aqueles que um dia já influenciaram na formação da paisagem atualmente percebida pelo observador ou estudioso da Fazenda Lageado.

Assim, faz-se necessário um aprofundamento nas questões relativas à ambientação física da Fazenda Lageado, no que concerne à sua inserção e conseqüente influência na formação da paisagem local.

O grande fator complicador, neste caso, reside na complexidade das relações humanas com o binômio “patrimônio-paisagem”, o que restringiria de imediato o monopólio dos seus estudos por uma única área.

Porém, ainda que prevaleça, sobretudo, a visão do arquiteto restaurador-conservador neste estudo, a utilização de ferramentas de transdisciplinaridade, aliada ao enfoque sistêmico e à visão de processos, visa auxiliar na sua percolação em áreas afins ao próprio objeto de estudo, como história, engenharia, geografia, agronomia, sociologia, etc.

Obviamente dentro das limitações teórico-práticas deste autor, espera-se que a visão apresentada amplie o alcance deste estudo, permitindo a incorporação de novas visões que caminhem coletivamente nos sentidos de preservação da vida deste incomparável patrimônio, não apenas evitando a destruição de sua paisagem cultural, mas auxiliando em sua construção contínua.

V- TEORIA E PRÁTICA

Arquitetura Rural e Espaço Não-Urbano

Pela própria relação do café com a sociedade brasileira, inúmeros e respeitáveis estudos já foram realizados sobre arquitetura em fazendas cafeeiras e sua influência em diversos aspectos da arquitetura urbana. Conseqüentemente, as diferentes visões e abordagens sobre o tema impuseram a esta matéria uma riqueza impressionante.

Entre os maiores estudiosos nacionais de história da arquitetura, Luis Saia, Julio Katinsky e Carlos Lemos desenvolveram diversos trabalhos sobre a arquitetura rural. É também comum a eles um direcionamento do foco principal sobre a habitação, paralelamente aos primeiros ensaios sobre a análise desta matéria enquanto conjunto das construções realizadas no ambiente rural, analisando com rigor e maestria não apenas a evolução das construções, mas sua inserção na paisagem e as relações com a vida nela inserida.

No caso da Fazenda Lageado, devido à sua singela evolução de usos e os efeitos da influência disto sobre sua ocupação territorial, as questões a serem analisadas extrapolam tanto o “ambiente rural” quanto o “ambiente urbano”. Se é trivial se pensar na “ruralidade” de uma fazenda cafeeira ou na “urbanidade” de uma universidade, o objeto de estudo aqui apresentado caminha no limbo entre ambas.

A Lageado é hoje uma fazenda com características nitidamente urbanas, explicitadas por seu uso universitário, projeto urbanístico e tipologia das novas construções para suporte destas atividades, além de sua localização territorial, em continuidade à área urbana de Botucatu, conforme apresentado em Michelin (2004), na Figura 34.

Ao mesmo tempo, não se pode negar que a Fazenda Lageado é, como diz seu próprio nome, uma fazenda e mantém diversas características rurais predominantes, como áreas de plantio e produção agrícola, circulação constante de equipamentos rurais, como tratores, colheitadeiras, etc. Em diversos pontos, a Fazenda Lageado apresenta também ao observador uma paisagem

bucólica, uma percepção de “infinita” área verde. É um ambiente rural de fato, ainda que voltado para as áreas de ensino, pesquisa e extensão.

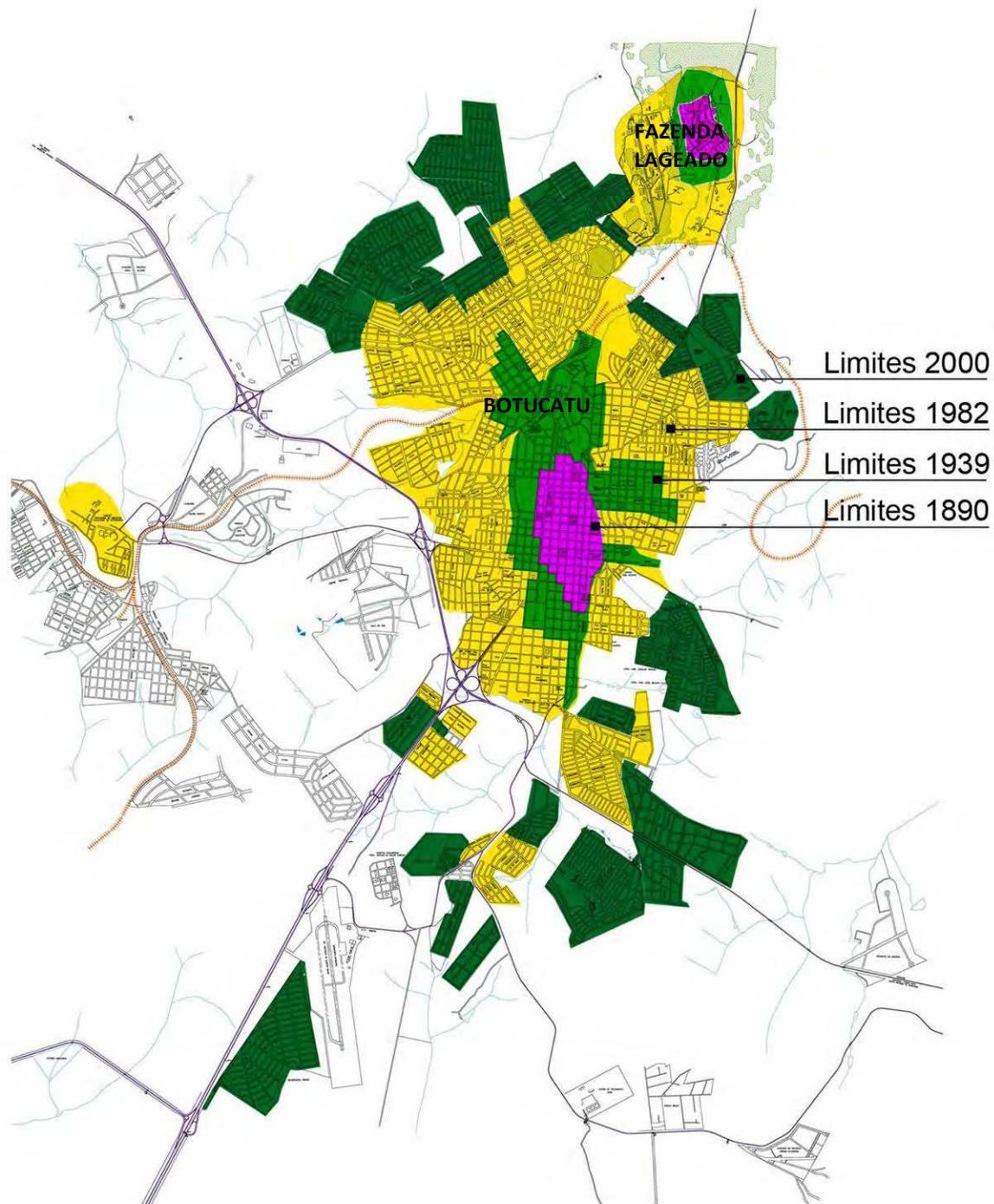


Figura 34 - Croquis de análise da evolução da malha urbana. Fonte: Michelin (2004)

Este cenário sem características totalmente definidas, urbanas ou rurais, é visualizado por Argollo Ferrão (2007)³⁸ como um “espaço não-urbano” (ou “espaço nu”). Argollo apresenta, desta forma, um entendimento distinto do senso comum, da zona rural como território ainda não urbanizado, área para o crescimento das cidades, espaços abertos somente à ocupação.

Ao contrário. O “espaço nu” abrangeria todas as outras possibilidades de ocupação do território que extrapolariam a configuração urbana tradicional, como as Áreas de Proteção Ambiental, parques (agrários, fluviais, patrimoniais, etc.), florestas nacionais, etc., estando incluído também neste conjunto o ambiente rural tradicionalmente caracterizado, com suas diversas nuances, que incluiriam do pequeno produtor de uma agricultura de subsistência ao grande proprietário de produção monocultora.

Este espaço de transição entre rural e urbano, “periurbano” para quem olha sentido urbano-rural e “rurbano” ou “rururbano”, para quem olha desde o ambiente rural, apresenta normalmente uma alta complexidade em seu estudo, visto que não há uma linha demarcatória que explicita os limites de início ou fim dos ambientes rural e urbano.

Sobre estes limites e relações, a Fazenda Lageado apresenta pontos realmente interessantes. É fato que seu conjunto edificado foi originalmente desenhado para atender uma produção cafeeira em larga escala. Há mais de 70 anos, no entanto, seja no período de uso como Estação Experimental Federal ou atualmente como universidade, esta “arquitetura da produção” original vem sendo constantemente utilizada como sustentáculo da coexistência de usos urbanos e rurais, sem que haja necessidade de qualquer grande alteração, de qualquer intervenção que comprometa a visualização e entendimento de seu conjunto original.

Mas, que arquitetura é essa? Intuitivamente, é fácil se relacionar a arquitetura da casa sede de uma fazenda agrícola a uma arquitetura rural. Porém, o que se entende por “arquitetura rural” pode não seguir exatamente este caminho...

38 ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. **Arquitetura rural e espaço não-urbano**. Revista Labor & Engenho: Patrimônio Cultural – Engenharia e Arquitetura. Campinas: CMU-Publicações-GEPCEA-UNICAMP. Arte Escrita Editora, nº1. 2007(pp.89 a 110).

Em “Acervo arquitetônico do Vale do Tietê”, Katinsky (1999), ao analisar inúmeras sedes de fazendas construídas ou alteradas pela cultura do café, conclui que “na parte da frente, com ou sem varanda, situa-se, invariavelmente a escada de acesso, pois a casa localiza-se sempre em desnível do terreno, com a frente no andar superior, a cavaleiro da área, dominando visualmente a paisagem”³⁹. Interessante observar que segue relacionando a situação da casa sede da fazenda à paisagem:

“é inegável também, uma nova visão da paisagem embutida nesse novo ‘partido’, como dizem os arquitetos. Nele está implícito o reconhecimento da predominância do entorno em relação à construção. É como se houvesse uma total inversão da ótica; as casas bandeiristas, na feliz observação do botânico Saint Hilaire introduziram uma nota pitoresca na paisagem, tornando-as, casa e entorno, graciosas para merecerem a atenção do grande cientista. Nas fazendas de café, ao contrário, a descrição da paisagem se faz a partir da varanda de entrada ou das salas fronteiras.”⁴⁰

Da mesma forma, em meados do século XX, Luis Saia analisa uma dúzia de fazendas⁴¹ no intuito de entender o desenvolvimento da arquitetura rural paulista. Entre incontáveis passagens interessantes, quando compara edificações dos fazendeiros de Piratininga (edificações seiscentistas) com alguns exemplares do litoral e outra fazenda do século XIX, evidencia:

“Já na localização encontramos um elemento diferenciador. Enquanto os fazendeiros seiscentistas de Piratininga preferem para residência locais situados a meia altura da paisagem, e em pontos internos de uma região já livre do perigo de ataque dos índios, os pontos escolhidos pelos fazendeiros do litoral estão próximos do mar, que seria o caminho natural, tanto para o transporte de mercadorias, como para o de possíveis índios bravos. (...)”⁴²

E seguindo nesta comparação, explicita relações entre o processo produtivo e o desenvolvimento da arquitetura da produção:

39 KATINSKY, Julio. Acervo Arquitetônico do Vale do Tietê. São Paulo: Ed., 1999. p.04

40 KATINSKY, Julio. Op. Cit.

41 SAIA, Luis. Notas Sobre a Arquitetura Rural Paulista no Segundo Século **In: Morada Paulista**. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A. 3ªed. 1995. Coleção Debates.

42 SAIA, Luis. Op. Cit. p.104

“(...) Esta razão levou o arquiteto a preferir pontos topograficamente adequados à obtenção de água para mover o engenho, por meio de aqueduto. Este último acondicionamento foi resolvido dentro de um partido muito claro e bem escolhido, com conseqüências importantes para o lado propriamente familiar da residência. Percebe-se aí como os acidentes topográficos foram utilizados em benefício de uma distribuição criteriosa das diversas partes da construção, do ponto de vista do funcionamento.”⁴³

Sobre a arquitetura rural adotada na Fazenda Pau-d’Alho, considerada entre as mais importantes fazendas históricas nacionais, apesar de Saia apresentar o “aproveitamento dos acidentes de terreno para dispositivos arquitetônicos de funcionamento específico” enquanto solução arquitetônica comum às outras fazendas, já insere na equação o componente humano com mais intensidade, bem como ensaia a análise da relação entre produção e a arquitetura:

“... aqui também a residência se liga com a parte destinada ao trabalho, de um modo quase direto: residência–terreiro de café. As cocheiras, depósitos, casas dos escravos, etc. se dispõe de maneira que a condição topográfica prevaleça seguramente. Notem-se, a esse respeito, as relações residência–senzala e senzala–trabalho.”⁴⁴

Lemos dá grande importância à residência propriamente dita. Em seus livros já consagrados como “Cozinhas, etc.” ou “Casa Paulista”, esmiúça os aspectos da vida cotidiana dos moradores e mesmo dos visitantes. A relação entre a casa principal de moradia e a arquitetura da produção sempre é citada, constantemente como suporte de análise da primeira.

Sobre a casa bandeirista da roça, Lemos expõe uma relação importante: a sistemática recorrente de desenvolvimento da arquitetura relacionada à evolução do processo cultural local. Como exemplo disto, visualiza uma cultura indígena dando rumo à arquitetura de uma fazenda, citando as construções de suporte do processo produtivo como satélites da casa de morada.

“Essa fragmentação em esparsas edículas à volta da casa está mais para a sistemática indígena do que para a tradição européia, ou melhor, ibérica. No sul da Península,

43 Ibid.

44 SAIA, Luis. Op. Cit. p.105

especialmente no Algarve, a tendência sempre foi aglutinar sob um mesmo telhado todas as atividades do complexo rural. Se o ‘monte’ alentejano foi reproduzido no Brasil, foi-o no nordeste ou no litoral, nunca em São Paulo”.⁴⁵

Martins (1978), em *‘O Partido arquitetônico rural de Porto Feliz, Tietê e Laranjal Paulista no século XIX: um estudo comparativo’*, tese orientada pelo próprio Katinsky, cita: “a casa é o elemento central, é a marca concreta da ocupação da terra pelo homem; assim, além dos aspectos tecnomorfológicos das moradas, reveste-se de importância seu relacionamento com o ambiente no qual se encontram integradas”⁴⁶. Apesar da descrição focada na unidade habitacional, mais uma vez verificamos a questão da paisagem inserida, e inseparável, no entendimento da formação da arquitetura rural global das fazendas de café.

No caso da Fazenda Lageado, a residência principal⁴⁷ não está implantada a cavaleiro do conjunto de beneficiamento do café, com vista para as plantações e terreiros, como era bastante comum no período escravista. Estabelecida no período de transição para a mão-de-obra imigrante, ela encontra-se no final do último dos seus três terreiros, com visão direta e privilegiada para a tulha, edificação onde o café já beneficiado era armazenado e posteriormente empacotado, do lugar em que saía já pronto para ser negociado. Ainda mais, a varanda da Casa de Morada tinha vista privilegiada para a porta de saída principal da tulha e para o conjunto de paióis de armazenamento.

O café seguia, então, seu caminho, alcançando o mercado carregado pelo trem, através de um braço particular da Estrada de Ferro Sorocabana, construído dentro da Lageado.

O quão rural, de fato, pode ser considerada uma fazenda como esta, com fortes elementos de industrialização debruçados sobre sua evolução? Neste ponto, o termo agro-industrial parece ser o mais adequado.

45 LEMOS, Carlos A. C. **Casa paulista**: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café. São Paulo: EDUSP, 1999

46 MARTINS, Neide. **O Partido arquitetônico rural de Porto Feliz, Tietê e Laranjal Paulista no século XIX: um estudo comparativo**. São Paulo: Edusp. Tese de Doutorado. 1978. p.9

47 Comumente conhecida como Casa Grande, alguns autores utilizam também o termo ‘Casa de Morada’, para designar as casas-sede das fazendas cafeeiras menos luxuosas, e que, normalmente, não eram a residência oficial do Cafeicultor, mas de seu administrador (fato bastante comum a partir do final do século XIX e início do XX, onde o mesmo cafeicultor possuía inúmeras fazendas).(nota do autor)

Assim sendo, a falta de uma definição clara do que pode ser entendido como “arquitetura rural” incita a um exercício de pesquisa em outras culturas. Sendo o objeto de estudo uma fazenda cafeeira, um exemplo interessante para análise relacional pode ser Cuba, pela direta influência francesa nas questões referentes à sua arquitetura do café, diferente do ocorrido no Brasil.

Para uma breve contextualização, segundo Ramirez e Paredes⁴⁸, o café foi introduzido em Cuba como cultivo em 1748, em conseqüência do inusitado auge do produto nas Antilhas nos primeiros decênios do séc. XVIII. Sem ser considerado ainda fonte de riqueza, provavelmente com fins medicinais, somente a partir migração maciça de franceses vindos de Santo Domingo, que dominava até então cerca de 60% do comércio cafeeiro no hemisfério ocidental, que a ilha assume o posto de grande produtor, na transição dos séculos XVIII e XIX.

Mas o que de fato atrai mais atenção enquanto base para um estudo comparativo são as distintas tipologias arquitetônicas desenvolvidas para os processos produtivos relacionados ao café. Aqui, diversos fatores contribuem com a especificidade de cada conjunto construído nas fazendas e com o processo de formação de sua paisagem, desde a região geográfica onde se implanta, com seus relevos distintos, altimetria diversa, variação de distância aos centros consumidores e, principalmente, a disponibilidade de água. Instituiu-se, com isso, métodos distintos para o beneficiamento dos grãos de café e conseqüente arquitetura da produção a eles relacionada. Mesmo a microlocalização topográfica, foi um fator influente na solução arquitetônica e metodologia construtiva dentro de uma mesma região geográfica.

Entre os elementos de maior influência no desenho da arquitetura rural do café em Cuba, a diferença geográfica definiu dois métodos de beneficiamento dos grãos. O seco, na zona ocidental da Ilha, área de poucos desníveis, vales amplos dificultando represamento e conseqüente encaminhamento de água por gravidade para os processos de beneficiamento. E o úmido, no interior das serranias orientais, com maiores elevações e diferenças de níveis, facilidade de represamento, e manutenção da quantidade de água durante os períodos de seca, mais semelhante ao padrão utilizado no Brasil.

48 RAMÍREZ, Jorge Freddy; PAREDES, Fernando Antonio. **Los Cafetales da La Sierra Del Rosário (1790 – 1850)**. Havana, Cuba: Ediciones UNIÓN. 2004. Prefácio de Eusébio Leal Spengler. Impresso por Editorial Nomos S.A. na Colômbia.

A utilização ou não da água refletia-se também no período da colheita do café. Onde se utilizava o método úmido, a colheita era realizada muito próxima ao final do período de chuvas, com os rios e represas mais cheios. Para o método seco, a colheita se realizava mais tardiamente, em plena seca. Desta forma, para se atingir um mesmo resultado, utilizando-se uma mesma planta, um mesmo grão, a arquitetura dos cafezais e a conseqüente conformação da paisagem resultante refletiam especificidades de acordo com o período do ano e as diferentes regiões em que eram implantados.

Apesar das diferenças que possam surgir em algumas partes do processo ou mesmo das construções referentes aos distintos métodos, Ramirez e Paredes (2004) verificam uma arquitetura agroindustrial comum desenvolvida em Cuba. A inexistência de uma tipologia única ou um comportamento uniforme na organização das construções não impediu que a concepção da unidade produtora cafeiteira desenvolvesse uma arquitetura rural típica, distinta da até então existente na ilha.

Segundo os autores, o 'cafetal' francês estava integrado por três elementos fundamentais, em qualquer região do país:

- 1) *o 'batey' (o núcleo funcional básico, subdividido em zona produtiva e zona habitacional);*
- 2) *os campos de cultivo do café e o resto da terra da fazenda;*
- 3) *a rede de caminhos.*

Sobre elementos fundamentais, no Brasil, Saia (1945) levanta os programas das sedes de fazenda seiscentistas da seguinte forma:

- 1) *Trabalho do engenho movido por intermédio de roda d'água;*
- 2) *Trabalho de beneficiamento (forno, alambique, etc.) e depósitos;*
- 3) *Residência.*

Referente ao entendimento de um conjunto apresentado por sua arquitetura rural, ou mesmo agroindustrial, Argollo Ferrão (2004b) apresenta em número de quatro os níveis passíveis de análise:

- 1) *Nível regional (arquitetura da região);*
- 2) *Nível da propriedade (arquitetura das fazendas de café);*
- 3) *Nível do edifício e do maquinário (arquitetura do núcleo industrial);*
- 4) *Nível agro-ecológico (arquitetura do cafezal).*

Sobre a Fazenda Lageado, no projeto final do Curso de Conservação e Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos (CECRE/UFBA), em Michelin (2004) pode-se verificar um resultado semelhante à tipologia de análise proposta por Argollo Ferrão (2004b), embora desenvolvida de uma forma mais intuitiva, porém a rica essência do seu processo, em si, a credencia como foco de análise, neste caso.

O projeto proposto, e aceito, como objeto de trabalho individual para o curso foi o restauro de uma única edificação, a Tulha, considerada entre as mais importantes do conjunto histórico-cultural-arquitetônico da Fazenda Lageado. Uma escolha baseada no paradigma de utilização de um ato pontual, nesse caso um ato restaurativo, como agente irradiador de desenvolvimento para seus arredores, idéia amplamente utilizada e divulgada por importantes figuras do urbanismo, como Jaime Lerner, através de sua “acupuntura urbana”.

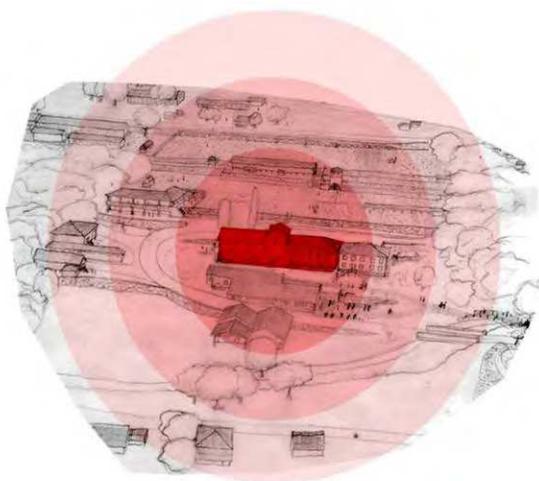


Figura 35 - Restauro da Tulha como ato irradiador de desenvolvimento. Fonte: Michelin (2004)

Em 2004, a escolha da Tulha como objeto de trabalho, apesar de bem intencionada e bastante embasada, mostrou-se um pouco frágil, talvez levemente ingênua, pois os primeiros questionamentos sobre o objeto daquele estudo estimularam análises entre a tulha e seu entorno imediato, que por sua vez instigaram a visualização de suas relações com todo o conjunto de edificações históricas, conseqüentemente deste conjunto com o campus universitário, induzindo-se a uma “visão serial reversa” (um gracejo à análise seqüencial proposta por Gordon Cullen...).

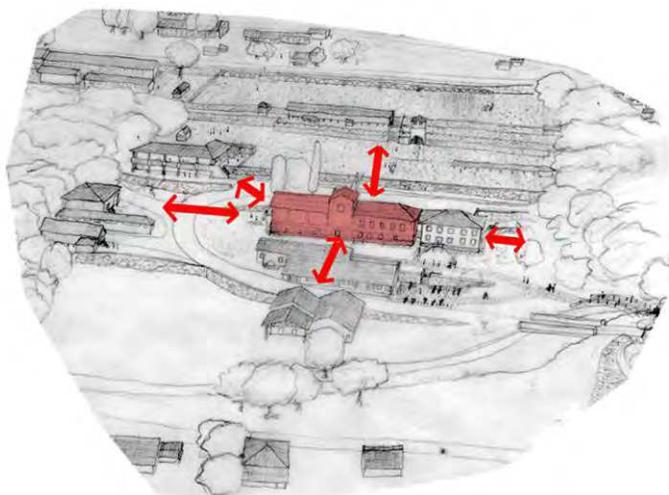


Figura 36 - Relações diretas entre a Tulha e seu entorno imediato. Fonte: Michelin (2004)

Porém, para desenvolvimento de projetos de conservação ou restauro de forma responsável e criteriosa, ainda que de objetos pontuais, faz-se necessário um estudo amplo envolvendo não apenas a história do monumento, mas todas as conexões que o ato restaurativo crie no local onde ele será concebido.

Neste sentido, a visualização da amplitude de transformações que uma intervenção deste porte geraria no desenvolvimento de Botucatu explicitou a necessidade de compreensão das interdependências entre os processos de evolução da própria cidade e da Fazenda Lageado.

Assim sendo, o escopo do trabalho ampliou-se substantivamente, concebendo-se três escalas de análise bem distintas, porém nitidamente inter-relacionadas:

- Cidade de Botucatu X Fazenda Lageado;
- Campus Fazenda Lageado X Área Histórica;
- Área Histórica;



Figura 37 – Escalas de análise da Fazenda Lageado e da malha urbana de Botucatu. Fonte: Michelin (2004)

Importante explicitar que estas diferentes escalas não foram propostas para a visualização de distintos processos, mas para representação dos mesmos processos em diferentes escalas físicas, em idênticos recortes temporais. Isto, para buscar uma visão mais ampla e integrada, capaz de possibilitar melhor visualização e conseqüente entendimento da arquitetura resultante das relações entre estes processos.

Embora um pouco distintas entre si, todas estas metodologias estimulam a compreensão da relação da produção com o lugar onde ela se dá, permitindo e instigando a visualização de processos que não tenham fatores ou produtos fisicamente palpáveis. Estes fatores, porém, são fundamentais e indelévels ao processo de materialização da arquitetura de produção, conformando o desenho da paisagem local.

Dentre as quatro apresentadas, a visão de Luis Saia apresenta-se de forma mais fechada, direcionada à análise do conjunto edificado. Já a proposta de Argollo Ferrão apresenta-se de forma mais abrangente, principalmente por separar de forma mais clara e organizada seus níveis de análise, capaz de abarcar as outras metodologias. O quadro a seguir permite uma melhor visualização das relações entre as metodologias.

Tabela 2 - Relação entre as metodologias de Argollo (2004), Michelin (2004), Saia (1945) e Ramirez & Paredes (2004)

ARGOLLO FERRÃO	MICHELIN	SAIA	RAMIREZ e PAREDES
Nível Regional;	Cidade de Botucatu X Fazenda Lageado	(não apresenta análise direta da questão)	(não apresenta análise direta da questão)
Nível da Propriedade;	Campus Fazenda Lageado X Área Histórica	- Trabalho de beneficiamento (forno, alambique, etc.) e depósitos;	- a rede de caminhos; - os campos de cultivo do café e o resto da terra da fazenda;
Nível do edifício e do maquinário;	Área Histórica	- Residência; - Trabalho do engenho movido por intermédio de roda d'água;	- o 'batey' (núcleo funcional básico, subdividido em zona produtiva e zona habitacional);
Nível agro-ecológico;	Campus Fazenda Lageado X Área Histórica (analisa em parte a questão)	(não apresenta análise direta da questão)	- os campos de cultivo do café e o resto da terra da fazenda;

Retomando a influência francesa na cultura cafeeira cubana, explicitada por Ramirez e Paredes (2004), mesmo com todas as particularidades e distintos elementos tipológicos da arquitetura desenvolvida nos “cafetales” em uma ou outra região da Ilha, é possível verificar alguns exemplos de componentes comuns entre a arquitetura rural dos “cafetales” cubanos, comparados com similares conhecidos da arquitetura rural do café brasileiro, na tabela 3.

Tabela 3 - Componentes comuns da arquitetura rural cubana, segundo Ramirez e Paredes (2004)

Nome original ⁴⁹	Provável componente da arquitetura rural brasileira ⁵⁰
Vinculados à atividade produtiva:	
'secaderos' o 'tendales'	terreiros
'tahona'	moinhos de pilar
'casas o habitaciones destinadas a la clasificación del grano'	tulha
'almacenes'	armazéns

49 RAMIREZ e PAREDES, 2004. Op. Cit. Pag. 67

50 Tradução proposta pelo autor

Nome original ⁵¹	Provável componente da arquitetura rural brasileira ⁵²
Vinculados à habitação:	
'Vivienda o casa señorial'	Casa Grande
'cocina'	Cozinha
'Vivienda de esclavos'	Senzala
'Capilla'	Capela

Outros elementos secundários edificados nas fazendas cafeeiras, mas não menos importantes, complementavam as funções necessárias ao seu bom funcionamento, como os fornos, estábulos, pomares, cocheiras, poços, cemitérios, entre outros. Além disso, nota-se grande referência ao elemento fundamental “rede de caminhos” de Ramirez e Paredes, como as rampas, escadas, caminhos, pontes, cercas e portões. Estes elementos, embora normalmente apresentados com menor valor arquitetônico referente ao conjunto principal da fazenda, tem importância fundamental na delimitação dos seus ambientes e conseqüente conformação da paisagem.

Na visão de Argollo Ferrão, estes itens por ele chamados “construções complementares” integrariam o nível da propriedade, sendo possível uma análise ainda mais ampla, relacionando esta propriedade a todo o conjunto de elementos existentes na região (nível regional), facilitando a visualização de outros processos exógenos que interferem na evolução única de cada fazenda em si.

As distinções entre os ‘cafetales’, explicitavam-se, entre outros, no processo de beneficiamento, onde no método seco os grãos de café eram espalhados nos terreiros logo após a colheita, ainda em cereja, atingindo o ponto ideal de secagem em cerca de vinte e sete dias. No método úmido, com utilização de água, era efetuada a retirada antecipada da polpa ou casca externa, passando por um despulpador, a partir de onde seguiam para um processo de fermentação em tanques por cerca de 24 horas, para somente depois serem espalhados nos terreiros para

51 RAMIREZ e PAREDES, 2004. Op. Cit. Pag. 67

52 Tradução proposta pelo autor

secagem, atingida em 7 dias. Esta diferença no início do processo, que caracterizava os métodos empregados, implicava na existência de construções específicas para o encaminhamento e beneficiamento inicial dos grãos, tais como: represas, depósitos de água, moinhos hidráulicos, tanques de fermentação, aquedutos.

Como exemplo de diferenciações dos processos de beneficiamento do café pela microlocalização topográfica, a Serra do Rosário apresenta três conjuntos distintos: os vales entremontanos, onde quase metade dos “cafetales” da região foi implantada seguindo os cursos de rios, aproveitando-se principalmente da marcada inclinação e fertilidade nas depressões, com vasto sistema de irrigação natural e facilidade de acesso. Parte dos cafeicultores implantou-se nas encostas, solucionando os desníveis com rampas e escadas. E o terceiro grupo, embora em pequeno número, apresentava soluções audaciosas para implantação nos cumes das montanhas, como o “cafetal Buenavista”, conforme retratado na Figura 38.⁵³

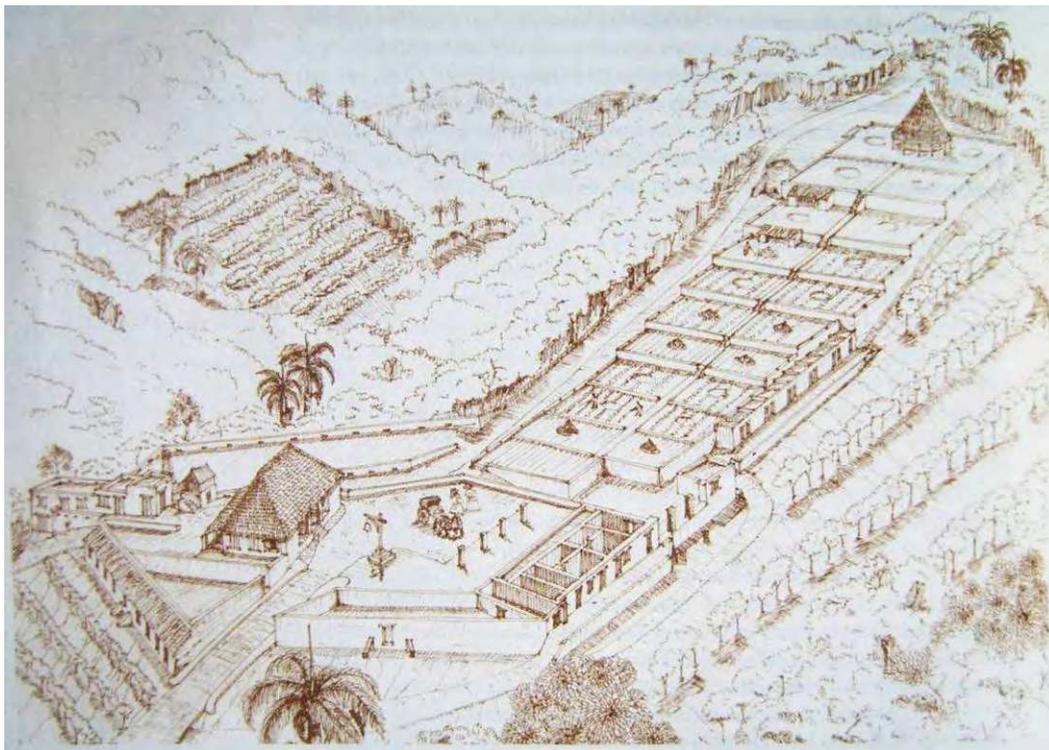


Figura 38 – “Cafetal Buenavista”. Desenho de Paredes (2003). Fonte: Ramirez e Paredes (2004).

53 RAMÍREZ e PAREDES, 2004. Op. Cit. cita como ‘cafetales’ mais representativos da Serra do Rosário: nos vales intramontanos – San Pedro, Santa Catalina, Independência, Santa Serafina e Ermita; nas encostas – La Mariana e Victoria; no topo das elevações – Buenavista.

Seguindo neste exercício de busca por pontos de vista distintos para melhor embasar o processo de construção de uma abordagem mais ampla e crítica sobre o termo "Arquitetura Rural", engloba-se, então, a visão do Dr Ismail Serageldin ⁵⁴, sobre arquitetura rural no Yêmem, paisagem originária do café que chegou a Cuba, segundo Ramirez e Paredes (2004).

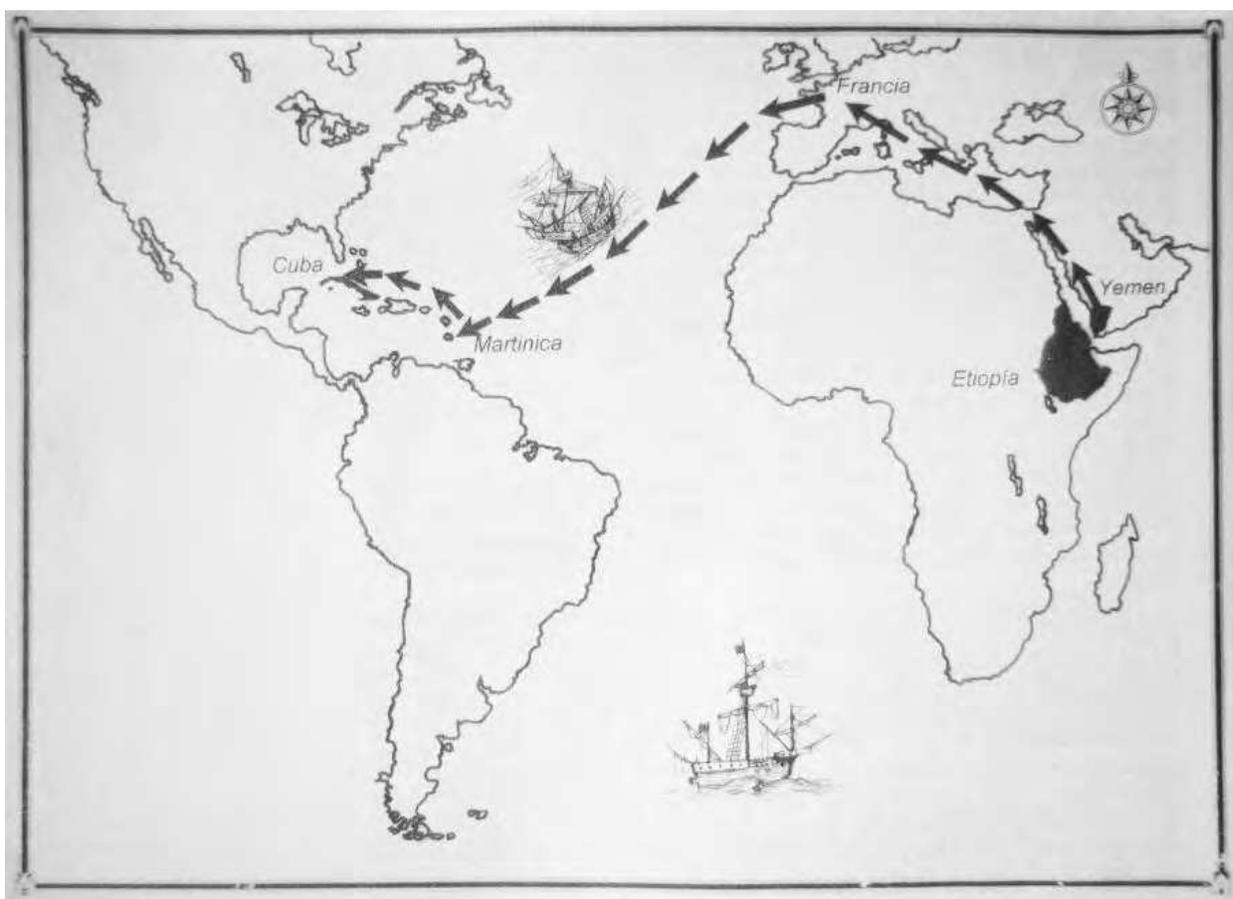


Figura 39 - Mapa do caminho do café até Cuba. Fonte: Ramirez e Paredes (2004)

Entre seu mais de 200 artigos sobre temas que variam de biotecnologia a desenvolvimento rural, passando por sustentabilidade e pelo valor da ciência para a sociedade, um exemplo interessante surge no estudo de caso "Arquitetura Rural na República Árabe do Yêmem: O

54 Egípcio, mestre e Ph.D pela universidade de Harvard, 22 títulos de doutor 'honoris causa', vice-presidente do Banco Mundial ente 1992 e 2000, atual diretor da Biblioteca de Alexandria. Disponível em: <www.serageldin.com>. Acesso em: em 21/01/2009 às 20h00.

*impacto do rápido crescimento econômico sobre as Expressões Tradicionais”*⁵⁵, realizado em 1982.

Este estudo fez parte do Seminário “O Habitat Rural em mudança”, o sexto de um conjunto de seminários cujo tema esteve embasado nas transformações da arquitetura contemporânea no mundo Islâmico. Segundo o autor, este tema foi escolhido como foco, parte pela importância das mudanças que vinham ocorrendo no ambiente rural, e parte pelas dificuldades encontradas pelos profissionais de projeto na solução dos problemas relativos a estas áreas, principalmente nos países em desenvolvimento.

A análise de Seralgedin se desenvolve a partir de uma primeira visita ao Yemen, no início da década de 1970. Cita, então, este país como uma das mais isoladas áreas do mundo até a década de '60. Importante ter na memória este recorte físico-temporal, principalmente a questão do isolamento da área, que será importante no entendimento da visão do autor sobre arquitetura rural.

Após esta primeira visita, em 1972, onde verificou detalhadamente as edificações em seu estado inicial, pode observar através de suas subseqüentes visitas as mudanças graduais introduzidas na tipologia das novas construções (e de intervenções nas antigas). Estas mudanças seriam exponenciadas através da quebra do isolamento acima citado, ocorrida tanto por migração interna para as cidades maiores quanto pela emigração para países vizinhos, principalmente pela população do norte do país, cuja área agriculturável era de pior qualidade, em direção à Arábia Saudita.

Para entender a coevolução entre as expressões arquitetônicas rurais e urbanas, Seralgedin pauta o escopo de sua análise em 5 aspectos básicos:

- Localização (em relação ao ambiente natural ou modificado pelo homem);
- Metodologia Construtiva (sistema construtivo, materiais e tecnologia aplicada);
- Aglomeração (como os edifícios relacionam-se entre si e o resultado do efeito coletivo);

⁵⁵ SERAGELDIN, Ismail. **Arquitetura Rural na República Árabe do Yêmen: O impacto do rápido crescimento econômico sobre as Expressões Tradicionais**. In: **The Changing Rural Habitat: Volume 1** Case studies. Yêmen: Ed. Aga Khan Award for Architecture, 1982;

- Estilo (caráter arquitetônico);
- Decoração (elementos decorativos que indicam estética individual ou comunal das edificações).

Se comparada às metodologias propostas para análises de arquitetura rural de Brasil e Cuba, vistas anteriormente, a de Serageldin aparenta um caráter mais urbano, principalmente ao citar o efeito coletivo nas questões de aglomeração, ou estética individual e comunal na decoração. Ao mesmo tempo, a locação pode se dar em meio natural, intuitivamente mais direcionado à uma arquitetura rural, ou modificado pelo homem, o que poderia ser entendido para ambas.

Porém, ao iniciar sua análise, o faz, e não por acaso, através das “vilas” yemenes, as vilas isoladas que conformariam uma “arquitetura rural” do Yêmen. Percorre, constantemente, a questão da tradição⁵⁶, as relações de origem dos povos com a evolução das metodologias e técnicas construtivas, os materiais tradicionais utilizados e a mão-de-obra local como fundamento dessa arquitetura.

Apesar de mostrar-se aparentemente distinta da visão apresentada até agora sobre o ambiente rural, pode ser vista como uma metodologia bastante similar, no sentido que também toma como base a co-evolução entre a cultura local e seus processos produtivos específicos. Com isso, novamente, pode-se verificar as especificidades locais e culturais determinando a arquitetura da produção ali desenvolvida, e direcionando, por consequência, a metodologia de análise sobre seu próprio ambiente.

Como exemplo, a arquitetura rural relativa ao café no Yêmen desenha uma paisagem bastante distinta das que haviam sido apresentadas até o momento, de forma a agregar um valor muito interessante na discussão.

⁵⁶ Durante a evolução do texto, Serageldin repete constantemente a palavra “tradicionalmente” ao iniciar as análises pontuais dos tópicos (agricultura tradicional, construção tradicional, etc.).

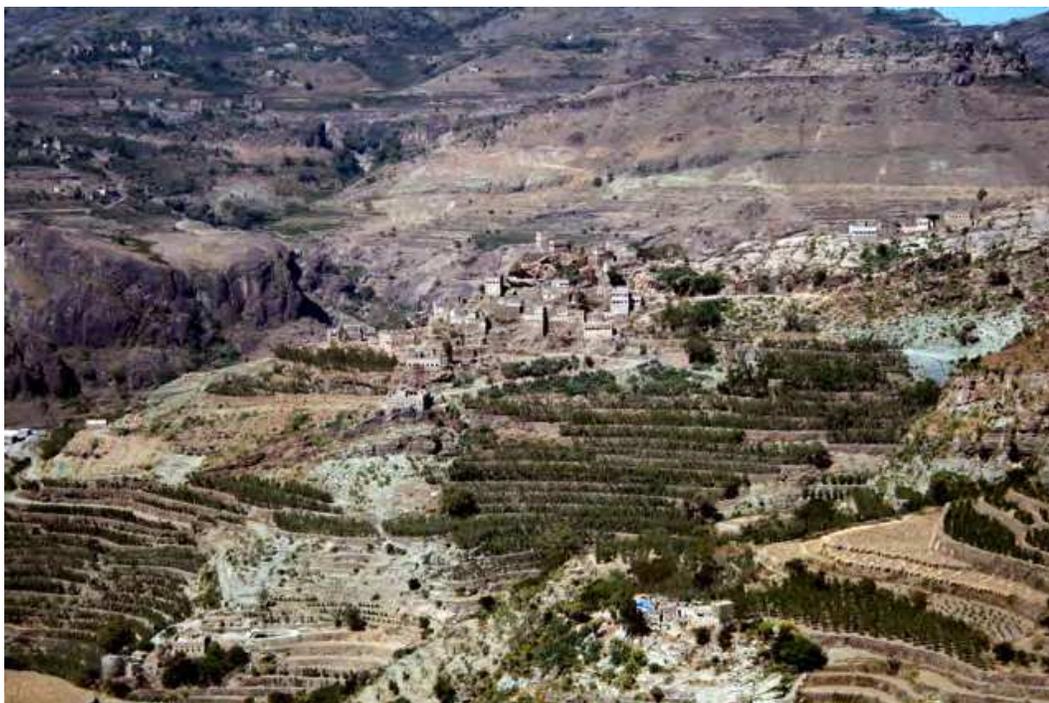


Figura 40 - Cafezal plantado em terraços. Ao fundo, conjunto de edificações mesclando-se à paisagem natural.
Fonte: www.sweetmarias.com



Figura 41 – Vista geral da Cidade de Drama. Fonte: www.sweetmarias.com



Figura 42 - Utilização da cobertura do edifício para secagem do café. Fonte: www.sweetmarias.com

Seguindo sua análise, ao focar a área urbana, Serageldin visualiza o processo de perda da identidade característica desta arquitetura local, impulsionado por pressões econômicas e por fatores como mudança na metodologia construtiva através da inserção de materiais não tradicionais (blocos de concreto), não apenas pela facilidade construtiva e menor tempo de construção, mas também pelo menor custo devido à diminuição de mão-de-obra qualificada local, principalmente nas grandes cidades.

Em suma, para Serageldin, a arquitetura destas vilas isoladas, portadoras de diferentes peculiaridades que influenciaram diretamente o desenvolvimento da arquitetura urbana existente no país, é a “arquitetura rural” do Yêmen. Sua arquitetura “original”, base de desenvolvimento da arquitetura local, rural ou urbana

Assim sendo, estes diversos e ricos processos de abordagem sobre o termo “arquitetura rural”, seja no Brasil, em Cuba, ou no Yêmen, representam, naturalmente, uma amplitude de possibilidades para sua conceituação.

A importância desta análise direciona-se, então, ao delineamento comum a todas estas visões, representado tanto pela relação entre os processos de evolução cultural de cada povo e a paisagem onde se inserem, como também pelas diversas e singelas maneiras como esta relação se materializa em cada uma destas paisagens específicas, e somente nelas, seja em sua forma física ou mesmo cultural.

Desta forma, pode-se verificar que não existe uma visão mais correta, mais verdadeira ou mais bonita que a outra. Apenas deve-se buscar a visão que melhor se adapte a cada caso.

E é exatamente esta especificidade que o leitor, o estudioso, ou mesmo o visitante da Fazenda Lageado consegue, e deve sempre, sentir e observar: um exemplar centenário da cultura cafeeira brasileira, portador de uma evolução histórico-administrativa singular, diretamente relacionada à evolução da região onde está implantada.

Isto é explicitado, também, tanto no reconhecimento da Fazenda Lageado como grande patrimônio público pela população local e regional, quanto pela manutenção de grande parte de seu rico acervo material durante todos estes anos, sem que sobre ele pese uma única proteção legal.

Neste sentido, qualquer estudo acadêmico ou qualquer intervenção nesta área, necessariamente deveria observar com muita atenção a relação entre o seu patrimônio cultural edificado e o ambiente onde ele está inserido, uma paisagem que vem sendo desenhada a milhares de mãos, de forma única, há mais de 125 anos.

O binômio “Patrimônio – Paisagem”

Do patrimônio à paisagem

Patrimônio⁵⁷ [Do lat. *patrimoniu.*] S.m.

1. Herança paterna
2. Bens de família
3. Dote dos ordinandos
4. Bem, ou conjunto de bens culturais ou naturais, de valor reconhecido para determinada localidade, região, país, ou para a humanidade, e que, ao se tornar(em) protegido(s), como, por exemplo, pelo tombamento, deve(m) ser preservado(s) para o usufruto de todos os cidadãos.
5. Fig. Riqueza

Monumento [Do lat. *monumentu.*] S.m.

1. Obra ou construção que se destina a transmitir à posteridade a memória de fato ou de pessoa notável.
2. Edifício majestoso
3. Sepulcro suntuoso; mausoléu
4. Qualquer obra notável
5. Memória, recordação, lembrança.

Estas estreitas e indelévels relações entre um objeto reconhecido pela população como parte indissociável de sua história, e o contexto físico e cultural onde ele se insere são elementos primitivos na composição do binômio Patrimônio-Paisagem.

A conformação desta unicidade intrínseca a este binômio, muitas vezes, não é de fácil visualização direta, visto que trata de uma relação de elementos não apenas em sua forma física, mas também enquanto relações da evolução cultural, principalmente em sua vertente local.

Isto fica bastante claro ao se visualizar o processo de evolução do próprio conceito de patrimônio no Brasil, paralelamente à maneira como ele vem sendo tratado, especialmente a partir da segunda década do século XX, quando são publicados os primeiros artigos alertando sobre a ameaça de perda irreparável de monumentos da arte colonial, externando-se as discussões entre os intelectuais da época.

57 DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO Século XIX, versão 3.0, novembro 1999. Correspondente à versão integral do **Novo Dicionário Aurélio, século XXI** Aurélio Buarque de Holanda Ferreira publicado pela Editora Nova Fronteira.

Contemporânea ao movimento moderno no Brasil, e não por acaso, esta mudança drástica no cenário nacional apresenta a nítida aproximação cultural entre Brasil e Europa, onde grande parte destes intelectuais brasileiros havia estudado e mantinha contatos constantes. Paralelamente, a evolução tecnológica veio facilitar a comunicação e o deslocamento interno ao país, anteriormente inexistente, permitindo uma comunicação constante entre todos, seja através cartas trocadas, ou mesmo visitas.

E é exatamente neste período, onde o barroco (e somente ele) era considerado o “estilo nacional”, que surgem os primeiros mecanismos e ações, de fato, para a proteção legal e efetiva do patrimônio nacional. São criadas as Inspetorias Estaduais de Monumentos Históricos (Minas Gerais, em 1926; Bahia, em 1927; Pernambuco, em 1928) e também apresentados os primeiros projetos ao Congresso Nacional para criação de uma legislação específica.

Interessante verificar que o impedimento maior para estes projetos transformarem-se em leis deve-se menos à conceituação de patrimônio em si, que já vinha sendo maturado há algum tempo no país à sombra das discussões européias⁵⁸, mas principalmente pela questão do direito à propriedade do bem tombado, o que feria a constituição nacional vigente.

Necessário observar que as tratativas, normativas ou compromissos internacionais de defesa do patrimônio cultural mundial, realizadas normalmente em nome da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), seja através das “Cartas”, “Declarações”, entre outros instrumentos, apesar de não terem valor legal no que concerne à defesa do patrimônio cultural nacional brasileiro, são de suma importância nesta discussão, visto que, sendo o Brasil um signatário, a partir delas é que se direcionam a criação de novas leis, ou mesmo as atualizações nas legislações que se fazem necessárias.⁵⁹

58 Sobre a evolução dos conceitos de preservação e restauro, ver o capítulo: Notas sobre a Evolução do Conceito de Restauração em KÜHL, Beatriz Mugayar. **Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo: Reflexões sobre sua Preservação**. São Paulo: Ateliê Editorial: Fapesp: Secretaria da Cultura, 1998.

59 A totalidade destas “Cartas Patrimoniais” está disponível, na íntegra, no website do IPHAN www.iphan.org.br. Existe, também, uma compilação impressa que apresenta desde a Carta de Atenas de 1931, até a Convenção de Salvaguarda do Patrimoniocultural imaterial, Paris 2003, em: INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, **Cartas Patrimoniais**. 3ªed. rev. aum. – Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. 408p.

Neste sentido, em 1931, é firmada a Carta de Atenas, na Sociedade das Nações, no Escritório Internacional dos museus. Também conhecida como Carta de Restauro de Atenas, explicita as discussões internacionais sobre os princípios gerais e doutrinas concernentes à proteção dos monumentos, apontando como necessidades primárias, conforme Beatriz Kühl (1998):

“(...) inventariar os monumentos históricos dos vários países e estender o conceito de respeito, manutenção e salvaguarda, não só aos monumentos, mas também à fisionomia da cidade, especialmente em torno a eles, assim como assegurar a preservação de certas perspectivas. Considerava-se, ainda, a utilização da edificação um fator primordial para sua manutenção e sobrevivência.”⁶⁰

No Brasil, a primeira vitória pela conservação do patrimônio nacional surge através do decreto nº22.928, de 12/09/1933, elevando a cidade de Ouro Preto à categoria de Monumento Nacional.

Na seqüência, a constituição de 1934, em seu artigo 10º, esboça a preocupação nacional com a defesa do patrimônio:

*“Compete concorrentemente à União e aos Estados:
(...)
III- proteger as belezas naturais e os monumentos de valor histórico ou artístico, podendo impedir a evasão de obras de arte.”*

A regulamentação disto, porém, só vem através do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, considerado o primeiro instrumento legal de defesa do patrimônio nacional, que em seu artigo 1º, explicita:

“Art. 1º Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existente no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.”⁶¹

É criado, oficialmente, o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que já vinha funcionando informalmente desde 1936, sob o comando de Rodrigo Melo Franco de

60 KÜHL, Beatriz Mugayar. Op. Cit. p198.

61 BRASIL. Decreto-Lei nº25. 30 de novembro de 1937

Andrade. Órgão criado e gerido, basicamente, pelos ‘modernistas’, a partir de anteprojeto desenvolvido por Mario de Andrade.

O grupo ganhava força e influência, principalmente junto ao mineiro Gustavo Capanema, Ministro de Cultura de Getulio Vargas, naquele momento o órgão responsável pelo patrimônio nacional.

Rodrigo Melo F. de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Afonso Arinos, Prudente de Moraes Neto, Manuel Bandeira, Luis Saia, Gilberto Freire, Sergio Buarque de Holanda, Joaquim Cardoso, foram alguns dos atores principais deste processo, com auxílio de estrangeiros, como Germain Bazin, Hannah Levy e Robert Smith.

Este panorama nacional, representado pelas décadas de 1920 e ‘30, pode também ser visto como agente de grande influência nas relações urbano-rurais. O “Complexo Ciência & Tecnologia”, explicitado anteriormente conforme Argollo Ferrão (2004a), ganha ainda mais força no estado de São Paulo, ampliando sua atuação, por exemplo, através da instalação das seções técnicas do café e algodão dentro do Instituto Agrônomo de Campinas (em 1923) e da criação do Instituto Biológico (1924), a partir dos trabalhos da Comissão de Estudo e Debelação da Praga do Café, problema que assolava os cafezais da região de Campinas.

Neste cenário, inicia-se a implantação de um conjunto de Estações Experimentais Federais, visando o desenvolvimento de produtos agrícolas. A Fazenda Lageado tem importante papel neste conjunto, sendo transformada na Estação Experimental Central do Café (E.E.C.C.), em 1934, com função de desenvolvimento de produtos agrícolas voltados ao café. Dentre os principais produtos: o “café amarelo de Botucatu”; uma planta de alta resistência às intempéries. Posteriormente, as pesquisas são ampliadas para outros grãos e produtos.

A “revitalização” da Fazenda Lageado, que entrara em declínio após a crise de 1929, e sua conseqüente relação com a evolução da própria cidade de Botucatu, podem ser verificadas neste período, pois no mesmo ano de 1934, é inaugurada uma nova Estação Ferroviária em Botucatu, e poucos anos depois, o posto da Fazenda Lageado.



Figura 43 - Estação ferroviária de Botucatu

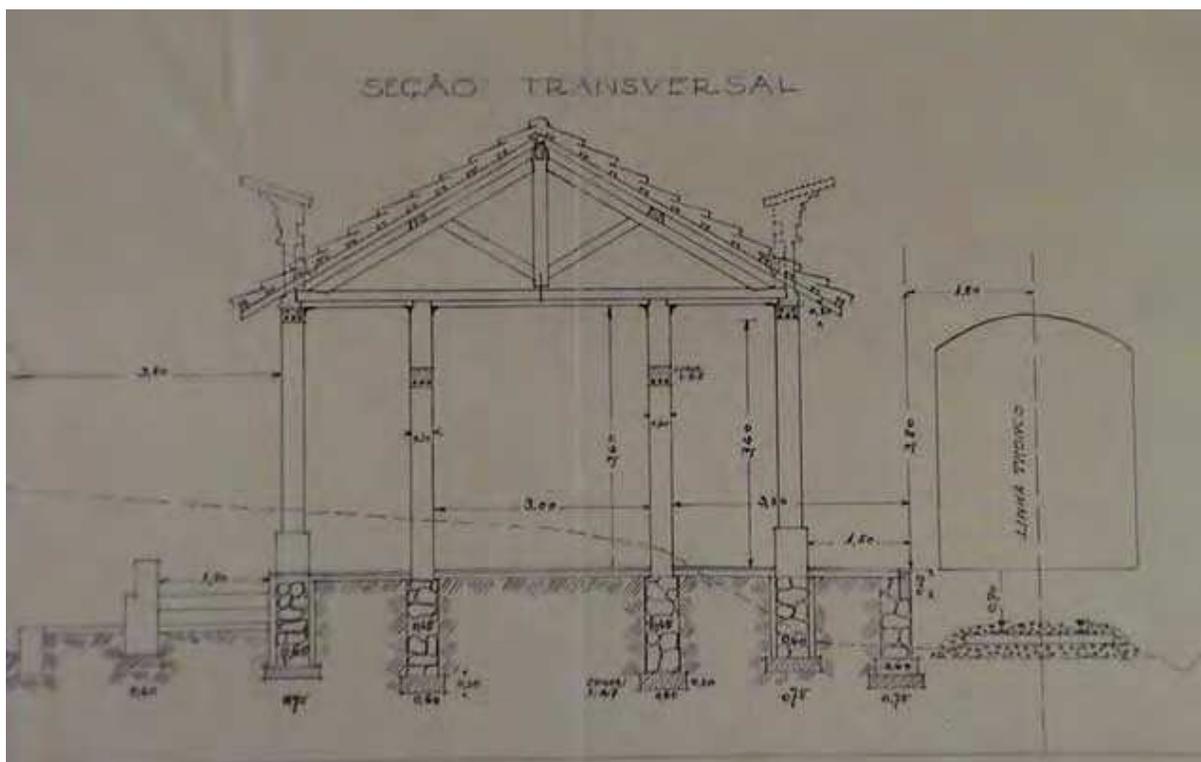


Figura 44 - Projeto do Posto Lageado

Como visto, a definição do que era o patrimônio nacional e as propostas de tratamento de seus monumentos estavam a cargo, basicamente, do grupo de intelectuais modernistas. Este

posicionamento impositivo, segundo Maria Cecília Fonseca (2005)⁶², está diretamente relacionado à instauração do Estado Novo, sendo o Estado “representante legítimo dos interesses da Nação, por sua vez entendido como ‘indivíduo coletivo’, e não mais como coleção de indivíduos, conforme a ideologia liberal.” Com isto, o Estado apresentava o “objetivo de criar uma cultura nacional homogênea, que propiciasse a identificação dos cidadãos com a Nação.”

Esta solução adotada pelos modernistas deveria preencher a lacuna existente na educação das gerações de brasileiros anterior a eles. Uma das maiores críticas pesava principalmente sobre a falta, até então, de uma visão nacional de conjunto, de uma cultura mais globalizada. Teoricamente, esses intelectuais seriam naturalmente os mais capacitados a proteger o patrimônio nacional, através do desenvolvimento de uma produção técnica mais objetiva e científica.

Este processo de evolução do olhar sobre o patrimônio, de fato, fez muito sentido no contexto nacional onde se inseriu.

A luta pela defesa do patrimônio segue forte, instaurando-se como crime, no Código Penal brasileiro, os casos de “Dano em coisa de valor artístico, arqueológico ou histórico”⁶³.

A partir de 1941, porém, o Decreto-Lei nº 3.866, de 29 de novembro de 1941, através de artigo único, instaura a possibilidade de cancelamento do Tombamento pelo Presidente da República. Diz o texto, assinado por Getúlio Vargas e Gustavo Capanema:

“Artigo único. O Presidente da República, atendendo a motivos de interesse público, poderá determinar, de ofício ou em grau de recurso, interposto por qualquer legítimo interessado, seja cancelado o tombamento de bens pertencentes à União, aos Estados, aos municípios ou a pessoas naturais ou jurídicas de direito privado, deito no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, de acordo com o Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.”

62 FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em Processo:** trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2ªed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – IPHAN, 2005

63 BRASIL, **Decreto Lei nº 2.848**, de 07 de dezembro de 1940. Título II, Capítulo IV, Art. 165 e 166.

Seguindo a análise, dentro do próprio decreto-lei nº25, em seu artigo 1º, seção 2ª, há o seguinte escrito:

“Art 1º

(...)

§2ª *Equiparam-se aos bens a que se refere o presente artigo e são também sujeitos ao tombamento os monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana.”*

Aqui, o duplo entendimento da paisagem, natural ou modificada pelo homem, ensaia uma primeira preocupação com o binômio patrimônio-paisagem. Para este caso, talvez este binômio fosse melhor expresso como “paisagem-patrimônio”.

Com o fim do Estado Novo, retoma-se o processo de democratização brasileira. Em 1946, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) transforma-se no Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), mantidas praticamente as mesmas qualificações e serviços.

O período entre o final dos anos '40 até meados dos '60 não apresenta nenhuma grande evolução no contexto da defesa do patrimônio nacional, com exceção talvez ao Decreto nº 44.851, de 11 de novembro de 1958 e do Decreto Legislativo nº32 de 1956, onde, respectivamente, Juscelino Kubitschek promulga e o senado brasileiro aprova a Convenção para a Proteção de Bens Culturais em caso de conflito armado, assinada em Haia, em 14 de abril de 1954; e à Lei nº 3.924, de 24 de julho de 1961, que dispôs sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos, baseada na “Recomendação de Nova Delhi”, de 5 de dezembro de 1956, que definia os princípios internacionais a serem aplicados em matéria de pesquisa arqueológicas, na 9ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO.

No contexto internacional, principalmente na Europa, é bastante nítido que o fim da Segunda Guerra Mundial trouxe consigo a necessidade de um novo debate sobre a questão do patrimônio cultural, em muitos casos, devastado pelos conflitos.

Este hiato “desenvolvimentista” abarca também a Fazenda Lageado nos anos '50 e '60. Dentro dos Relatórios da Estação Experimental, prevalecem apenas investimentos para a manutenção

do conjunto existente, serviços internos, poucos investimentos de maior monta, nenhuma grande descoberta. Um período marcado pela simples estabilidade.

Algo que mereceria um estudo mais aprofundado, certamente é a relação disto tudo com o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek, implantado na segunda metade da década de '50. Nitidamente, os "50 anos em 5" influenciaram fortemente a urbanização e industrialização nacionais, e suprimiram a evolução do meio rural. "Agricultura e educação", por conseguinte, seria seu slogan para concorrer à reeleição de 1965: "5 anos de agricultura para 50 anos de fartura".⁶⁴ Tivesse sido levado a cabo esta idéia, a Fazenda Lageado certamente teria um papel neste sentido. Mas a história não seguiria esse caminho...

A partir de 1964, com a ascensão do Governo Militar ao poder, inicia-se um processo de modificação gradativa do que deveria ser entendido como conjunto patrimonial brasileiro. A legislação nacional de patrimônio evolui no sentido de salvuardá-lo, sem grandes discussões conceituais evidentes.

Com base na 'Recomendação sobre medidas destinadas a proibir e impedir a exportação, a importação e a transferência de propriedades ilícitas de bens culturais', assinada na 13ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO, em Paris, a 19 de novembro de 1964, criou-se, no Brasil, a Lei nº 4.845, de 19 de novembro de 1965, que em seu caput:

"proíbe a saída, para o exterior, de obras de arte e ofícios produzidos no País, até o fim do período monárquico".

Em 1967, Rodrigo Melo Franco aposenta-se da direção do DPHAN, indicando para seu lugar Renato Soeiro, que, apesar de seguir a mesma linha do mentor, não goza da mesma influência.

Na seqüência, a Lei nº 5.471, de 9 de julho de 1968, que "*dispõe sobre a exportação de livros antigos e conjuntos bibliográficos brasileiros*", em seu artigo 1º, diz:

64 Sobre a evolução política de Juscelino, ver <www.memorialjk.com.br>

“Art 1º Fica proibida, sob qualquer forma, a exportação de bibliotecas e acervos documentais constituídos de obras brasileiras ou sobre o Brasil, editadas nos séculos XVI a XIX.”

Estes seriam os primeiros passos efetivos no sentido de modificação do conjunto entendido como patrimônio nacional, ampliando o que antes era representado pelo barroco e pelo modernismo.

Durante a década de 1960, no contexto internacional, a evolução das discussões conceituais e preservacionistas sobre patrimônio caminha no sentido de um melhor entendimento, e conseqüente salvaguarda, de relações entre os ambientes naturais e os riscos que ações antrópicas vinham causando sobre eles.

Em 12 de dezembro de 1962 é assinada a Recomendação relativa à Salvaguarda da beleza e do caráter das paisagens e sítios, na 12ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO. Interessante se verificar as considerações iniciais à esta recomendação, pois nela estão contidas tanto as problemáticas comuns aos países membros, quanto uma conceituação inicial relacionando a necessidade de conservação da paisagem e a evolução cultural dos povos nela inseridos:

“Considerando que, em todas a épocas, o homem algumas vezes submeteu a beleza e o caráter das paisagens e sítios que fazem parte do quadro natural da sua vida e atentados que empobreceram o patrimônio cultural, estético e até mesmo vital de regiões inteiras, em todas as partes do mundo;

Considerando que, ao cultivar novas terras, desenvolver por vezes desordenadamente os centros urbanos, executar grandes obras e realizar vastos planejamentos físicos-territoriais e instalações de equipamento industrial e comercial, as civilizações modernas aceleraram esse fenômeno que, até o século passado, havia sido relativamente lento;

Considerando que esse fenômeno tem repercussão não apenas no valor estético das paisagens e dos sítios naturais ou criados pelo homem, mas também no interesse cultural e científico oferecido pela vida selvagem;

Considerando que, por sua beleza e caráter, a salvaguarda das paisagens e dos sítios definidos pela presente recomendação é necessária à vida do homem, para quem constituem um poderoso regenerador físico, moral e espiritual e por contribuírem amplamente para a vida artística e cultural dos povos, como o demonstram inúmeros exemplos universalmente conhecidos;

Considerando, ainda mais, que as paisagens e sítios constituem um fator importante da vida econômica e social de um grande número de países, assim como um elemento importante das condições de higiene de seus habitantes;”

Alguns itens desta recomendação são de especial interesse para o entendimento da interdependência e conseqüente co-evolução, do binômio “patrimônio e paisagem”;

I. Definição:

1. *Para os efeitos da presente recomendação, entende-se por salvaguarda da beleza e do caráter das paisagens e sítios a preservação e, quando possível, restituição do aspecto das paisagens e sítios, naturais, rurais e urbanos, devido à natureza ou à obra do homem, que apresentem um interesse cultural ou estético, ou que constituam meios naturais característicos.*

(...)

II. Princípios Gerais

(...)

5. *A salvaguarda não deveria limitar-se às paisagens e aos sítios naturais, mas estender-se também às paisagens e sítios cuja formação se deve, no todo ou em parte, à obra do homem. (...) Uma proteção especial deveria ser assegurada às proximidades dos monumentos.*

Com relação às medidas de Salvaguarda, a Recomendação cita a inserção de restrições nos planos de urbanização e no planejamento em todos os níveis: regional, urbano ou rural; proteção legal, por ‘zonas’, das paisagens extensas; proteção de sítios isolados; criação de parques e reservas nacionais; entre outros pontos.

Importante também verificar que existe todo um conjunto de itens, do 37 ao 42, voltados à educação da comunidade, no sentido de conhecimento das paisagens e sítios e das suas normas de salvaguarda.

A evolução do conceito de intervenção no patrimônio edificado, discutido com maior vigor no segundo pós-guerra, direciona o surgimento da “Carta de Veneza”, em maio de 1964, uma Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios, dentro do II Congresso de arquitetos e técnicos dos monumentos históricos. Dois pontos apresentam um maior interesse no desenvolvimento deste trabalho: a definição de monumento histórico, no artigo 1º, e a questão da sua ambiência, nos artigos 6º e 7º:

“Art. 1º A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho a uma civilização particular, de

uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural.

(...)

Art. 6° *A conservação de um monumento implica na preservação de uma ambiência em sua escala. Enquanto a ambiência subsistir, será conservada, e toda construção nova, toda destruição e toda modificação que possam alterar as relações de volumes e de cores serão proibidas.*

Art. 7° *O monumento é inseparável da história de que é testemunho e do meio em que se situa. (...)*

A adequação da Carta de Veneza para a realidade americana comporia as “Normas de Quito”, de dezembro de 1967, um documento bastante interessante, onde aceita-se que os “bens do patrimônio cultural representam um valor econômico e são suscetíveis de constituir-se em instrumentos de progresso.” Esta normativa fala também na relação intrínseca entre o patrimônio edificado e a paisagem que o encerra, relaciona o patrimônio monumental ao momento americano, a valorização econômica do monumento, inclusive sobre a exploração turística dos mesmos.

Alguns pontos interessantes:

“II. Considerações Gerais

1. *A idéia do espaço é inseparável do conceito de monumento e, portanto, a tutela do Estado pode e deve estender-se ao contexto urbano, ao ambiente natural que o emoldura e aos bens culturais que encerra. Mas pode existir uma zona, recinto ou sítio de caráter monumental, sem que nenhum dos elementos que o constitui, isoladamente considerados, mereça essa designação.*
2. *Os lugares pitorescos e outras belezas naturais, objeto de defesa e proteção por parte do Estado, não são propriamente monumentos nacionais. A marca histórica ou artística do homem é essencial para imprimir a uma paisagem ou a um recinto determinado essa característica específica.*

(...)

III. O patrimônio monumental e o momento americano

1. *É uma realidade evidente que a América, e em especial a América Ibérica, constitui uma região extraordinariamente rica em recursos monumentais. Aos grandiosos testemunhos da cultura pré-colombiana se agregam as expressões*

monumentais, arquitetônicas e históricas do extenso período colonial, numa exuberante variedade de formas. Um acento próprio, produto do fenômeno da aculturação, contribui para imprimir aos estilos importados um sentido genuinamente americano de múltiplas manifestações locais que os caracteriza e distingue (...)”

Apesar destas problemáticas sobrevirem também no Brasil, pela acelerada e comumente desordenada urbanização, o golpe militar de '64, a instauração do Ato Institucional nº 05 (AI-05), em dezembro de 1968, e conseqüente restrição de direitos à população brasileira, com grande parte dos intelectuais exilada do país, naturalmente, o foco das discussões neste período não se dá, especificamente, sobre a preservação do patrimônio cultural.

A primeira ação efetiva no sentido de repensar o conceito de defesa do patrimônio histórico e artístico brasileiro surge no Compromisso de Brasília, em abril de 1970, onde se indicava um plano nacional prevendo, entre outras ações: a integração entre os níveis de governo, federal, estadual e municipal, para criação de órgãos estaduais de proteção (onde ainda não o houvessem) partilhando a responsabilidade da preservação, principalmente dos bens regionais. Incluía, também, a instituição de museus regionais; entrosamento das universidades com bibliotecas e arquivos públicos nacionais; formação de mão-de-obra especializada em restauração e conservação.

Esse compromisso é reforçado pelo Compromisso de Salvador, de 1971, que insere nele algumas recomendações complementares, caminhando no mesmo sentido do documento original.

É também em 1970, que o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN) passa a se chamar oficialmente Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como é atualmente.⁶⁵

Já o ano de 1972, no âmbito internacional, traz discussões mais efetivas no sentido conceitual, aproximando definitivamente patrimônio e paisagem.

65 Apenas como curiosidade, em 1979, o IPHAN é dividido entre Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e Fundação Nacional pró-Memória (FNpM), extinguidos, em 1986, para a criação do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC), que volta a se chamar IPHAN em 1994.

Em 06 de abril, através da circular nº117, o Governo da Itália, através do Ministério da Instrução Pública, divulga a “Carta do Restauo, 1972”, instruindo as ações voltadas às intervenções em obras de arte, compreendendo dos monumentos arquitetônicos às pinturas e esculturas.

Em junho, é assinada a ‘Declaração sobre o Ambiente Humano’, ou ‘Declaração de Estocolmo’, desenvolvida pela Organização das Nações Unidas para o meio Ambiente – UNEP. Este documento fala especificamente sobre as relações do homem com o meio ambiente, direciona a uma melhor utilização dos recursos naturais, fala de recursos renováveis, qualidade de vida, e assuntos afins.

Estes dois documentos preparam caminho para o primeiro documento internacional a explicitar diretamente as relações entre patrimônio cultural e natural: a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, a 16 de novembro de 1972, em Paris, na 17ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO.

Em seu artigo 1º considera “patrimônio cultural”:

- “- os monumentos: obras arquitetônicas, esculturas ou pinturas monumentais, objetos ou estruturas arqueológicas, inscrições, grutas e conjuntos de valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência,*
- os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas, que, por sua arquitetura, unidade ou integração à paisagem, têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência,*
- os sítios: obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza, bem como áreas, que incluem os sítios arqueológicos, de valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.”⁶⁶*

E em seu artigo 2º, considera “patrimônio natural”:

66 UNESCO. **Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural**. Ed. UNESCO. 1972. WHC.2004/WS/2 Original: English. p.2-3. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001333/133369POR.pdf>>. Acesso em: 14 de maio de 2009, 18h43

“- os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por conjuntos de formações de valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico;

- as formações geológicas e fisiográficas, e as zonas estritamente delimitadas que constituam habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas de valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico,

- os sítios naturais ou as áreas naturais estritamente delimitadas detentoras de valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, da conservação ou da beleza natural.”

67

O Congresso Nacional Brasileiro aprova sua redação através de decreto Legislativo nº 74, sendo promulgada pelo Presidente Ernesto Geisel através do Decreto nº 80.978, de 12 de dezembro de 1977.

A Recomendação de Nairóbi, relativa à salvaguarda dos conjuntos históricos e sua função na vida contemporânea, resultado da 19ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO, em 26 de novembro de 1976, considera os “conjuntos históricos ou tradicionais” como “presença viva do passado que lhes deu forma”. Para os efeitos da Recomendação, apresenta as seguintes definições:

“a) Considera-se ‘conjunto histórico ou tradicional’ todo grupamento de construções e de espaços, inclusive os sítios arqueológicos e paleontológicos, que constituam um assentamento humano, tanto no meio urbano quanto no rural e cuja coesão e valor são reconhecidos do ponto de vista arqueológico, arquitetônico, pré-histórico, histórico, estético ou sócio-cultural. (...)

b) Entende-se por ‘ambiência’ dos conjuntos históricos ou tradicionais, o quadro natural ou construído que influi na percepção estática ou dinâmica desses conjuntos, ou a eles se vincula de maneira imediata no espaço, ou por laços sociais, econômicos ou culturais.”

Em seus princípios gerais, passagens conceituais importantes:

2. *“(...) Sua salvaguarda e integração na vida coletiva de nossa época deveriam ser uma obrigação para os governos e para os cidadãos dos Estados em cujo território se encontram. (...)”*
3. *“Cada conjunto histórico ou tradicional e sua ambiência deveria ser considerado em sua globalidade, como um todo coerente, cujo equilíbrio e caráter específico dependem da síntese dos elementos que o compõem e que compreendem tanto as atividades humanas como as construções, a estrutura espacial e a zona circundante. (...)”*

A partir de uma leitura em conjunto destes dois últimos documentos, a Convenção de Paris 1972 e a Recomendação de Nairóbi 1976, a visão sobre a composição do patrimônio cultural funde, definitivamente, o objeto físico, seja natural ou criado pelo homem, e a cultura humana responsável por ele, seja através do desenvolvimento da técnica responsável por sua construção, pela vivência junto a ele, ou mesmo pela simples cultura do olhar sobre o objeto (seja um monumento ou uma paisagem natural).

A compreensão da importância em se analisar, de forma equilibrada, os elementos físicos e as “atividades humanas” relacionadas a eles, permite a leitura de evolução do patrimônio cultural enquanto processo contínuo. Isto é de fundamental importância para se entender a nova postura a ser adotada na defesa do patrimônio nacional.

A década de '70 possui três momentos marcantes neste processo, explicitados com grande riqueza de detalhes por Maria Cecília Fonseca⁶⁸. O primeiro seria a criação do Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas (PCH), em 1973, que veio suprir basicamente a falta de recursos financeiros e administrativos do IPHAN.

O segundo momento se daria em 1975, com a criação do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), um convênio entre diversos órgãos do governo, ministérios, secretarias, definido como o “traçado de um sistema referencial básico para a descrição da análise da dinâmica cultural brasileira”⁶⁹. O perfil dos agentes recrutados era completamente interdisciplinar, uma

68 FONSECA, Maria Cecília Londres. Op.cit. 2005 (p. 141 a 157)

69 Definição do objetivo do CNRC no Relatório Técnico nº 1, de 2/7/1975, in: FONSECA Maria Cecília Londres. Op.cit. p.144

amplitude inexistente até então no quadro do IPHAN, composto, em sua maioria, por arquitetos. Seu grande nome seria Aluísio Magalhães, que além de ser um dos seus idealizadores, dirigiu o CNRC deste seu início.

A nomeação de Aluísio Magalhães como diretor do IPHAN, em 1979, traz consigo a fusão destes três órgãos, IPHAN/PCH/CNRC. Segundo Fonseca (2005): “Reuniam-se assim, numa só instituição, os recursos e o know-how gerencial do PCH, o prestígio e a competência técnica do Iphan e a visão moderna e inovadora do CNRC.”

Entre os discursos e posicionamentos que se seguiram, aparecem questões de extrema importância para a consolidação do binômio patrimônio-paisagem: a relação entre as coisas “vivas” e as “mortas”, simbolizando as atividades humanas ou a vida social e econômica das comunidades e o patrimônio material onde elas se realizavam; a integração entre a cultura erudita e a cultura popular; entre outras.

Merecem atenção, neste sentido, as idéias de Aluísio Magalhães ao trabalhar conceitos como bens culturais, memória e continuidade, ao invés dos conceitos de arte e história sobre os quais se fundamentavam as ações do IPHAN até então. A articulação que propõe entre passado, presente e futuro, pode ser vista como um dos principais pilares que sustentaram a evolução dos conceitos de patrimônio e paisagem, levando ao pensamento complexo e a visão de processos, proposta por Argollo Ferrão e adotados para a análise da Fazenda Lageado neste estudo.

Duas passagens da obra de Magalhães⁷⁰ que harmonizam com o ponto de vista apresentado por Argollo Ferrão:

“Essa relação de tempo é curiosa porque é preciso entender o bem cultural num tempo multidimensional. A relação entre a anterioridade do passado, a vivência do momento e a

70 MAGALHÃES, Aloísio. **E Triunfo?** A questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira; Brasília: FNpM, 1985. Subcapítulo: Relações entre a cultura, o espaço e o tempo. p.73 a 77.

projeção que se deve introduzir é uma coisa só. É necessário transitar o tempo todo nessas três faixas, porque o bem cultural não se mede pelo tempo cronológico.”⁷¹

“O tempo cultural não é cronológico. Coisas do passado podem, de repente, tornar-se altamente significativas para o presente e estimulantes para o futuro.”⁷²

Neste momento, talvez seja mais interessante, para os fins deste estudo, desprender-se dos conceitos advindos do patrimônio cultural, enquanto base para se entender o binômio “patrimônio-paisagem”, e utilizar-se do segundo, analisando o sentido “paisagem-patrimônio”, para se chegar a um senso comum a ambos.

Da paisagem ao patrimônio

Paisagem⁷³ [Do fr. *paysage*.] S.f.

1. Espaço de terreno que se abrange num lance de vista.
2. Pintura, gravura, ou desenho que representa uma paisagem natural ou urbana.

Para Blanc-Pamard e Raison (1986), “se um geógrafo, um historiador, um arquitecto se debruçarem sobre a mesma paisagem, o resultado dos seus trabalhos e a maneira de os conduzir serão diferentes, segundo o ângulo de visão de cada um que as examinam”, ou ainda, “conforme o interesse de que é objecto ou a maneira como se encara, a própria noção de paisagem difere.”⁷⁴

Dentre todas estas disciplinas, a geografia aparenta uma maior maturidade nas discussões sobre o termo “paisagem”, talvez por utilizá-lo há mais tempo, como conceito de unidade para caracterização de um ambiente de estudo através de suas associações geográficas, ou seja, vistas a partir das relações entre as diversas partes que a conformam.

71 MAGALHÃES, Aloísio. Op. Cit. p75

72 Ibid.

73 Conforme DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO. op.cit.

74 BLANC-PAMARD, Chantal; RAISON, Jean-Pierre. Paisagem. p.138. In: ROMANO, Ruggiero. (Dir.). **Enciclopédia Einaudi, Vol. VIII – Região**. Porto: Inova-Artes Gráficas para Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986, cap. Paisagem. p. 138-160.

A conceituação do termo paisagem, porém, não seria utilizado de forma unânime na história do pensamento geográfico⁷⁵.

O curioso, neste caso, são os períodos onde ela teria maior importância para os estudos da geografia: conceituações inovadoras nas primeiras décadas do século XX; suplantada pelos conceitos de região, espaço, território e lugar; e retomada de discussões a partir da década de 1970.

Mesmos recortes vistos no processo de evolução conceitual apresentada sobre o patrimônio. Mesmo recorte de modificação dos usos da Fazenda Lageado. Apresenta-se, aqui, um vasto campo para as contribuições de historiadores, antropólogos, geógrafos, cientistas sociais...

Especificamente, para este estudo, o foco da discussão irá circundar a qualificação “cultural” da paisagem, em paralelo ao “patrimônio cultural”, discutido anteriormente.

Publicado em 1925, “A Morfologia da Paisagem”, de Carl Ortwin Sauer⁷⁶, contestaria a visão determinista da geografia norte-americana, antecipando, ao mesmo tempo, a conceituação de geografia cultural, que ele próprio em breve estabeleceria.

Carl Sauer apresenta as formas da paisagem e sua estrutura, dividindo-as em “paisagem natural” e “paisagem cultural”, sinônimo de uma paisagem “geográfica”, visto que o estudo da geografia baseia-se na união e relação dos elementos físicos e culturais da paisagem.

Por “paisagem natural”, Sauer entende a área anterior à introdução da atividade humana, podendo ser representada por um conjunto de fatos morfológicos. Talvez melhor explicitada na seguinte passagem:

*“Neste sentido a área física é o somatório de todos os recursos naturais que o homem tem à sua disposição na área. Está além da sua capacidade acrescentar qualquer coisa a esses recursos. Ele pode ‘desenvolvê-los’, ignorá-los em parte ou explorá-los.”*⁷⁷

75 CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny(Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 124p. Capítulo: Apresentando Leituras sobre Paisagem, Tempo e Cultura (p. 7 a 11).

76 SAUER, Carl Ortwin, A Morfologia da Paisagem. 1925, p. 12 a 74. **In:** CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny(Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 124p.

As formas que o homem introduziria na paisagem, mesmo que por manipulação da própria natureza, formariam outro conjunto. A “paisagem cultural” seria, então, o resultado da ação humana, ao longo do tempo, sobre a “paisagem natural”.

“Sob a influência de uma determinada cultura, ela própria mudando através do tempo, a paisagem apresenta um desenvolvimento, passando por fases e provavelmente atingindo no final o término do seu ciclo de desenvolvimento. Com a introdução de uma cultura diferente, isto é, estranha, estabelece-se um rejuvenescimento da paisagem cultural ou uma nova paisagem se sobrepõe sobre o que sobrou da antiga.”⁷⁸

Verificam-se, nesta passagem, dois pontos de extrema importância na relação entre patrimônio e paisagem: a importância dada à evolução da cultura que age sobre um determinado espaço; e mais importante, uma possível sobreposição de paisagens culturais, visualizada, neste caso, pelas intervenções físicas que cada cultura distinta exerce sobre a paisagem anterior, pré-existente.

Este novo rumo que Sauer estabelece para a geografia serviria como base para os estudos sobre paisagem que se seguiram na década de 1970, no Brasil.

Como exemplo o mais famoso paisagista brasileiro, Roberto Burle Marx, em “Recursos Paisagísticos no Brasil”, de 1975, realça que a paisagem não é só estática, pois todos os seus elementos constituintes são passíveis de transformações próprias e que um território é formado de um número infinito de paisagens parcialmente superpostas. Considera a paisagem cultural como formas que apresentam a influencia da cultura humana.

Para Ab’Saber (1977:2003), a paisagem é “uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades”. Seguindo, diz que “as paisagens

77 SAUER, Carl Ortwin, op. cit. p.30.

78 SAUER, Carl Ortwin, op. cit. p.59.

têm sempre o caráter de heranças de processos de atuação antiga, remodelados e modificados por processos de atuação recente”⁷⁹.

Sobre os diversos tipos de paisagens possíveis, para Santos (1982:2007), há um “traço comum” em seu entendimento: ser “a combinação de objetos naturais e objetos fabricados, isto é, objetos sociais, e ser o resultado da acumulação da atividade de muitas gerações.” A paisagem compreenderia, então, dois elementos:

*“Os objetos naturais, que não são obra do homem nem jamais foram tocados por ele; e Os objetos sociais, testemunhas do trabalho humano no passado, como no presente.”*⁸⁰

Independente das terminologias utilizadas, é comum a todos a visão de que os fenômenos naturais e humanos que compõe uma área não estão simplesmente reunidos, mas sim estão associados ou são interdependentes. A paisagem não é, simplesmente, uma cena real vista por um observador. Diz Carl Sauer:

*“Toda paisagem tem uma individualidade, bem como uma relação com outras paisagens e isso também é verdadeiro com relação às formas que compõe a paisagem. Nenhum vale é exatamente igual a outro vale; nenhuma cidade uma réplica de outra cidade.”*⁸¹

A paisagem se apresenta, assim, de forma identitária. Demonstra a identidade de cada povo, suas atitudes ao se apropriarem dos ambientes. O entendimento das diversas e distintas maneiras do homem se estabelecer no espaço (rural ou urbano), “humanizando” a paisagem e transformando a natureza em parte integrante de seu objeto (e objetivo) cultural.

É de senso comum, também, que o homem modifica o ambiente tanto por questões de sobrevivência (produção de alimentos, defesa, etc.) como por questões contemplativas, místicas, buscando um espaço idealizado para o seu desenvolvimento pessoal, íntimo, imaterial.

79 AB’SÁBER, Aziz Nacib. Potencialidades Paisagísticas Brasileiras. 1977. In: AB’SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. (p. 9 a 26)

80 SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. 5.ed. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2007. p53-54.

81 SAUER, Carl Ortwin, op. cit. p.24

A partir do entendimento desta conceituação tomada por empréstimo da geografia, capaz de distinguir com melhor exatidão as paisagens naturais e culturais, pode-se retomar com mais embasamento as discussões que culminaram na Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, de Paris 1972.

A “culturalização” de uma paisagem, através de sua qualificação, seja em sua forma cultural ou mesmo natural, permite sua categorização dentro do sentimento humano de monumento ou patrimônio, explicitada pelos novos termos utilizados a partir da Convenção de 1972: “Patrimônio Natural” e “Patrimônio Cultural”.

Desta forma, uma análise da paisagem que se pretenda científica deve privilegiar por suposto o componente humano, portanto deve ser uma análise relacional. Mesmo a paisagem qualificada um dia como “natural”, uma paisagem “pura”, passa a ser incorporada à cultura inerente ao próprio ser humano a partir de sua simples análise, absorção e conseqüente projeção de possíveis modificações antrópicas a serem realizadas sobre ela. Ou mesmo a proposta de sua manutenção, da forma como foi encontrada, enquanto enquadramento de um monumento histórico.

Estas mesmas indagações e dificuldades de conceituação vêm sendo discutidas amplamente por instituições e pesquisadores de vários países até os dias de hoje. Torelly (2008) incita esta discussão:

“Em princípio, assim como qualquer cidade é histórica, qualquer paisagem é cultural. Seja ela intocada pelo homem, seja ela totalmente alterada pela ação antrópica. Ao vislumbrarmos uma paisagem, nossos sentidos como a visão, a audição e o olfato, são estimulados e as sensações são imediatamente processadas por nosso intelecto, que se utiliza de todo nosso aparato cognitivo, que acumulamos desde o nascimento, para atribuir valores subjetivos e objetivos e formar representações.”⁽⁸²⁾

82 TORELLY, Luiz Philippe Peres, **Paisagem cultural: uma contribuição ao debate**; ano 9, vol. 4, novembro 2008, p. 240. Todas as cidades. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc240/mc240.asp>> Acesso em: 03/12/2008 às 10h.

A paisagem natural, porém, apresenta uma especificidade que não pode ser desprezada. Conforme Carl Sauer, a análise de sua formação morfológica conteria as características físicas do terreno, resultado da formação diferenciada de cada solo, tipo de drenagem, recursos minerais, etc. A base climática, específica de cada local, a proximidade do mar, rios e lagos, são outros fatores de grande influência na formação de uma paisagem natural.

Mas o que representa sobremaneira uma paisagem natural de forma mais visível ao olho humano é, sem dúvida, sua vegetação. Carl Sauer cita Alexander Von Humboldt como o primeiro a reconhecer esta importância:

“Muito do caráter das diferentes partes do mundo depende da totalidade das aparências externas, embora as linhas das montanhas, a fisiologia das plantas e animais, a forma das nuvens e transparência da atmosfera componham a impressão geral; ainda assim não deve ser negado que o elemento mais importante nessa impressão é a cobertura da vegetação.”⁸³

Neste ponto, explicita-se a diferença fundamental entre o patrimônio cultural edificado e o patrimônio natural.

Fisicamente, um monumento pode ser estabilizado, restaurado, reconstruído à imagem e semelhança de seu original, a partir do conhecimento das técnicas e materiais tradicionais no tempo de sua construção. A paisagem natural, nunca.

Uma paisagem natural é resultado de uma evolução contínua do próprio planeta. A natureza não pode ser completamente controlada, como a tecnologia desenvolvida pelo homem permitiria à pintura de uma paisagem dentro de um museu.

Não há, então, paisagem de tempos antigos. A paisagem é atual, fruto de referências humanas de seu próprio passado. Podem existir estruturas determinadas por condicionantes de uma ou mais épocas específicas, porém ela guarda em si a passagem de todos os tempos, e abrangerá, inclusive, o tempo futuro.

83 VON HUMBOLDT, Alexander. **In:** SAUER, Carl Ortwin, op. cit. p.54

Disse Argan (1984):

*“Cada obra não apenas resulta de um conjunto de relações, mas determina por sua vez todo um campo de relações que se estendem até o nosso tempo e o superam, uma vez que, assim, como certos fatos salientes da arte exerceram uma influência determinante mesmo à distância de séculos, também não se pode excluir que sejam considerados como pontos de referência num futuro próximo ou distante”.*⁸⁴

Pensado enquanto patrimônio natural, a paisagem é uma obra de arte aberta. Um quadro que vem se modificando através dos tempos e através dele continuará a se modificar até que seu processo seja finalizado.

Alinhado a este raciocínio, Milton Santos (1982:2007) defende que o espaço não pode ser estudado como se os materiais que formam a paisagem trouxessem neles mesmos sua própria explicação. Necessariamente, devem ser relacionados à sua evolução. Diz:

*“A noção de tempo é fundamental. A sociedade é atual, mas a paisagem, pelas suas formas, é composta de atualidades de hoje e do passado... O passado construído que daí resulta é variegado. Formas de idades diferentes com finalidades e funções múltiplas são organizadas e dispostas de múltiplas maneiras. Cada movimento da sociedade lhe atribui um novo papel.”*⁸⁵

Neste sentido, o homem e todo o conjunto cultural peculiar à raça humana inserem-se de maneira intrínseca não apenas na formação/formatação de um ambiente físico, mas nas distintas formas de visualização e entendimento deste mesmo ambiente fisicamente único, nas distintas formas de passagem desta cultura entre distintas gerações.

Esta visualização das relações entre os processos de absorção da paisagem enquanto patrimônio explicita a indissolubilidade do binômio patrimônio-paisagem. O sentimento de herança, possível também para um espaço físico em constante evolução, a paisagem, é citado por Ab’Saber (2005), “mais do que simples espaços territoriais, os povos herdaram paisagens e ecologias...”.

84 ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. 1984

85 SANTOS, Milton. OP. Cit.. p. 60.

Blanc-Pamard e Raison (1986), aceitam a “culturalização” das paisagens analisando algumas descrições em 1936 no *Journal d’um Cure de Campagne*, de Bernanos (França), onde cita que “...cada paisagem se encarna na pessoa de um dos protagonistas e, influenciando-se reciprocamente, a região reflecte-se no homem e vice-versa. Quando não se personifica, a paisagem pode existir através da música, do ritmo, da poesia da luz...”. E continuam, percebendo esta relação: “A vida literária das paisagens não está no que retratam, mas no que sugerem.”⁸⁶

Com relação à sua percepção, desenvolvem uma visão bastante interessante sobre a paisagem, e a cultura nela indissolúvelmente inserida:

“Tomada na sua acepção mais corrente, de ordem principalmente visual, a paisagem foge, de facto, a esta simples classificação: no fundo ela pode ser tudo excepto o que deveria ser, globalmente perceptível pelos sentidos e secundariamente visual ou até ideal, quando não mesmo ideológica. Vivida e construída e não observada. É, alias, assim que hoje ela é tratada até por muitos dos que pretendem lançar as bases das ciências da paisagem. Arquitectos e urbanistas, mesmo quando julgam preservá-las só o fazem em função de um certo conceito pré-formado, ou da idéia que o público possa formar a respeito dela. Mais do que sobre a vida da paisagem, baseiam-se na sua própria vida em relação a ela. Quando não a reconstroem integralmente, modificam-na; e qualquer que seja o respeito que lhe inspira, quando pretendem adaptar a cidade à paisagem, e não o inverso, fazem-no em função da imagem mental que dela traçaram. A paisagem vulgar só existe mediante e para o homem.”⁸⁷

Ainda sobre a o binômio patrimônio-paisagem, Santos (1982:2007) reflete: “Considerada em um ponto determinado no tempo, uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos.”

86 BLANC-PAMARD, Chantal; RAISON, Jean-Pierre. op. cit. p.140.

87 BLANC-PAMARD, Chantal; RAISON, Jean-Pierre. op. cit. p.140-141.

E reforça seu elemento “humano”, dizendo: “A paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade”.⁸⁸

As diversas relações possíveis anteriormente descritas buscam sintetizar a questão física, o espaço, a paisagem, junto à questão imaterial, o tempo, o patrimônio. Neste sentido, soma-se uma passagem em Santos (1982:2007), sobre o tempo e o espaço:

“O passado passou, e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isto de singular: ela é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais; essas formas-objetos, tempo passado, são igualmente tempo presente enquanto formas que abrigam uma essência dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso, o momento passado está morto como tempo, não porém como espaço. O momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social.”⁸⁹

Em suma, uma paisagem natural, quando indissociável à evolução da vida humana, seja através de critérios estéticos, históricos, ou qualquer outro relacionado à sua cultura, pode ser entendida como um patrimônio natural.

Da mesma forma, viu-se que esta “paisagem-patrimônio” é um processo em constante evolução, podendo sofrer recortes de análise para fins de estudo, porém sempre sendo necessário o entendimento de suas relações com os outros períodos de sua evolução.

É natural, então, que a paisagem cultural relacionada à evolução desta paisagem natural necessite ser estudada da mesma forma, visto que uma é base da outra, estando ambas inseparavelmente relacionadas, em constante co-evolução. Desta forma, o objeto de trabalho deverá ser sempre analisado e entendido enquanto conjunto da soma de todos os tempos atuando sobre o mesmo espaço, na busca pelo entendimento do que seria este conjunto, esta “paisagem-patrimônio”.

88 SANTOS, Milton. Op. Cit.. p54.

89 SANTOS, Milton. OP. Cit.

No caso do patrimônio cultural edificado da Fazenda Lageado, o recorte da área que permite, minimamente, visualizar a manifestação física da relação de co-evolução entre a paisagem cultural e paisagem natural, ou seja, a evolução das obras de arquitetura, urbanismo e engenharia, foi apresentada em Michelin (2001), através da monografia de graduação “Subsídios para o Tombamento da Fazenda Lageado pelo CONDEPHAAT”.⁹⁰

Importante mencionar que, apesar deste trabalho ter sido desenvolvido sem uma análise rigorosa das camadas históricas que, sobrepostas, comporiam o desenho da sua paisagem atual, a percepção do espaço físico global que a compunha proporcionou dois interessantes resultados:

- a indicação imediata para a ampliação do perímetro de tombamento, solicitado originalmente ao CONDEPHAAT⁹¹, que contemplava apenas as edificações da fazenda cafeeira, visando agora abraçar as edificações do período de Estação Experimental, conforme Figura 45;

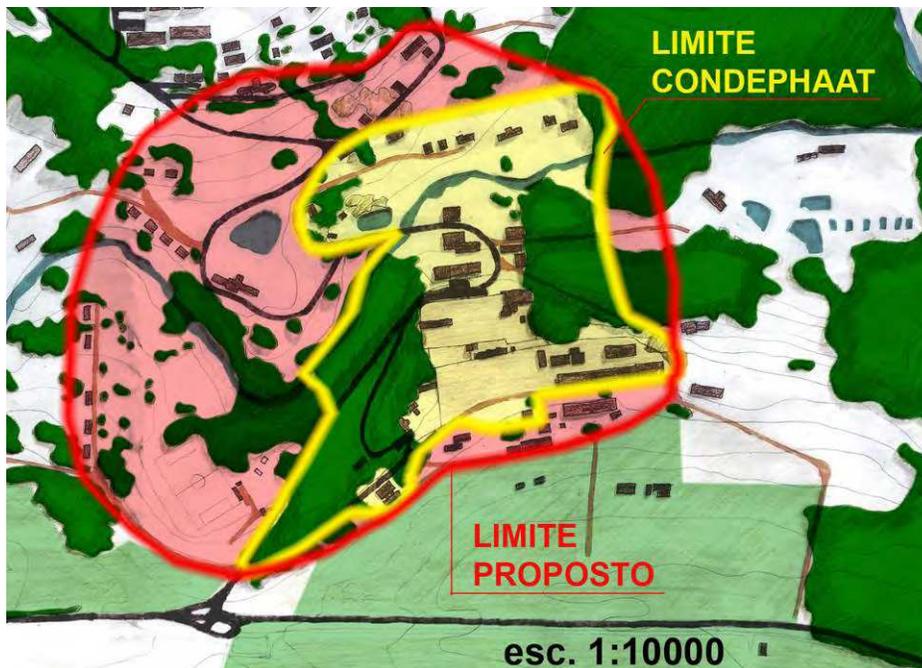


Figura 45 - Mapa delimitando proposta de ampliação no perímetro de Tombamento⁹²

90 MICHELIN, Guilherme Antonio. **Subsídios para o Tombamento da Fazenda Lageado pelo CONDEPHAAT.** Monografia componente do Trabalho de Graduação Interdisciplinar para obtenção do título de Arquiteto e Urbanista, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2001.

91 Através de guichê do ano de 1986

- e a percepção de visuais de interesse para o conjunto histórico edificado, acarretando indicação de distintas tipologias de uso e ocupação da área, visando sua preservação;

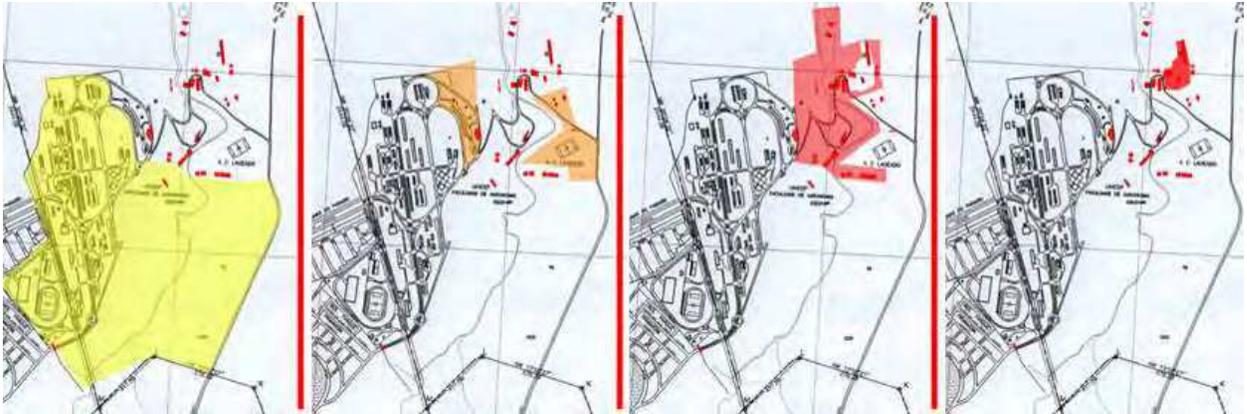


Figura 46 - Distintas tipologias de Tombamento propostas na TGI. Fonte: Michelin (2001)

Importante, porém, relatar que a base principal para se alcançar estes resultados aliou a manifestação de percepções pessoais e entrevistas realizadas, ainda que de modo bastante informal, com importantes estudiosos da história local, como Dr. Joel Spadaro, Luis Roberto Coelho Gomes (o Zulo), o historiador João Figueroa, Isaura Bretan (historiadora na época responsável pelo Museu do Café), Dr. Wilson Nakamoto (Secretário Municipal de Cultura), além do suporte técnico do Prof. Carlos Cerqueira Lemos, e do Prof. Paulo Del Negro, técnico do CONDEPHAAT, responsáveis por explicitar a importância da análise do patrimônio como um conjunto único, indissociável, paralelamente à necessidade de visualização dos processos históricos a ele incorporados, ampliando as possibilidades da monografia que se configurava, originalmente, como simples visualização de estilos arquitetônicos e levantamentos físico-fotográficos de objetos históricos.

O trabalho explicita, desta forma, a percepção de um cidadão sobre uma paisagem onde ele próprio se insere, através da visualização de processos a ambos relacionados, iniciando uma aproximação da compreensão do desenho de sua paisagem cultural, ainda que não de forma intencional naquele momento.

Com relação à paisagem cultural, sua discussão é, em si, tão complexa, que o primeiro instrumento legal internacional a reconhecê-la e a propor o direcionamento à sua proteção surge apenas no ano de 1992, dentro do 16º Período de Sessões do Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO, em Santa Fé, no México, quase 70 anos após as primeiras discussões de Carl Sauer sobre o tema.

A apresentação e aprovação desta nova categoria, a Paisagem Cultural, enfoca a interação entre a natureza e a cultura, e que ao mesmo tempo está estreitamente relacionado com as formas de vida tradicionais. Este novo enfoque representaria uma grande contribuição ao desenvolvimento sustentável e à participação comunitária.

Apenas para fins de contextualização, na Recomendação de Salvaguarda de 1989⁹³, entende-se como cultura tradicional e popular:

“o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes.”

Pode-se ver, nesta recomendação, o entendimento de que as diversas formas de cultura tradicional de uma localidade constroem um conjunto único. Apesar de, quando analisados separadamente, o senso comum os direcionaria na formação de conjuntos distintos, no mínimo em materiais e imateriais, ao visualizá-los enquanto conjunto único, pode-se iniciar o entendimento de relações de co-evolução, por exemplo, costumes x rituais x arquitetura, mitologia x rituais x artesanato, etc.

Em 1990, a Carta de Lausanne explicita que “o conhecimento das origens e do desenvolvimento das sociedades humanas é de fundamental importância para a humanidade inteira, permitindo-lhe identificar suas raízes culturais e sociais.”

93 Realizada em Paris, a 15 de novembro de 1989, na 25ª Reunião da Conferência Geral da UNESCO.

Desta forma, a conceituação sobre o que representaria uma paisagem cultural vai sendo elaborada:

“As paisagens culturais representam a obra combinada da natureza e do homem definida no artigo 1 da Convenção (de 1972). Os mesmos ilustram a evolução da sociedade e dos assentamentos humanos em transcurso do tempo, sob a influência das restrições físicas e/ou oportunidades apresentadas por seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, tanto internas como externas. As Paisagens Culturais deverão selecionar-se sobre a base de seu valor universal sobressalente e de sua representatividade em termos de uma região geocultural claramente definida e, em consequência, por sua capacidade para ilustrar os elementos culturais essenciais e distintivos de ditas regiões.”⁹⁴

Este entendimento da evolução de ações antrópicas arraigadas na formação das paisagens culturais, paralelamente à sua abundante variedade distribuída pelo mundo, impeliu o Comitê de Patrimônio Mundial a propor uma nova classificação para sua melhor compreensão e tratamento, dividindo-a em três categorias:⁹⁵

1. A ***paisagem claramente definida, desenhada ou criada intencionalmente pelo homem***, que é a mais facilmente identificável. Nesta categoria se incluem os jardins e espaços de parques construídos por razões estéticas, que com frequência (ainda que nem sempre) estão relacionadas com edifícios e conjuntos monumentais religiosos ou de outro tipo.
2. A ***paisagem organicamente evolutiva***. Este é o resultado de um imperativo inicialmente social, econômico, administrativo e/ou religioso e chegou à sua forma atual em associação com seu ambiente natural e como resposta ao mesmo. Tais paisagens refletem o processo de evolução em suas características morfológicas e seus componentes. Se dividem em duas sub-categorias:

⁹⁴ Operational guidelines for the implementation of the World Heritage Convention. Centro del Patrimonio Mundial, 1999.

⁹⁵ Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention, Centro del Patrimonio Mundial, París, 1999.

- A ***paisagem relíquia (ou fóssil)*** é aquela cujo processo evolutivo se deteve em algum momento passado, bem de maneira abrupta ou durante um período. Suas características, sem embargo, são visíveis ainda em forma material.

- A ***paisagem contínua*** é aquela que retém um papel social ativo na sociedade contemporânea, estreitamente associada com a forma tradicional de vida, e cujo processo evolutivo está ainda em curso. Ao mesmo tempo, exhibe evidências materiais significativas desta evolução no transcurso do tempo.

3. A ***paisagem cultural associativa*** se justifica em virtude das fortes associações religiosas, artísticas ou culturais do elemento natural, mais do que na evidência cultural, que pode ser insignificante ou, incluso, inexistente.

A partir dos lineamentos conceituais desta nova categoria patrimonial, surge um interesse cada vez maior de diversos setores, estudiosos e peritos relacionados ao processo de preservação do patrimônio. Inúmeros trabalhos e discussões são desenvolvidos, no objetivo de debater e aclarar sua essência, facilitar sua identificação, ou ainda utilizar estas paisagens como instrumento de preservação e gestão do patrimônio natural e cultural.

Em 1993, como objeto final da Reunião Internacional de Especialistas sobre Paisagens Culturais de Valor Universal Excepcional, realizada em Templin, Alemanha, propõe-se um *Plano de Ação* visando ajudar os Estados Partes na identificação, valoração, nominação e manejo destas propriedades para sua inclusão na Lista de Patrimônio da Humanidade. Aprovado no mesmo ano, dentro do 17º Período de Seções do Comitê, locado em Cartagena, na Colômbia, seguiram-se as primeiras inscrições de Paisagens Culturais, sendo “A Paisagem Cultural Associativa das Montanhas Sagradas Maiores do Parque Nacional de Tongariro, Nova Zelândia” o primeiro inscrito.



Figura 47 – Montanhas do Tongariro. Imagem: UNESCO / S. A. Tabbasum



Figura 48 - Comunidade local. Imagem: UNESCO / S. A. Tabbasum



Figura 49 - Montanhas Sagradas do Tongariro. Imagem: UNESCO / S. A. Tabbasum

As discussões sobre os diferentes aspectos das paisagens culturais, bem como os perigos e ameaças a elas vinculadas, culminaram na “Recomendação R(95)9” (Sobre a conservação integrada áreas de paisagens culturais como integrantes das políticas paisagísticas), indicando aos Estados-Membros que adaptassem suas “políticas para conservação e evolução orientada de áreas de paisagem cultural ao contexto de uma política geral relativa a paisagens”.

Direcionada para os países da Comunidade Européia, a conceituação teórica apresentada nesta Recomendação aprecia efetivamente a paisagem cultural enquanto fenômeno amplo e complexo, relacionado a diversos processos simultâneos. O termo paisagem passa a ser entendido enquanto conjunto das paisagens anteriormente qualificadas. É bastante nítida, porém, a inserção da visão cultural sobre ela.

“Paisagem – expressão formal dos numerosos relacionamentos existentes em determinado período entre o indivíduo ou uma sociedade e um território topograficamente definido, cuja aparência é resultado de ação ou cuidados especiais, de fatores naturais e humanos e de uma combinação de ambos.

Paisagem é considerada em um triplo significado cultural, porquanto:

- *É definida e caracterizada de maneira pela qual determinado território é percebido por um indivíduo ou uma comunidade;*
- *Dá testemunho ao passado e ao presente do relacionamento existente entre os indivíduos e seu meio ambiente;*
- *Ajuda a especificar culturas locais, sensibilidades, práticas, crenças e tradições.”*

Embora não haja uma aceção específica para a paisagem cultural, em si, busca-se sua delimitação física, categorizada pelo termo “área de paisagem cultural”:

“Área de paisagem cultural – partes específicas, topograficamente delimitadas da paisagem, formadas por várias combinações de agenciamentos naturais e humanos, que ilustram a evolução da sociedade humana, seu estabelecimento e seu caráter através do tempo e do espaço e quanto de valores reconhecidos têm adquirido social e culturalmente em diferentes níveis territoriais, graças à presença de remanescentes físicos que refletem o uso e as atividades desenvolvidas na terra no passado, experiências ou tradições particulares, ou representação em obras literárias ou artísticas, ou pelo fato de ali haverem ocorridos fatos históricos.”

Outros pontos legítimos nesta recomendação dizem respeito à necessidade de uma visão múltipla e multidisciplinar sobre a paisagem, desde seu processo de identificação, avaliação e mesmo conservação. São indicados que os três níveis de governo (municipal, estadual e federal), a população local, organizações não-governamentais, prefeitos, secretários, arquitetos, historiadores, agrônomos, cientistas sociais, antropólogos, engenheiros, físicos, geógrafos, devem pensar e trabalhar em conjunto para a evolução da paisagem cultural onde se inserem.

Esta discussão fomentada nos anos 90, juntamente à necessidade em se voltar novamente o olhar ao ambiente rural e sua cultura característica (aqui entendida tanto no sentido de produção agrícola, como no de processo cultural), ameaçada por inúmeros processos, como a urbanização desenfreada, industrialização massificada, turismo, etc.

A própria Recomendação R(95)9, em suas considerações iniciais, cita como base a campanha pelas zonas rurais empreendida pelo Conselho da Europa, e a Regulamentação nº 2078 das

Comunidades Europeias, que trata de métodos de produção agrícola compatíveis com as exigências de proteção do meio ambiente e das zonas rurais, de junho de 1992.

Esta nova demanda avança a discussão sobre o patrimônio cultural imaterial, ou intangível, e, conseqüentemente, reaviva a discussão conceitual sobre paisagem cultural, relacionada não apenas ao esclarecimento deste conceito, mas também pela busca por instrumentos e mecanismos mais adequados à sua gestão e conservação efetiva.

Alguns documentos se seguiram, como a Carta de Mar Del Plata sobre o Patrimônio Intangível, um documento do Mercosul de junho de 1997, baseando a Carta de Fortaleza, Patrimônio imaterial: estratégias e formas de proteção, de novembro de 1997, a partir do Seminário promovido pelo IPHAN em comemoração aos seus 60 anos de criação. O objetivo era recolher subsídios para elaboração de diretrizes e criação de instrumentos legais e administrativos visando identificar, proteger, promover e fomentar os processos e bens ‘portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira’ (conforme artigo 216 da Constituição).

Na continuação deste caminho, seria foi instituído o “Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro” junto à criação do “Programa Nacional de Patrimônio Imaterial”, através de decreto nº 3551, de 04 de agosto de 2000.

A defesa legal do patrimônio imaterial, diferente do patrimônio material, não se realiza através de tombamento, mas de inscrição em Livro de Registro, conforme explicitado no artigo 1º, Seção 1, desta lei:

“§ 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

- *I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;*
- *II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;*
- *III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;*

- *IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentrem e reproduzem práticas culturais coletivas.”⁹⁶*

Porém, vale observar que esta inscrição tem como referência a continuidade do bem e sua relevância para a memória e identidade nacional, instituindo-o título de Patrimônio Cultural do Brasil. Esses bens devem ser reavaliados no máximo a cada dez anos, e em caso de descontinuidade perdem o título adquirido, ficando apenas o registro de sua existência.

Interessante observar que o Brasil foi um dos precursores nesta discussão e na proposição de uma gestão conservativa. Apenas em 2003, na 32ª Sessão da Conferência Geral da Unesco, em Paris, surgiria a Convenção para a salvaguarda do patrimônio Imaterial ⁹⁷. Neste documento, o patrimônio cultural imaterial seria entendido como:

"as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural."

Observa-se aqui a indissolubilidade entre o patrimônio imaterial (práticas, técnicas...) e o material (instrumentos, lugares...). O que se segue a esta explicação é diretamente relacionado ao entendimento de paisagem cultural enquanto processo contínuo, indicado em negrito a seguir:

*"Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é **constantemente recriado pelas comunidades e grupos** em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, **gerando um sentimento de identidade e continuidade**, contribuindo assim para promover a diversidade cultural e à criatividade humana."*

96 BRASIL, Decreto Nº 3551, de 04 de agosto de 2000, Institui o Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Brasília, DF. 2000

97 CURY, Isabelle (Org.). Cartas Patrimoniais. 3ªed. rev. aum. – Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. (p.371-390)

Paralelamente, sobre o reavivamento dos estudos sobre paisagem cultural, Sabaté-Bell e Schuster (2001)⁹⁸ descrevem experiências sobre a relação entre paisagem cultural e desenvolvimento regional, a partir do projeto para o Corredor do Llobregat, uma bacia hidrográfica que abarca inúmeras cidades e povoados, apresentando, entre outros problemas, esvaziamento populacional, segregação, mecanização e mudança de culturas agrícolas, até desembocar como elemento limitador físico a oeste da cidade de Barcelona, onde a especulação imobiliária adiciona-se aos outros problemas.

Neste caso, a paisagem cultural a ser estudada extrapola os limites do urbano e também do rural. Isto, pois, os autores visualizam que estes ambientes fora do urbano possuem características próprias, distintas muitas vezes do rural, como as áreas periurbanas, rururbanas, áreas verdes protegidas, vales de rios. Isto coincide com o que seria posteriormente conceituado por Argollo Ferrão como espaço “não-urbano”, conforme explicitado anteriormente, em capítulo específico.

Novamente, retoma-se o entendimento do conceito de paisagem cultural como processo contínuo, assim como a preocupação pela conservação física e cultural da população local e seus costumes regionais, expresso fisicamente nos diversos níveis de sua arquitetura rural, conforme visto também em Argollo Ferrão (2004b).

Com isto, as especificidades inerentes a cada recorte territorial solicitam uma solução de gestão própria do conjunto composto por seu patrimônio arquitetônico, natural, cultural, etc., ou seja, do conjunto que forma sua paisagem cultural. Desta forma, Sabaté Bell e Schuster desenham diversas formas de gestão e intervenção conservativa, conforme estas especificidades regionais e submissas à paisagem pré-existente, como a criação de parques industriais, mineiros, agrícolas, fluviais, paisagens bélicas, parques arqueológicos, caminhos históricos, ecomuseus, parques patrimoniais, event-places.

98 SABATÉ-BELL, J., SCHUSTER, M. Designing the Llobregat Corridor. Cultural Landscaping and Regional Development, Projectant l'eix Del Llobregat. Paisatge cultural i desenvolupament regional. Universidad Politécnica de Cataluña y Massachusetts Institute of Technology. Barcelona, 2001

A variedade de soluções que estes autores visualizam para a gestão do patrimônio, conforme sua especificidade, vem de encontro com o fato de que, em momento algum, relacionou-se nesta revisão bibliográfica o termo paisagem cultural especificamente a um ambiente urbano ou um ambiente rural. Isto será um fator primordial para a aplicação deste conceito ao tentar se entender a evolução da paisagem cultural do objeto de estudo, a Fazenda Lageado.

Na evolução deste pensamento, Sabaté-Bell (2007) preconiza um novo paradigma. Ao visualizar os planos de ordenação territoriais do século XX, imerso em análises sobre a dinâmica populacional, desenvolvimento industrial, utilização de zoneamentos e projetos de grandes infra-estruturas como instrumentos fundamentais, orienta que os esforços sejam empreendidos para utilização da paisagem, em seu sentido mais amplo, cultural e natural, enquanto eixo central de instrumentação e planificação urbana, não mais como mero suporte, mas como fator básico de qualquer transformação a ser realizada em seu território.

Neste sentido, propõe a paisagem não como resultado acabado de uma cultura, mas como realidade continuamente evolutiva, uma visão coerente à leitura em “espiral evolutiva”, conforme apresentado na Figura 33, uma adequação ao método de Argollo Ferrão⁹⁹ para o caso específico da Fazenda Lageado. Sabaté-Bell pleiteia superar a posição meramente conservacionista do patrimônio, trabalhando com os recursos dentro dos seus próprios processos de transformação. Levanta a possibilidade, bastante real, das construções realizadas hoje gerarem as identidades e patrimônios do futuro.

Esta visão inovadora, porém, em hipótese alguma deve ser desvinculada do conceito de paisagem cultural vista até então. O “conservar transformando” pode ser uma ferramenta de planejamento e gestão muito interessante, desde que respeitada a pré-existência das paisagens sobrepostas anteriormente.

A relação entre os patrimônios material, imaterial e natural, cujo conjunto de processos forma a paisagem cultural única de cada região, pode ser visualizada enquanto processo contínuo através das camadas históricas sobrepostas que a compõe, explicitada de forma mais nítida em

⁹⁹ Para os estudos sobre Arquitetura Rural, com foco transdisciplinar através do pensamento complexo e da visão de processos.

seus bens materiais e, porque não, naturais. Não se preocupar com esta pré-existência acarretaria “hiatos” na leitura deste processo evolutivo, dificultando as percepções desta paisagem cultural e a sua absorção pelas gerações posteriores, bem como a continuidade de alguns seus bens imateriais.

O primeiro instrumento legal brasileiro, desenvolvido no sentido de auxiliar a preservação das Paisagens Culturais nacionais, surge com a Portaria 127, de 30 de abril de 2009, que chancela a Paisagem Cultural pelo Instituto de Patrimônio Artístico e Nacional – IPHAN.

Nela, define que a “Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores.” Considera, também, o caráter dinâmico da cultura e da ação humana sobre o território, observando sua convivência com as transformações inerentes ao desenvolvimento econômico e social sustentáveis, valorizando a motivação responsável pela preservação do patrimônio.

Apesar de se tratar de um instrumento ainda primário, passível obviamente de críticas, abre campo para discussão sobre a utilização da chancela da Paisagem Cultural Brasileira como instrumento de gestão compartilhada da porção do território nacional assim reconhecida, através de pactuação que pode envolver o poder público, a sociedade civil e a iniciativa privada.

A Portaria indica, também, que este pacto convencionado poderá ser integrado de Plano de Gestão a ser acordado entre as diversas entidades, órgãos e agentes públicos e privados envolvidos, o qual será acompanhado pelo IPHAN.

VI – RESULTADOS OBTIDOS

As Fontes Primárias de Pesquisa

Confirmando a importância do Dr. João Baptista da Rocha Conceição

Analisar o período da Fazenda Lageado enquanto produtora de café apresentou obstáculos de difícil transposição. O fator primordial foi a inexistência de fontes primárias de época, ligadas diretamente à sua arquitetura da produção, como plantas, mapas e projetos, fundamentais ao entendimento do contexto geral de inserção da Fazenda no processo maior de evolução regional.

Apenas como lembrança, trata-se aqui de uma fazenda cafeeira relacionada diretamente à evolução ferroviária (neste caso da E.F. Sorocabana), de forma que este foi o processo que apresentou informações nítidas da evolução da paisagem na região até o final do século XIX, explicitadas nos desenhos de C. Schimtt, engenheiro da Sorocabana.

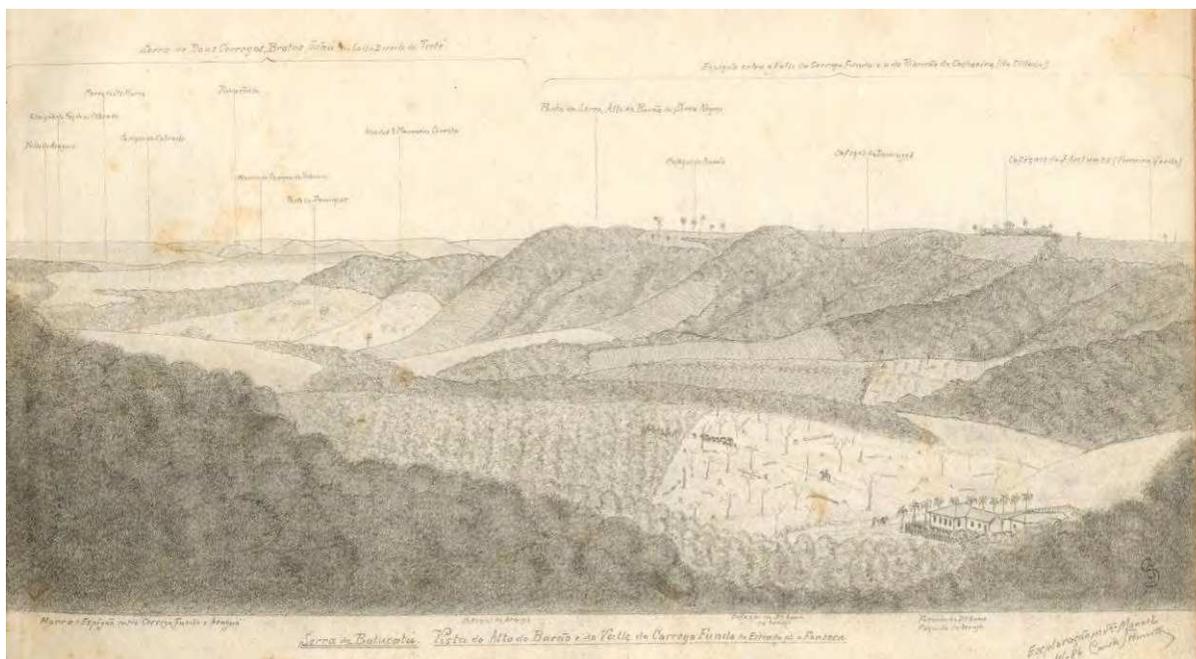


Figura 50 - "Serra de Botucatu. Vista do Alto do Barão e do Valle do Córrego Fundo da estrada pª o Fonseca" - desenho de C. Schmitt (Exploração pª São Manoel 4/5/86)

A partir deste momento histórico, tem-se um hiato nas fontes primárias sobre a arquitetura da produção, ou mesmo informações técnicas específicas sobre o objeto de estudo.

Para sanar esta dificuldade, inicialmente buscou-se confirmar a importância da família Conceição no desenvolvimento da região, incluindo-se a pessoa do Dr. João Batista da Rocha Conceição, proprietário da Fazenda Lageado de 1881 até seu falecimento em 1922. Pelas informações apresentadas por Pupo (2002), em 1908 a família Conceição possuía aproximadamente 1.380.000 pés de café no Município, distribuídos da seguinte forma:

“Dr. João Batista da Rocha Conceição:	630.000 pés
Dr. Antonio Conceição:	110.000 pés
Conceição & Cia:	205.000 pés
Manoel Ernesto da Conceição:	435.000 pés ¹⁰⁰

O Dr. João Batista aparecia como o maior contribuinte do imposto rural sobre cafeeiros do município de Botucatu, pagando algo em torno de 1:218\$000, cifras bastante altas comparadas aos maiores contribuintes dos outros impostos da época, como o Imposto Predial (Estevam Ferrari – 274\$000) ou mesmo Imposto de Indústrias e Profissões (Laercio Pereira Pinto – 605\$000).

No ano de 1920, João Baptista mantinha sua produção na Lageado enquanto seu irmão, Maneco Conceição, ampliava para mais de meio milhão de pés.

Tabela 4 - Maiores Cafeicultores. Botucatu 1920

Cafeicultores Botucatu - 1920	Cafeeiros
João Baptista da Rocha Conceição (dr.) - Fazenda Lageado	600.000
Cia. Agrícola Botucatu	450.000
Cia. Cafeeira Paulista (Pratânia)	320.000
Manoel Ernesto Conceição	315.000
Ulhôa Cintra	260.000
Theóphilo Moraes Martins	250.000
João Rodrigo de Souza Aranha	240.000
Villas Boas & Irmão	230.000
José Cardoso de Almeida	205.000
Manoel Ernesto Conceição	200.000
Joaquim Franco de Mello	194.000
Narcisa Reis	180.000

Fonte: Almanaque de Botucatu. Botucatu: Ano I, num. 01, 1920, p. 228-235¹⁰¹

100 PUPO, Trajano Carlos de Figueiredo. Op. Cit. p.285.

101 In: FALEIROS, Rogerio Nalques, Fronteiras do Café: Fazendeiros e Colonos no Interior Paulista (1917 a 1937). Tese de Doutorado. Faculdade de Economia UNICAMP. 2007

A empresa familiar Conceição & Cia era habilitada a atuar diretamente na Bolsa de Café de Santos, apresentando bom volume de negócio, com entrega imediata do produto, fator que certamente auxiliava na sua comercialização.

BOLSA DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS
(Lei N. 1.456, de 14 de Julho de 1914).
Protocolo de contratos, de operações a termo, do corrector official Pedro Gonçalves

Número de ordem	Data do Contracto			Partes Contractantes		Quantidade em Libras	Preço por Libra	Prazo de entrega	Condições de Venda	Registro do Contracto a termo				
	Dia	Mez	Anno	Vendedor	Comprador					Mez	Anno	Mez	Anno	Mez
394	23	Novembro	1921	F. Conceição & Cia	J. Eugenio Aguiar	1000	4 13325	Dez 1921	Marcado	2075	23	Novembro	1921	Eugenio
395	23	"	"	"	Raul Dantas	1000	4 13350	"	"	2076	23	"	"	"
396	23	"	"	"	Leoncio Rezende	1000	4 13350	"	"	2077	23	"	"	"
397	23	"	"	"	"	1000	4 13325	"	"	2078	23	"	"	"
398	23	"	"	"	Wallace Simonson	1000	4 13275	Março 1922	"	2079	23	"	"	"
399	23	"	"	J. Aron & Cia	Cristina Barboza Santos & Cia	1000	4 13225	"	"	2080	23	"	"	"
6400	23	"	"	M. A. Silva	Cristina Barboza Santos & Cia	1000	4 13375	"	"	2081	23	"	"	"
401	26	"	"	Leoncio Rezende	"	1000	4 13375	"	"	2082	26	"	"	"
402	26	"	"	M. G. Luiz	"	1000	4 13225	"	"	2083	26	"	"	"
403	29	"	"	Alvaro Ferraz	"	1000	4 13225	"	"	2084	29	"	"	"
407	30	"	"	M. G. Luiz	"	1000	4 13375	"	"	2085	30	"	"	"
408	30	"	"	J. Aron & Cia	Cristina Barboza Santos & Cia	1000	4 13375	"	"	2086	30	"	"	"
409	1	"	"	A. Dietrich & Cia	Wallace Simonson	1000	4 13375	"	"	2087	1	"	"	"
410	1	"	"	"	"	1000	4 13375	"	"	2088	1	"	"	"
411	1	"	"	Carlos de Barros	C. Silveira	1000	4 13700	Fev 1922	"	2089	1	"	"	"
412	1	"	"	Leoncio Rezende	"	1000	4 13925	Março	"	2090	1	"	"	"
413	1	"	"	C. Silveira	"	1000	4 13200	"	"	2091	1	"	"	"
414	1	"	"	"	Luiz Lupatini	1000	4 13200	"	"	2092	1	"	"	"

Figura 51 - Atuação da empresa Conceição e Cia na Bolsa do Café de Santos. Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Número de ordem	Data do Contracto			Partes Contractantes	
	Dia	Mez	Anno	Vendedor	Comprador
394	23	Novembro	1921	F. Conceição & Cia	J. Eugenio A
395	23	"	"	"	Raul Dant
396	23	"	"	"	Leoncio Reze
397	23	"	"	"	"
398	23	"	"	"	Wallace " Sim
399	23	"	"	J. Aron & Cia	Cristina Barboza S
6400	23	"	"	M. A. Silva	C. Silveira
401	26	"	"	Leoncio Rezende	Cristina Barboza
402	26	"	"	M. G. Luiz	"
403	29	"	"	Alvaro Ferraz	"

Figura 52 – Detalhe da data de contrato (novembro de 1921) e vendedor (F. Conceição & Cia). Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Partes Contractantes		Quantidade de Café Secos 60 kilos	Tipo do Café	Preço por 10 Kilos	Prazo da entrega	
Comprador					Mez	Ano
C ^a	J. Eugenio Azevedo	1000	4	15350	Dez.	1921
	Paul Dantas	1000	4	15350	"	"
	Leucio Rezende	1000	4	15350	"	"
	Wallace "Simonsen"	1000	4	15325	"	"
	Cintra Barbosa Lento & Lda	1000	4	15275	Março	1922
	E. Silveira	1000	4	15225	"	"

Figura 53 - Detalhe compradores (diversos) e data de entrega (dezembro de 1921). Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

Este material, apesar de fundamental ao entendimento do contexto de formação da Fazenda Lageado e sua inserção na evolução de Botucatu, continuava não demonstrando fisicamente como isto teria acontecido.

Neste sentido, uma agradável surpresa teve lugar no setor de obras raras da Biblioteca da Faculdade de Ciências Agrônômicas. O material existente, além de conter mapas, projetos, e relatórios do período da E.E.C.C., continha também grande parte do levantamento de tudo que foi adquirido com a fazenda. Ainda que não muito bem detalhado fisicamente, se analisado em paralelo aos remanescentes físicos existentes atualmente na Fazenda Lageado, permitem alcançar a amplitude necessária no recorte proposto para esta dissertação.

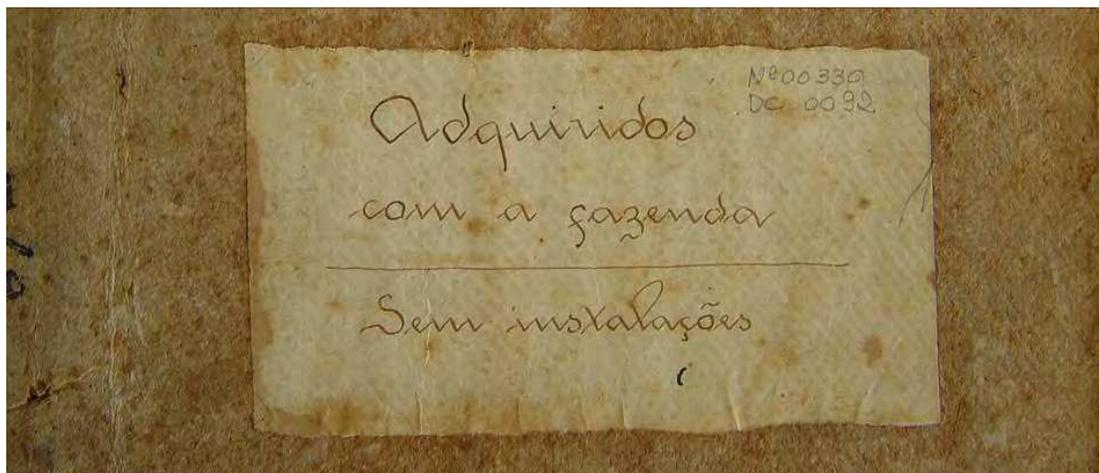


Figura 54 - Capa do Levantamento de materiais adquiridos junto à Fazenda Lageado. Fonte: Biblioteca FCA (obras raras)

16-9-937 *Amg*

Casa nº *28* Localização primeiro moradores. *Carlos Fioravante*

Área ^{nom 2} *6,440*

Dimensões :- *8,90* comprimento
 *6,90* largura
 CORPO :- *2,40* pé direito
 *4,40* altura até a cumieira

Puxado :- comprimento
 largura
 pé direito *mas tem*

Alicerces *de Pedra*

Paredes externas *1/2 tijolo revestido*

Cobertura *telhas no tipo Francesa*

Madeiramento *Pastilhas e escores, cobos e rinos em perobas*

Portas *Frente 1,90x0,80 (1) Fundo 1,90x0,80 (1)*

Janelas *Frente 1,00x0,65 (2) Fundo 1,00x0,65 (2) Lado 1,00x0,65 (1)*

Escadas *nao tem*

Comodos :-
 *1 salas 6,70x2,45*
 *3 quartos 2,90x3,15 (2) 2,90x3,25 (1)*
 *1 cosinhas 2,90x3,25*

Divisões internas *1/2 tijolo revestido*

Pavimentação *pisos de terra batida*

Instalações *nao tem*

Existente - no acto da aquisição do imovel.

Utilização - Habitação obrigatoria de operario.

Custo - Englobado no compra do imovel.

Valor estimativo *2,800.000.* *43.450*

Estado de conservação *man*

LN/AL:-

compridos

16/9/937

Figura 56 - Residência nº 28, de Carlos Fioravante, na Colônia Fazendinha

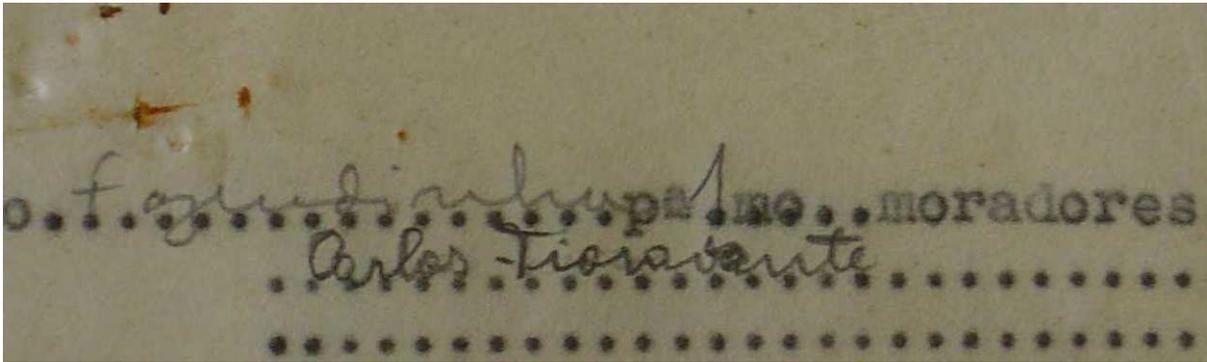


Figura 57 - Detalhe do nome da Colônia Fazendinha e de seu morador, Carlos Fioravante.

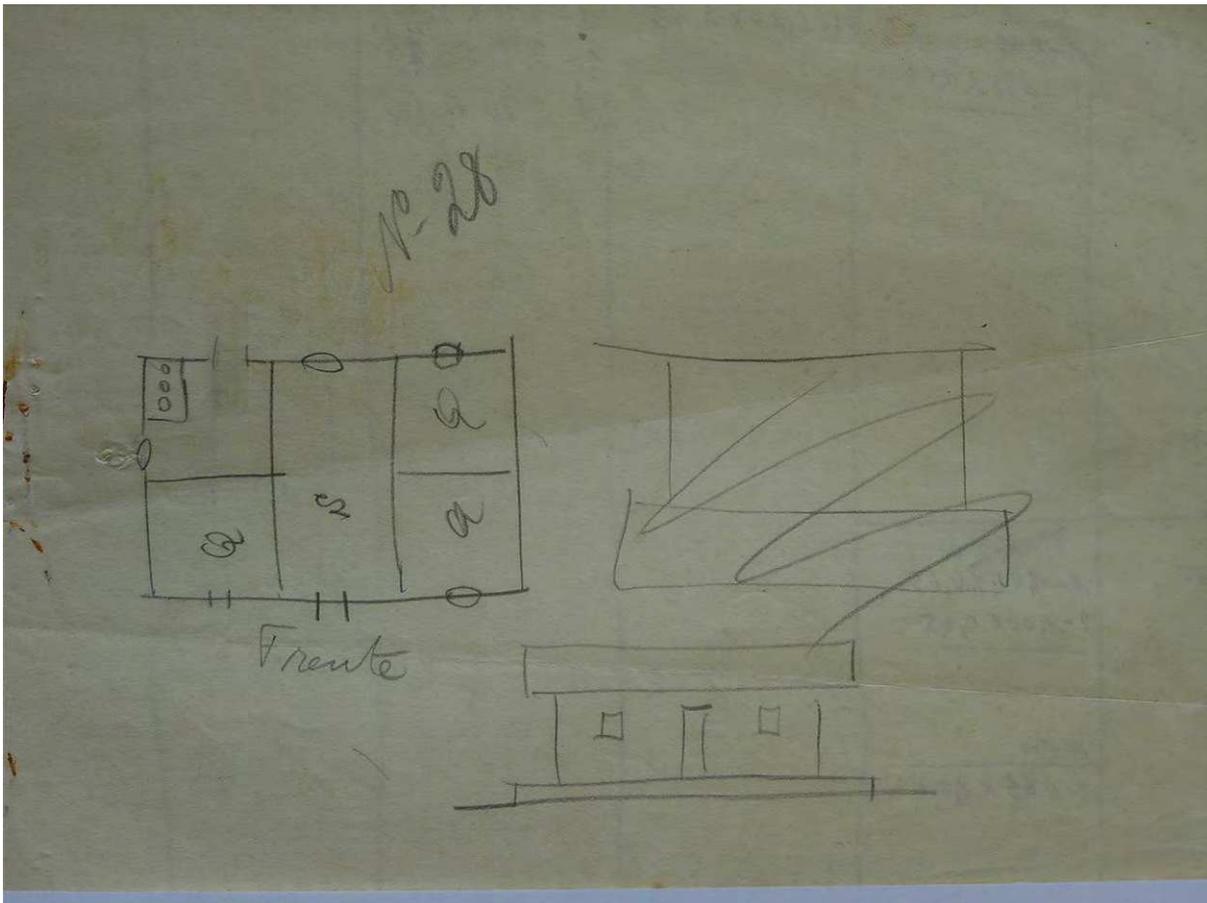


Figura 58 - Croquis da casa nº28

Têm-se, agora, os subsídios para iniciar o desenho da paisagem pré-existente à implantação da Estação Experimental, preenchendo a lacuna existente entre a implantação da fazenda agro-industrial no final do séc XIX pelo Dr. João Batista, e sua aquisição pelo governo federal, unindo-se as pontas desconectas da rede de análise temporal.

Há, porém, uma pequena lacuna que precisa ser mencionada. Como o acervo de obras raras da Biblioteca da FCA encontra-se ainda em processo de organização e catalogação, não foi possível verificar com exatidão tudo o que existia na fazenda na data de sua aquisição pelo governo.

Além disso, muitos dos desenhos não estão datados, ou não indicam se tratar de levantamento do existente, ou projeto a ser construído.

No entanto, o levantamento de novembro de 1934 já apresenta o sistema completo utilizado para o beneficiamento do café, conforme será apresentado na análise “nível da edificação”. Tanto o sistema de águas, quanto as edificações constam deste levantamento, indicando uma maior possibilidade de pré-existência, visto que o conjunto possui dimensões e complexidade bastante grandes, sendo difícil terem sido projetados e executados em poucos meses após a data de aquisição da fazenda.

Alia-se a esta suposição, o falecimento do Dr. João Batista em 1922, a partir de onde não se tem muita informação sobre seus herdeiros, e o fato da Estação Experimental não estar voltada à grande produção cafeeira e exportadora, de forma que não faria sentido um investimento desta monta em construções. O comum neste período foram os investimentos em evolução de maquinários, utilizando-se das construções pré-existentes.

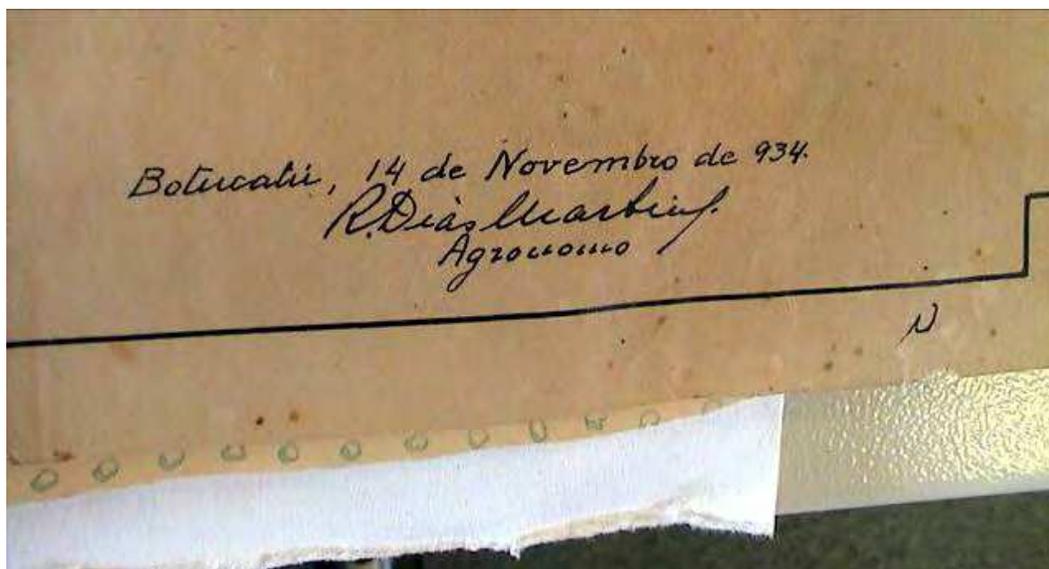


Figura 59 - Data e assinatura do Agrônomo responsável pelo serviço

No âmbito da Estação Experimental Central do Café

Ao ter seu uso transformado em Estação Experimental Federal, em 1934, e posteriormente em uso universitário, em 1972, a Fazenda Lageado traçou um caminho nitidamente voltado à ciência e tecnologia. Era de se esperar, portanto, a existência de uma vasta gama de material e estudos realizados neste período.

A dificuldade, neste caso, estaria em encontrar material compilado exatamente sobre a evolução da própria Fazenda Lageado.

A solução novamente se apresentaria no material remanescente da Estação Experimental Central do Café de Botucatu, dentro da Biblioteca da FCA.



Figura 62 - Relatórios das Atividades da Estação Experimental de Botucatu, de diversos anos.

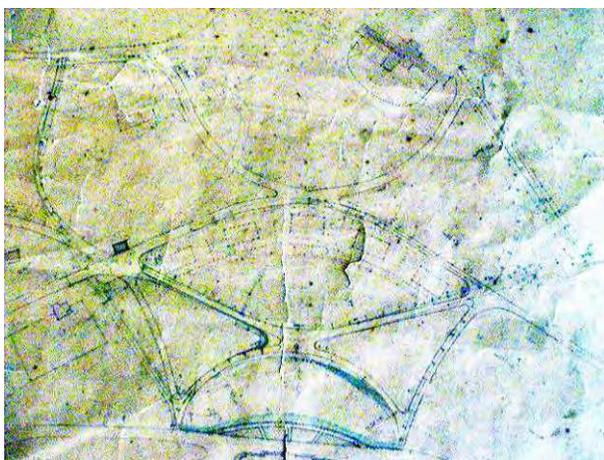


Figura 63 - Projeto paisagístico para Diretoria da EECC

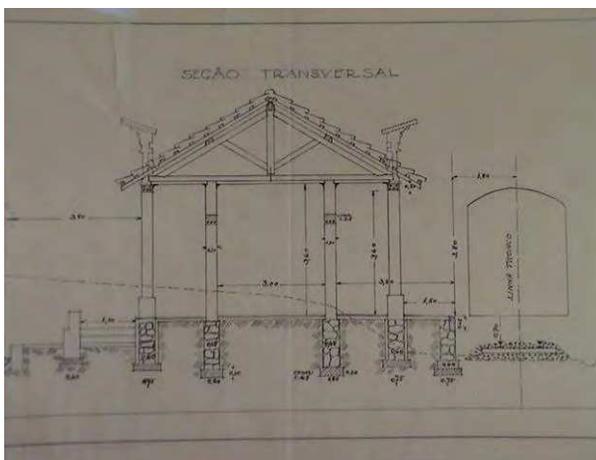


Figura 64 - Projeto para Posto Ferroviário (estação)

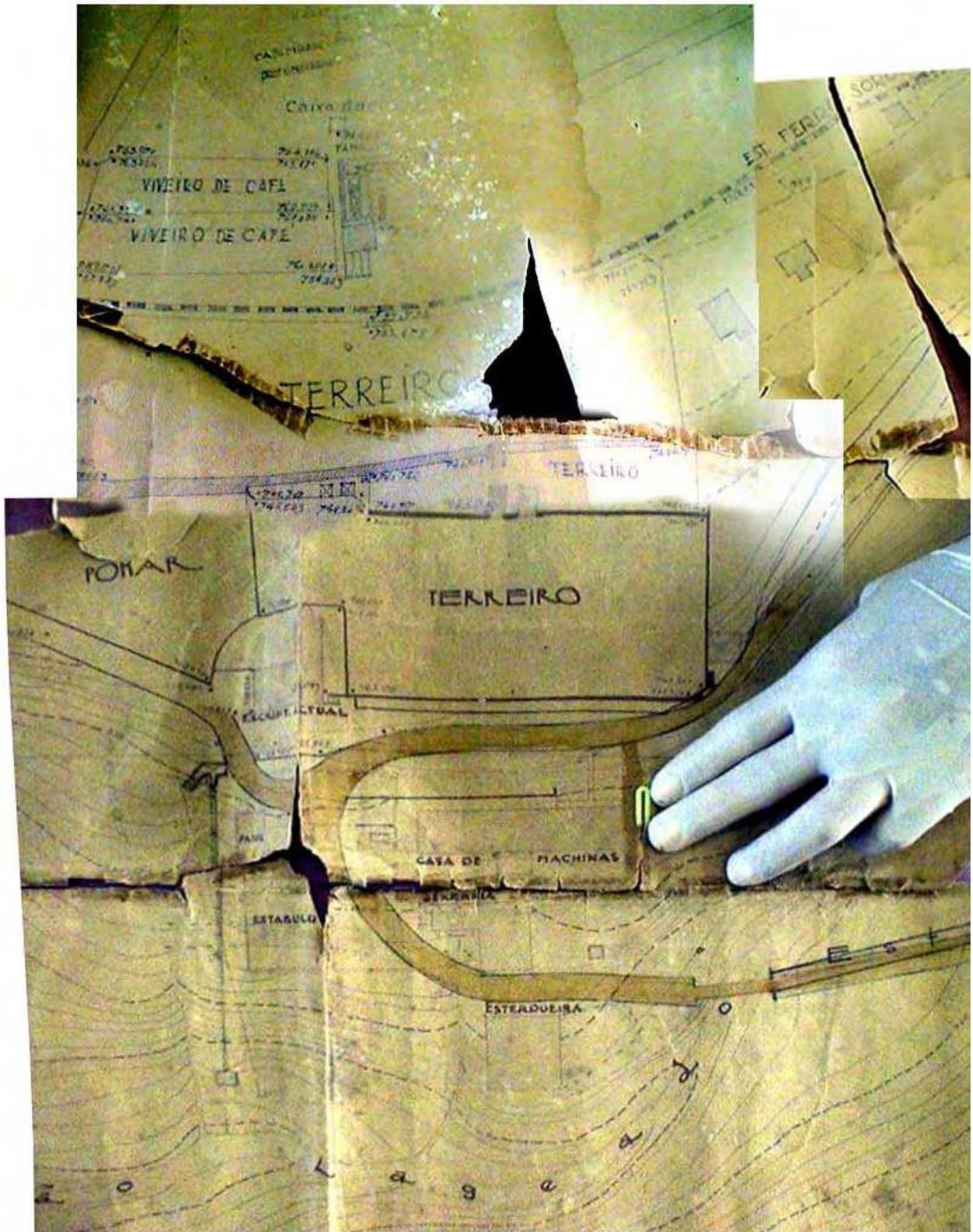


Figura 65 - Planta da Sede com indicação de uso das edificações, já com sistema de águas e topografia.

Da mesma forma que o primeiro período, os mapas, projetos, e relatórios da E.E.C.C., necessariamente devem ser analisados em paralelo aos remanescentes físicos do conjunto edificado e seus respectivos equipamentos, relacionados ao sistema produtivo do café e ampliados a outros grãos e produtos agrícolas, conseqüência da adequação à própria evolução conceitual da estação experimental.

Com relação ao período universitário, a questão é semelhante ao período anterior. Por estar voltada ao ensino das Ciências Agrárias, desde sua implantação em 1972, os estudos desenvolvidos são, obviamente, direcionados às questões inerentes a este ramo específico. Porém, por estar em um tempo cronológico bem mais próximo ao atual, e os sistemas de armazenamento de dados estarem bastante mais avançado, o acesso às informações foi bem mais simples.

Nível Regional

A Fazenda Lageado e a Bacia do Lavapés

No caso da Fazenda Lageado, assim como na maioria de outras paisagens, a escolha de limites político-administrativos como recorte físico para o desenho de sua paisagem cultural não é adequada.

A amplitude temporal de análise trouxe consigo modificações gigantescas nesses limites, explicitados na Figura 66, conforme a necessidade e força política ou financeira dos próprios grupos de seres humanos responsáveis pela sua ocupação.

Vale lembrar também que, no tempo em que inexistiam tecnologias para localização e demarcação mais apuradas, os marcos principais relacionavam-se às bacias hidrográficas, sejam através de seus rios, ou então de suas cumeeiras.

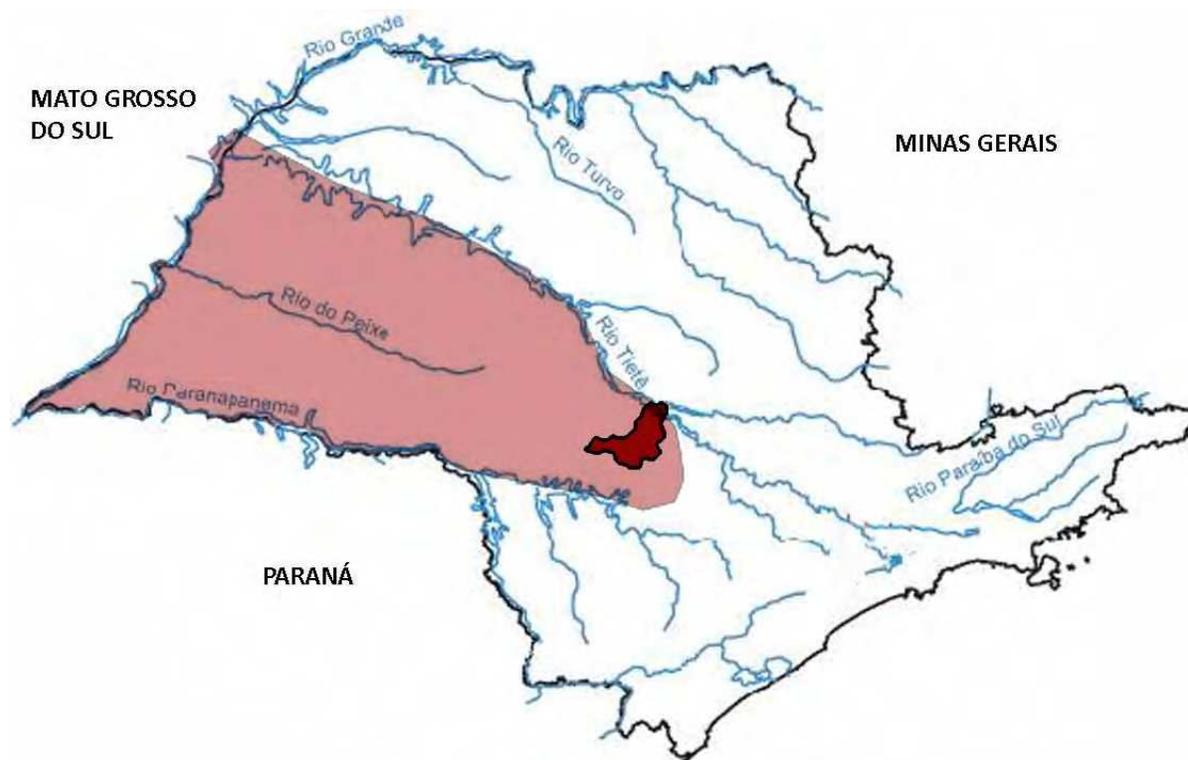


Figura 66 – Limites do Município de Botucatu em 1855 (mancha vermelho claro) e limite atual, em vermelho escuro.

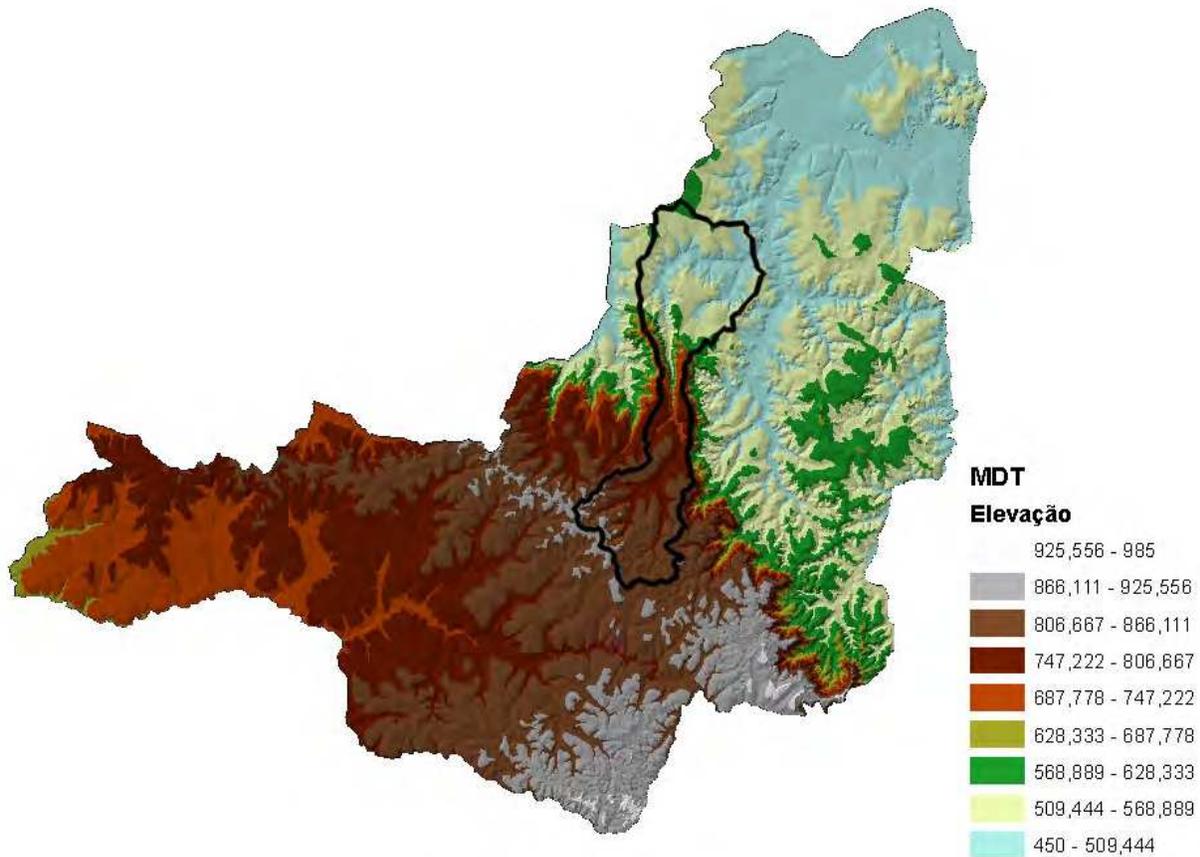


Figura 67 - Recorte da Bacia dentro do Município. Desenho sobre MDT-Elevação. Fonte: Silva et all (2008)

Por outro lado, ainda que não seja possível saber com exatidão todos os fatores que impulsionaram a escolha do Dr. João Batista da Rocha Conceição especificamente por Botucatu, para ampliar sua produção agro-industrial cafeeira, pode-se supor que a existência e a qualidade das águas da região estavam entre os motivos principais desta escolha. Eram as águas da bacia do Lavapés que seriam utilizadas tanto para irrigação dos cafezais como enquanto força motriz dos principais equipamentos de beneficiamento do café.

Neste sentido, a localização da Fazenda Lageado é extremamente estratégica dentro da Bacia do Lavapés. O caminho de toda a água que cai na parte superior da Bacia, obrigatoriamente, passa por dentro da Fazenda Lageado. A região das cotas altas da Bacia funciona como um funil captando toda a água e encaminhando no sentido da arquitetura da produção cafeeira.

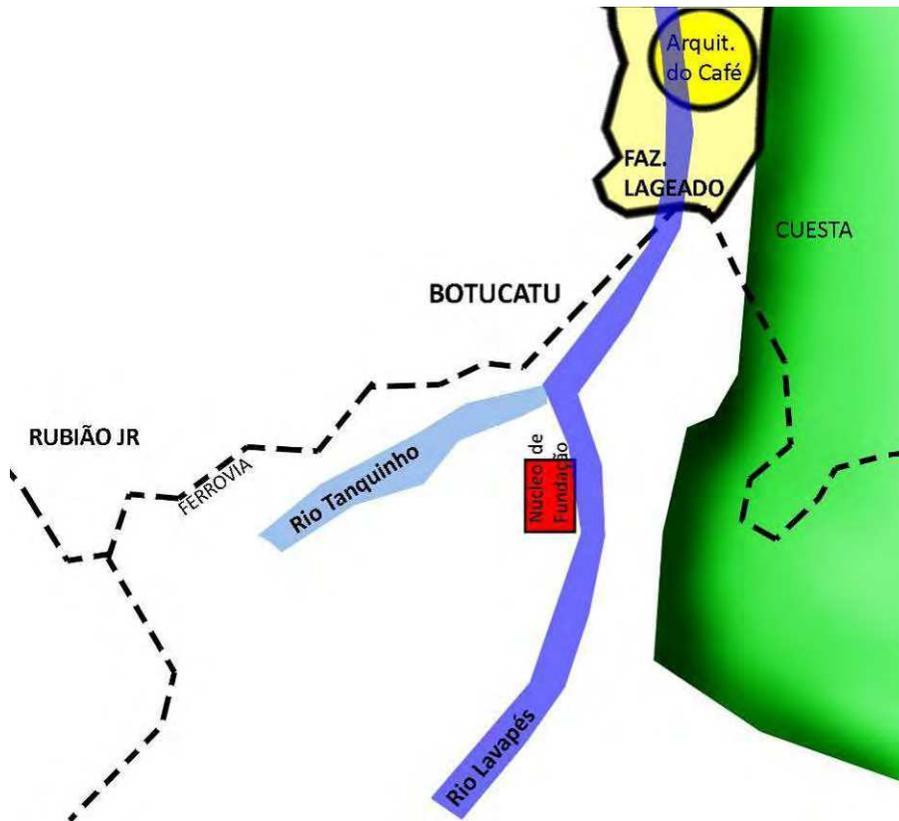


Figura 68 – Croquis do funcionamento em funil da Bacia.

Verificando-se os mapas desenvolvidos por Orsi (2004) e Silva (2008), paralelamente às informações de Leopoldo (1998), pode-se ter uma boa noção do sistema de águas encontrado pelo cafeicultor na Bacia do Lavapés.

A declividade acentuada exatamente na região da fazenda, aliado à dificuldade de infiltração da água no leito do rio impunham ao Lavapés uma situação privilegiada no escoamento das águas para os fins que se necessitava, principalmente em períodos de chuva. Não por acaso, as edificações referentes ao processo produtivo do café estão implantadas exatamente no vértice desta ampulheta formada pela Bacia.

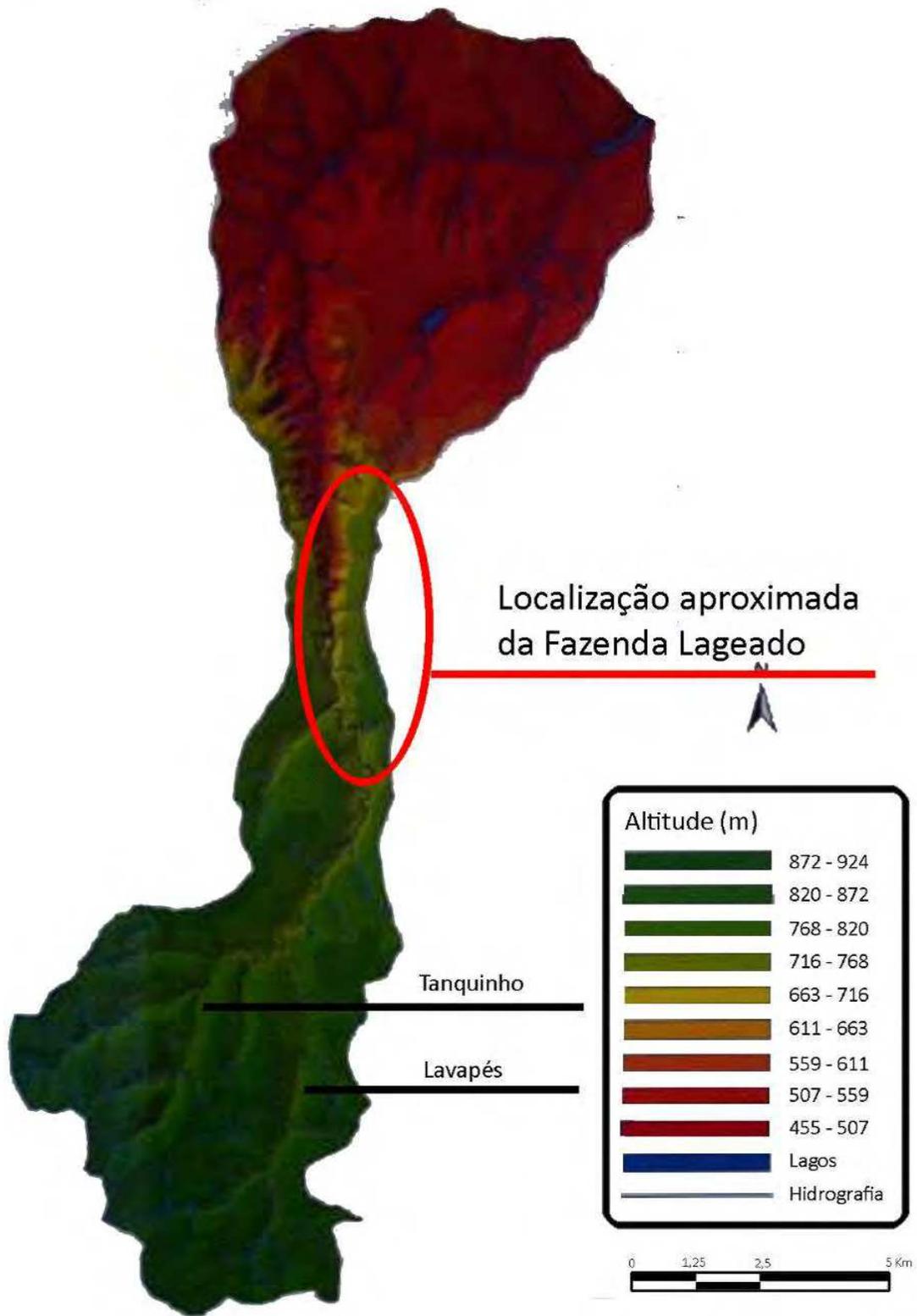


Figura 69 - Localização da Fazenda Lageado sobre Mapa de Altitudes da BRL, de Orsi (2004)

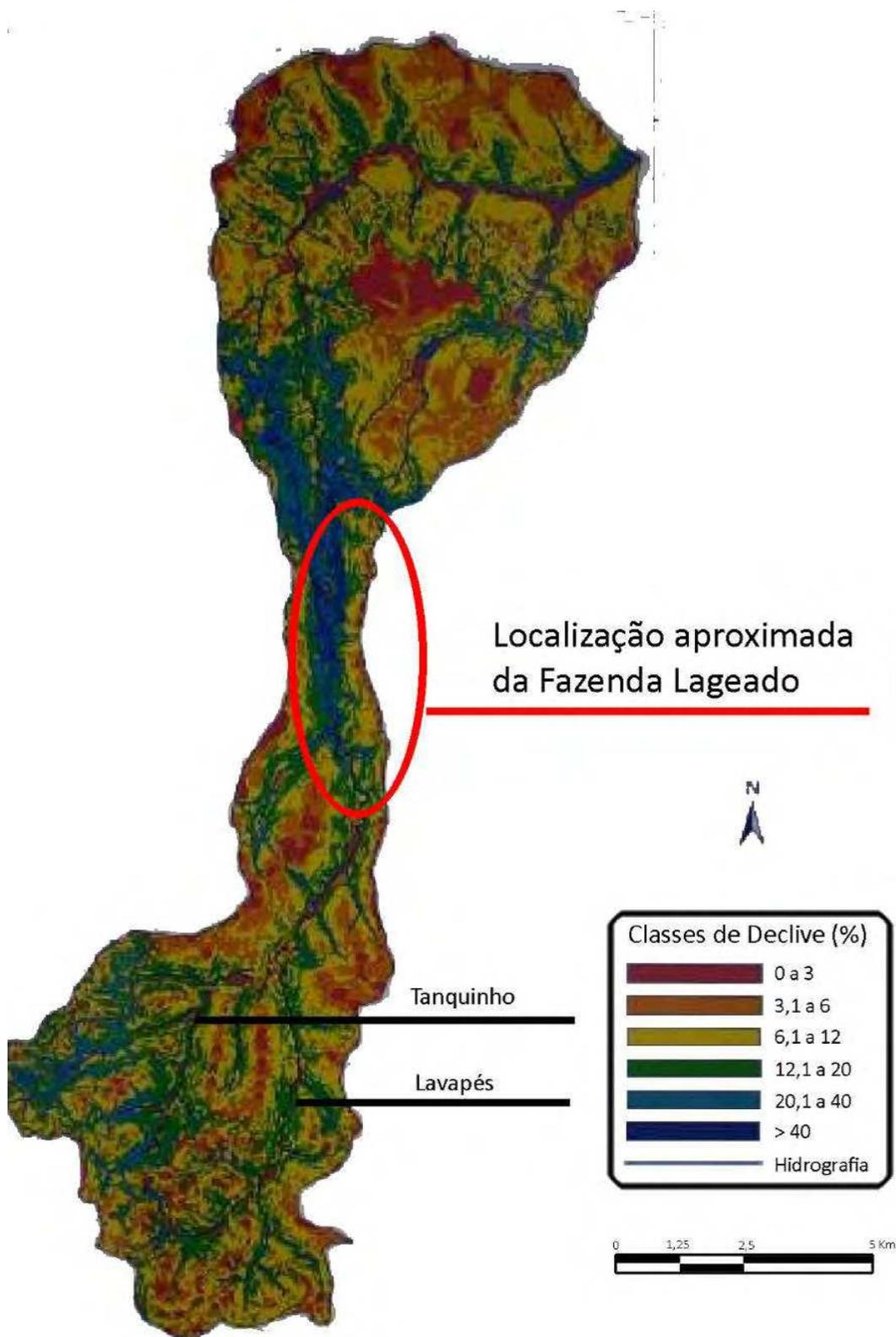


Figura 70 - Localização da Fazenda Lageado sobre Mapa de Declividades da BRL, de Orsi (2004)

Na Figura 71, verifica-se a relação direta da Bacia do Lavapés, em azul, com o processo de ocupação do Município, através da mancha urbana e da implantação da Fazenda Lageado.



Figura 71 - mancha urbana, Fazenda Lageado e Bacia do Lavapés no Município de Botucatu

Cidade de Botucatu X Fazenda Lageado



Observando-se a escala regional de análise, algumas peculiaridades podem ser vistas sobre a evolução da mancha urbana de Botucatu em função do tempo. Devido a fatores principalmente naturais (topografia acentuada e existência de inúmeros ribeirões e córregos no perímetro urbano, além da Cuesta de Botucatu limitando totalmente seu crescimento para o Leste) a cidade não cresceu de forma concêntrica.

Além disso, três conjuntos de processos antrópicos podem ser considerados como importantes direcionadores do fluxo de locação da população:

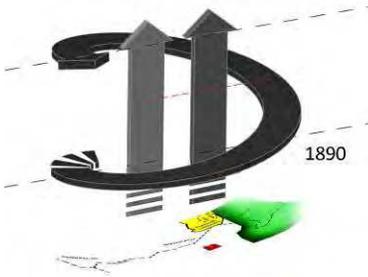
- A compra da Fazenda Lageado e terras vizinhas pelo Dr. João Batista da Rocha Conceição (filho do Barão de Serra Negra), em 1881, e a implantação da ferrovia Sorocabana, em 1890;
- A aquisição da Fazenda Lageado pelo Governo Federal para criação da Estação Experimental Central do Café, em 1934;
- A implantação das Faculdades de Ciências Médicas e Biológica de Botucatu – distrito de Rubião Júnior, em 1962 – e de Agronomia e Medicina Veterinária – Fazenda Lageado, em 1972);

Estes três marcos históricos são, então, tomados como limitadores temporais dos períodos-recorte de análise: (1881 – 1934); (1934 – 1972); (1972 – atual).

Já a análise da evolução física da cidade de Botucatu foi realizada através da utilização dos croquis de Schmitt, de 1872, além de mapas que apresentavam as delimitações botucatuenses nos anos de 1890, 1939, 1949, 1959, 1982, 1992, 2000.

Como os mapas existentes não coincidiam com as datas limites dos períodos de análise, para fins didáticos optou-se pela utilização dos seguintes mapas e, conseqüentemente, seus limites: 1939, para 1º período; 1982, para 2º período; e 2000, para 3º período.

Análise em Espiral: a Paisagem pré-existente



A partir do método proposto, toma-se como ponto inicial da “espiral” de análise a situação do núcleo de fundação da Cidade de Botucatu¹⁰², no período aproximado da compra da Fazenda Lageado e terras vizinhas pelo Dr. João Batista da Rocha Conceição (filho do Barão de Serra Negra), em 1881, e a implantação da ferrovia Sorocabana, em 1890.

Graficamente, esta paisagem pré-existente apresenta-se da seguinte maneira:

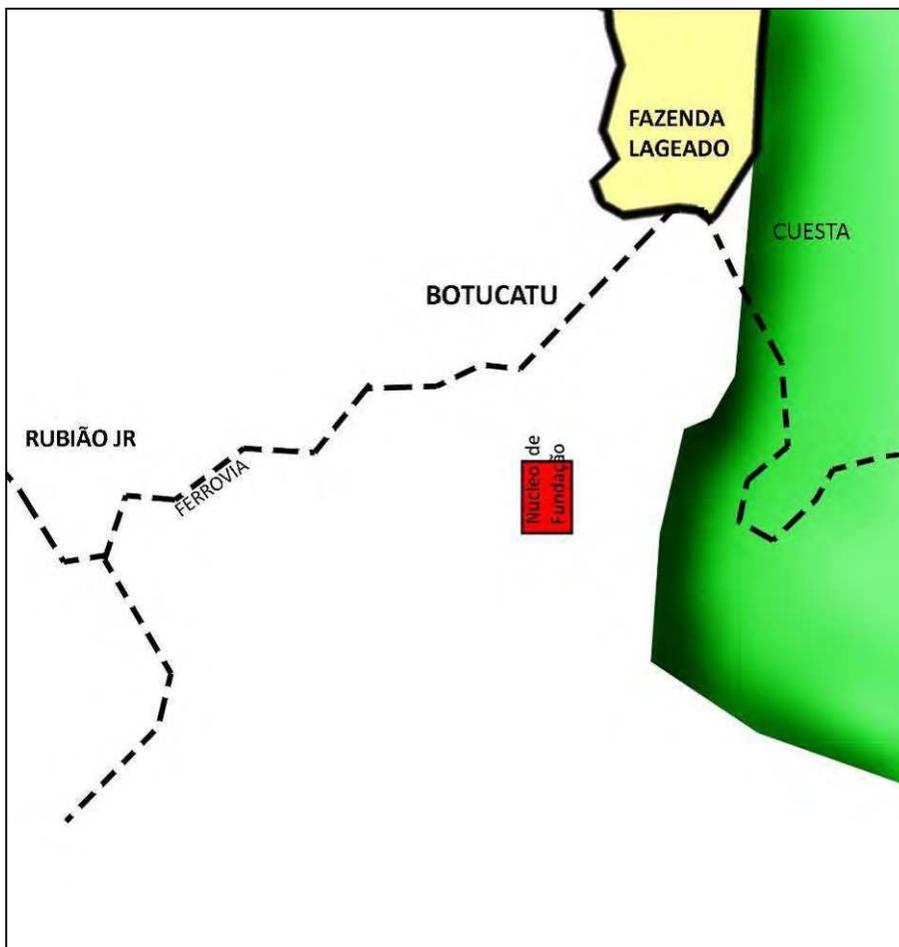
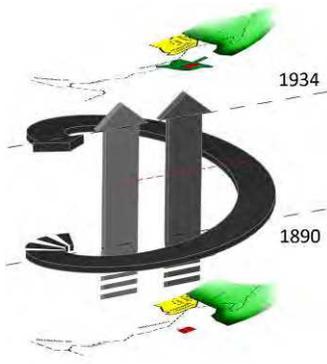


Figura 72 – Croquis da Paisagem pré-existente ao período de análise.

102 Apesar do Distrito de Rubião Junior ter importância reconhecida na evolução histórico-cultural botucatuense, principalmente por ser a região preferida pelos imigrantes para implantação de suas pequenas propriedades cafeicultoras, não foram encontradas fontes de informação confiáveis para sua inserção nesta análise.



1º Período: Fazenda Cafeeira (Dr. João Batista Conceição)

Durante este período o crescimento da malha urbana se deu em direção à Ferrovia e à Fazenda Lageado. Isto fica bastante claro ao se verificar o desenho desta paisagem, apresentado na Figura 73.

Importante observar, também, a localização do núcleo original edificado para a produção cafeeira, pois será importante para as análises relacionais dos próximos períodos. Já a arquitetura da produção, propriamente dita, será melhor explicitada no nível das edificações e maquinários.

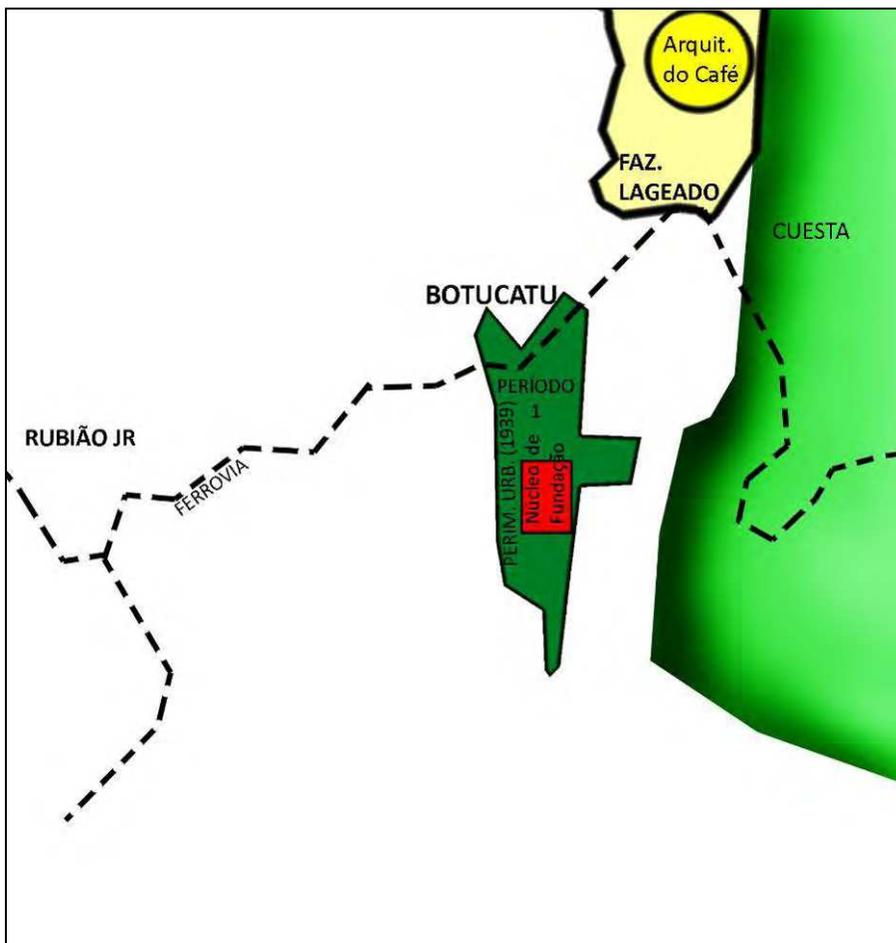
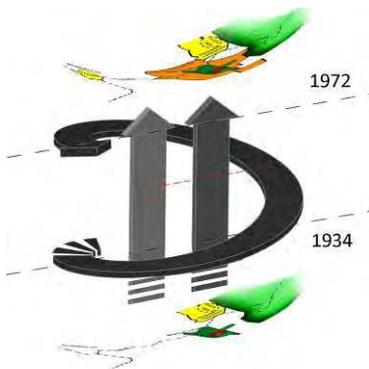


Figura 73 – Croquis da Paisagem do 1º período de análise: Fazenda Cafeeira



2º Período: Estação Experimental Central do Café (E.E.C.C.)

Neste período, verifica-se a continuidade do adensamento para o lado da ferrovia onde se encontra a fazenda. Paralelamente, a delimitação em laranja claro¹⁰³, de 1959, apresenta um crescimento acentuado à direita do núcleo de fundação, em direção à rodovia de acesso à fazenda.

A cidade continua distribuindo-se também junto à própria ferrovia, outro acesso ao Lageado.

Dois outros fatores de atração populacional devem ser observados: o eixo industrial e a instalação da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas, em 1968, no Distrito de Rubião Júnior.

Ao mesmo tempo, deve-se observar em que a ocupação interna da Fazenda se dá em direção à cidade. Graficamente:

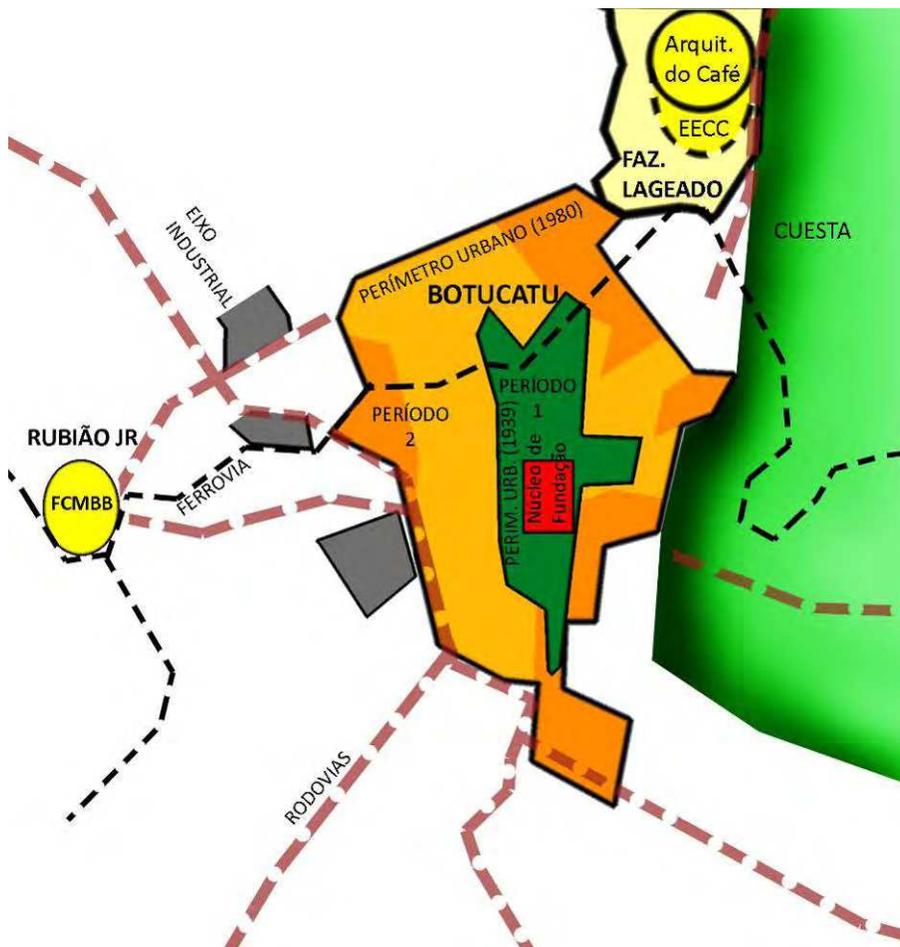
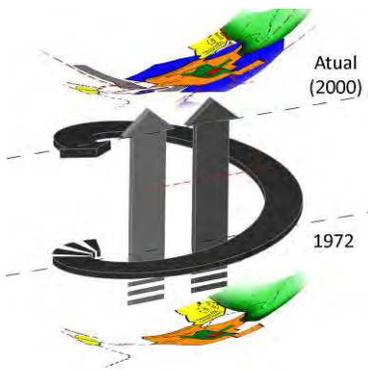


Figura 74 - Croquis da Paisagem do 2º período de análise: Estação Experimental Central do Café

¹⁰³ Como não se conseguiu um mapa com as delimitações da cidade na data limite da E.E.C.C. (1972), a delimitação em laranja claro refere-se aos limites da cidade em 1959, e a laranja escuro em 1982.



3º Período: Universidade Estadual Paulista

A inserção dos dois campi universitários em extremos opostos da cidade instigou uma dinâmica bastante diferente das anteriores.

A partir deste momento, a cidade, como um todo, deve ser vista como pólo de atração populacional. Isto, pois, muitos destes estudantes fixaram residência na cidade, criando uma mão-de-

obra qualificada e conseqüente mudança no perfil sócio-econômico da população, atraindo novas ofertas de comércio e serviços.

Neste caso, a evolução urbana, a partir da paisagem anterior, será mais visível se observada sobre a delimitação laranja claro, de 1959. Isto se traduz na representação da paisagem apresentado na Figura 75, como um crescimento vertiginoso ao redor da Fazenda Lageado, além da ocupação massiva próxima ao campus de Rubião Júnior, de Ciências Médicas e Biológicas.

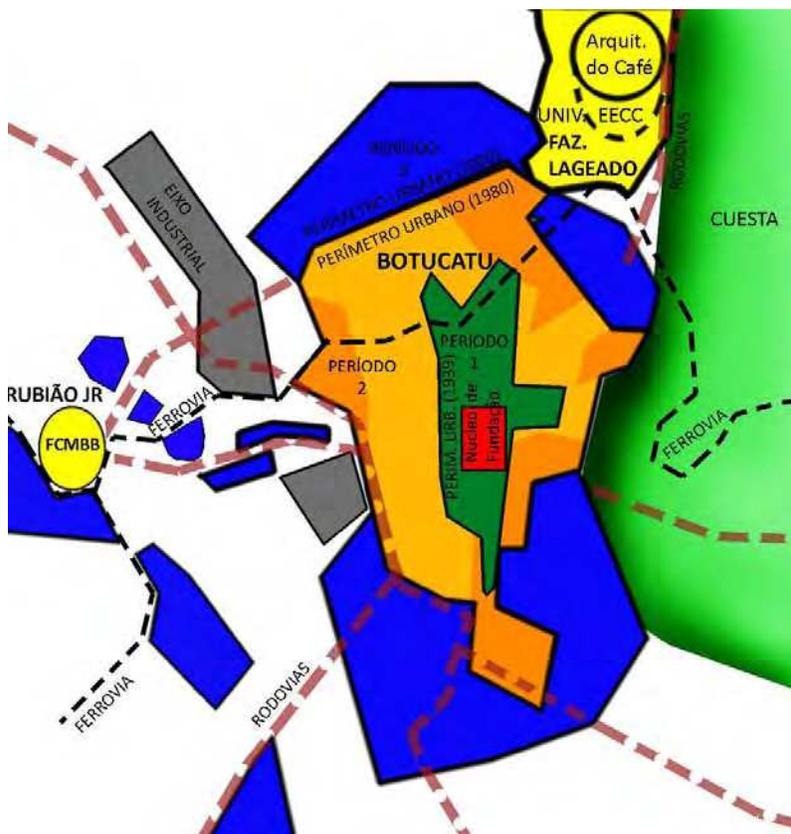


Figura 75- Croquis da Paisagem do 3º período de análise: Universidade Estadual Paulista

Paralelamente, a urbanização interna da Fazenda Lageado, edificada para atender à demanda universitária, segue o conceito apresentado na paisagem anterior, com a ocupação crescendo em direção à cidade. A formatação final do espaço destinado ao campus abrange as edificações dos dois períodos anteriores.

A partir deste momento, o processo de desenvolvimento da arquitetura da produção “agro-industrial” passar a ter a co-existência de outro processo: a arquitetura da produção “acadêmica” ou “cultural”. O conjunto edificado internamente ao campus, contendo os produtos dos três períodos passa a ser o espaço de transição entre rural e urbano, um espaço com características mistas, um espaço não-urbano.

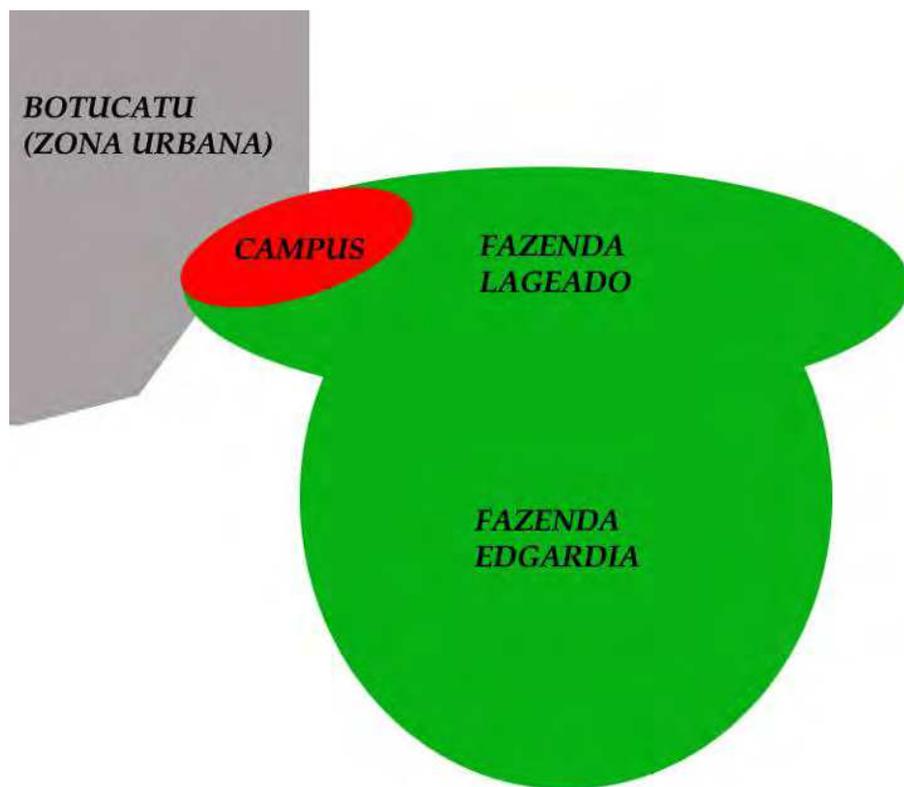


Figura 76 - Croquis sem escala da situação do campus em relação à cidade e à fazenda

Nível da Propriedade

O segundo nível de análise visualiza e relaciona os processos existentes na área delimitada pela fazenda. Sua ampla extensão territorial (mais de 2.100 ha) e a localização das edificações nos três períodos histórico-administrativos por que passou, possibilita um recorte mais específico, porém não menos interessante ou importante, delimitado pela área física atual composta pelo patrimônio edificado principal do campus universitário, explícito anteriormente na Figura 76. Aqui estão inseridas as edificações históricas, edificações atuais, pavimentação de piso, equipamentos urbanos, etc.

Atualmente, o campus universitário ocupa cerca de 5% da área total da fazenda¹⁰⁴, sendo o restante ocupado com áreas de plantio para estudos e testes, pecuária, e uma grande parte como área de proteção ambiental (APA Corumbataí).

E é exatamente neste espaço delimitado pelo campus, que se pode visualizar com maior clareza o espaço não-urbano explicitado por Argollo Ferrão. A Fazenda Lageado possibilita um exato recorte onde urbano e rural dialogam de forma harmônica, onde as camadas históricas sobrepõem-se, sem que tenha se perdido a continuidade de seu processo evolutivo.

A evolução da ocupação física da Fazenda Lageado: Uma leitura através dos seus vestígios edificados

Entendendo-se que a paisagem atual é resultado da atuação humana sobre a paisagem natural, e conhecendo-se a existência de resquícios dos três períodos de evolução histórico-administrativa por que passou a Fazenda Lageado, é possível verificar dois outros processos capazes de confirmar a existência destes recortes históricos distintos: a evolução do sistema viário e a existência de conjuntos arquitetônicos diferenciados entre si, característicos de cada um destes períodos.

104 Lembrando-se que, apesar de oficialmente serem duas fazendas distintas, Lageado e Edgárdia, desde sua compra pelo Dr. João Batista da Rocha Conceição passaram a ser conhecidas como uma só propriedade, levando o nome da primeira, onde estão localizadas as edificações de interesse.

Através de simples observação do arruamento existente atualmente, explicitado graficamente na Figura 77, observa-se dois grandes conjuntos tipológicos distintos. O primeiro implantado de forma a acompanhar as curvas de nível, formando um traçado bastante orgânico, fato notadamente comum em propriedades rurais.

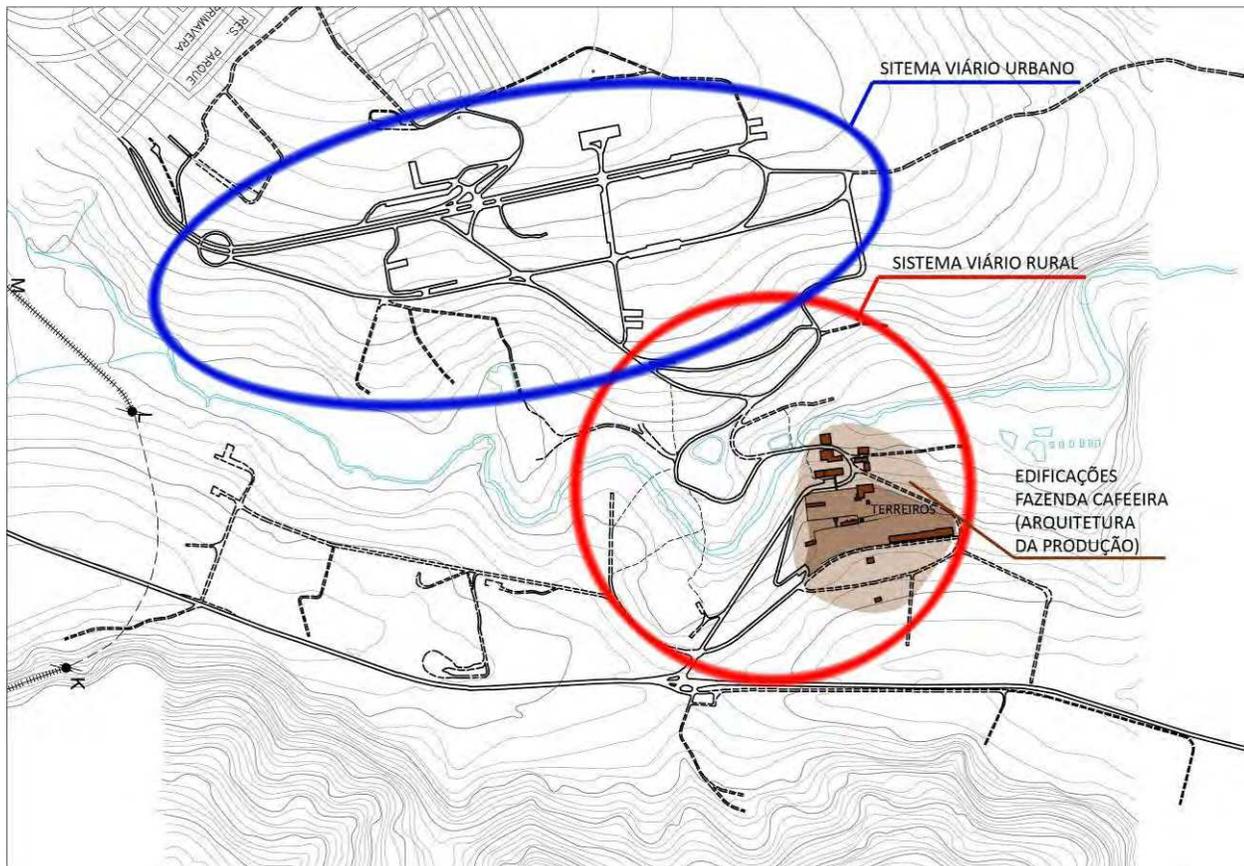


Figura 77 - Fazenda Lageado - Sistema viário atual

Ao se verificar a área ocupada pelas novas edificações da universidade, construída a partir de projeto realizado em 1972 pelo arquiteto e urbanista botucatuense Eugênio Monteferrante, o traçado retilíneo e ortogonal, com grandes avenidas, de cunho modernista, confronta-se visualmente com o arruamento original da fazenda.

Estas diferenças ficam ainda mais evidentes ao se verificar a relação entre as edificações e o sistema viário, não apenas com relação a sua orientação, mas também pela sua escala.

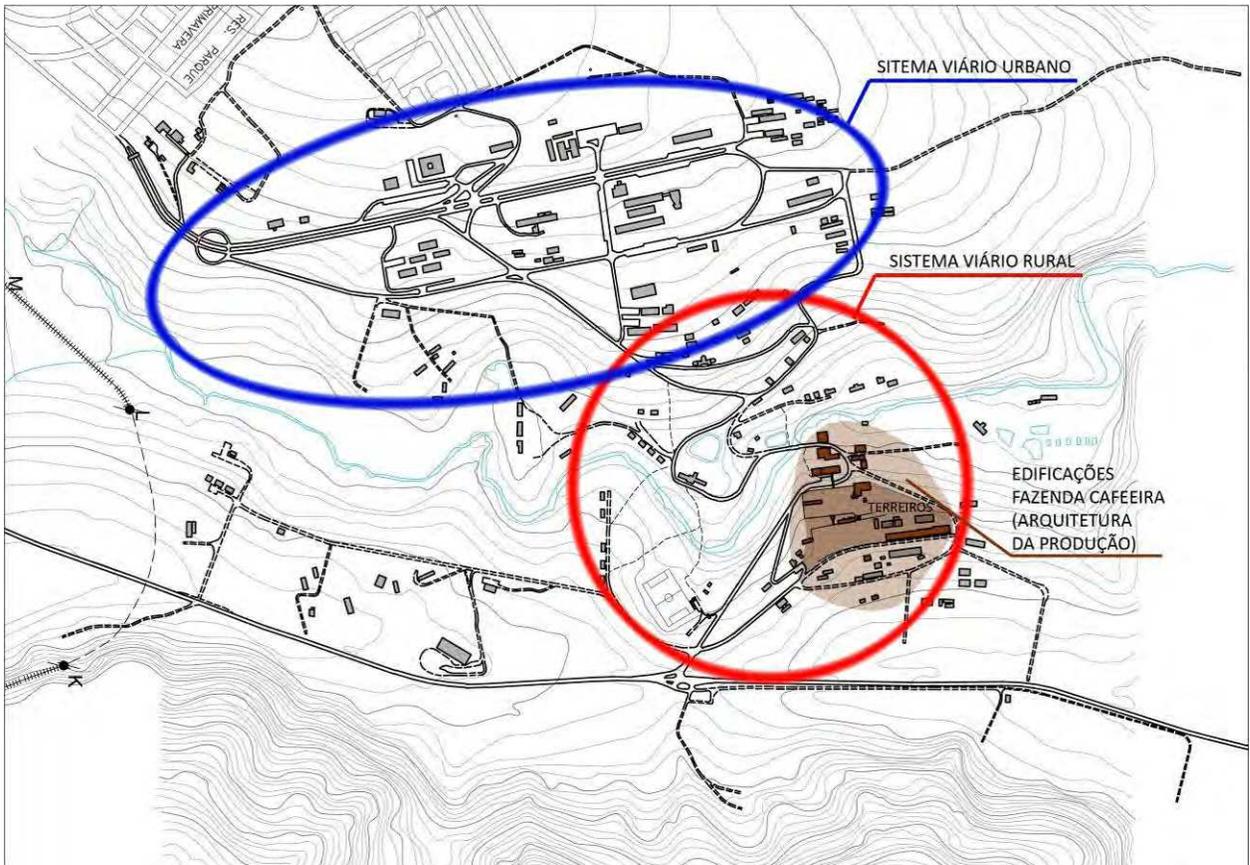


Figura 78 - Fazenda Lageado - Sistema viário atual com edificações

Neste sentido, buscou-se informações capazes de separar corretamente a atuação sobre o sistema viário em cada um dos períodos histórico-administrativos, conforme explicitado na Figura 79, chegando-se à seguintes conclusões, expostas na Figura 80, Figura 81 e Figura 82.



Figura 79 - Mapa da Estação Experimental (final da década de 1930). Fonte: Biblioteca FCA (Obras Raras)

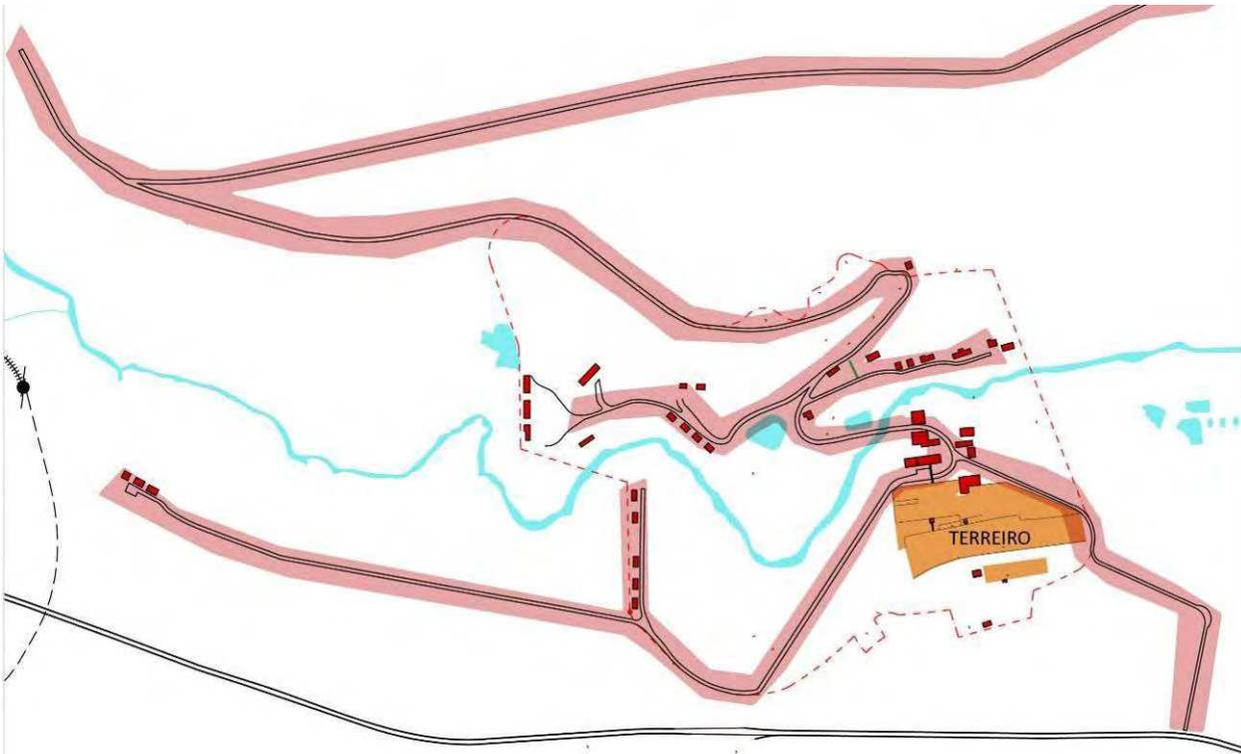


Figura 80 - Provável sistema viário original da fazenda cafeeira, com locação das edificações de época em vermelho.

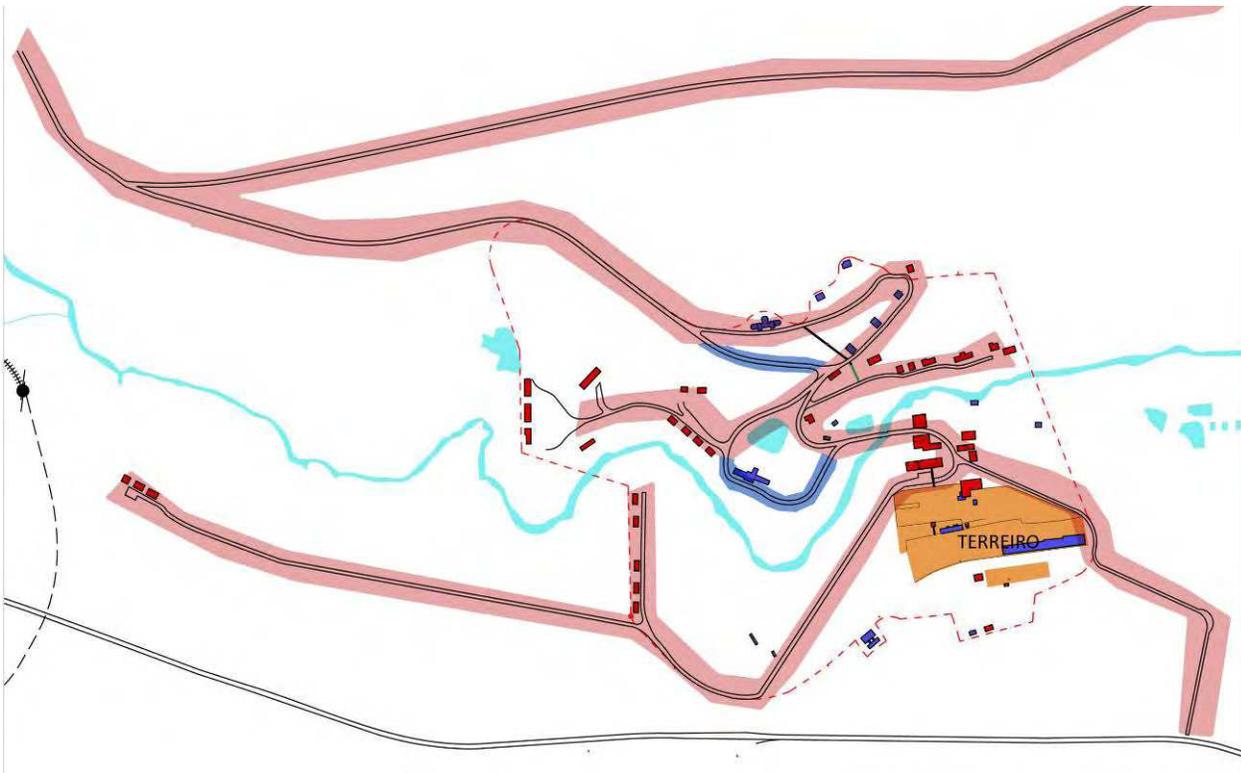


Figura 81 - Sistema viário principal do 2º período, com inserção das edificações de época em azul.

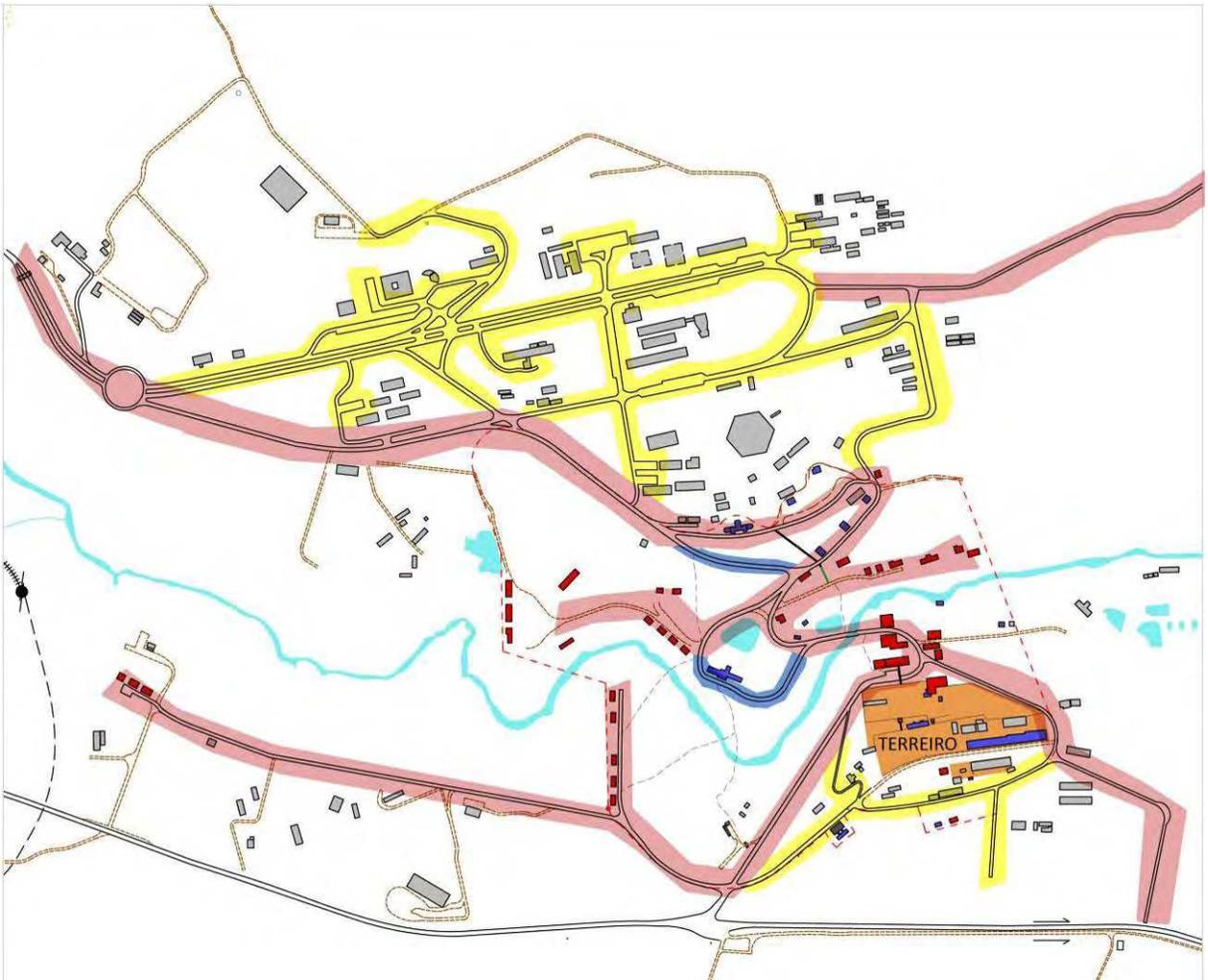


Figura 82- Sistema viário principal da universidade, em amarelo, com inserção das edificações de época.

Nota-se, portanto, uma estreita relação entre os dois primeiros períodos de evolução da fazenda, verificada pela utilização do mesmo sistema viário implantado originalmente, apenas com pequenos ajustes, indicados em azul.

A segunda maneira de se identificar os diferentes períodos de evolução histórico-administrativa da Fazenda Lageado é através da implantação e da arquitetura característica desenvolvida em cada um de seus períodos.

Segue-se a representação gráfica da evolução arquitetônica do Lageado nos três períodos delineados nesta pesquisa:

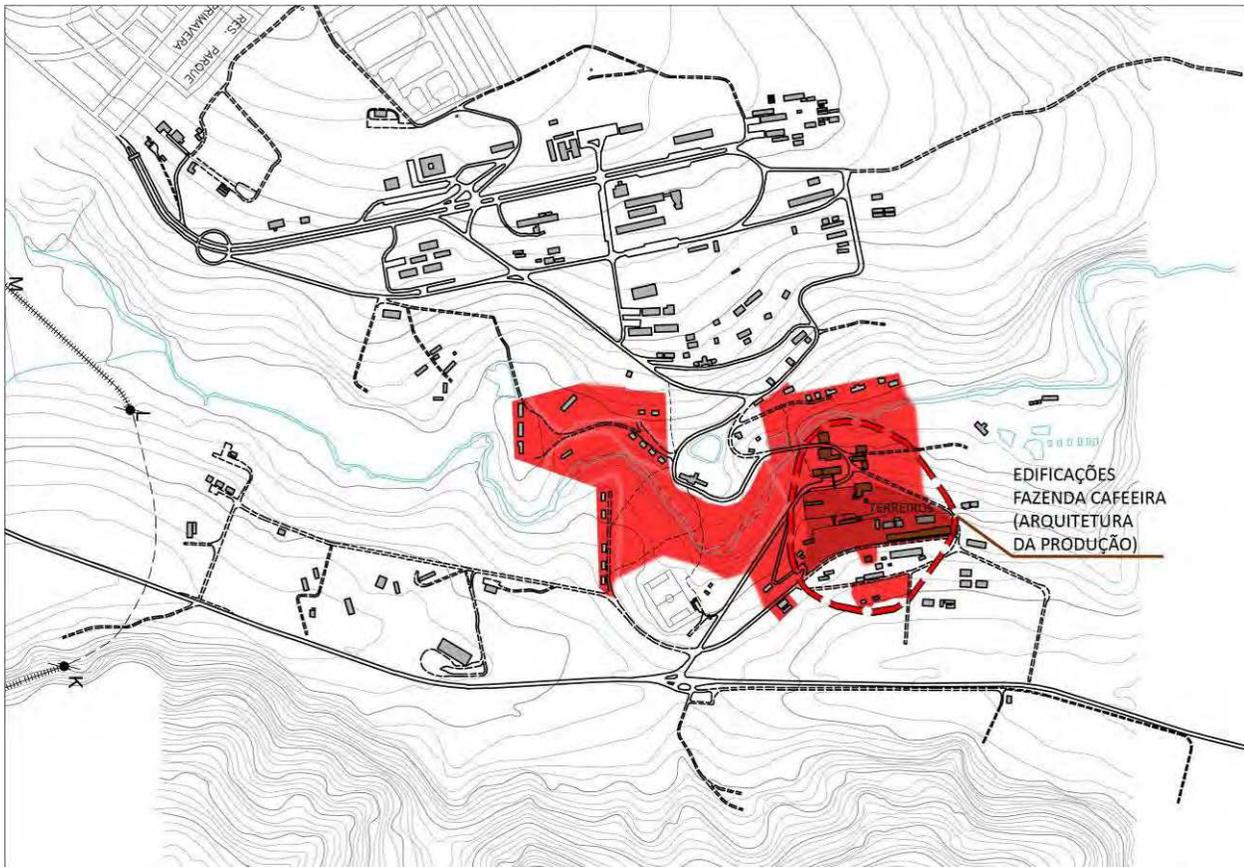


Figura 83- mancha da ocupação original da fazenda cafeeira



Figura 84 - Edifício da Tulha e Casa de Máquinas



Figura 85 - Casa de Morada (Casa Grande)



Figura 86 - Casa de Colono (Colônia Seis Casas)

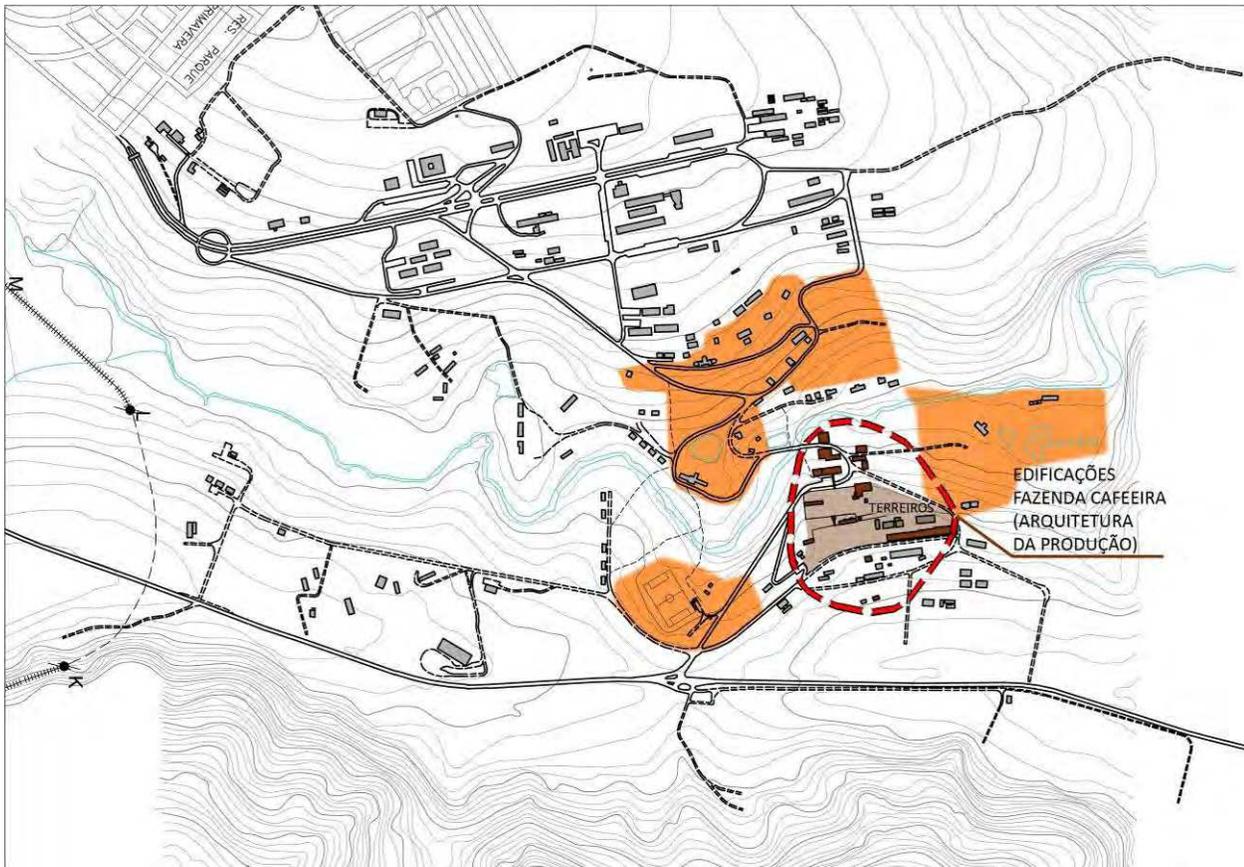


Figura 87 – mancha da ocupação principal da estação experimental



Figura 88 - Prédio da Diretoria da Estação Experimental



Figura 89 - Hospedaria



Figura 90 - Casa de servidor da Estação Experimental

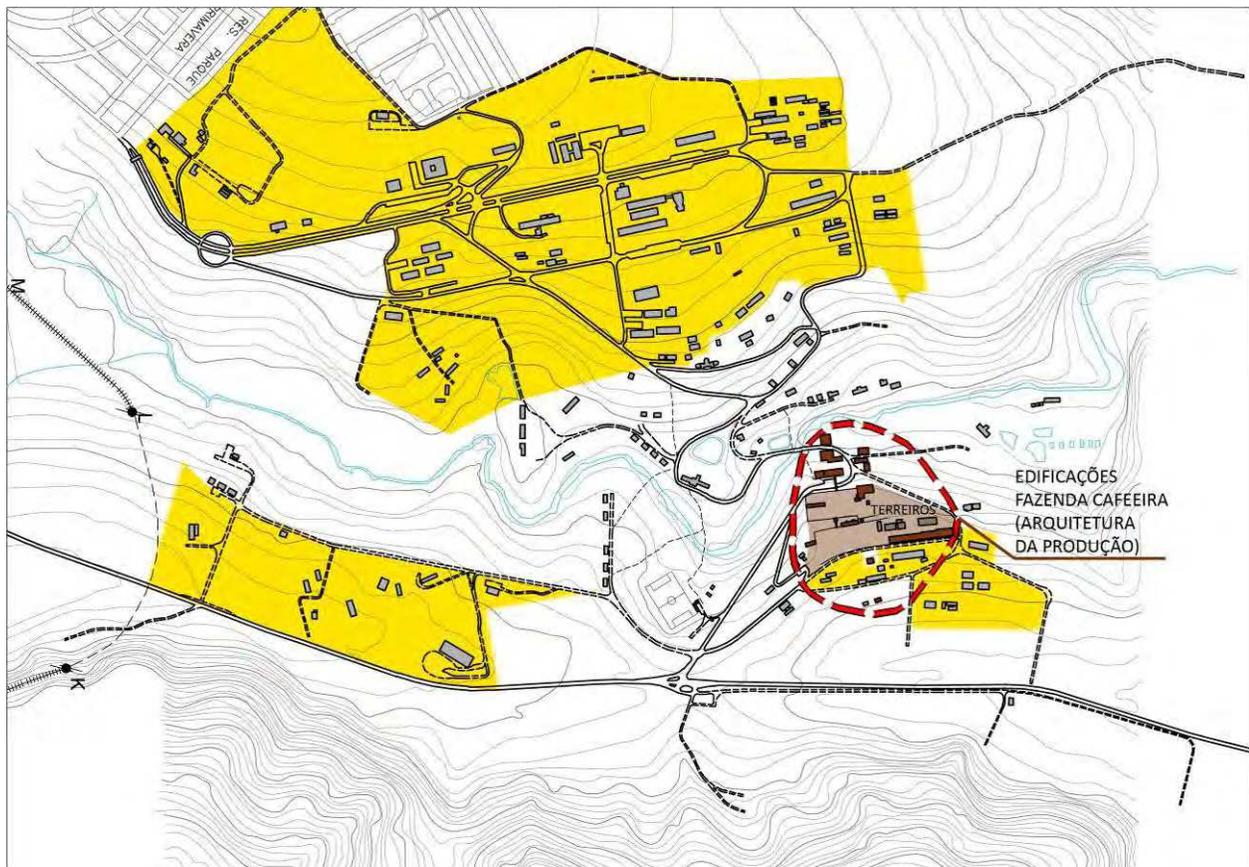


Figura 91 – mancha da ocupação da universidade



Figura 92 - Departamento de Engenharia Rural. Fonte: www.fca.unesp.br



Figura 93 - Fonte: www.fca.unesp.br



Figura 94 - Departamento de Ciências do Solo. Fonte: www.fca.unesp.br

Unindo-se as três representações pontuais, explicitam-se as relações diretas de ocupação anteriormente citadas:

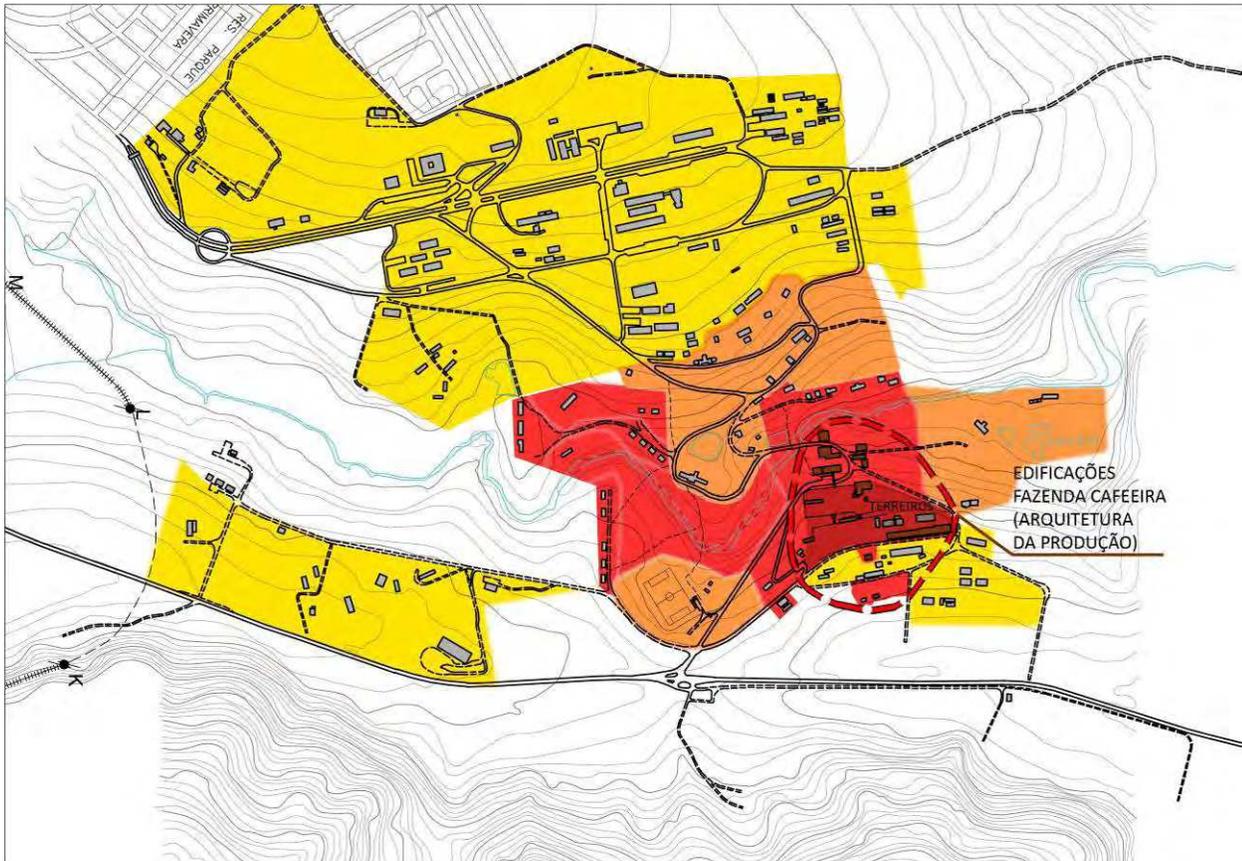


Figura 95 - evolução da ocupação da Fazenda Lageado

Neste caso, pode-se verificar em planta, fisicamente, a indicação de relações intrínsecas entre a ocupação desenvolvida através da implantação de edifícios nos dois primeiros períodos, e um afastamento da área original no terceiro período.

Apesar de possuírem características arquitetônicas distintas, a evolução do processo de ocupação das edificações apresenta-se harmônica ao resultado obtido analisando-se somente o sistema viário.

O mapa apresentado a seguir, na Figura 96, contendo o resultado evolução da ocupação da Fazenda Lageado e análise do sistema viário, permite a visualização com maior clareza desta relação.

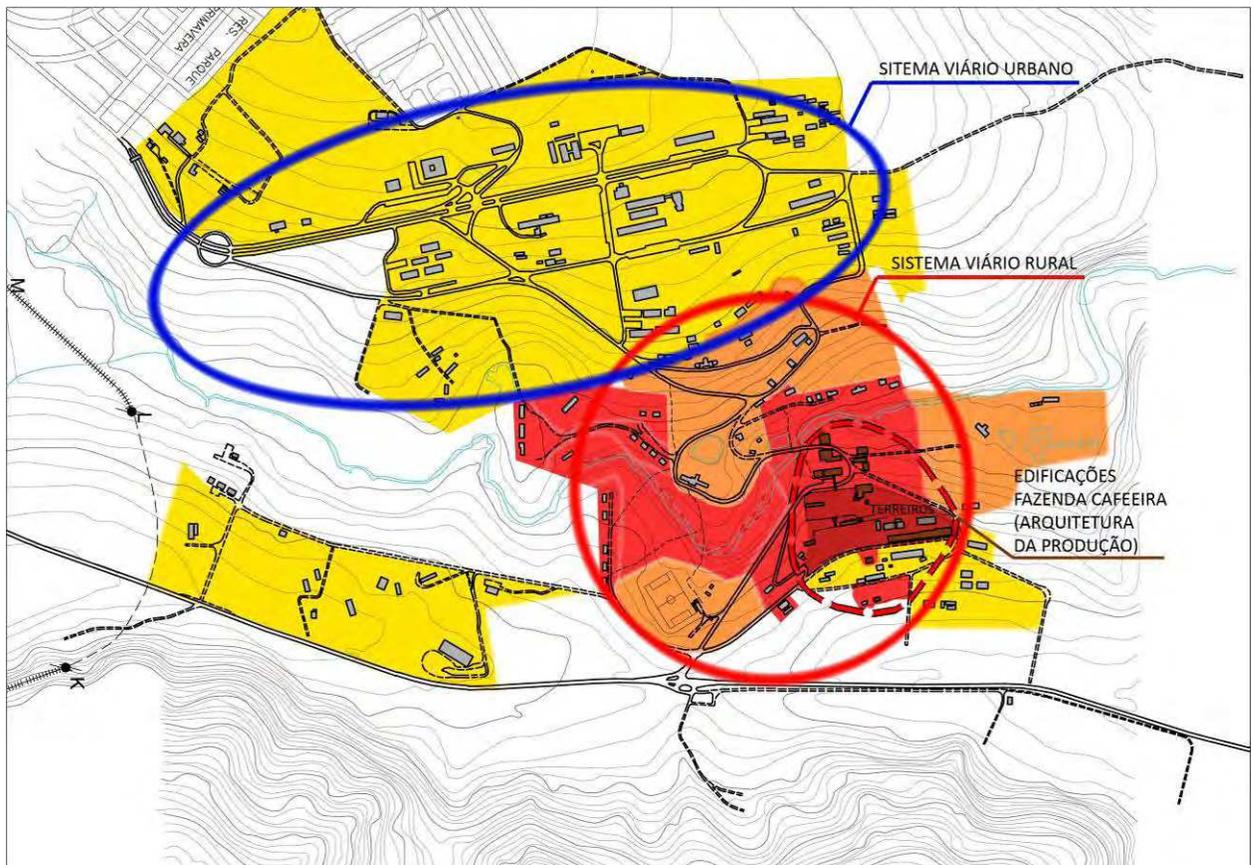


Figura 96 - evolução da ocupação da Fazenda Lageado e análise do sistema viário

Usos e visuais de interesse

Enquanto campus universitário, o uso do espaço baseia-se, como esperado, no tripé ensino-pesquisa- extensão. Ruas pavimentadas, edificações modernas, laboratórios com tecnologia de ponta, auxílio aos pequenos agricultores da região, prestação de serviços aos grandes agricultores nacionais. Porém, de forma paralela, outros usos vêm se intensificando e, com isto, modificando o perfil e quantidade de usuários em uma área com perfil, a princípio, apenas universitário.

Durante o ano letivo, apesar do prevaecimento esperado da população universitária, a população botucatuense vem intensificando o uso do espaço como área de lazer e esportes, principalmente no início da manhã e final de tarde, no verão, e nos finais de semana, quando se somam visitantes de toda a região. Este fato vem ocorrendo mesmo sem equipamentos urbanos adequados.

Outro fator importante na consolidação de novos usuários, com perfil distinto do universitário, está na reabertura do Museu do Café em 2005, dentro do Projeto de Revitalização de Uso da Área Histórica da Fazenda Lageado. A partir da construção de parcerias com a Prefeitura Municipal de Botucatu, Governo Estadual, iniciativa privada (turismo), entre outros agentes, a média anual de 2.000 visitantes, no biênio 2005 e 2006, sofreu um salto significativo, atingindo o extraordinário número de 16.000 visitantes em 2009. Qualitativamente, a amplitude é igualmente vasta, recebendo desde alunos do ensino fundamental e médio da cidade e região a grupos de idosos de todo o estado, incluindo-se inúmeros estrangeiros participantes de intercâmbios da universidade.

No sentido de se verificar a existência de uma relação entre o local de permanência destas pessoas, com a área de interesse histórico, duas situações serviram de modelo para desenvolvimento de comparação. Na Figura 97, apresentam-se graficamente os locais e usos que as pessoas fazem do espaço (azul para esportes, laranja para lazer e contemplação e círculo pontilhado em vermelho para turismo educacional).

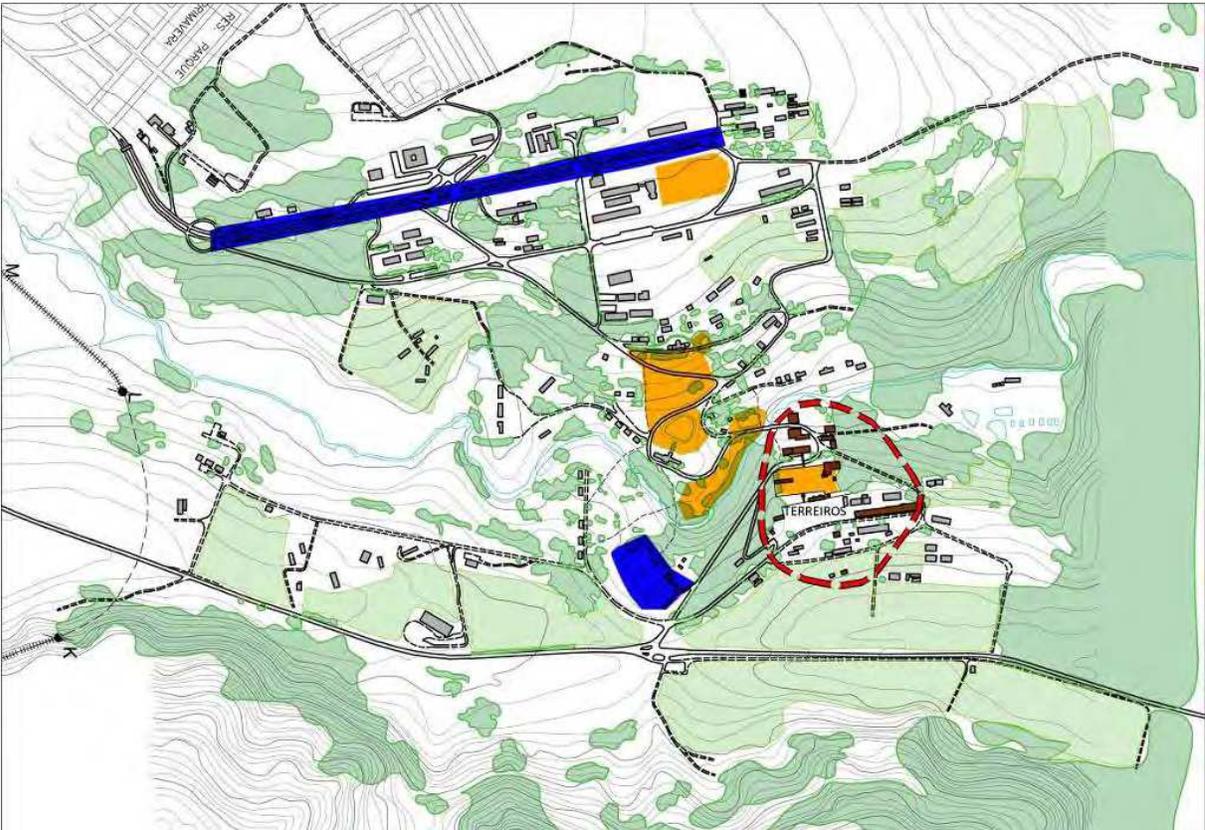


Figura 97 – Fazenda Lageado - Uso e ocupação com atividades de esporte e lazer



Figura 98 - Pedestres utilizando avenida central da universidade para lazer e esporte



Figura 99 - Pedestres utilizando avenida central da universidade para lazer e esporte



Figura 100 - Família brincando em bolsão de estacionamento, no final de semana.



Figura 101 - Pedestres praticando corrida



Figura 102 - Famílias no final de tarde ao redor da Hospedaria



Figura 103 - Crianças brincando no gramado em final de tarde. Vista da Cuesta ao fundo.



Figura 104 - Feira do Automóvel Antigo (set/2009). Foto: José Eduardo Candeias



Figura 105 - Feira do Automóvel Antigo (set/2009). Foto: José Eduardo Candeias



Figura 106 - Feira do Automóvel Antigo (set/2009). Tulha ao Fundo. Foto: José Eduardo Candeias



Figura 107 - Feira do Automóvel Antigo (set/2009). Casa Grande ao fundo. Foto: José Eduardo Candeias



Figura 108 - Campo de futebol do Atlético Clube Lageado

Após verificar a diversidade de usos de lazer e contemplação existentes na Fazenda Lageado, externos ao uso diário de universidade, na Figura 109, foram demarcados os pontos que possuíam amplitude visual de interesse, como locais com visualização para o conjunto histórico, para a universidade ou mesmo para áreas verdes, como a zona da Cuesta de Botucatu.

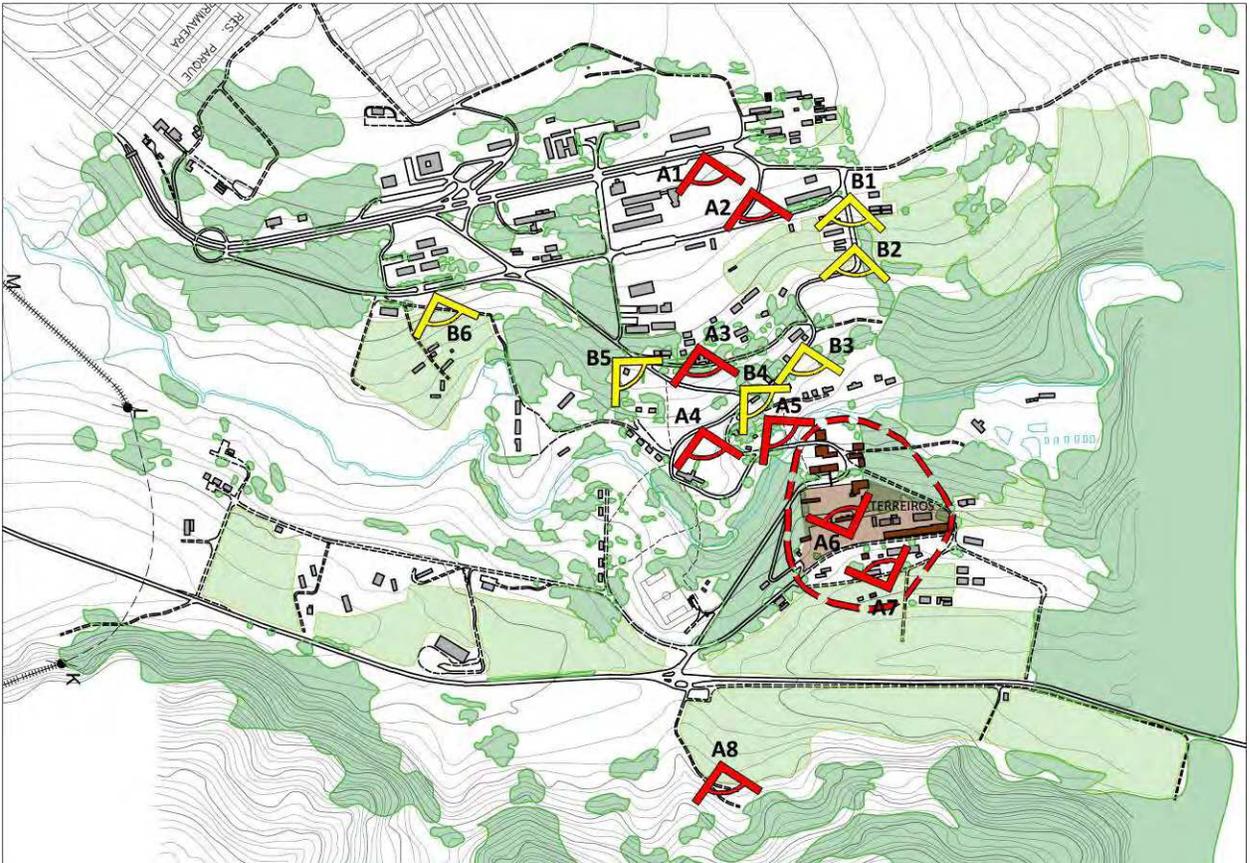


Figura 109 – Fazenda Lageado - Visuais de interesse (EM VERMELHO: Visuais em local de permanência; EM AMARELO: visuais a partir do sistema viário);

Todas estas visuais indicadas podem ser verificadas no anexo 02.

Sobrepondo-se os mapas de uso e de visuais de interesse, percebe-se que a utilização maior se dá especificamente em áreas com visual para o conjunto histórico de interesse, conforme explicitado na Figura 110.

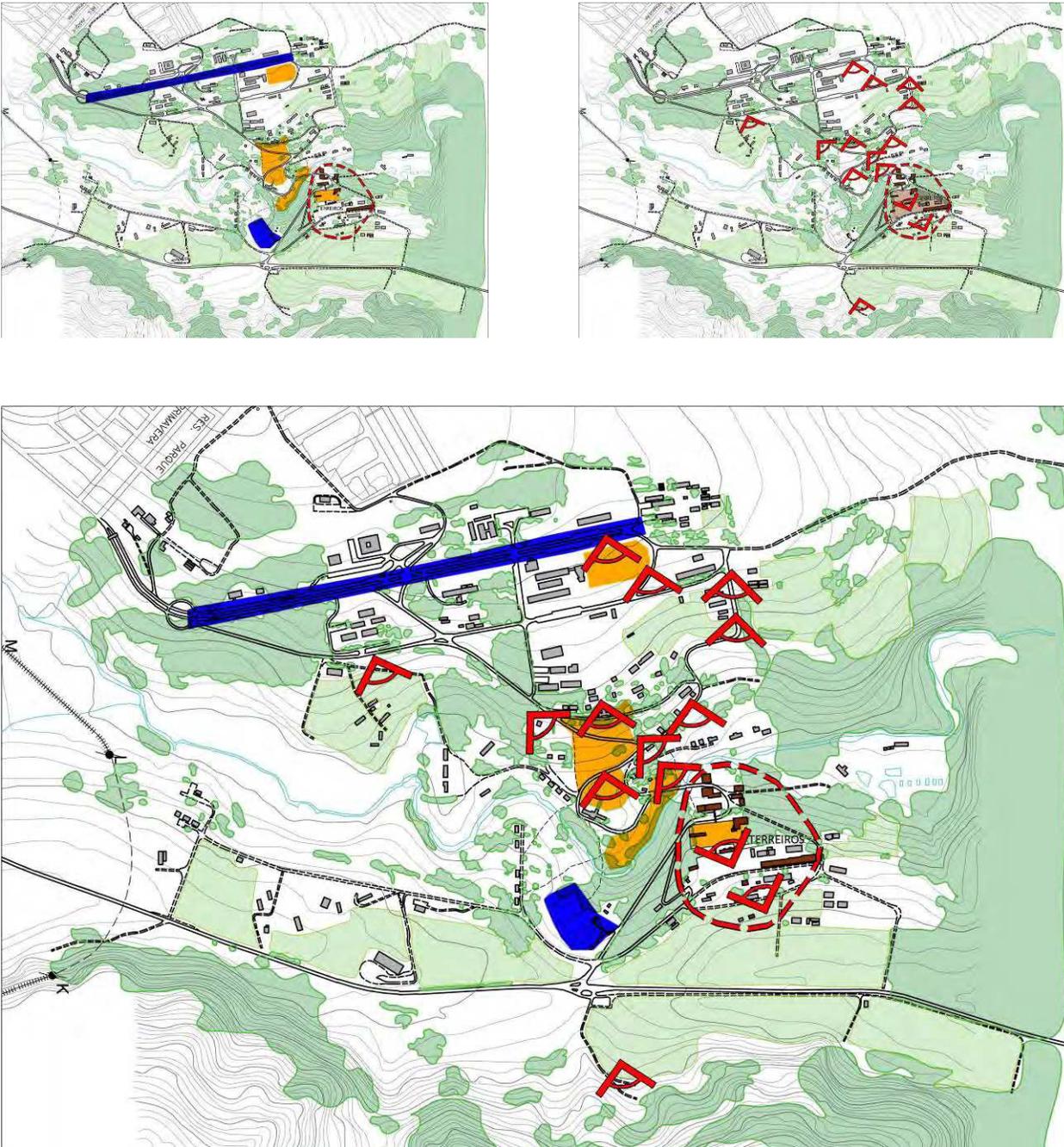


Figura 110 - Fazenda Lageado - visuais de interesse sobre uso e ocupação

Nível do Edifício e do Maquinário

Visualizar a evolução dos processos de construção, uso e ocupação nos distintos períodos histórico-administrativos da Fazenda Lageado é visualizar a evolução dos seus processos produtivos e culturais, visto que todos os três processos inter-relacionam-se em co-evolução. Uma maneira possível de atingir este objetivo é analisar a evolução da própria arquitetura de produção, fisicamente falando.

Porém, no caso da Fazenda Lageado, alguns fatores necessitam ser mensurados em conjunto com a história física apresentada por suas construções e equipamentos integrados. A modificação de funções e usos por que passou não impôs apenas adequações às edificações e aperfeiçoamento dos sistemas para melhoria de qualidade dos produtos finais ou ampliação dos resultados obtidos. A partir de certo momento histórico, praticamente todos os processos referentes ao café em larga escala cessaram, fazendo com que o conjunto principal edificado¹⁰⁵ caísse totalmente em desuso, ou então, apresentasse modificações completas neste uso, o qual muitas vezes não seria condizente com a edificação ocupada.

A consequência maior disto, no que se refere à conservação do patrimônio, é que algumas partes da história que este conjunto edificado poderia contar foram perdidas, seja por arruinamento parcial, descaracterização total ou parcial, chegando muitas vezes ao desaparecimento completo.

Se a perda material completa destes elementos é um problema praticamente sem solução, cuja lacuna só poderia ser suprida pela existência de um rico material histórico, não se pode subestimar a importância de qualquer vestígio original, seja das edificações, ou mesmo de seus bens integrados.

No caso específico da Fazenda Lageado, apesar de informações valiosas já terem se perdido, principalmente no que concerne a bens móveis e integrados, muito ainda perdura, sendo agora necessário um conhecimento mais aprofundado deste patrimônio para sua efetiva conservação.

105 Entendendo-se como conjunto edificado não apenas as edificações principais, como terreiros, despoldadores, tulha, aquedutos, mas todos os equipamentos integrados ao processo, incluindo-se as edificações secundárias, como moradias, prédios administrativos, etc.

O conjunto da arquitetura da produção, desenvolvido nos dois primeiros períodos (fazenda cafeeira e Estação Experimental) pode ser analisada indiretamente em função de dois processos coexistentes e complementares: a evolução do sistema de águas e a evolução de uso e ocupação do terreiro e de suas edificações adjacentes.

O sistema das águas

O simples caminhar sobre os terreiros da Fazenda Lageado, e mesmo ao seu redor, permite ao observador um contato direto com inúmeros vestígios de equipamentos que externam a ampla responsabilidade de um sistema complexo de águas, no processo evolutivo da Fazenda Lageado.



Figura 111 – aqueduto no terreiro superior



Figura 112 - ralo para captação de águas e canaletas no terreiro inferior



Figura 113 - Caixas d'água



Figura 114 – tanques de lavagem do despulpador de café.



Figura 115 – Comporta



Figura 116 - Caixa de decantação

Assim como já foi verificado, cada um dos três períodos histórico-administrativos da Fazenda Lageado (fazenda cafeeira, Estação Experimental e Universidade) apresenta características peculiares referentes à arquitetura, implantação, sistema viário.

Seria de se esperar, portanto, que a cultura do uso da água seguisse este mesmo caminho.

O uso da água: Fazenda cafeeira e Estação Experimental:

Durante estes dois períodos, a água era utilizada em todo o processo relativo ao café, seja na irrigação dos cafezais, lavagem dos grãos, como meio transporte em grande parte do processo de beneficiamento e também como força motriz dos próprios equipamentos de benefício.

Contemplar o sistema de águas da Fazenda Lageado é testemunhar também o próprio caminho percorrido pelo café. Esta relação direta pode ser visualizada comparando-se a Figura 117 (caminho das águas) com a Figura 118 (caminho do café).

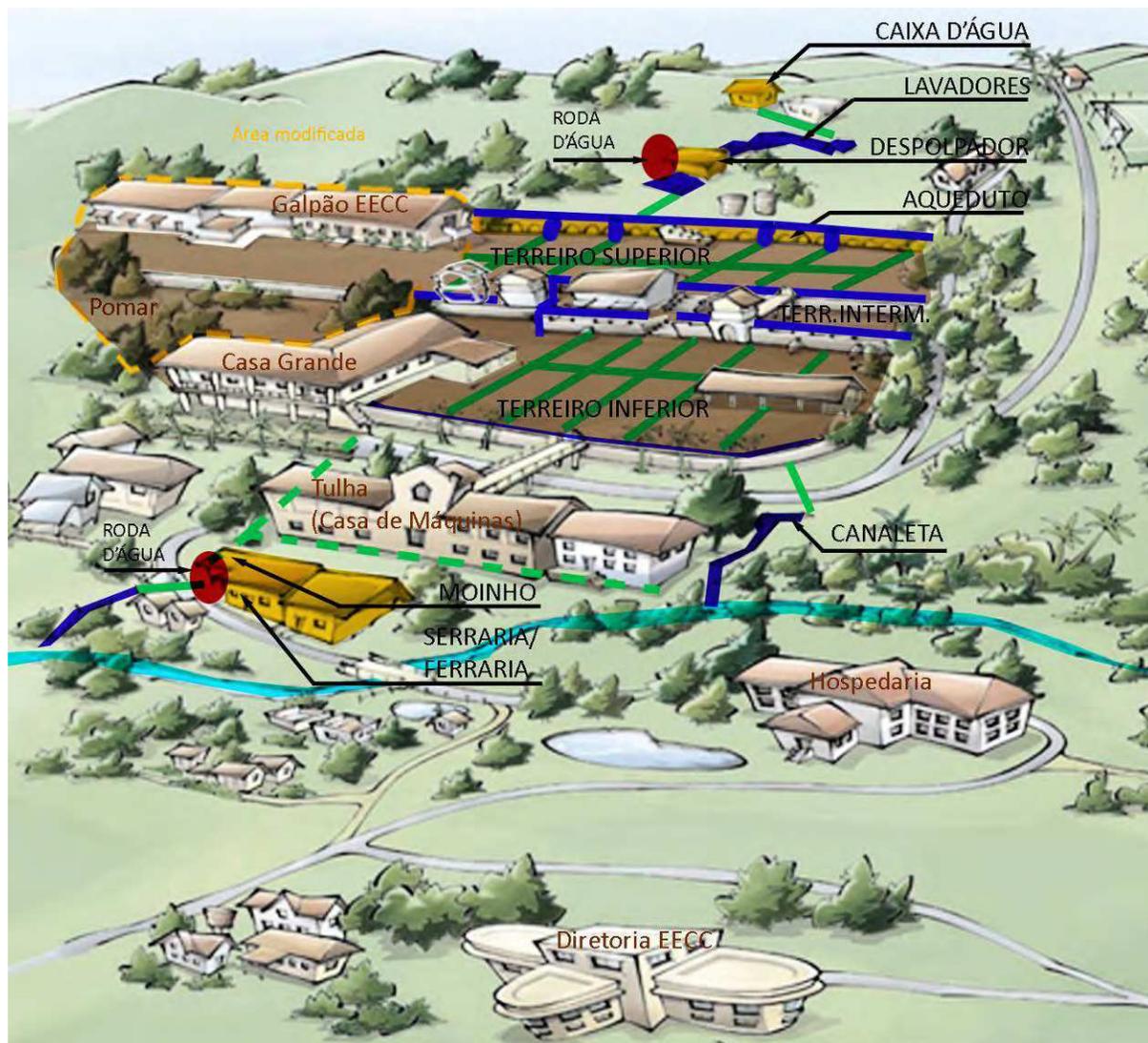


Figura 117 - O caminho das águas no período cafeeiro. ¹⁰⁶

106 Em Azul claro, o Ribeirão Lavapés; Amarelo, edificações que fazem parte do processo; Azul escuro, águas canalizadas (aparentes); Verde (contínuo) – águas canalizadas subterrâneas; Verde (pontilhado) – prováveis

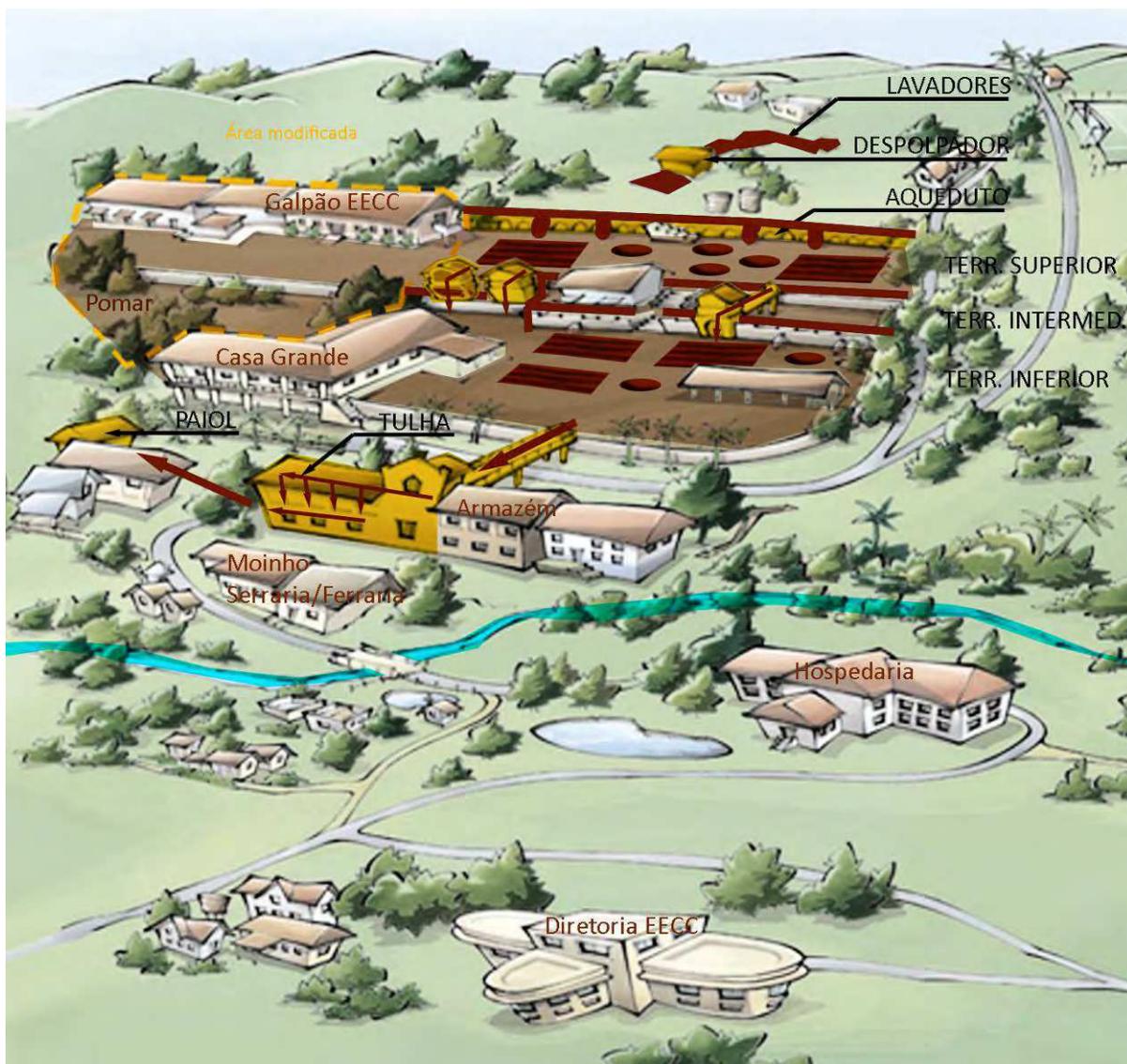


Figura 118 - O caminho do Café (período da fazenda)

A área que engloba o Galpão da Estação Experimental Central do Café (EECC) e o pomar atrás da Casa Grande sofreu grandes modificações, de forma que não é possível visualizar com exatidão o funcionamento das águas neste espaço. No entanto, o mais provável é que não haja muita diferença do restante do processo.

Retomando a questão das águas, a diferença primordial entre os dois primeiros períodos encontra-se exatamente na sua utilização como força motriz dos diversos equipamentos. Na fazenda agro-industrial era usada de forma direta, principalmente por meio de rodas d'água. Já durante a Estação Experimental, os equipamentos trabalhavam com motores movidos a energia elétrica, instalados após a implantação de uma Pequena Central Hidrelétrica (PCH), dentro da própria Fazenda Lageado.

Apesar do sistema de águas para beneficiamento direto do café ter se mantido praticamente intacto durante os dois períodos, foi edificado um novo sistema para a implantação da PCH, com canais e comportas localizados mais próximos ao Rio Lavapés, já fora do conjunto de terreiros.

Através de um dos croquis de Afonso Poyart, engenheiro da Estação Experimental, apresentado na Figura 119, têm-se uma leitura do sistema de águas da E.E.C.C. Neste desenho, pode-se verificar a locação da Usina, em vermelho, além dos dutos de abastecimento da Usina (2) e escoadouros de águas (1 e 6), todos em azul. Não se sabe, porém, se este um projeto foi executado em sua totalidade.

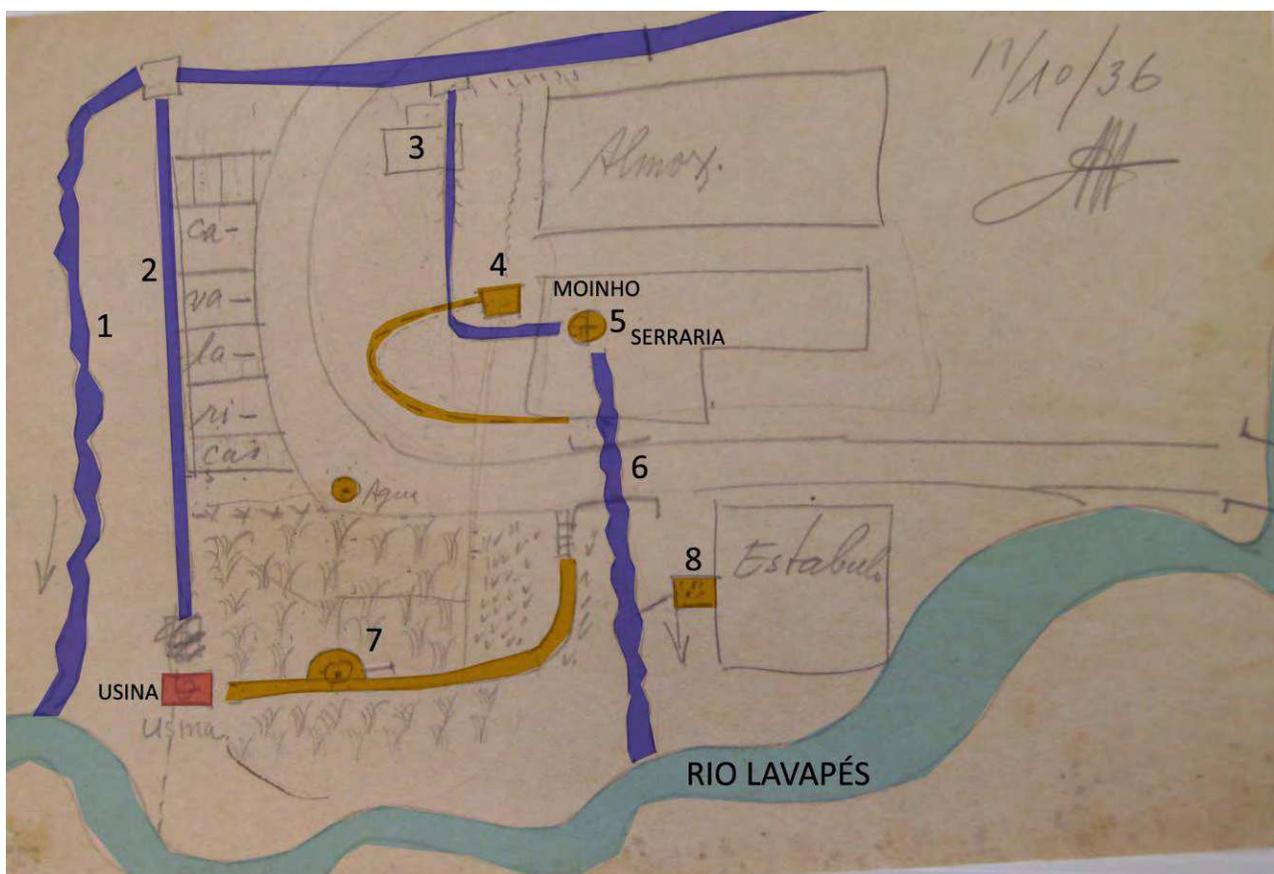


Figura 119 – Análise do sistema de águas sobre desenho de Afonso Poyart.

Uma dificuldade no entendimento do sistema reside no fato do croquis feito por Poyart, sobre o conjunto moinho/serraria não estar totalmente correto. A dúvida maior apresenta-se na alimentação do sistema gerador criado para mover os equipamentos de ambos. Pode ser tanto o número 5 quanto o conjunto 4. Não se encontrou, também, documentos que confirmem o funcionamento dos itens 3, 7 e 8.

Outra informação interessante é sobre a implantação de uma caixa de decantação, ou decantador, (anexo 3), solicitada por Afonso Poyart, em 1939, para eliminar areia ($10\text{m}^3/\text{dia}$) e outros materiais que danificavam a turbina geradora de energia elétrica. E faz sua descrição: “Essa caixa tem o fundo de concreto, paredes de tijolos argamassados com cimento e as

seguintes dimensões: 15m x 4ms x 2m, com uma comporta de madeira e um canal de descarga em concreto.”¹⁰⁷

Através deste conjunto de informações, apresenta-se o possível sistema de águas da EECC, excetuados os pontos de dúvida, na Figura 120.

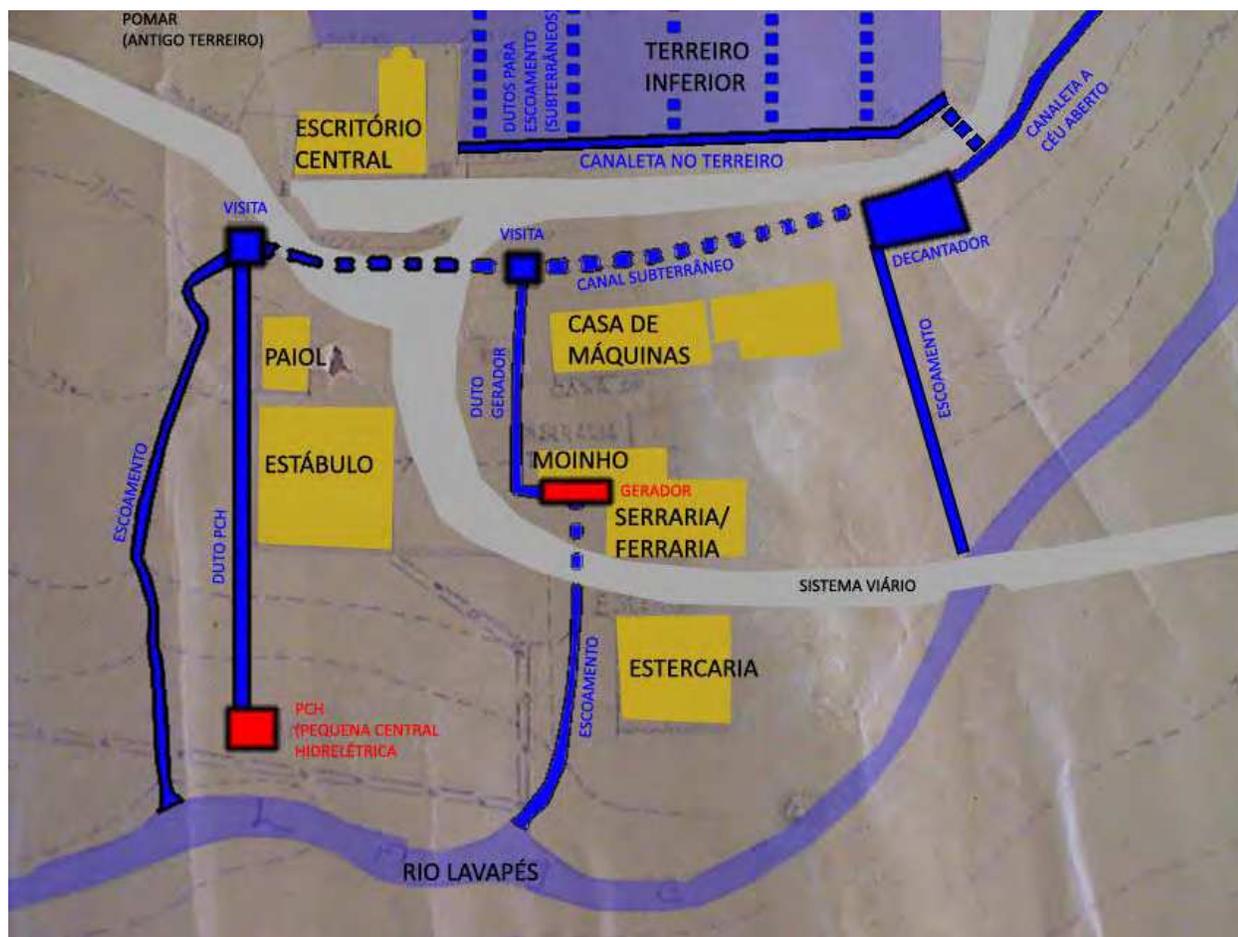


Figura 120 – Provável sistema de Águas e Energia na Estação Experimental Central do Café (2º Período)

Apesar da situação edificada durante a Estação Experimental haver se sobreposto ao sistema de águas edificado durante período de fazenda cafeeira, a Figura 121 apresenta a provável situação original deste conjunto a partir dos resquícios encontrados através de prospecções arqueológicas¹⁰⁸, em 2008 e 2009.

107 Conforme Relatório das Atividades da Estação Experimental de Botucatu. Relativo ao Exercício de 1939.(p. 5).
Fonte: Biblioteca FCA (obras raras)

108 Dentro do programa Arqueologia no Campus, parceria do Museu do Café com a empresa Zanettini Arqueologia

Estas prospecções expuseram uma grande canaleta em tijolos e um resquício de uma manilha cerâmica.



Figura 121- Sistema de Águas na Fazenda Cafeira (1º Período)

Ainda que se necessite uma pesquisa mais aprofundada sobre esta questão, estes primeiros achados permitem aventar hipóteses mais precisas do funcionamento do conjunto utilizado para devolver as águas excedentes do terreiro ao Ribeirão Lavapés, e também o encaminhamento para a roda d'água do conjunto moinho e serraria. As linhas azuis, em traço-ponto, indicam dois caminhos possíveis para encaminhamento da água ao moinho.



PROJETO:	ARQUEOLOGIA NO CAMPUS		
ASSUNTO:	PROSPEÇÃO CENTRO CIÊNCIAS		
OBRA:	LEVANTAMENTO DO SÍTIO		
ENDEREÇO:	FAZENDA LAGEADO / BOTUCATU-SP		
CÓDIGO	100-FLG-arqueologia	SUPERV.	PZ
DATA	02/11/2008	COORD.	GM
ESCALA	1:100	DESENHO	GM
FILE	100-FLG-AQLG-CCL-tijoleira-R00.dwg		

Figura 122 - Levantamento da tijoleira, exposto através de prospecção arqueológica. Desenvolvido por Guilherme Michelin, dentro do projeto Arqueologia no Campus.

O conjunto arquitetônico edificado para o sistema de águas na Fazenda Lageado apresenta, ainda, sua estrutura principal em bom estado de conservação. Infelizmente grande parte dos bens integrados das canaletas e dutos, como as comportas e ralos, desapareceram. Em contrapartida, grande parte dos maquinários e equipamentos inerentes ao processo de beneficiamento encontram-se ainda nos locais de origem, o que permite um excelente entendimento do processo como um todo, conforme pode ser visto no anexo 03.

A evolução do uso e ocupação do terreiro e de suas edificações adjacentes

Para complementar o entendimento do conjunto formado pela arquitetura da produção da Fazenda Lageado, após verificar-se a evolução do sistema de águas, deve-se direcionar o olhar sobre o conjunto edificado que compreende as outras atividades inerentes à produção, neste caso, o terreiro e suas edificações adjacentes.

É do senso comum visualizar o terreiro como um espaço edificado fundamentalmente para atender à produção cafeeira. Porém, a paisagem atual do conjunto formado ao seu redor, e mesmo sobre ele, é capaz de apresentar, no caso da Fazenda Lageado, uma sobreposição harmônica de camadas históricas edificadas em diversos tempos cronológicos, conforme apresentado na Figura 123.

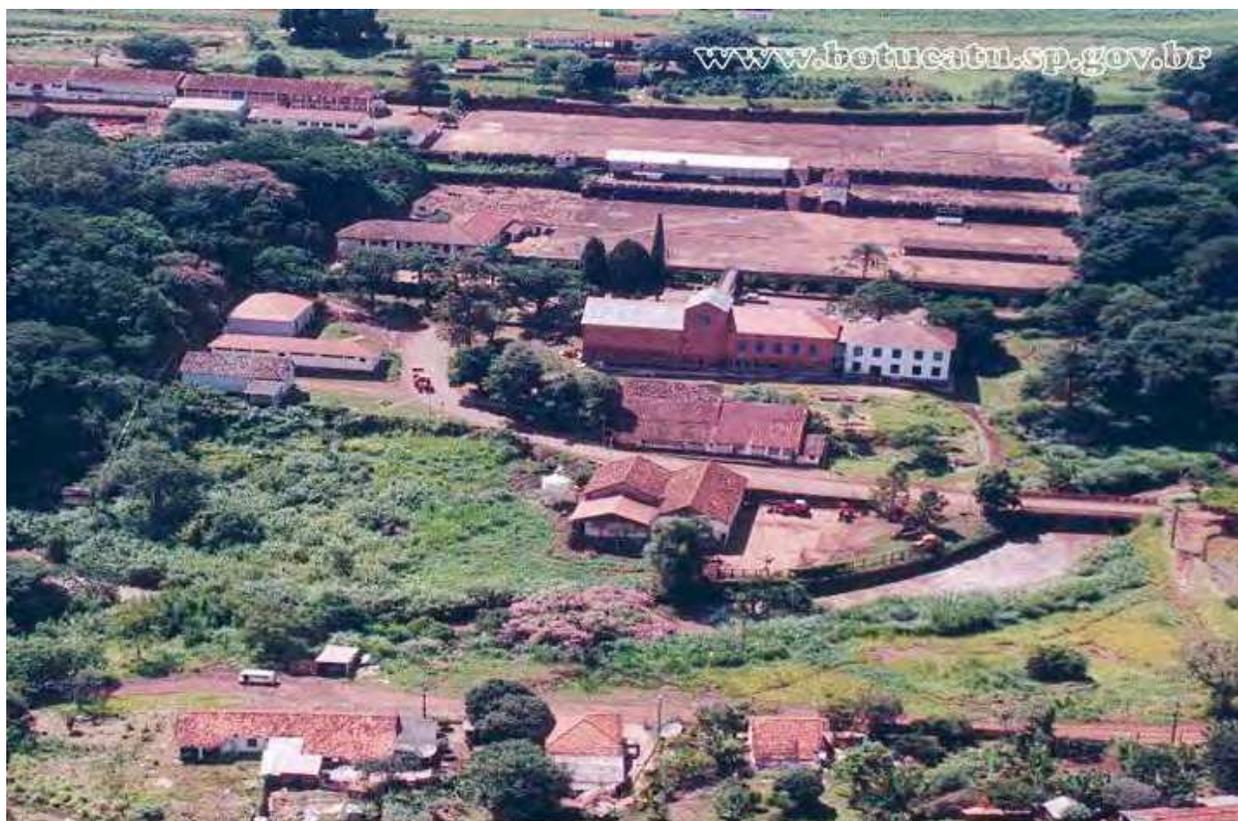


Figura 123 - Vista aérea do conjunto edificado – harmonia entre a arquitetura da produção do café, edificações da Estação Experimental e edificações universitárias. Fonte: Prefeitura Municipal de Botucatu (www.botucatu.sp.gov.br)

1º Período: Uso e ocupação do terreiro e adjacências durante a fazenda cafeeira

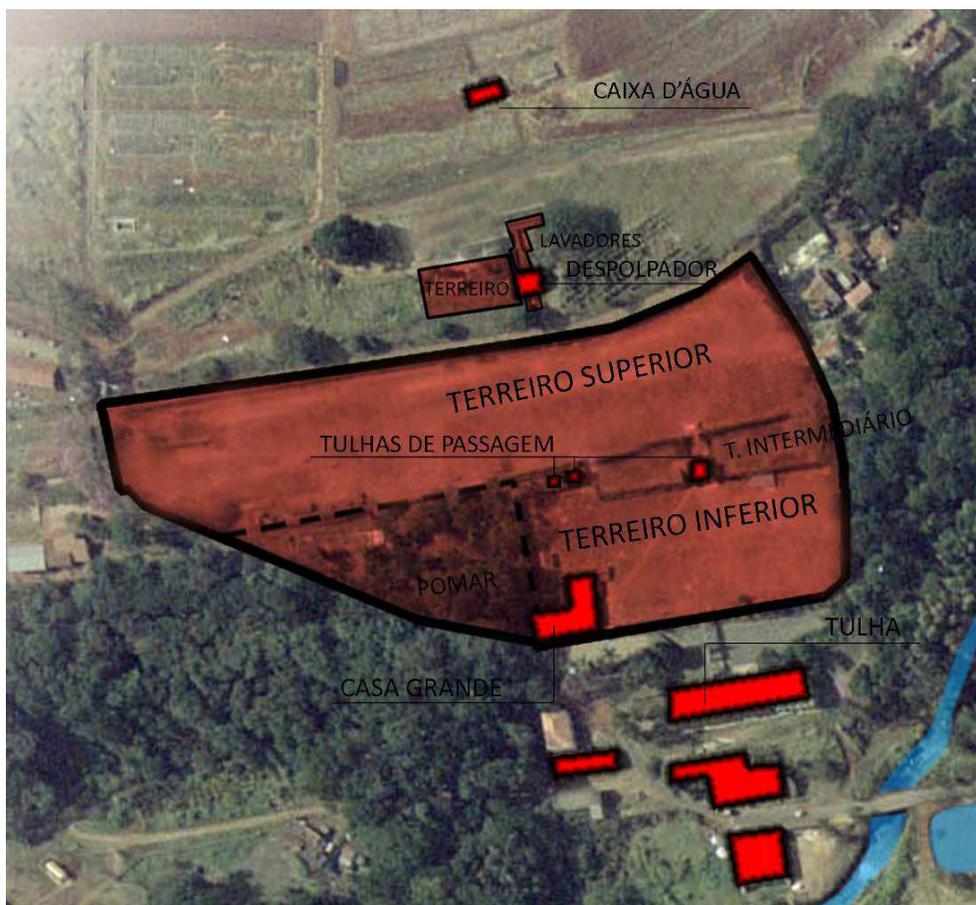


Figura 124 - Ocupação do terreiro no 1º período

O processo produtivo do café, neste primeiro período, utiliza o terreiro, em sua totalidade, como parte fundamental do processo de beneficiamento do café, na secagem dos grãos.

Na Figura 124 verifica-se que as únicas construções edificadas sobre ele são a casa grande e as tulhas de passagem, que atuam na transição dos grãos para vencer os desníveis entre os terreiros.

Não se pôde constatar, com exatidão, a data de construção da tulha de passagem grande, edificada no terreiro intermediário. Embora ela já apareça no levantamento de novembro de 1934, haveria tempo hábil para sua construção desde a aquisição da fazenda pelo governo Federal. É mais provável, porém, que ela já fizesse parte do conjunto produtivo do período cafeeiro.



Figura 125 - Tulha de passagem, pequena. A parte refeita do muro (pedras mais claras) é o provável local da segunda tulha, desaparecida completamente.



Figura 126 - tulha de passagem, grande.

Já a relação dos usuários com o conjunto, como pode ser visto na Figura 127, baseava-se fundamentalmente em relações de trabalho.

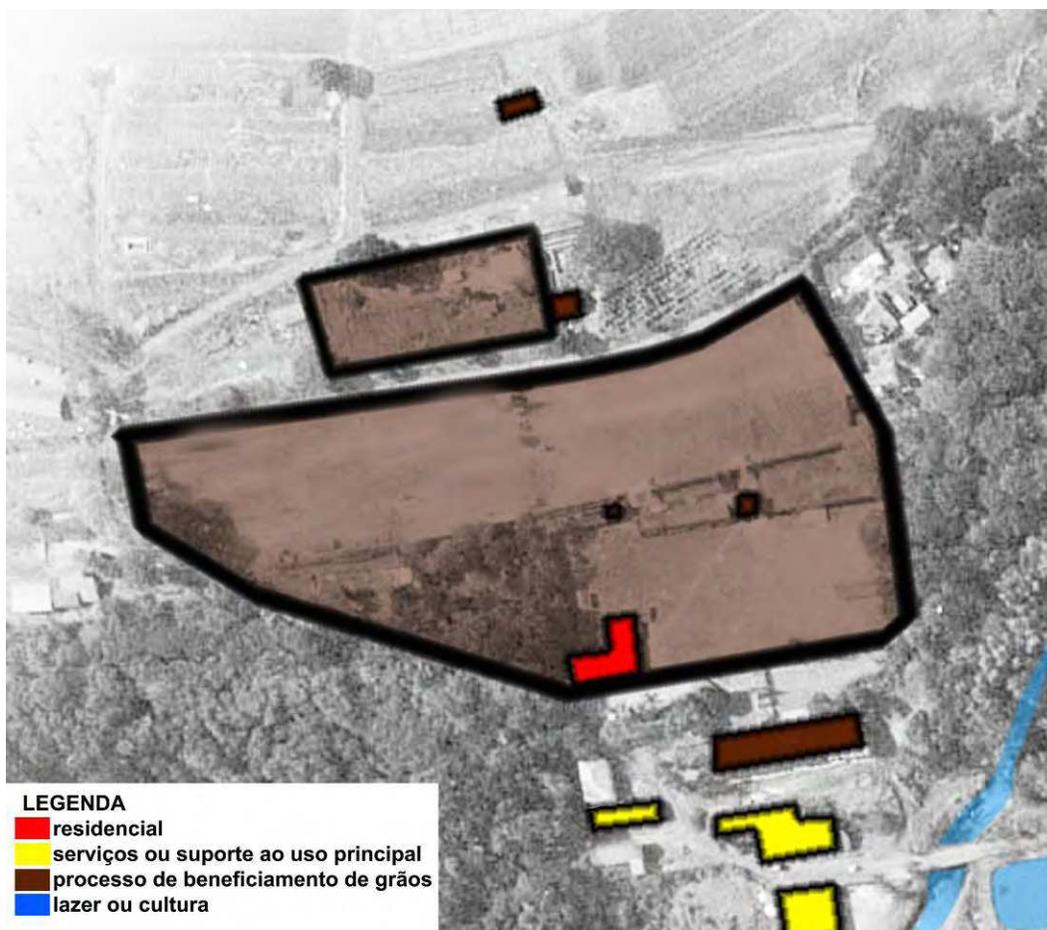


Figura 127 - Uso do terreno no 1º Período

Importante verificar também a implantação da Casa de Morada. Enquanto nas fazendas cafeeiras escravistas a Casa Grande localizava-se costumeiramente a cavaleiro da área, na Fazenda Lageado, com predominante mão-de-obra imigrante desde sua aquisição pelo Dr. João Baptista, a casa encontra-se a cavaleiro do conjunto de finalização do processo de beneficiamento do café, principalmente da Tulha, cuja porta principal está voltada para a varanda da casa.

A partir dali, ou do patamar inferior da casa se tem acesso visual direto para os paíóis de armazenamento e também para o moinho.

Não há indícios, porém, que o Doutor tenha vivido na Fazenda Lageado, visto que possuía diversas outras terras, principalmente na região de Piracicaba, onde legislou na Câmara de 1883 a 1886¹⁰⁹, e foi maçom ativo, considerado um dos fundadores da Loja Maçônica daquela cidade. A casa deve ter sido, portanto, residência apenas de seus administradores.



Figura 128 - Varanda da Casa Grande voltada para a Tulha



Figura 129 - Vista da entrada da tulha a partir do patamar da Casa Grande

109 Fonte www.camaradepiracicaba.sp.gov.br, acessado em 07/10/2009 às 11h59

2º Período: Uso e ocupação do terreiro e adjacências durante a Estação Experimental

No segundo período, a mudança de uso é explicitada na Figura 130 pela implantação de grandes edificações em partes pouco utilizadas do terreiro, visto que seu uso como estação experimental para o desenvolvimento e análises de grãos já não demanda mais a produção em larga escala do período de empresa cafeeicultora, logo o terreiro não é necessário em sua total magnitude.

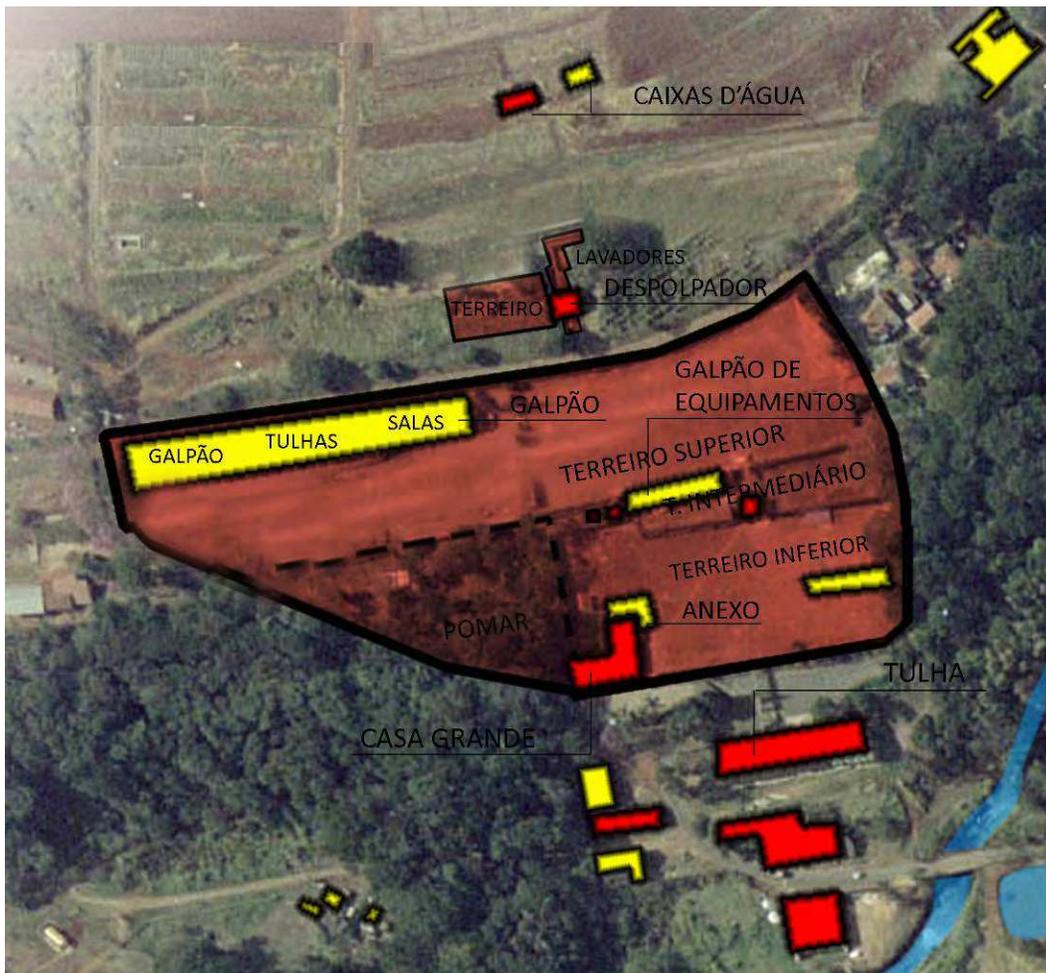


Figura 130 - Ocupação do terreiro e adjacências no 2º período

Neste ponto, inicia-se o processo de aproximação da vida urbana à rural, verificada tanto pelas novas tecnologias adicionadas aos processos produtivos, explicitadas na implantação de maquinários e equipamentos, quanto à mão-de-obra utilizada por eles.

Como exemplos desta evolução implantaram-se galpões ocupando extensas áreas de terreiros, intermediário e superior, para abrigar, respectivamente, equipamentos e serviços.



Figura 131 - Galpão para equipamentos construído sobre o terreiro intermediário.

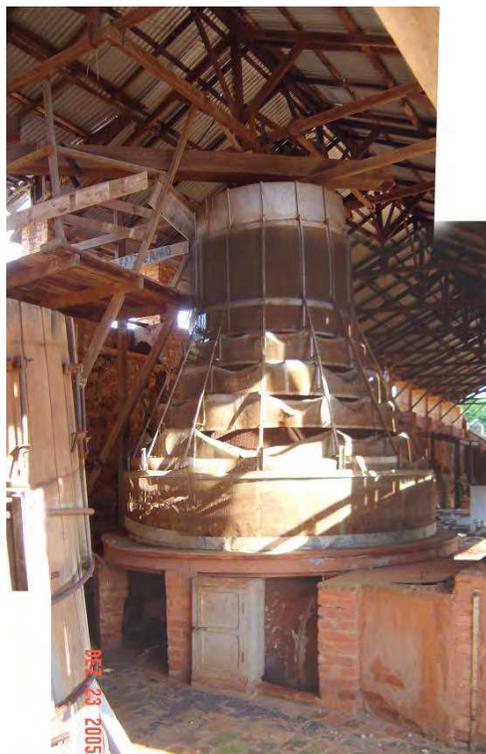


Figura 132 - Secador de café a lenha



Figura 133 - galpão de serviços implantado sobre o terreiro superior



Figura 134 – Detalhe do conjunto de telhas do galpão

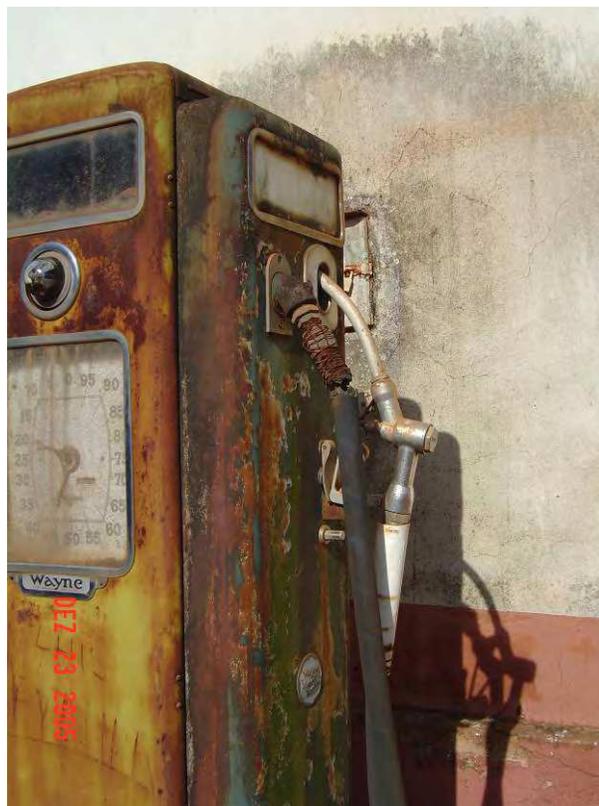
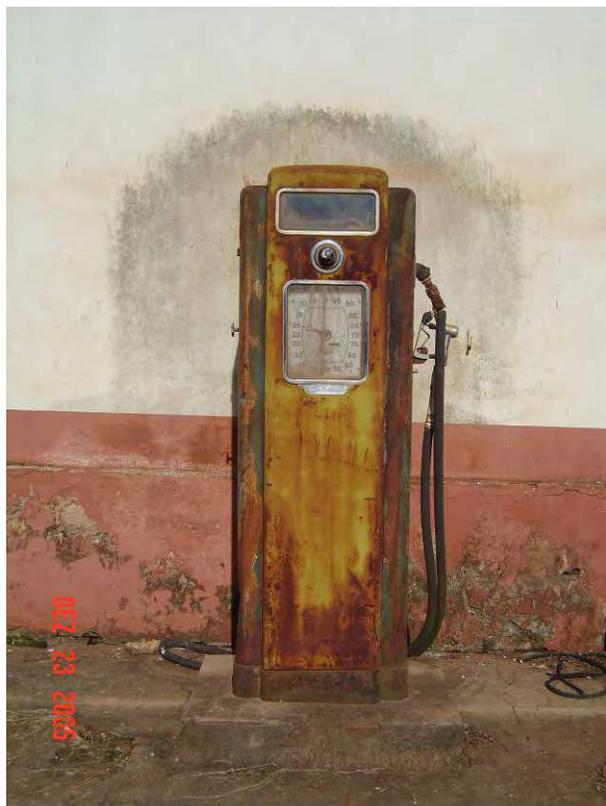


Figura 135 - Bomba de combustível marca Wayne, implantada na lateral do Galpão.

Com a construção do novo prédio da Diretoria da Estação Experimental, a casa grande sofre uma grande reforma interna, visando abrigar a três famílias de servidores. Neste momento sofre o acréscimo no fundo da edificação, para abrigar banheiros e cozinha de uma das unidades.



Figura 136 - Volume à direita acrescido durante período de Estação Experimental

Mas os exemplos mais comuns apresentam-se na utilização das edificações originais, sem grandes modificações estruturais, apenas as necessárias para adequação de maquinários visando o aprimoramento do processo de beneficiamento.

Isto ocorreu na tulha, com implantação de um grande aerador/classificador de café em 1935, desenvolvido pelas indústrias Blasi, também de Botucatu.



Figura 137 - Placa do aerador/classificador implantado na tulha.



Figura 138 - Aerador/classificador implantado na telha, em 1935.

A manutenção de grande parte do processo produtivo cafeeiro no início da Estação Experimental utilizando ininterruptamente o conjunto edificado original, sem grandes modificações estruturais, permitiu sua conservação, de forma bastante parecida à original da fazenda.

Ao mesmo tempo, ao se manter a tipologia de uso do conjunto, entende-se que se mantém sua apropriação pela população que trabalhava diretamente na área, conforme explicitado na Figura 139.

Importante observar que surge na cidade uma nova tipologia da mão-de-obra melhor formada, já não mais de imigrantes, mas de seus descendentes e de técnicos trazidos pelo governo. Importante observar que estes novos usuários viviam, em grande parte, na zona urbana, que crescia em direção à fazenda, e apenas trabalhavam no Lageado.

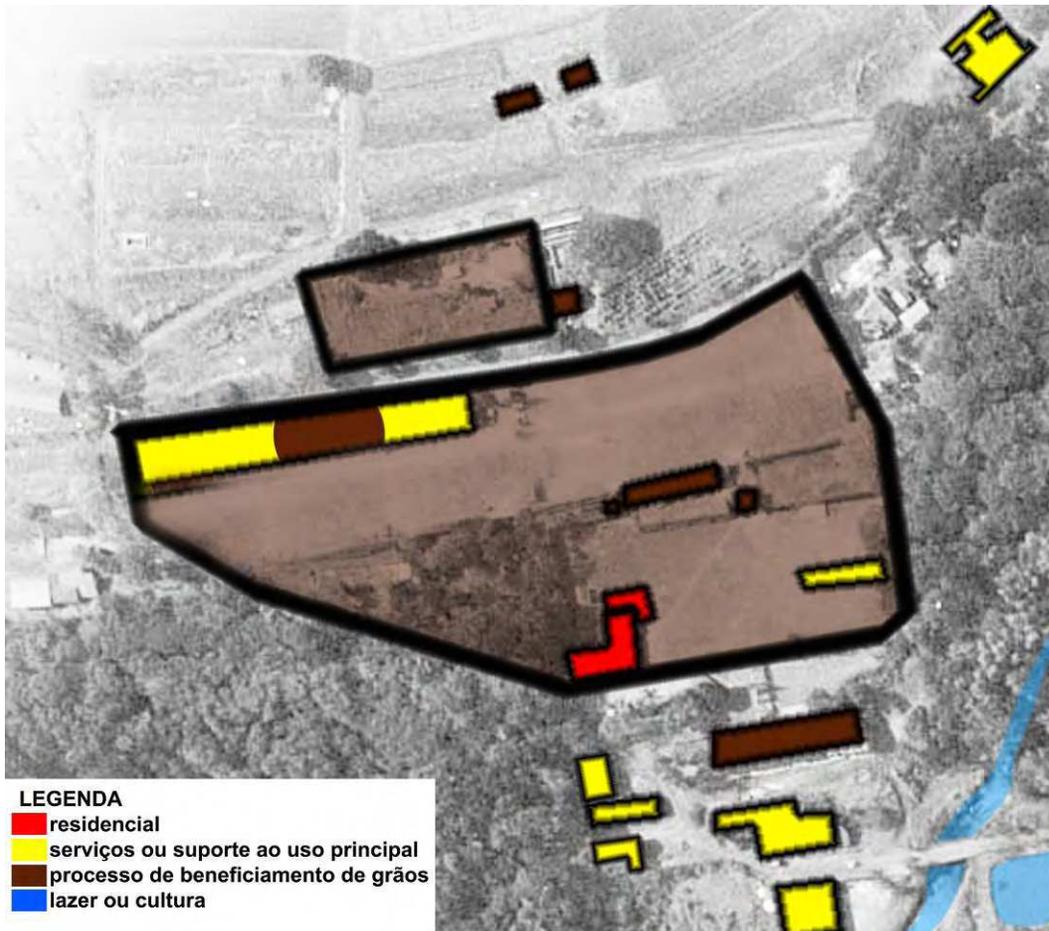


Figura 139 - Uso do terreiro e adjacências no 2º período

3º Período: Uso e ocupação do terreiro e adjacências durante a Universidade

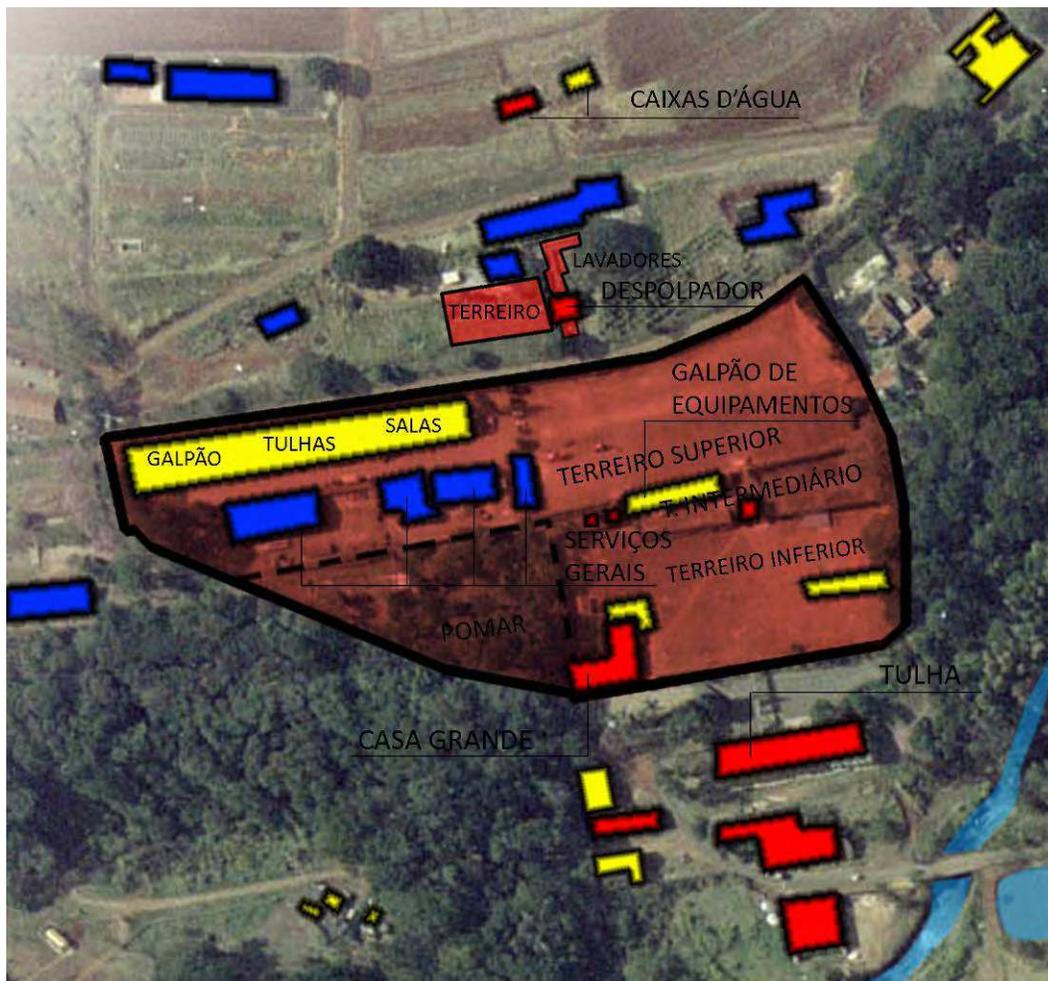


Figura 140 - Ocupação do terreiro e adjacências no 3º período

Já no terceiro período, após um pequeno intervalo de adaptações, que duraria desde sua implantação até o final da década de oitenta, inicia-se a implantação de novas edificações projetadas para atender à demanda universitária, no eixo principal locado no alicive frontal ao conjunto de interesse histórico.

Este processo de abandono gradativo da utilização dos edifícios originais da fazenda, em uso contínuo durante o período da Estação Experimental, reflete-se no afastamento cada vez maior destes usuários relacionados à universidade dos afazeres diários antes inseridos na área histórica.

Conseqüentemente, esta desocupação progressiva da área original da fazenda passa gradativamente a ser preenchida não apenas pela população da cidade e região, mas também pela própria população universitária como área de lazer (Figura 141), principalmente nos finais de semana, onde a união entre a beleza e imponência do conjunto arquitetônico à relação de descendência, direta ou indireta, de grande parte da população da cidade com os trabalhadores dos três períodos da fazenda transformaram-na no principal objeto de visitação e contemplação da cidade.

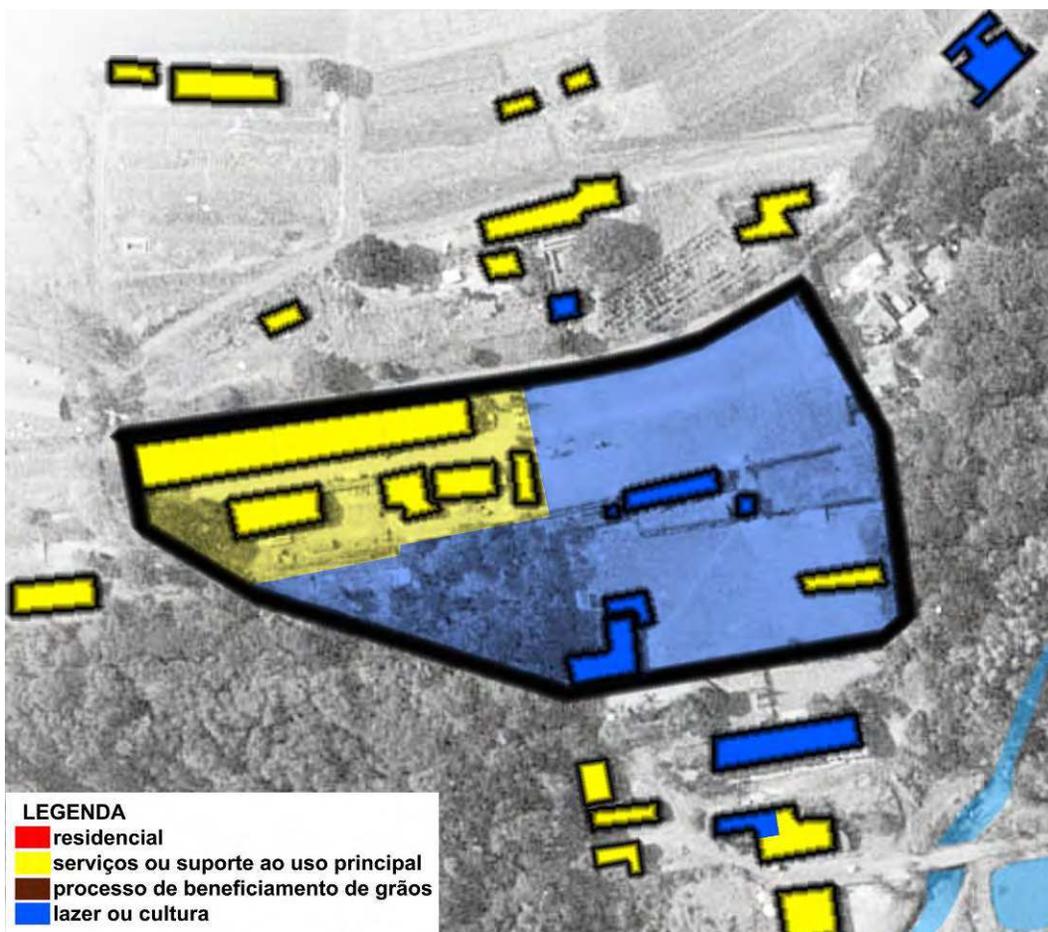


Figura 141- Uso atual do terreno e adjacências

Análise da Evolução de Uso e ocupação do terreno e adjacências

Pontualmente, pôde-se verificar uma relação direta entre os processos de uso e de ocupação do terreno e adjacências em cada um de seus períodos.

Ao se analisar, porém, a evolução destes dois processos de forma contínua, pode-se verificar com maior exatidão, novamente, uma relação direta entre os dois primeiros períodos histórico-administrativos, em oposição ao uso atual.

A mudança para uso universitário imprime uma modificação completa na relação de uso e ocupação de todo o conjunto, explicitada pelas construções em grande número não apenas sobre o terreiro, mas ao seu redor, conforme Figura 142. A tipologia de uso modifica-se totalmente também, como pode ser visto na Figura 143.

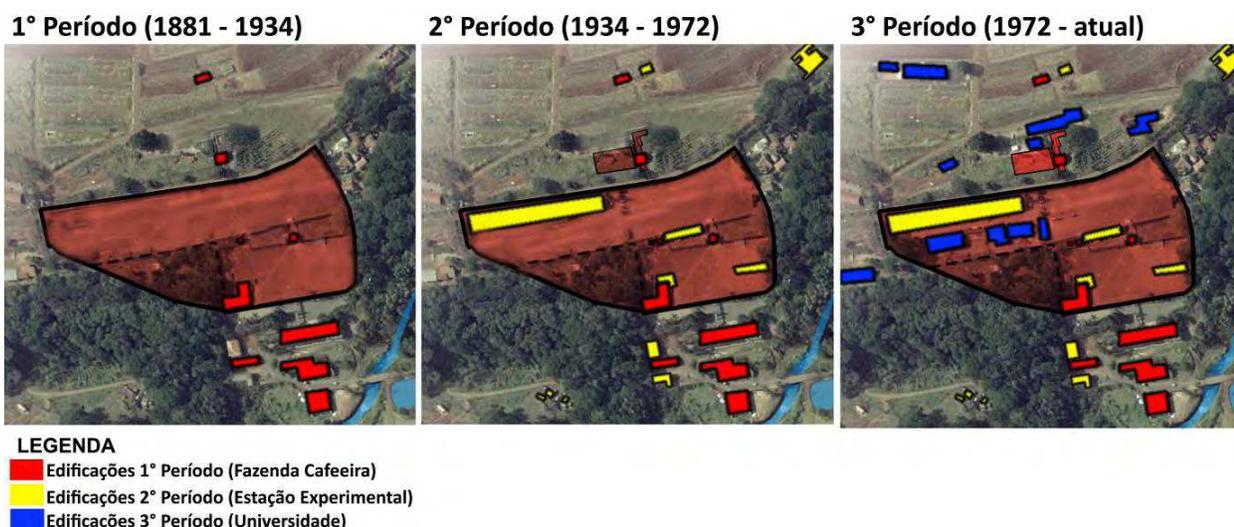


Figura 142 - Evolução da Ocupação dos Terreiros e áreas adjacentes

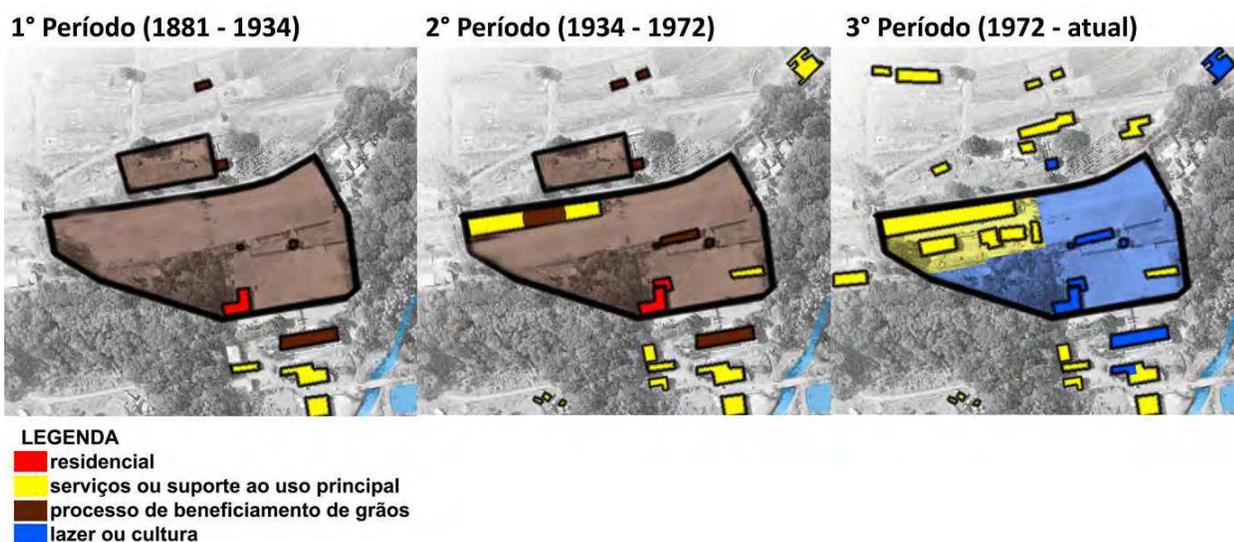


Figura 143 - Evolução do Uso dos Terreiros e áreas adjacentes

Delimitação da área de conservação da paisagem cultural da Fazenda Lageado

Delimitar uma área para conservação da paisagem cultural da Fazenda Lageado não se resume a verificar o espaço ocupado pelas edificações que se pretende conservar.

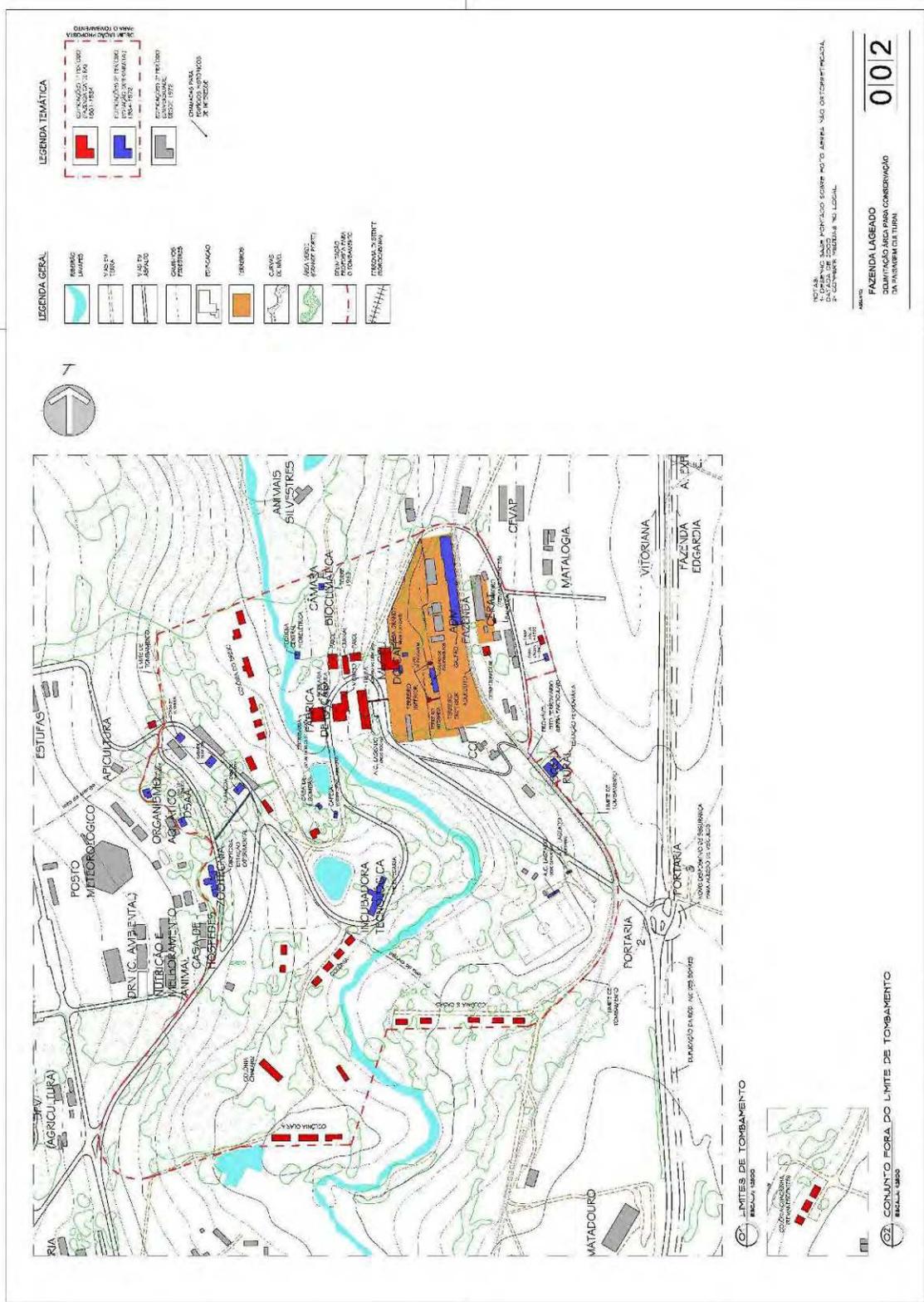
É fato, porém, que este conjunto edificado é o sustentáculo físico capaz de expressar a evolução cultural e tecnológica da própria população que neste local viveu, ou a ele se relaciona atualmente.

E é exatamente este sentimento, da paisagem como parte indissolúvel de sua própria história, que propicia seu reconhecimento como patrimônio cultural. Apenas escolher as edificações em melhores condições físicas ou os melhores exemplares arquitetônicos não simbolizaria a evolução cultural da população que construiu estas edificações.

Visto que a formação de uma paisagem cultural é um processo evolutivo contínuo, preservar o conjunto físico apresentado pela arquitetura da produção da Fazenda Lageado é preservar a arquitetura da produção cafeeira, idealizada e edificada pelo Dr. João Batista da Rocha Conceição. Ao mesmo tempo, é preservar a arquitetura da produção tecnológica desenvolvida enquanto Estação Experimental Federal e, também, a arquitetura da produção científica, em desenvolvimento desde a implantação da universidade, no início da década de 1970.

Este conjunto de processos co-existent, no mesmo espaço físico e com os mesmos recortes temporais, permite a delimitação de uma área capaz de manifestar as próprias relações entre estes distintos períodos, não apenas fisicamente, mas também enquanto evolução cultural. Desta forma, conservar esta paisagem é garantir o acesso das gerações futuras à sua própria cultura.

No caso da Fazenda Lageado, a conservação da paisagem que ilustra estas relações de evolução apresenta-se no conjunto formado pela delimitação física para a preservação do patrimônio edificado, conforme anexo 04; pela preservação de suas visuais, conforme anexo 02; e pela atualização do Plano diretor para todo o campus universitário;



Riscos atuais à conservação da paisagem cultural da Fazenda Lageado

O primeiro ponto de risco à conservação da paisagem cultural da Fazenda Lageado é a inexistência de uma legislação específica de proteção ao seu patrimônio físico e cultural, seja em nível municipal, estadual ou nacional.

A cidade de Botucatu ainda não possui Conselho de Defesa do Patrimônio e o pedido de Tombamento ao Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico, Arquitetônico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) encontra-se, desde 1986, em tramitação.

Pela legislação municipal, a Fazenda Lageado seria uma zona de uso especial. Porém, não se pode relevar o fato do campus universitário, que abrange também a área de interesse para conservação, estar implantada fora do perímetro urbano da cidade, conseqüentemente, fora da abrangência da legislação municipal de obras.

A aprovação das construções internas ao perímetro universitário vem se dando através de uma comissão de obras, subordinada às diretorias das unidades do campus. Até o início da última década, mesmo sem uma capacitação técnica direcionada ao setor de obras, poucas interferências de monta ocorreram, e a comissão de obras apresentava-se de forma bastante efetiva na preservação do patrimônio.

Porém, os crescentes investimentos em novos laboratórios e novas tecnologias para uso da universidade, paralelamente à construção de novas edificações de apoio aos cursos existentes, têm trazido um crescimento acelerado para o campus.

Apesar do plano diretor vigente para o campus Lageado, projetado em 1972 pelo arquiteto botucatuense Eugênio Monteferrante, estar sendo seguido com relativa correção, ele abrange apenas a área nova da universidade. A isto, alia-se o fato do projeto não ter como premissa conservação de visuais para a área de interesse, um ponto bastante importante para a preservação de sua paisagem.

Sobre isto, o grande problema é, de fato, o crescimento sem planejamento na área envoltória ao conjunto de interesse para preservação. Diversas construções de grande porte vêm surgindo, utilizando-se de materiais construtivos e cores conflitantes ao conjunto patrimonial, ou mesmo

sem nenhuma proteção visual. Isto tem interferido de forma direta na leitura uniforme até então existente no conjunto histórico.



Figura 144 - Vista do conjunto de interesse com interferência



Figura 145 - Vista do conjunto de interesse com interferências na paisagem

Outro problema que se soma a esta questão é a falta de um mecanismo de gestão específico para a área de interesse histórico-cultural-arquitetônico, delimitado como área para preservação da paisagem cultural.

Apesar do reconhecimento da Fazenda Lageado pela população como conjunto patrimonial único, indivisível, atualmente a gestão da área e seu entorno imediato está dividida entre a Faculdade de Ciências Agronômicas (FCA), que tem sob tutela a maior parte das edificações, e a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ).

Aliada a isto, a falta de uma política específica da Universidade Estadual Paulista (UNESP) para conservação e restauro de Patrimônio Histórico e Paisagem Cultural impossibilitava a destinação de qualquer aporte financeiro para a área.

Outro ponto importante é a inexistência de cursos e/ou pessoal no Campus diretamente ligados à área de patrimônio histórico e cultural. As faculdades ali existentes são das áreas de ciências agrárias, engenharia florestal, medicina veterinária e zootecnia.

A criação do Plano de Revitalização do Uso da Área Histórica da Fazenda Lageado¹¹⁰, a partir de 2005, tem suprido, em parte esta demanda, porém vem se tornando efetiva apenas para as edificações da Faculdade de Ciências Agronômicas. A reabertura e ampliação do Museu do Café sob coordenação do servidor José Eduardo Candeias, permitiu a utilização integral da Casa Grande para o museu, bem como a limpeza e ocupação de diversas edificações como a casa de máquinas da Tulha, moinho, serraria, tulha de passagem, agora abertas à visitação do público.

Porém, algumas as edificações que não estão sob a tutela direta do Plano de Revitalização e da diretoria da FCA vem sofrendo profundas modificações. Um exemplo importante é o caso do prédio da Diretoria da E.E.C.C., projeto do arquiteto italiano Angelo Murgel, cuja obra de adequação, executada a partir do final de 2008, destruiu completamente o piso original em pastilhas do térreo, que apresentava-se em bom estado de conservação, bem como grande parte de suas janelas originais, além de sofrer pintura externa sobre o acabamento original em argamassa raspada.

110 Sobre o Plano de Revitalização, ver MICHELIN, Guilherme A., et all (2007)



Figura 146 - Prédio da Diretoria da EECC antes da reforma (2008)



Figura 147 - Prédio da Diretoria EECC durante a reforma (01/2009)



Figura 148 - Saguão de entrada antes da reforma (foto: 2004)



Figura 149 - Saguão durante a reforma (02/2009)

A falta de uso de outras edificações também causa seu arruinamento.



Figura 150 - Edificação sem uso, com risco de arruinamento

Um ponto importante que tem a ver diretamente com o planejamento da cidade de Botucatu, é o fato da Fazenda Lageado ser, hoje, um ponto de passagem para acesso de parte da cidade à Rodovia Alcides Soares, que liga Botucatu ao Rio Tietê e às regiões de Piracicaba e São Carlos.



Figura 151 - fluxo de veículos cruzando a área histórica no final do dia, em um feriado prolongado.

Isto traz para dentro da área histórica um fluxo bastante grande, não apenas de veículos de passeio, mas também de caminhões e ônibus, causando riscos grandes ao patrimônio.

Ainda que não seja considerado um risco direto à conservação da paisagem cultural, a relação entre veículos e pedestres é outro ponto que necessita ser verificado com urgência.

Em períodos de verão, ou mesmo aos finais de semana, a inexistência de equipamentos urbanos adequados ao lazer e esportes tem causado um risco direto à segurança da própria população.



Figura 152 - pedestres e veículos dividindo espaço na avenida central da universidade

VII – CONCLUSÃO

A Fazenda Lageado pode ser considerada um dos principais agentes no processo de formação da paisagem física e cultural da Bacia do Ribeirão Lavapés. Desde sua aquisição pelo Dr. João Batista da Rocha Conceição é um pólo de atração populacional e desenvolvimento para a cidade de Botucatu e região.

Enquanto fazenda cafeeira, atraiu grande quantidade de imigrantes para o trabalho em seus cafezais. Alguns prosperaram rapidamente, transformando-se em pequenos cafeicultores, ou mesmo fundando pequenas indústrias na cidade. Muitas delas voltadas, direta ou indiretamente, ao café. Com o passar do tempo, estes imigrantes e seus descendentes viriam a formar a base da comunidade botucatuense.

A arquitetura edificada para atender à produção cafeeira da Fazenda Lageado foi notadamente influenciada pelas especificidades da Bacia do Lavapés, ao mesmo tempo em que foi também influenciadora de sua ocupação. Sua implantação no exato ponto de afunilamento da bacia possibilitou o uso da água como agente primordial no processo de beneficiamento de grãos, influenciando também diretamente a ocupação da cidade em sua direção, dentro da bacia.

Ao se transformar em Estação Experimental, não apenas atraiu, mas formou mão-de-obra especializada, bem como possibilitou uma melhor colocação profissional dos descendentes de imigrantes, estes mesmos que haviam chegado anteriormente a Botucatu em função do próprio café. O desenvolvimento tecnológico atingia, concomitantemente, cidade e fazenda, ampliando o mercado, as indústrias, serviços e, com isso, as possibilidades de desenvolvimento regional.

Novamente, pôde-se verificar a cidade crescendo em direção à Fazenda, e as edificações da fazenda implantadas cada vez mais próximas ao perímetro urbano.

Acolhendo em seu ambiente uma universidade, estas relações diretas com a cidade ficaram ainda mais nítidas. As influências que a implantação de dois campi universitários de uma instituição do porte da Universidade Estadual Paulista geram na cidade, direta e indiretamente, são bastante óbvias.

Não fosse o portal de entrada da universidade, os limites entre cidade e fazenda não se poderiam definir com exatidão. Não se tem, também, uma exata dimensão de limites entre os usos urbanos e rurais dentro do Lageado. E isto, certamente, não é consequência apenas do uso universitário voltado às ciências agrárias e da terra.

A integração quase total que a Fazenda Lageado experimenta hoje com o ambiente urbano a contextualiza de forma única. Esta unicidade, proveniente também das mudanças periódicas de uso e ocupação, é reconhecida pela população local e regional como parte de sua própria história.

Neste sentido, o conjunto composto pelas “arquiteturas da produção” de cada um dos seus três distintos períodos histórico-administrativos é capaz de representar, fisicamente e dentro de um mesmo recorte territorial, o processo de evolução da comunidade local.

O potencial histórico material da Fazenda Lageado advém da permanência dos vestígios que simbolizam esta evolução cultural local. Isto serve tanto para o patrimônio material, quanto imaterial.

Visto que a bacia hidrográfica é o melhor recorte de análise para a paisagem cultural estudada, sua preservação é fundamental no entendimento dos processos evolutivos referentes ao conjunto patrimonial. A bacia hidrográfica é o quadro onde a paisagem cultural está desenhada.

Não se deve confundir, portanto, preservação e conservação com um congelamento do objeto no tempo, ou mesmo qualquer tipo de coibição de uso condizente ao patrimônio original. Ao contrário, conservar e preservar significa, neste caso, utilizar corretamente, tratar de forma digna o patrimônio e a paisagem cultural. É conviver respeitosamente com a pré-existência.

Desta forma, a delimitação proposta para a conservação da paisagem cultural da Fazenda Lageado e a indicação dos riscos atuais a ela verificados, não menosprezam as edificações ou a função da universidade dentro deste conjunto patrimonial. Muito pelo contrário, apenas verifica que, atualmente, a “arquitetura da produção científica” não vem dialogando corretamente com as outras anteriores.

Neste sentido, preservar os vestígios físicos capazes de expressar a evolução cultural dos dois primeiros períodos histórico-administrativos por que passou, significa retomar o diálogo com as arquiteturas das produções anteriores, possibilitando novos desafios projetuais nas intervenções necessárias.

Por este motivo, a conservação apropriada da paisagem cultural da Fazenda Lageado deve considerar a preservação do conjunto delimitado como patrimônio cultural, formado por seus dois primeiros períodos histórico-administrativos, somada a um plano diretor para o correto desenvolvimento do terceiro período, a universidade em expansão.

Assim, pode-se visualizar a conservação física da paisagem de uma região como um dos melhores métodos para se permitir a conservação de sua cultura.

Portanto, é sempre no dia de hoje que se desenha a paisagem cultural que será observada, vivida e apreendida pelas futuras gerações.

Desdobramentos possíveis deste estudo

Durante o processo de desenvolvimento desta dissertação, o leitor teve contato com inúmeros elementos capazes de permitir o reconhecimento da Fazenda Lageado enquanto paisagem cultural na região de Botucatu/SP. Apesar disto, pode-se também verificar que o entendimento dos próprios conceitos referentes à paisagem ainda carecem de aprofundamento teórico e prático.

Vale também expor ao leitor que, desde o início de seu desenvolvimento, sempre esteve intrínseca a esta proposta de trabalho uma formatação que servisse como base para o desenvolvimento de outros projetos e estudos sobre a área, ou mesmo sobre a metodologia aplicada.

A utilização da metodologia de análise processual, baseada nos estudos de Argollo Ferrão, mostrou-se bastante eficaz e adequada ao entendimento de diversos processos inerentes à evolução do conjunto que se pretendeu estudar. Somando-se aos resultados obtidos nesta dissertação, espera-se que o produto desta equação possa contribuir, e de forma efetiva, na discussão e na própria conservação das paisagens, especialmente a da Fazenda Lageado.

Neste sentido, ao finalizar esta etapa do trabalho, a posição de autor da dissertação torna-se bastante confortável para expor algumas lacunas encontradas em seu processo de desenvolvimento, bem como explicitar alguns possíveis encaminhamentos que possibilitem a complementação do estudo aqui apresentado, bem como a preservação desta paisagem cultural.

Inicialmente, como forma interessante de desenvolver o potencial científico existente na paisagem cultural da Fazenda Lageado, propõe-se a criação do **Laboratório de Estudo da Paisagem**, o **LEP/UNESP**. A ser formatado com caráter transdisciplinar, apresenta-se como possibilidade real de integração entre as distintas áreas de conhecimento provenientes das Faculdades da Universidade Estadual Paulista, não apenas em Botucatu, mas dos campi disseminados por todo o Estado de São Paulo.

Paralelamente, fomentar parcerias com as outras universidades, principalmente suas co-irmãs UNICAMP e USP, junto aos órgãos de preservação federal e estadual, seja no caráter do patrimônio cultural, como IPHAN e CONDEPHAAT, ou mesmo na defesa da paisagem natural, como IBAMA, Secretaria do Meio Ambiente. Esta parceria teria um duplo sentido, de um lado atuando no suporte técnico à formação e desenvolvimento científico nas disciplinas afins. De outro, utilizar a mão-de-obra qualificada universitária para auxiliar os órgãos competentes no reconhecimento e preservação do patrimônio cultural e ambiental do Estado de São Paulo. A priori, trabalho este que o corpo docente e discente das universidades já desenvolve e que muitas vezes permanece encerrado no ambiente acadêmico.

Neste sentido, deve ser atualizada também a discussão sobre metodologias de preservação e formas de inventariamento, fundamental para a evolução do IPAC Fazenda Lageado, apresentado no anexo 01.

Com relação especificamente à preservação, e conseqüente desenho, da paisagem cultural da Fazenda Lageado, a necessidade mais premente é, sem dúvida, a criação de um plano diretor de uso e ocupação para toda a Fazenda Lageado, incluindo-se legislação de obras e manejo ambiental, principalmente internamente ao perímetro indicada para preservação da paisagem cultural e seu entorno imediato, físico e visual.

No sentido de contribuição pessoal na criação da proteção legal para a Fazenda Lageado, um desdobramento real desta dissertação será a apresentação deste material para subsidiar tecnicamente o tombamento da paisagem cultural da Fazenda Lageado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo - CONDEPHAAT.

Da mesma forma, será encaminhada uma solicitação para chancela de Paisagem Cultural da Fazenda Lageado pelo Instituto de Patrimônio Histórico Nacional – IPHAN.

Outro ponto de importância é a finalização do processo de higienização e catalogação do material referente à Estação Experimental, dentro do setor de obras raras da biblioteca da FCA/UNESP, incluindo-se a digitalização de todo este material para acesso ao público em geral.

Faz-se necessário, também, a montagem de projetos pontuais de restauro e conservação para o conjunto de interesse. Isto deverá ser feito em diversas escalas, abrangendo desde o patrimônio imóvel, aos bens integrados e móveis. Paralelamente, levantar a existência de patrimônio imaterial dentro da Fazenda.

Espera-se que este estudo possa ser utilizado como base para desenvolvimento de um trabalho de educação e capacitação cultural sobre a Fazenda Lageado e o Museu do Café, contendo projeto completo de comunicação visual, guias de visitação, ambientes virtuais, e ações integradas.

E que, por fim, esta humilde contribuição sirva de inspiração a todos aqueles que se interessam na preservação do patrimônio cultural brasileiro e que muitas vezes se vêem sozinhos. Que possamos desenhar uma paisagem cultural fecunda para as próximas gerações.

VIII- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. Potencialidades Paisagísticas Brasileiras. 1977. In: AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003

ALMEIDA, Aluísio de **O Tropeirismo e a Feira de Sorocaba**. Sorocaba: Luzes Gráfica Editôra Ltda, 1968.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. 1984

ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. **Arquitetura do Café**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004a.

_____, _____. **Arquitetura Rural e Paisagens Culturais no Brasil a partir de uma abordagem sistêmica e da visão de processos**. VEGUETA 8, ISSN: 1133-598X, 2004b.

_____, _____. **Arquitetura rural e espaço não-urbano**. Revista Labor & Engenho: Patrimônio Cultural – Engenharia e Arquitetura. Campinas: CMU-Publicações-GEPCEA-UNICAMP. Arte Escrita Editora, nº1. 2007.

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, Livro de registros da Bolsa do Café de Santos.

BAHIA (Secretaria da Cultura e Turismo). IPAC-BA: Inventário de Preservação do Acervo Cultural da Bahia. Salvador: SCT:CRC-BA, 2002. 432p.: il., mapas.

BLANC-PAMARD, Chantal; RAISON, Jean-Pierre. Paisagem. p.138. In: ROMANO, Ruggiero. (Dir.). **Enciclopédia Einaldi, Vol. VIII – Região**. Porto: Inova-Artes Gráficas para Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986, cap. Paisagem. p. 138-160

BRASIL, **Constituição de 1934**.

_____, **Decreto nº 22.928**, de 12 de setembro de 1933.

_____, **Decreto-Lei nº 25**, de 30 de novembro de 1937.

_____, **Decreto Lei nº 2.848**, de 07 de dezembro de 1940.

_____, **Decreto-Lei nº 3.866**, de 29 de novembro de 1941.

_____, **Decreto nº 44.851**, de 11 de novembro de 1958.

_____, **Decreto Legislativo nº 32**, de 1956.

_____, **Lei nº 3.924**, de 24 de julho de 1961.

_____, **Lei nº 4.845**, de 19 de novembro de 1965.

_____, **Lei nº 5.471**, de 9 de julho de 1968.

_____, **Decreto nº 80.978**, de 12 de dezembro de 1977.

_____, **Decreto nº 3551**, de 04 de agosto de 2000

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**; MACHADO, Luciano Vieira (Trad.). São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny(Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 124p. Capítulo: Apresentando Leituras sobre Paisagem, Tempo e Cultura (p. 7 a 11).

CULLEN, Gordon; tradução de Isabel Correia e Carlos Macedo. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 1971. 197 p. : il. ; 24 cm

CURY, Isabelle (Org.). **Cartas Patrimoniais**. 3ªed. rev. aum. – Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO Século XIX, versão 3.0, novembro 1999. Correspondente à versão integral do **Novo Dicionário Aurélio, século XXI** Aurélio Buarque de Holanda Ferreira publicado pela Editora Nova Fronteira.

DONATO, Hernani. **Achegas para a História de Botucatu**. Botucatu, SP: Banco Sudameris Brasil: Prefeitura Municipal de Botucatu, 1985, 3ª edição reescrita.

_____, **Sumé e Peabiru**, Mistérios Maiores do século da descoberta, Edições GRD, São Paulo, 1997

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL CENTRAL DO CAFÉ, **Relatórios das Atividades da Estação Experimental de Botucatu**. Vários anos (Setor de Obras Raras – Biblioteca da FCA/UNESP Botucatu)

_____, MAPAS E CROQUIS de levantamentos e reformas da Estação Experimental (1934-1972) – Acervo Biblioteca da Faculdade de Ciências Agrônômicas – UNESP – Botucatu/SP

FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRONÔMICAS. **Relatório de Supervisão**, 1977 a 1980.

FALEIROS, Rogerio Nalques, **Fronteiras do Café: Fazendeiros e Colonos no Interior Paulista (1917 a 1937)**. Tese de Doutorado. Faculdade de Economia UNICAMP, 2007.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2ªed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – IPHAN, 2005.

INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL), **Cartas Patrimoniais**. 3ªed. rev. aum. – Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. 408p.

_____, **Coletânea de Leis Sobre Preservação do Patrimônio**. Rio de Janeiro: Edições do Patrimônio, 2006. 320 p. 14 x 23 cm.

_____, **Patrimônio Cultural**. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br:8080/portal/montarPaginaSecao.do?id=20&sigla=PatrimonioCultural&retorno=paginalphan>>. Acesso em: 14 de maio de 2009, 18h20

KATINSKY, Julio. Acervo Arquitetônico do Vale do Tietê. São Paulo, 1999.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo**: Reflexões sobre sua Preservação. São Paulo: Ateliê Editorial: Fapesp: Secretaria da Cultura, 1998.

LEMOS, Carlos A C.: **Cozinhas, etc**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____, _____. **Casa paulista**: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café. São Paulo: EDUSP, 1999

LEOPOLDO, P. R. **Aspectos hidrológicos da região de Botucatu**. In: Encontro de Estudos sobre a Agropecuária na região de Botucatu. 1, 1989, Botucatu, SP. Anais...Botucatu: Núcleo de extensão de serviços à Comunidade, 1989. p.57-70.

MARTINS, Neide. **O Partido arquitetônico rural de Porto Feliz, Tietê e Laranjal Paulista no século XIX: um estudo comparativo**. São Paulo: Edusp. Tese de Doutorado. 1978

METZGER, J. P. O que é ecologia de paisagens? In: **Biota Neotropica**, Vol. 1, números 1 e 2, 2001 - ISSN 1676-0603. Disponível em: <<http://www.biotaneotropica.org.br/v1n12/pt/abstract?thematic-review+BN00701122001>>. Acesso em: 20/05/2009 às 12h48.

MICHELIN, Guilherme Antonio. **Subsídios para o Tombamento da Fazenda Lageado pelo CONDEPHAAT**. Monografia componente do Trabalho de Graduação Interdisciplinar para obtenção do título de Arquiteto e Urbanista, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2001.

_____. **Parque Urbano – Fazenda Lageado** – projeto final de conclusão de curso - XIII CECRE – Salvador 2004a

_____. XIII CECRE – notas de aulas – Salvador 2004b

_____. **Fazenda Lageado – Botucatu, SP – Entendendo sua evolução como patrimônio cultural a partir da análise de sua evolução arquitetônico-urbanística**. Campinas, SP. In: Anais do 3º Congresso Brasileiro de Assistência Técnica e Extensão Rural. (p.200-205). Campinas: FEALQ. 2006

MICHELIN, G. A.; BULL, L.T.; VELLINI, E.D.; CANDEIAS, J.E. **A Revitalização De Uso Da Área Histórica Da Fazenda Lageado** Processos de uma parceria público-privado-universitária . Havana, Cuba: Anais do VII Congresso Internacional de Patrimonio Cultural: Salvaguarda e Gestión, 2008

MINC/IPHAN. **O Registro do Patrimônio Imaterial** Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2. Ed, 2003.

ORSI, Andre Castilho. **Mapeamento dos parâmetros pedológicos e ambientais da bacia do Ribeirão Lavapés, em Botucatu/SP, utilizando técnicas de geoprocessamento.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Agrônômicas. Botucatu/SP. Xiii, 112p: Il, col., mapas, tabs. 2004

PAIVA, Celso Lago, 2001. **Raridade epigráfica: tijolo com símbolo maçônico.** Disponível em: <http://www.geocities.com/lagopaiva/epigrafi.htm>. 4 mar. 2001 (publicação).

PELLICCIOTTA, M. M. B. **Os Sertões do Paranapanema.** São Paulo: Empresa Documento Arqueologia e Antropologia, 2000, 45p.

PINHEIRO, Niminon S. **Os Nômades: Etnohistória Kaingang e seu contexto:** São Paulo 1850 a 1912. Tese de Doutorado defendida no Dep.História da UNESP de Assis, p.196/197. In: Pellicciotta, M.M.B., op.cit.

PUPO, Trajano Carlos de Figueiredo, **Botucatu Antigamente...** (das origens até 1917), Itu, SP, Editora Ottoni, 2002.

PUPO, Trajano Carlos de Figueiredo, CIACCIA, Paulo Pinheiro Machado, **As Primeiras Fazendas da Região de Botucatu,** Botucatu, SP, Prefeitura Municipal de Botucatu, 2005.

RAMÍREZ, Jorge Freddy; PAREDES, Fernando Antonio. **Los Cafetales da La Sierra Del Rosário (1790 – 1850).** Havana, Cuba: Ediciones UNIÓN. 2004. Prefácio de Eusébio Leal Spengler. Impresso por Editorial Nomos S.A. na Colômbia.

SABATÉ-BELL, J., SCHUSTER, M. **Designing the Llobregat Corridor.** Cultural Landscaping and Regional Development, Projectant l'eix Del Llobregat. Paisatge cultural i desenvolupament regional. Universidad Politècnica de Catalunya y Massachusetts Institute of Technology. Barcelona, 2001

SABATÉ-BELL, J., **Paisajes Culturales y desarrollo local ¿Alta Costura o Prêt a Porter?.** Revista Labor & Engenho: Patrimônio Cultural – Engenharia e Arquitetura. Campinas: CMU-Publicações-GEPCEA-UNICAMP. Arte Escrita Editora, nº1. p. 53 a 75. 2007.

SAIA, Luis. Notas Sobre a Arquitetura Rural Paulista no Segundo Século In: **Morada Paulista.** São Paulo: Ed. Perspectiva S.A. 3ªed. 1995. Coleção Debates.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem.** 5.ed. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2007

_____. **Metamorfoses do espaço habitado.** 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1997, 124p.

SAUER, Carl Ortwin, A Morfologia da Paisagem. 1925, p. 12 a 74. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny(Org.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 124p.

SÃO PAULO (Estado). Lei Estadual nº 283. Lei nº 7 do ano de 1846. **Lex: Collecção das Leis Promulgadas pela Assembléa Legislativa da Provincia de São Paulo Desde 1835 até 1868.** São Paulo: Tipographia Imparcial de J. Roberto (?). Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo.

_____. Lei Estadual nº 506. Lei nº 17 do ano de 1855. **Lex: Collecção das Leis Promulgadas pela Assembléa Legislativa da Provincia de São Paulo Desde 1835 até 1868.** São Paulo: Tipographia Imparcial de J. Roberto (?). Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo.

_____. Lei Estadual nº 554. Lei nº 3 do ano de 1857. **Lex: Collecção das Leis Promulgadas pela Assembléa Legislativa da Provincia de São Paulo Desde 1835 até 1868.** São Paulo: Tipographia Imparcial de J. Roberto (?). Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo.

_____. Lei Estadual nº 657. Lei nº 18 do ano de 1859. **Lex: Collecção das Leis Promulgadas pela Assembléa Legislativa da Provincia de São Paulo Desde 1835 até 1868.** São Paulo: Tipographia Imparcial de J. Roberto (?). Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo.

_____. Lei Nº 952, de 30 de janeiro de 1976. Cria a Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" e dá providências correlatas.

SERAGELDIN, Ismail. **Arquitetura Rural na República Árabe do Yêmen: O impacto do rápido crescimento econômico sobre as Expressões Tradicionais.** In: **The Changing Rural Habitat: Volume 1** Case studies. Yêmen: Ed. Aga Khan Award for Architecture, 1982;

SILVA, Ramon Felipe Bicudo. **Lavapés, água e vida : nos caminhos da Educação Ambiental** / Ramon Felipe Bicudo da Silva, André Castilho Orsi, Fernanda C. Silva Chinelato; fotografia Eduardo Rodrigues da Silva, Ramon Felipe Bicudo da Silva; revisão de textos Bahige Fadel – Botucatu, SP : Gráfica Editora Lar Anália Franco, 2008. 216p. ISBN 978-85-60884-02-5.

SPADARO, J.; GOMES, L. R. C. **Vila dos Lavradores 1893-1994** Narrativas Ilustradas. Botucatu: Jornal A Cidade, 1994.

TORELLY, Luiz Philippe Peres, **Paisagem cultural: uma contribuição ao debate**; ano 9, vol. 4, novembro 2008, p. 240. Todas as cidades. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc240/mc240.asp>> Acesso em: 03/12/2008 às 10h.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** OLIVEIRA, Livia de (Trad.). São Paulo: DIFEL, 1983

UNESCO, **Operational guidelines for the implementation of the World Heritage Convention.** Centro del Patrimonio Mundial, 1999.

UNESCO. **Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural.** Ed. UNESCO. 1972. WHC.2004/WS/2 Original: English. p.2-3. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001333/133369POR.pdf>>. Acesso em: 14 de maio de 2009, 18h43

UNESCO, in: IPHAN, **Patrimonio Cultural Imaterial**, Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginalphan>> Acesso em: 20/05/2009,11h09.

_____. **Operational guidelines for the implementation of the World Heritage Convention. Centro del Patrimonio Mundial**, 1999.

_____. **Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention, Centro del Patrimonio Mundial**, París, 1999

_____. **Declaración de Natchitoches**. Séptimo Simposio Internacional de ICOMOS US “Aprendiendo del Patrimonio Mundial. Lecciones de Preservación y administración internacionales de Paisajes Culturales y Ecológicos de Importancia Global”. Natchitoches, Louisiana, 2004.

_____. Simposio “**Conservando la Diversidad Cultural y Biológica. El papel de los Sitios Naturales y Sagrados y los Paisajes Culturales**” UNESCO, Unión Mundial para la Conservación (UICN), Universidad de las Naciones Unidas (UNU), Convención de las Naciones Unidas para la Diversidad Biológica (CBD), Foro Permanente de las Naciones Unidas sobre Asuntos Indígenas (UNPFII) y Organización de las Naciones Unidas para la Agricultura y la Alimentación (FAO) Tokio, 2005 .

_____, **Recomendação R(95)9**.

VIOLLET-LE-DUC, Eugene Emmanuel. **Restauero**. Apresentação, tradução e notas por Odete Dourado. Salvador. Mestrado em arquitetura e urbanismo. UFBA, 1993

KATINSKY, Julio. **Acervo Arquitetônico do Vale do Tietê**. São Paulo: Ed., 1999

ZANETTINI, P. E.; MORAES WICHERS, C. A. **Arqueologia no Campus - UNESP, Campus de Botucatu, Município de Botucatu, São Paulo**. Autorização Federal de Pesquisa (IPHAN/MinC): Portaria nº 296, de 24 de Outubro de 2007 (Projeto nº 03, Anexo I) Processo IPHAN nº 01506.001561/2007-82.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE ENGENHARIA CIVIL, ARQUITETURA E URBANISMO**

Guilherme Antônio Michelin

**O Reconhecimento de uma Paisagem Cultural:
FAZENDA LAGEADO – Botucatu/SP
ANEXOS**

Dissertação apresentada à Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Engenharia Civil, na área de concentração de Recursos Hídricos, Energéticos e Ambientais, Linha de Pesquisa de Planejamento Regional, Patrimônio e Paisagem.

Orientador: Dr. André Munhoz de Argollo Ferrão

CAMPINAS
2010

ANEXO 01

IPAC

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL

Uma das primeiras atividades desenvolvidas no sentido de se produzir um material para conhecimento mais rigoroso sobre o patrimônio imóvel da Fazenda Lageado, enquanto conjunto patrimonial indissociável, foi a montagem de um Inventário de Preservação do Acervo Cultural, o IPAC – Fazenda Lageado.

Sendo o próprio objeto de estudo parte de um campus universitário, o conceito inicial proposto foi a integração de alunos de graduação no processo. Neste sentido, como não existem cursos em áreas afins dentro do campus Fazenda Lageado, foram ministradas palestras para o Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC/UNESP – Campus de Bauru, nas disciplinas “História da Arquitetura I” e “Técnicas Retrospectivas”, em outubro de 2005. Na seqüência, o contato estendeu-se à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, através de seu Escritório Modelo – MOSAICO, no início do ano de 2006.

A idéia apresentava dupla função: conscientizar os alunos nas questões referentes à preservação do patrimônio cultural; e possibilitar a ampliação do inventário, atendendo a um maior número de edificações possíveis, utilizando esta mão de obra qualificada.

A proposta constava de aulas expositivas sobre patrimônio cultural, teorias de restauro, história de Botucatu e da Fazenda Lageado e visitas monitoradas ao local de estudo. Como não houve retorno positivo dos alunos da FAAC/UNESP, o trabalho foi desenvolvido apenas com o grupo MOSAICO, durante 2 semestres.

As fichas utilizadas para montagem do Inventário foram baseadas na publicação editada pela Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia, parte do trabalho de cadastramento de monumentos em todo o Estado da Bahia.¹

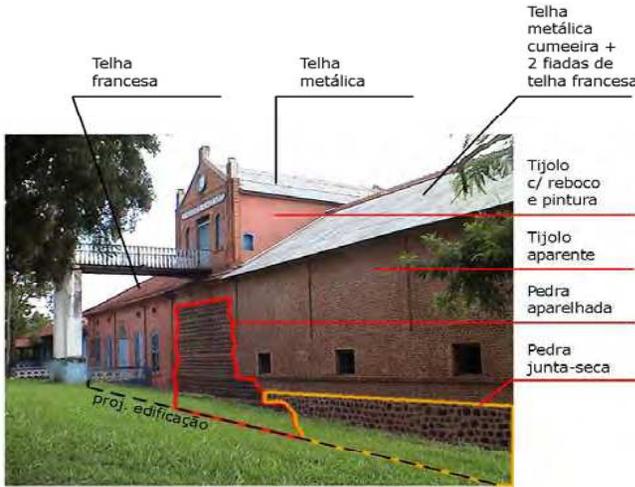
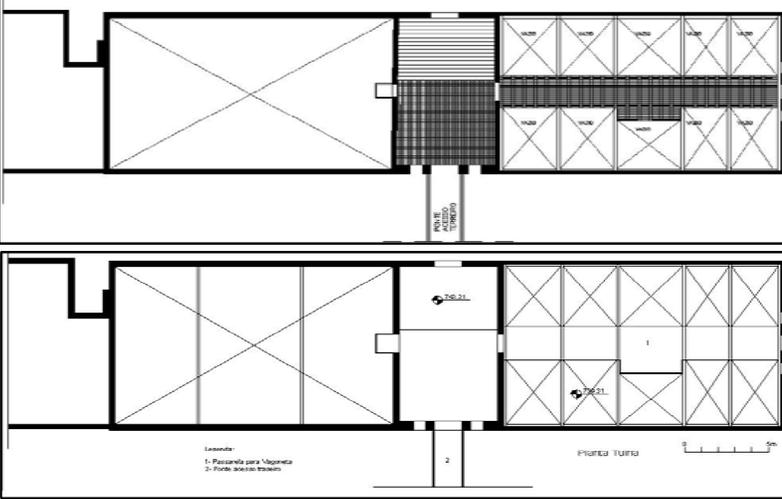
¹ BAHIA (Secretaria da Cultura e Turismo). IPAC-BA: Inventário de Preservação do Acervo Cultural da Bahia. Salvador: SCT:CRC-BA, 2002. 432p.: il., mapas. (Monumentos da Região Pastoril do Estado da Bahia; v.7)

A experiência de utilização desta tipologia de inventariamento apresentou-se bastante eficaz no entendimento da amplitude do conjunto a ser estudado. O produto final alcançado, no entanto, explicitou diversas incompatibilidades.

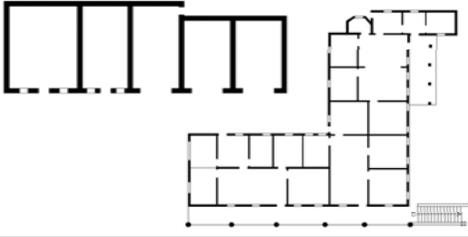
Por se tratar de um tipo de ficha considerada “fechada”, com quantidade e tipologia de informações pré-formatadas, os espaços de preenchimento ou mesmo inserção de fotos, plantas ou croquis mostraram-se ineficazes para atender de forma satisfatória as distintas tipologias e patologias de cada edificação, ou mesmo de informações existentes ou acessíveis a seu respeito.

Um bom exemplo desta disparidade: as informações levantadas e produzidas sobre a Tulha deveriam caber em uma ficha idêntica à de uma Casa de Colono. Esta visível distinção de complexidade e escala de trabalho entre ambas não se espelhou em sua forma de registro.

Indica-se, portanto, que tanto o processo de desenvolvimento, quanto os resultados obtidos nesta primeira versão do IPAC – Fazenda Lageado, sejam utilizados como base para discussão e desenvolvimento de um novo inventário para defesa do acervo cultural da Fazenda Lageado, fundamental à conservação de sua paisagem cultural.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		CATEGORIA: MONUMENTO		IPAC Nº : BTU - FLG 01			
REGIÃO : SUDESTE		ESTADO : SÃO PAULO		MUNICÍPIO : BOTUCATU		DISTRITO :			
LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO		DENOMINAÇÃO: TULHA				CADASTRO IMOBILIÁRIO			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA : Edifício situado em terreno acidentado, tendo a sua esquerda, a escola. O pavimento superior da acesso aos terreiros localizados em frente à edificação, através de uma passarela. Da fachada norte avista-se o paiol e da fachada oeste, o moinho e a serraria/ferraria. As ruas que circundam a edificação são pavimentadas.						UTILIZAÇÃO ATUAL : Depósito			
ÉPOCA : SÉCULO 19 F (ou 20 I)		I - INÍCIO M - MEADOS F - FINAL		ÁREA CONSTRUÍDA :					
DESCRIÇÃO : A tulha é responsável pelo processo final de secagem, separação e empacotamento do café. Construída com pedras, tijolos e madeira, esta edificação é a mais importante histórica e arquitetonicamente do conjunto e apresenta, com extrema dignidade, as marcas do tempo em que vem acompanhando a evolução da Fazenda Lageado, desde o final do século XIX. Internamente, possui silos capazes de estocar enorme quantidade de café, além de primorosos equipamentos em madeira da década de 1930, considerados entre as mais avançadas tecnologias mundiais para separação e empacotamento de café da época.									
ESTADO DE CONSERVAÇÃO		ESTRUTURA		ELEMENTOS		INSTALAÇÕES E		GRAU DE PROTEÇÃO	
A SATISFATÓRIO		PORTANTE		SECUNDÁRIOS		SERVIÇOS		SALUBRIDADE	
B MEDÍOCRE		A		B		C		B	
C RUIM								IPAC	
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA				PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL					
									
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAF, através de levantamentos <i>in loco</i> e de documentação existente na Fazenda Lageado e CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto Indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.				COMPILADA POR : Mosaico MACK		DATA : junho/2007			
				CONFERIDA POR : Arq. G. Michelin		DATA : junho/2007			
				REVISTA POR : Arq. G. Michelin		DATA : novembro/2007			

DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLOGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
<p>O edifício de planta retangular é dividido em 3 pavimentos. Sua cobertura divide-se em três partes distintas, com as laterais apresentando beiral com cimalha de tijolos trabalhada. A estrutura em tesoura sobre os silos possui um sistema de travamento pentagonal possibilitando a passagem de uma ponte sobre os mesmos, que originalmente possuía trilhos na passagem da vagoneta de distribuição do café. As aberturas são em arco abatido, arco pleno e verga-reta; os caixilhos predominantemente em madeira, pintados de azul com exceção à entrada dos silo que é metálica.</p>	<p>Histórico Arquitetônico:</p>	<p>Sistema Construtivo e Materiais: Embasamento em pedras aparelhadas, vedação em alvenaria de tijolos e divisões internas em madeira. Cobertura em telhas cerâmicas e uma parte em telhas metálicas.</p> <p>Restaurações e Intervenções Realizadas : Entre 1978 e 1980- ponte de acesso do terreiro inferior à tulha é refeita, mantendo os trilhos originais das vagonetas.</p> <p>2005- guarda-corpo da ponte de acesso é refeito. 2007 - desmontagem de intervenções internas em madeira e limpeza geral</p>
<p>CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS : Bens móveis e integrados : Vagonetas, trilhos das vagonetas, Silos de armazenamento em madeira, equipamentos de empacotamento de grãos, equipamento motriz.</p>	<p>UTILIZAÇÃO PROPOSTA: Centro de ciências e Museu</p> <p>UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS: função original agregada à função museológica</p>	<p>RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA: Restauo completo. Verificação de telhado e estrutura. Recuperação de estrutura do telhado. Restauo de esquadrias, bens móveis e integrados.</p>
		
<p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA : FOTOS: 1- Elevação Leste; 2- Elevação Norte e Oeste; 3- Ponte de acesso aos silos.</p>		<p>PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização do edifício por falta de amparo legal.</p>
<p>DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual</p>		<p>REINSPECIONADO POR:Arq. Guilherme Michelin DATA: 19/02/2008</p>

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC		CATEGORIA:		IPAC Nº:	
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO		INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		MONUMENTO		BTU - FLG 02	
REGIÃO : SUDESTE	ESTADO : SÃO PAULO	MUNICÍPIO : BOTUCATU	DISTRITO :				
LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO	DENOMINAÇÃO : CASA GRANDE		CADASTRO IMOBILIÁRIO				
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA : Sua implantação privilegiada impõe dois andares, sendo o inferior utilizado como depósito e garagem, sem ligação direta com a casa, e o superior dando acesso ao terreno. Da elevação oeste avista-se o paiol. As ruas que circundam a edificação são pavimentadas.		UTILIZAÇÃO ATUAL : Museu do Café (8 salas) e FEPAF (5 salas)					
EPOCA : SÉCULO 19 F	I - INICIO	M - MEADOS	F - FINAL	ÁREA CONSTRUÍDA : 868,10 m²			
DESCRIÇÃO : A Casa Grande, apesar de imponente, nunca serviu de moradia para os donos da Fazenda. Durante o período de Estação Experimental, foi subdividida internamente em 3 casas, descaracterizando-a bastante internamente. Os vidros colocados externamente à janela são de período posterior							
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	A SATISFATORIO B MEDIÓCRE C RUIM	ESTRUTURA PORTANTE A	ELEMENTOS SECUNDÁRIOS A	COBERTURA A	INTERIOR SERVIÇOS B	INSTALAÇÕES E SALUBRIDADE A	GRAU DE PROTEÇÃO IPAC
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA				PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL			
							
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAF, através de levantamentos in loco e de documentação existente na Fazenda Lageado e CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.		COMPILADA POR : Mosaico MACK		DATA : junho/2007			
		CONFERIDA POR : Arq. G. Michelin		DATA : junho/2007			
		REVISTA POR : Arq. G. Michelin		DATA : novembro/2007			

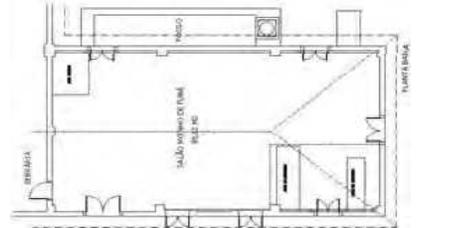
DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLÓGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
Edifício apresenta planta em "L" recoberta por telhado de dez águas, contando com o anexo. A Casa possui varanda em concreto que substituiu a original em madeira. Destaque para os lambrequins em madeira e guarda-corpo no terraço. Forro em madeira com piso de tabuado e caixilharia original em madeira. Seu fechamento é em folha interna de abrir dupla e vidro externo tipo guilhotina; No andar inferior, portas de madeira dupla, de abrir para fora.	Histórico Arquitetônico: Construída para servir de moradia aos administradores da Fazenda, foi subdividida em 3 residências durante o período da Estação Experimental, o que acabou por descaracterizar bastante a edificação. A varanda original em madeira foi trocada pela atual em concreto, com o gradil sendo desenvolvido a partir do original em madeira.	Sistema Construtivo e Materiais: Baldrame em pedra, terraço em concreto; paredes em alvenaria de tijolos, originalmente rebocada com pintura em calçao; cobertura em telha francesa. Restaurações e Intervenções Realizadas : 1934- adaptada para acolher três famílias pertencentes à fazenda experimental. Cria-se também volume externo no fundo da casa. 1972- Mais uma vez as divisões internas são modificadas, para atender à nova realidade imposta pela implantação da universidade. 1978-79- troca do assoalho
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS : Bens móveis e integrados: parte do forro original, móveis e equipamentos da época da Fazenda Experimental.	UTILIZAÇÃO PROPOSTA Museu do Café UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS	RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA Recuperação de características internas originais (divisões internas, rodapés, etc). Verificação de estrutura (rachaduras grandes no interior).
		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA : FOTOS: 1- Elevação Leste; 2- Elevação Oeste; 3- Varanda.		PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização do edifício por falta de amparo legal.
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		REINSPECIONADO POR: Arq. Guilherme Michelin DATA: 19/02/2008

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC		CATEGORIA:		IPAC Nº:	
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO		INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		MONUMENTO		BTU - FLG 03	
REGIÃO : SUDESTE	ESTADO : SÃO PAULO	MUNICÍPIO : BOTUCATU	DISTRITO :				
LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO	DENOMINAÇÃO : DIRETORIA DA ESTAÇÃO EXPERIMENTAL		CADASTRO IMOBILIÁRIO				
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA : Edificação construída para sediar a Diretoria da Estação Experimental, motivo de concurso vencido pelo arquiteto italiano A. Murgel. Sua implantação na encosta oeste à área de Interesse, proporciona uma das melhores visões por situar-se em nível mais elevado em relação ao conjunto. Seu terreno é relativamente plano e a via de acesso ao edifício é pavimentada.		UTILIZAÇÃO ATUAL : Departamento da FMVZ (Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia)					
EPOCA : SÉCULO 20 I	I - INICIO	M - MEADOS	F - FINAL	ÁREA CONSTRUÍDA :			
DESCRIÇÃO : A Diretoria da FCCE é uma das raras edificações que mantêm boa parte de suas características originais, como o piso do salão de entrada e o vitral com motivo de café. Apresenta beiral em concreto nas extremidades arredondadas e marquise em concreto com vigas invertidas na entrada frontal, acessada por uma escadaria em mármore branco. As 3 portas que compõe a entrada são em ferro trabalhado com gradil de segurança retrátil, que quando aberto, fica totalmente imbuído na parede. As esquadrias externas frontais são inclinadas e bastante características.							
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	A SATISFATORIO B MEDIÓCRE C RUIM	ESTRUTURA PORTANTE A	ELEMENTOS SECUNDÁRIOS B	COBERTURA B	INTERIOR SERVIÇOS A	INSTALAÇÕES E SALUBRIDADE A	GRAU DE PROTEÇÃO IPAC
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA				PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL			
							
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAF, através de levantamentos in loco e de documentação existente na Fazenda Lageado e CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.		COMPILADA POR : Mosaico MACK		DATA : junho/2007			
		CONFERIDA POR : Arq. G. Michelin		DATA : junho/2007			
		REVISTA POR : Arq. G. Michelin		DATA : novembro/2007			

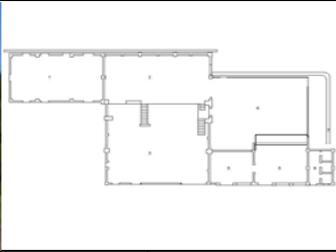
DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLÓGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
	Histórico Arquitetônico: 1936- o arquiteto italiano A. Murgel vence o concurso para projeto da Diretoria da Estação Experimental	Sistema Construtivo e Materiais: Vedação externa externa em alvenaria estrutural de tijolo, com acabamento externo com reboco em cimento e areia, sem pintura. Cobertura em laje impermeabilizada coberta com telhas metálicas escondida por palibanda. Restaurações e Intervenções Realizadas : Entre 1978 e 1980- a sede da diretoria da FCCE passa a abrigar um departamento da FMVZ, interferindo nas divisões internas em alvenaria de tijolos.
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS : Bens móveis e integrados: vitral com motivo de café e móveis da recepção.	UTILIZAÇÃO PROPOSTA UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS	RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA Restauração completa. Verificação de estrutura e telhado. Restaução de esquadrias e pisos originais. Manutenção de Vitral.
		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA : FOTOS: 1- Vista Sudeste; 2- Elevação Leste, entrada principal; 3- Vista geral do conjunto de interesse a partir da Diretoria.		PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização do edifício por falta de amparo legal.
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		REINSPECIONADO POR: Arq. Guilherme Michelin DATA: 19/02/2008

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC		CATEGORIA:	IPAC Nº:			
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO		INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		MONUMENTO	BTU - FLG 04			
REGIÃO : SUDESTE	ESTADO : SÃO PAULO		MUNICÍPIO : BOTUCATU		DISTRITO :			
LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO	DENOMINAÇÃO : SEDE SOCIAL A.C.LAGEADO		CADASTRO IMOBILIÁRIO					
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA : Edificação contígua à tulha, sua implantação a coloca em local de destaque no conjunto.				UTILIZAÇÃO ATUAL : Pavimento Superior; Anfiteatro (salão); Pavimento Inferior; Serviços Gerais (salão) e salas vizias.				
EPOCA : SÉCULO 20 I	I - INÍCIO	M - MEADOS	F - FINAL	ÁREA CONSTRUÍDA :				
DESCRIÇÃO : Edificação construída para uso múltiplo, foi utilizada como escola e também foi sede do Atlético Clube Lageado, local de encontro dos moradores das colônias ali existentes. O destaque desta edificação de dois andares está no Salão de Baile, no andar superior, que conserva o piso e forro de madeira trabalhados originais. As aberturas são em verga-reta com caixilharia em madeira original. Atualmente é parte do Centro de Ciências, abrigando a Experimentoteca.								
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	A SATISFATORIO B MEDIOCRE C RUIM	ESTRUTURA PORTANTE A	ELEMENTOS SECUNDARIOS A	COBERTURA A	INTERIOR A	INSTALAÇÕES E SERVIÇOS B	SALUBRIDADE A	GRAU DE PROTEÇÃO IPAC
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA				PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL				
 								
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAF, através de levantamentos in loco e de documentação existente na Fazenda Lageado e CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.								
COMPILADA POR : Mosaico MACK			DATA : junho/2007					
CONFERIDA POR : Arq. G. Michelin			DATA : junho/2007					
REVISTA POR : Arq. G. Michelin			DATA : novembro/2007					

DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLÓGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
Edificação avarandada recoberta por telhado de 4 águas com telha francesa; masarda da entrada em 2 águas e lambrequins em madeira. Destaque para o guarda-corpo da varanda. As aberturas são em verga-reta com caixilharia em madeira. Forro em madeira trabalhada no salão e no hall de entrada. No restante da casa apresenta forro simples em madeira. Piso de tabuado, trabalhado no pavimento superior e de concreto no pavimento inferior.	Histórico Arquitetônico: Edificação era utilizada como Sede Social do A.C. Lageado, clube formado pelos funcionários da Estação Experimental. Sofreu algumas adequações principalmente no andar inferior, para funcionar como Escola.	Sistema Construtivo e Materiais: Baldrame em pedra, terrazzo em concreto; parede em alvenaria de tijolos pintadas e rebocadas e cobertura com telha francesa e estrutura em madeira.
		Restaurações e Intervenções Realizadas :
		Restauração Necessária
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS : Bens móveis e integrados: piso e forro trabalhados.	UTILIZAÇÃO PROPOSTA Centro de Ciências UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS	Revisão da cobertura, restauro de algumas esquadrias do salão superior e todo o andar inferior, com esquadrias.
  		PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização do edifício por falta de amparo legal.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA : FOTOS: 1- Elevação Leste; 2- Elevação Oeste, composição com tulha; 3- Detalhe piso trabalhado do anfiteatro.		REINSPECIONADO POR: Arq. Guilherme Michelin DATA: 19/02/2008
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC		CATEGORIA:	IPAC Nº:			
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO		INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		MONUMENTO	BTU - FLG 05			
REGIÃO : SUDESTE	ESTADO : SÃO PAULO		MUNICÍPIO : BOTUCATU		DISTRITO :			
LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO	DENOMINAÇÃO : MOINHO		CADASTRO IMOBILIÁRIO					
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA : A edificação faz parte do conjunto com a serraia e a ferraria.				UTILIZAÇÃO ATUAL : Museu				
EPOCA : SÉCULO 19 F	I - INÍCIO	M - MEADOS	F - FINAL	ÁREA CONSTRUÍDA :				
DESCRIÇÃO : Moinho ou casa de beneficiamento de grãos, constituído por pavimento térreo e porão com uma abertura arredondada para entrada de equipamento motriz em roda d'água, aproveitando o desnível do terreno. A caixilharia varia conforme a fachada em quem está inserida; a oeste, verga e contra-verga retas. Na fachada leste, verga em arco pleno. No térreo, piso de tabuado e no porão, piso de tijoleira, assentado para facilitar a visitação museológica.								
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	A SATISFATORIO B MEDIOCRE C RUIM	ESTRUTURA PORTANTE A	ELEMENTOS SECUNDARIOS A	COBERTURA A	INTERIOR A	INSTALAÇÕES E SERVIÇOS B	SALUBRIDADE A	GRAU DE PROTEÇÃO IPAC
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA				PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL				
 								
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAF, através de levantamentos in loco e de documentação existente na Fazenda Lageado e CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.								
COMPILADA POR : Mosaico MACK			DATA : junho/2007					
CONFERIDA POR : Arq. G. Michelin			DATA : junho/2007					
REVISTA POR : Arq. G. Michelin			DATA : novembro/2007					

DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLÓGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
	Histórico Arquitetônico:	Sistema Construtivo e Materiais: Baldrame em pedra e parede de alvenaria de tijolos que possuem sistema de travamento em cabos; cobertura em telha francesa posteriormente substituída por telha capcanal e estruturada em tesouras simples de madeira.
		Restaurações e Intervenções Realizadas : 2004 : é reformado através de recursos patrocinados pelo BANESPA.
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS : Bens móveis e integrados: pedra-mó (restaurada) e parte do equipamento motriz.	UTILIZAÇÃO PROPOSTA : UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS :	Restauração Necessária : Restauração do equipamento motriz.
  		PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização do edifício por falta de amparo legal.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA : FOTOS: 1- Vista Noroeste; 2- Vista Nordeste; 3- Detalhe da pintura sobre as pedras do embasamento (reforma em 2004); 4- Porão: abertura para a entrada do equipamento da força motriz em roda d'água.		REINSPECIONADO POR: Arq. Guilherme Michelin DATA: 19/02/2008
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC		CATEGORIA:		IPAC Nº:	
INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		MONUMENTO		BTU - FLG 06			
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO							
REGIÃO : SUDESTE		ESTADO : SÃO PAULO		MUNICÍPIO : BOTUCATU		DISTRITO :	
LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO		DENOMINAÇÃO: SERRARIA - FERRARIA					
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA : A edificação faz parte do conjunto com o moinho.		CADASTRO IMOBILIÁRIO					
		UTILIZAÇÃO ATUAL : Serraria e depósito					
ÉPOCA : SÉCULO 19 F		I - INÍCIO		M - MEADOS		F - FINAL	
ÁREA CONSTRUIDA : 506,05m²							
<p>DESCRIÇÃO : Na serraria, piso de terra batida na parte inferior e tabuão no mazzanino; na ferraria, piso de concreto. Apresentam fechamento frontal em grades de madeira e janelas com fechamento em folha interna de abrir simples. Algumas pequenas aberturas laterais apresentam grade de ferro fundido trabalhado. Na cobertura, telhas capa e canal e telhas metálicas.</p>							
ESTADO DE CONSERVAÇÃO		ESTRUTURA		ELEMENTOS		INSTALAÇÕES E SERVIÇOS	
A SATISFATORIO B MEDIOCRE C RUIM		PORTANTE		SECUNDARIOS		COBERTURA	
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA		PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL					
							
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAF, através de levantamentos in loco e de documentação existente na Fazenda Lageado e CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.				COMPILADA POR : Mosaico MACK		DATA : junho/2007	
				CONFERIDA POR : Arq. G. Michelin		DATA : junho/2007	
				REVISTA POR : Arq. G. Michelin		DATA : novembro/2007	

DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLOGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
	Histórico Arquitetônico:	<p>Sistema Construtivo e Materiais: Baldrame em pedra, alvenaria em tijolos de variável espessura e grandes tesouras de material revitalizado quem vencem o vão todo apoiadas sobre as grossas paredes laterais.</p> <p>Restaurações e Intervenções Realizadas : 2004 - Na reforma, patrocinada pelo BANESPA, recebe telhas novas, acabamento e pintura látex. Não houve prospecções para coloração ou tipo de pintura e reboco.</p>
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS : Bens móveis e integrados: equipamentos de serraria com engrenagens de madeira e equipamentos de corte originais das décadas de 30 e 40, materiais de trabalho da ferraria.	UTILIZAÇÃO PROPOSTA	RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA Restauração completa da Ferraria.
	UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS	
  		<p>PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização do edifício por falta de amparo legal.</p>
BIBLIOGRAFIA BÁSICA :		REINSPECIONADO POR: Arq. Guilherme Michelin
FOTOS: 1 - Elevação oeste: serraria e ferraria; 2 - Antes da reforma, tipologias diversas de telhas existentes indicam fases de construção; 3 - Forno externo em ruínas; 4 - Detalhe da serra.		DATA: 19/02/2008
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC		CATEGORIA:		IPAC Nº:	
INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		MONUMENTO		BTU - FLG 07			
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO							
REGIÃO : SUDESTE		ESTADO : SÃO PAULO		MUNICÍPIO : BOTUCATU		DISTRITO :	
LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO		DENOMINAÇÃO: TERREIROS					
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA : Terreiros situados a sul da Casa Grande e a leste da Tulha, sendo este ligado por uma passarela. É o equipamento de maior interesse para as fazendas cafejeiras, e reitera a grandiosidade e importância da Fazenda Lageado no desenvolvimento da região.		CADASTRO IMOBILIÁRIO					
		UTILIZAÇÃO ATUAL : Área de Lazer e contemplação. Raras vezes, o terreno superior é utilizado para secagem de café.					
ÉPOCA : SÉCULO 19 F		I - INÍCIO		M - MEADOS		F - FINAL	
ÁREA CONSTRUIDA : mais de 15 mil m²							
<p>DESCRIÇÃO : Parte fundamental no processo de beneficiamento do café, além de ser um dos mais conhecidos elementos do período cafeeiro. Utilizado principalmente na secagem dos grãos, foi construído em terra batida e, no início do século XX, coberto com "tipoleira". Os círculos em cimento encontrados no piso delimitam os locais onde o café era amontoado e coberto durante a noite, após os trabalhos diários de secagem. Paralelamente à evolução da Fazenda, inúmeras intervenções acompanharam a passagem dos terreiros por estes períodos, como as diferentes metodologias construtivas presentes nos muros de arrimo entre os três níveis dos terreiros (parte com pedra de junta seca, parte com pedra aparelhada, mais uniforme). Além disso, algumas edificações foram sendo construídas sobre o próprio terreno, como o galpão de beneficiamento no segundo nível e o grande galpão do piso superior, denotando expressivamente sua área utilizável, indicando uma mudança drástica em seu uso original, principalmente após a década de 1940.</p>							
ESTADO DE CONSERVAÇÃO		ESTRUTURA		ELEMENTOS		INSTALAÇÕES E SERVIÇOS	
A SATISFATORIO B MEDIOCRE C RUIM		PORTANTE		SECUNDARIOS		COBERTURA	
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA		PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL					
							
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAF, através de levantamentos in loco e de documentação existente na Fazenda Lageado e CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.				COMPILADA POR : Mosaico MACK		DATA : junho/2007	
				CONFERIDA POR : Arq. G. Michelin		DATA : junho/2007	
				REVISTA POR : Arq. G. Michelin		DATA : novembro/2007	

DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLOGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
O terreno distribui-se em três níveis, aproveitando o desnível do terreno, sendo dois terreiros grandes e um intermediário de pequeno porte. No terreno superior encontra-se um conjunto de aqueduto implantado no muro de contenção, além de um grande Galpão para armazenamento de materiais e equipamentos de grande porte, incluindo um conjunto de silos de armazenamento de grãos, semelhantes ao funcionamento da tulha. E no terreno intermediário um galpão de beneficiamento de grãos.	Histórico Arquitetônico:	<p>Sistema Construtivo e Materiais : Arrimo em pedra, sendo parte em junta - seca, e parte aparelhada. Piso tijoleira em feixes paralelos. Parte, atrás da Casa Grande, é de lajeado. Originalmente, parte do terreno era em terra batida. Círculos de armazenamento de café em cimento.</p> <p>Restaurações e Intervenções Realizadas : Década 40 e 50 implantação de importantes construções sobre os terreiros. Entre 1978 e 1980 restauração dos terreiros principalmente nos muros de arrimo. Década de 90 implantação de edificações de grande porte.</p>
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS : Bens móveis e integrados: Círculos de armazenamento noturno de café; Tulhas Intermediárias; Galpão de Beneficiamento; Sistema de pré-separação de café; Galpão de grande porte e silos de armazenamentos de grãos.	UTILIZAÇÃO PROPOSTA	RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA Restauração de piso e de sistema drenante. Verificação de arrimos. Retirada de vegetação em arrimo inferior.
	UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS	
		<p>PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização da área por falta de amparo legal.</p>
BIBLIOGRAFIA BÁSICA :		REINSPECIONADO POR: Arq. Guilherme Michelin
FOTOS: 1 - Vista aérea geral dos Terreiros, com tulha e casa de colonos ao fundo ; 2 - Terreiro inferior, visto a partir da Casa Grande.		DATA: 19/02/2008
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC		CATEGORIA:		IPAC Nº:	
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO		INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		MONUMENTO		BTU - FLG 08	
REGIÃO : SUDESTE	ESTADO : SÃO PAULO	MUNICÍPIO : BOTUCATU		DISTRITO :			
LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO	DENOMINAÇÃO : HOSPEDARIA		CADASTRO IMOBILIÁRIO				
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA : Hospedaria situada a sul da área de interesse histórico. Tem a oeste um lago artificial, local de lazer e contemplação, e ao alto a diretoria da FOCE.				UTILIZAÇÃO ATUAL : Incubadora de Empresas de Base Tecnológica			
ÉPOCA : SÉCULO 20 M		I - INÍCIO	M - MEADOS	F - FINAL	ÁREA CONSTRUÍDA : 1080,44 m²		
DESCRIÇÃO : A HOSPEDARIA foi originalmente construída para abrigar os visitantes da Estação Experimental Federal, projetada no final da década de 1930 pelo arquiteto italiano A. Murgel, mesmo autor do prédio da Diretoria da Estação Experimental. Embora externamente apresente boa parte das características originais, internamente já foi bastante modificada nas reformas para abrigar o departamento de Ciências dos Solos (1978), e a Incubadora de Empresas de Base Tecnológica (2005).							
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	A SATISFATORIO B MEDIÓCRE C RUIM	ESTRUTURA PORTANTE	ELEMENTOS SECUNDÁRIOS	COBERTURA	INTERIOR	INSTALAÇÕES E SERVIÇOS	GRAU DE PROTEÇÃO IPAC
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA				PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL			
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAF, através de levantamentos in loco e de documentação existente na Fazenda Lageado e CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.		COMPILADA POR : Mosaico MACK	DATA : junho/2007				
		CONFERIDA POR : Arq. G. Michelin	DATA : junho/2007				
		REVISTA POR : Arq. G. Michelin	DATA : novembro/2007				

DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLÓGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
Edifício de 2 pavimentos com calçamento envoltório cimentado e janelas em ferro pintado e vidro. Porta de entrada em ferro trabalhado, desenho com motivo animal, (uma cabeça de boi ou búfalo estilizada) com vedação interna em vidro. Sua implantação em cruz coberta por 12 águas de telhas cerâmicas e volume térreo dos fundos (elevação oeste) por 3 águas.	Histórico Arquitetônico:	Sistema Construtivo e Materiais : Principal elemento é a alvenaria de tijolo, rebocada em cimento e pintada de branco, com lajes intermediárias em concreto armado. Estrutura da cobertura em tesouras de madeira, com total de 15 águas, cobertas em telhas cerâmicas, tipo francesa.
		Restaurações e Intervenções Realizadas : Entre 1978 e 1980- a hospedaria passa a receber o Departamento de Ciências dos Solos, causando modificações nas divisões internas. 2005- Edificação sofreu significativa intervenção para abrigar a Incubadora de Empresas de Base Tecnológica. Mudança da entrada para os fundos da edificação.
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS : Bens móveis e integrados: nenhum	UTILIZAÇÃO PROPOSTA	RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA
	UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS	Adequação da comunicação visual. Retirada de placa apoiada na marquise frontal (foto 02).
BIBLIOGRAFIA BÁSICA :		PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização do edifício por falta de amparo legal.
FOTOS: 1- Elevação Oeste - Lago artificial, área de lazer e contemplação ; 2- Elevação leste com painel de identificação cobrindo o pórtico de entrada; 3- Porta de Entrada em ferro trabalhado		REINSPECIONADO POR: Arq. Guilherme Michelin
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		DATA : 19/02/2008

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC		CATEGORIA:		IPAC Nº:	
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO		INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		MONUMENTO		BTU - FLG 09	
REGIÃO : SUDESTE	ESTADO : SÃO PAULO	MUNICÍPIO : BOTUCATU		DISTRITO :			
LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO	DENOMINAÇÃO : DESPOLPADOR		CADASTRO IMOBILIÁRIO				
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA : Encontra-se a leste e em nível superior em relação aos terreiros. Possibilita vista para o conjunto de interesse histórico. Circundada por área verde e o acesso é feito somente por pedestres.				UTILIZAÇÃO ATUAL : Nenhuma			
ÉPOCA : SÉCULO 19 F ou 20 I		I - INÍCIO	M - MEADOS	F - FINAL	ÁREA CONSTRUÍDA : 459 m²		
DESCRIÇÃO : A edificação é parte de conjunto existente no início do processo de beneficiamento do café. Externamente, o conjunto conta com tanques de lavagem e encaminhamento dos grãos para a edificação. Internamente, as bases e canaletas em alvenaria de tijolos servem também de apoio aos maquinários em ferro. A força-motriz inicial era a roda d'água, posteriormente substituída por motor movido a energia elétrica, gerada pela Pequena Central Hidrelétrica (PCH) implantada dentro da Própria Fazenda. Grande parte do maquinário e de suas peças ainda encontram-se no local, assim como diversas partes do sistema de propulsão, como as canaletas e o encaixe da roda d'água.							
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	A SATISFATORIO B MEDIÓCRE C RUIM	ESTRUTURA PORTANTE	ELEMENTOS SECUNDÁRIOS	COBERTURA	INTERIOR	INSTALAÇÕES E SERVIÇOS	GRAU DE PROTEÇÃO IPAC
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA				PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL			
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAF, através de levantamentos in loco e de documentação existente na Fazenda Lageado e CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.		COMPILADA POR : Mosaico MACK	DATA : junho/2007				
		CONFERIDA POR : Arq. G. Michelin	DATA : junho/2007				
		REVISTA POR : Arq. G. Michelin	DATA : novembro/2007				

DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLÓGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
Edificação com paredes de alvenaria de tijolos na elevação norte e parte da oeste e o restante em madeira. Possui encaixe e canaleta para roda d'água, tanques e equipamentos para o processo de beneficiamento café em seu exterior e interior. Cobertura em duas águas e piso cimentado. Grade de madeira sobre a parede na fachada norte e aberturas na fachada oeste.	Histórico Arquitetônico:	Sistema Construtivo e Materiais: tanques em alvenaria de tijolos cobertos com cimento, com comportas em ferro fundido. Paredes em alvenaria de tijolos e madeira. Grade de madeira sobre parede na fachada oeste. Piso cimentado.
		Restaurações e Intervenções Realizadas :
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS : Bens móveis e integrados: tanques, comportas em ferro fundido e equipamentos de lavagem e despolpamento de café.	UTILIZAÇÃO PROPOSTA: beneficiamento de café (função original)	RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA: Estrutura da edificação e bens moveis e integrados.
	UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS: função original e museológica	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA :		PERIGOS POTENCIAIS : Desmoronamento da edificação e roubo de peças. Descaracterização do conjunto pela construção de edificações próximas
FOTOS: 1- Elevação Norte; 2- Tanque e comportas em ferro fundido; 3- Vista interna de equipamentos		REINSPECIONADO POR: Arq. Guilherme Michelin
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		DATA : 19/02/2008

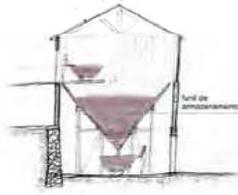
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC		CATEGORIA:		IPAC Nº:	
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO		INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		MONUMENTO		BTU - FLG 10	
REGIÃO : SUDESTE	ESTADO : SÃO PAULO	MUNICÍPIO : BOTUCATU		DISTRITO :			
LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO	DENOMINAÇÃO : PAIOL		CADASTRO IMOBILIÁRIO				
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA : Construção circundada por área verde com via de acesso pavimentada. Da fachada sul avista-se o moinho à direita e a tulha à esquerda. A leste encontra-se a Casa Grande.			UTILIZAÇÃO ATUAL : Depósito				
ÉPOCA : SÉCULO 20 M		I - INÍCIO	M - MEADOS	F - FINAL	ÁREA CONSTRUÍDA :		
DESCRIÇÃO : Projetada e construída na segunda metade da década de 1930, no período da Estação Experimental Federal, o PAIOL tinha a função primária de armazenamento de grãos. Durante todos estes anos, a edificação sofreu pequenas reformas para adequação de uso e conservação, não apresentando, com isso, mudanças estruturais significativas. Interessante observar as abas de concreto projetadas para dificultar o acesso de animais ao interior, principalmente roedores, que normalmente invadiam os paíóis pelas frestas do piso.							
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	A SATISFATÓRIO B MEDIOCRE C RUM	ESTRUTURA PORTANTE	ELEMENTOS SECUNDÁRIOS	COBERTURA	INTERIOR	SERVIÇOS	GRAU DE PROTEÇÃO IPAC
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA				PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL			
							
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAF, através de levantamentos <i>in loco</i> e de documentação existente na Fazenda Lageado e CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.							
COMPILADA POR : Mosaico MACK				DATA : junho/2007			
CONFERIDA POR : Arq. G. Michellin				DATA : junho/2007			

DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLÓGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
Construções com plantas livres e poucas aberturas devido às suas funções.	Histórico Arquitetônico:	Sistema Construtivo e Materiais: Fundação em pedra e tijolos, com aba em concreto. Paredes, piso e caixilharia em madeira simples. Cobertura com estrutura em madeira simples. Paiol superior com pendural e telhas francesas.
		Restaurações e Intervenções Realizadas : Década de 1950. Paiol superior reconstruído após incêndio.
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS : Nenhuma	UTILIZAÇÃO PROPOSTA: armazenamento de grãos (função original) UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS: função original e museológica	RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA: Abas de concreto da fundação e escadas de acesso.
  		PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização do edifício por falta de amparo legal.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA : FOTOS: 1- Paiol inferior e anexo; 2- Paiol superior; 3- Vista do piso elevado no paiol superior.		
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		REINSPECIONADO POR: Arq. Guilherme Michellin DATA: 19/02/2008

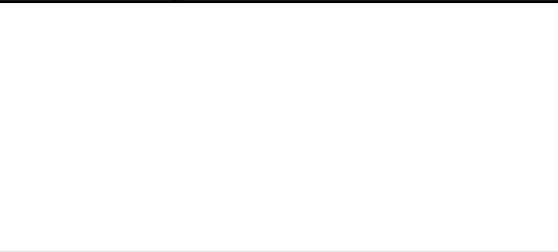
226

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC		CATEGORIA:		IPAC Nº:	
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO		INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		MONUMENTO		BTU - FLG 11	
REGIÃO : SUDESTE	ESTADO : SÃO PAULO	MUNICÍPIO : BOTUCATU		DISTRITO :			
LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO	DENOMINAÇÃO : ARCOS (aquedutos)		CADASTRO IMOBILIÁRIO				
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA : Arcos (aquedutos) encontra-se no terreno superior.			UTILIZAÇÃO ATUAL : Nenhuma				
ÉPOCA : SÉCULO 19 F		I - INÍCIO	M - MEADOS	F - FINAL	ÁREA CONSTRUÍDA :		
DESCRIÇÃO : Os arcos formam o muro de arrimo e são o sistema primário de separação do café. Eles decrescem a partir do centro para as laterais, constituindo um interessante sistema de engenharia. Sobre os arcos existem canaletas de água e diferentes saída de café.							
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	A SATISFATÓRIO B MEDIOCRE C RUM	ESTRUTURA PORTANTE	ELEMENTOS SECUNDÁRIOS	COBERTURA	INTERIOR	SERVIÇOS	GRAU DE PROTEÇÃO IPAC
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA				PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL			
							
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAF, através de levantamentos <i>in loco</i> e de documentação existente na Fazenda Lageado e CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.							
COMPILADA POR : Mosaico MACK				DATA : junho/2007			
CONFERIDA POR : Arq. G. Michellin				DATA : junho/2007			
REVISTA POR : Arq. G. Michellin				DATA : novembro/2007			

DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLÓGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
	Histórico Arquitetônico:	Sistema Construtivo e Materiais: aquedutos em alvenaria de tijolos e de pedra. Canaletas de água no topo em tijolo, revestidas em cimento.
		Restaurações e Intervenções Realizadas :
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS :	UTILIZAÇÃO PROPOSTA UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS	RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA Limpeza completa, restauro de canaletas e das comportas.
  		PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização por falta de amparo legal.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA : FOTOS: 1- Terreiro Superior, com aqueduto implantado no muro de contenção; 2- Aqueduto sobreposto ao muro de arrimo - Terreiro superior; 3- Detalhe aqueduto - canaleta e saída de café.		
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		REINSPECIONADO POR: Arq. Guilherme Michellin DATA: 19/02/2008

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC		CATEGORIA:	IPAC Nº :
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO		INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		MONUMENTO	BTU - FLG 12
REGIÃO : SUDESTE	ESTADO : SÃO PAULO	MUNICÍPIO : BOTUCATU		DISTRITO :	
LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO	DENOMINAÇÃO: TULHAS INTERMEDIÁRIAS		CADÁSTRO IMOBILIÁRIO		
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA : As tulhas intermediárias situam-se entre o terreno superior e o intermediário e entre o superior e o inferior.			UTILIZAÇÃO ATUAL : Depósito		
EPOCA : SÉCULO 19 F		I - INÍCIO	M - MEADOS	F - FINAL	ÁREA CONSTRUÍDA :
DESCRIÇÃO : Tulhas Intermediárias apresentam planta quadrada recobertas por telhado de quatro águas. Servem para pré-armazenamento e transporte vertical de grãos realizado por um funil de armazenamento. Uma das tulhas liga o terreno superior ao inferior por uma passarela, ... e a outra, liga o terreno superior ao intermediário ...					
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	A SATISFATORIO B MEDIOCRE C RUIM	ESTRUTURA PORTANTE	ELEMENTOS SECUNDARIOS	COBERTURA	INTERIOR
		INSTALAÇÕES E SERVIÇOS		SALUBRIDADE	GRAU DE PROTEÇÃO IPAC
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA			PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL		
					
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAF, através de levantamentos in loco e de documentação existente na Fazenda Lageado e CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto Indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.		COMPILADA POR : Mosaico MACK	DATA : junho/2007		
		CONFERIDA POR : Arq. G. Michelin	DATA : junho/2007		
		REVISTA POR : Arq. G. Michelin	DATA : novembro/2007		

DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLÓGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
	Histórico Arquitetônico:	Sistema Construtivo e Materiais:
		Restaurações e Intervenções Realizadas :
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS :	UTILIZAÇÃO PROPOSTA UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS	RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA Limpeza completa, restauro de telhado, esquadrias e da ponte de acesso.
		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA :		PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização do edifício por falta de amparo legal.
FOTOS: 1- Tulha Intermediária; 2- Tulha Intermediária Pequena.		
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		REINSPECIONADO POR: Arq. Guilherme Michelin DATA: 19/02/2008

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC		CATEGORIA:	IPAC Nº :
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO		INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		MONUMENTO	BTU - FLG 13
REGIÃO : SUDESTE	ESTADO : SÃO PAULO	MUNICÍPIO : BOTUCATU		DISTRITO :	
LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO	DENOMINAÇÃO: GALPÃO DE BENEFICIAMENTO		CADÁSTRO IMOBILIÁRIO		
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA : O galpão de beneficiamento situa-se no terreno intermediário.			UTILIZAÇÃO ATUAL :		
EPOCA : SÉCULO 19 F		I - INÍCIO	M - MEADOS	F - FINAL	ÁREA CONSTRUÍDA :
DESCRIÇÃO : Galpão de Beneficiamento com equipamentos da década de 1930/40. Face leste construída no muro de arrimo entre o terreno superior e intermediário com aberturas e pilares em alvenaria de tijolos. A face oposta (oeste) com fechamento em madeira a x metros do solo. As outras duas faces encontram-se totalmente abertas. Cobertura metálica em duas águas.					
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	A SATISFATORIO B MEDIOCRE C RUIM	ESTRUTURA PORTANTE	ELEMENTOS SECUNDARIOS	COBERTURA	INTERIOR
		INSTALAÇÕES E SERVIÇOS		SALUBRIDADE	GRAU DE PROTEÇÃO IPAC
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA			PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL		
					
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAF, através de levantamentos in loco e de documentação existente na Fazenda Lageado e CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto Indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.		COMPILADA POR : Mosaico MACK	DATA : junho/2007		
		CONFERIDA POR : Arq. G. Michelin	DATA : junho/2007		
		REVISTA POR : Arq. G. Michelin	DATA : novembro/2007		

DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLÓGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
	Histórico Arquitetônico: Implantado quando estação experimental.	Sistema Construtivo e Materiais: Fechamento em madeira e pilares de alvenaria de tijolos na face leste. Cobertura metálica com tesouras em madeira. Piso em tijoleira contíguo ao do terreno.
		Restaurações e Intervenções Realizadas :
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS : Bens móveis integrados: equipamentos das décadas de 1930 e 1940.	UTILIZAÇÃO PROPOSTA UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS	RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA Restauro do telhado, verificação de estrutura e restauro dos maquinários (bens integrados).
		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA :		PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização do edifício por falta de amparo legal.
FOTOS: 1- Galpão de Beneficiamento – vista externa ; 2- Galpão de Beneficiamento – vista interna.		
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		REINSPECIONADO POR: Arq. Guilherme Michelin DATA: 19/02/2008

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		CATEGORIA: MONUMENTO	IPAC Nº: BTU - FLG 14			
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO								
REGIÃO : SUDESTE	ESTADO : SÃO PAULO		MUNICÍPIO : BOTUCATU		DISTRITO :			
LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO	DENOMINAÇÃO : GALPÃO SUPERIOR				CADASTRO IMOBILIÁRIO			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA : O galpão superior situa-se no terreiro superior, tendo a norte os silos de armazenamento de grãos.					UTILIZAÇÃO ATUAL : Depósito			
EPOCA : SÉCULO 20 M		I - INÍCIO	M - MEADOS	F - FINAL	ÁREA CONSTRUIDA :			
DESCRIÇÃO : Galpão para armazenamento de materiais e equipamentos de grande porte, incluindo um conjunto de silos de armazenamento de grãos. Possui conjunto de salas na parte frontal da edificação.								
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	A SATISFATORIO B MEDIOCRE C RUIM	ESTRUTURA PORTANTE	ELEMENTOS SECUNDARIOS	COBERTURA	INTERIOR	INSTALAÇÕES E SERVIÇOS	SALUBRIDADE	GRAU DE PROTEÇÃO IPAC
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA					PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL			
								
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAF, através de levantamentos in loco e de documentação existente na Fazenda Lageado e CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.			COMPILADA POR : Mosaico MACK	DATA : junho/2007				
			CONFERIDA POR : Arq. G. Michellin	DATA : junho/2007				
			REVISTA POR : Arq. G. Michellin	DATA : novembro/2007				

DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLÓGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
	Histórico Arquitetônico:	Sistema Construtivo e Materiais:
		Restaurações e Intervenções Realizadas :
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS :	UTILIZAÇÃO PROPOSTA UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS	RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA Verificação de estrutura e telhados. Restauo completo dos silos de armazenamento.
		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA : FOTOS: 1- Galpão do terreiro superior ;		PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização do edifício por falta de amparo legal.
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		REINSPECIONADO POR:Arq. Guilherme Michellin DATA: 19/02/2008

228

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		CATEGORIA: MONUMENTO	IPAC Nº: BTU - FLG 15			
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO								
REGIÃO : SUDESTE	ESTADO : SÃO PAULO		MUNICÍPIO : BOTUCATU		DISTRITO :			
LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO	DENOMINAÇÃO : COLÔNIA (HOSPEDARIA)				CADASTRO IMOBILIÁRIO			
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA :					UTILIZAÇÃO ATUAL : moradia			
EPOCA : SÉCULO 19 F		I - INÍCIO	M - MEADOS	F - FINAL	ÁREA CONSTRUIDA :			
DESCRIÇÃO :								
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	A SATISFATORIO B MEDIOCRE C RUIM	ESTRUTURA PORTANTE	ELEMENTOS SECUNDARIOS	COBERTURA	INTERIOR	INSTALAÇÕES E SERVIÇOS	SALUBRIDADE	GRAU DE PROTEÇÃO IPAC
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA					PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL			
								
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAF, através de levantamentos in loco e de documentação existente na Fazenda Lageado e CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.			COMPILADA POR : Mosaico MACK	DATA : junho/2007				
			CONFERIDA POR : Arq. G. Michellin	DATA : junho/2007				
			REVISTA POR : Arq. G. Michellin	DATA : novembro/2007				

DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLÓGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
Residências unifamiliares.	Histórico Arquitetônico:	Sistema Construtivo e Materiais: Paredes externas em alvenaria de tijolos, telhado de duas águas em telha cerâmica, varanda frontal. Internamente paredes divisorias em taipa de mão.
		Restaurações e Intervenções Realizadas : Troca de telhado original em telha capa e canal, por telha francesa. Acréscimo de volumes nos fundos, normalmente sanitário e cozinha. Troca de paredes internas originais em taipa por alvenaria de tijolos.
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS : Pode ser visualizada a partir do Prédio da Estação Experimental. Acesso fácil.	UTILIZAÇÃO PROPOSTA moradia UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS moradia	RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA Restauo de características originais
		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA : FOTOS: 1- Primeira casa ; 2- Fundos primeira casa; 3- Casa central		PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização do edifício por falta de amparo legal.
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		REINSPECIONADO POR:Arq. Guilherme Michellin DATA: 19/02/2008

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		CATEGORIA: MONUMENTO		IPAC Nº: BTU - FLG 16	
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO		ESTADO : SÃO PAULO		MUNICÍPIO : BOTUCATU		DISTRITO :	
REGIÃO : SUDESTE		LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO		DENOMINAÇÃO : COLÔNIA DO BREJO		CADASTRO IMOBILIÁRIO	
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA :						UTILIZAÇÃO ATUAL : moradia	
ÉPOCA : SÉCULO 19 F		I - INÍCIO M - MEADOS F - FINAL		ÁREA CONSTRUÍDA :			
DESCRIÇÃO :							
ESTADO DE CONSERVAÇÃO		ESTRUTURA		ELEMENTOS		INSTALAÇÕES E	
A SATISFATORIO B MEDIOCRE C RUIM		PORTANTE		SECUNDARIOS		COBERTURA INTERIOR SERVIÇOS	
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA						PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL	
							
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAC, através de levantamentos in loco e de documentação existente na Fazenda Lageado CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto Indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.				COMPILADA POR : Mosaico MACK		DATA : junho/2007	
				CONFERIDA POR : Arq. G. Michelin		DATA : junho/2007	
				REVISTA POR : Arq. G. Michelin		DATA : novembro/2007	

DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLÓGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
Residências unifamiliares, com recuo entre elas.	Histórico Arquitetônico:	Sistema Construtivo e Materiais: Paredes externas em alvenaria de tijolos, telhado de duas águas em telha cerâmica, varanda frontal. Internamente paredes divisórias em taipa de mão.
		Restaurações e Intervenções Realizadas : Troca de telhado original em telha capa e canal, por telha francesa. Acréscimo de volumes nos fundos, normalmente sanitário e cozinha. Troca de paredes internas originais em taipa por alvenaria de tijolos.
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS : Está situada no alicive defronte ao conjunto principal (tulha e terreiros).	UTILIZAÇÃO PROPOSTA moradia	RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA Restauro de características originais
	UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS moradia	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA : FOTOS: 1- casa ; 2- Fundos primeira casa;		PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização do edifício por falta de amparo legal.
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		REINSPECIONADO POR: Arq. Guilherme Michelin DATA: 19/02/2008

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		IPAC INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		CATEGORIA: MONUMENTO		IPAC Nº: BTU - FLG 17	
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO		ESTADO : SÃO PAULO		MUNICÍPIO : BOTUCATU		DISTRITO :	
REGIÃO : SUDESTE		LOCALIZAÇÃO : FAZENDA LAGEADO		DENOMINAÇÃO : COLÔNIA SEIS CASAS		CADASTRO IMOBILIÁRIO	
SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA :						UTILIZAÇÃO ATUAL : moradia	
ÉPOCA : SÉCULO 19 F		I - INÍCIO M - MEADOS F - FINAL		ÁREA CONSTRUÍDA :			
DESCRIÇÃO :							
ESTADO DE CONSERVAÇÃO		ESTRUTURA		ELEMENTOS		INSTALAÇÕES E	
A SATISFATORIO B MEDIOCRE C RUIM		PORTANTE		SECUNDARIOS		COBERTURA INTERIOR SERVIÇOS	
PROTEÇÃO EXISTENTE : NENHUMA						PROTEÇÃO PROPOSTA : TOMBAMENTO ESTADUAL	
							
OBSERVAÇÕES : As informações aqui contidas foram obtidas em estudos pessoais do arquiteto, com apoio da FCA e FEPAC, através de levantamentos in loco e de documentação existente na Fazenda Lageado CONDEPHAAT. Trata-se de um trabalho inicial, portanto Indica-se um aprofundamento em fontes primárias, para correto desenvolvimento do material e posterior autenticação.				COMPILADA POR : Mosaico MACK		DATA : junho/2007	
				CONFERIDA POR : Arq. G. Michelin		DATA : junho/2007	
				REVISTA POR : Arq. G. Michelin		DATA : novembro/2007	

DADOS COMPLEMENTARES		
DADOS TIPOLÓGICOS	DADOS CRONOLÓGICOS	DADOS TÉCNICOS
Residências unifamiliares, em número de seis, com recuo entre elas.	Histórico Arquitetônico:	Sistema Construtivo e Materiais: Paredes externas em alvenaria de tijolos, telhado de duas águas em telha cerâmica, varanda frontal. Internamente paredes divisórias em taipa de mão.
		Restaurações e Intervenções Realizadas : Troca de telhado original em telha capa e canal, por telha francesa. Acréscimo de volumes nos fundos, normalmente sanitário e cozinha. Troca de paredes internas originais em taipa por alvenaria de tijolos. Uma das residências foi demolida por apresentar risco de desmoronamento.
CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS : Possui ampla área defronte ao conjunto, com acesso direto à área de esporte (campo de futebol do A.C. Lageado).	UTILIZAÇÃO PROPOSTA moradia	RESTAURAÇÃO NECESSÁRIA Restauro de características originais
	UTILIZAÇÕES POSSÍVEIS moradia	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA : FOTOS: 1- Terceira casa ; 2- Primeira casa ; 3- Vazio da edificação demolida		PERIGOS POTENCIAIS : Descaracterização do edifício por falta de amparo legal.
DADOS JURÍDICOS: Propriedade Federal com concessão de uso Estadual		REINSPECIONADO POR: Arq. Guilherme Michelin DATA: 19/02/2008

ANEXO 02

VISUAIS DE INTERESSE

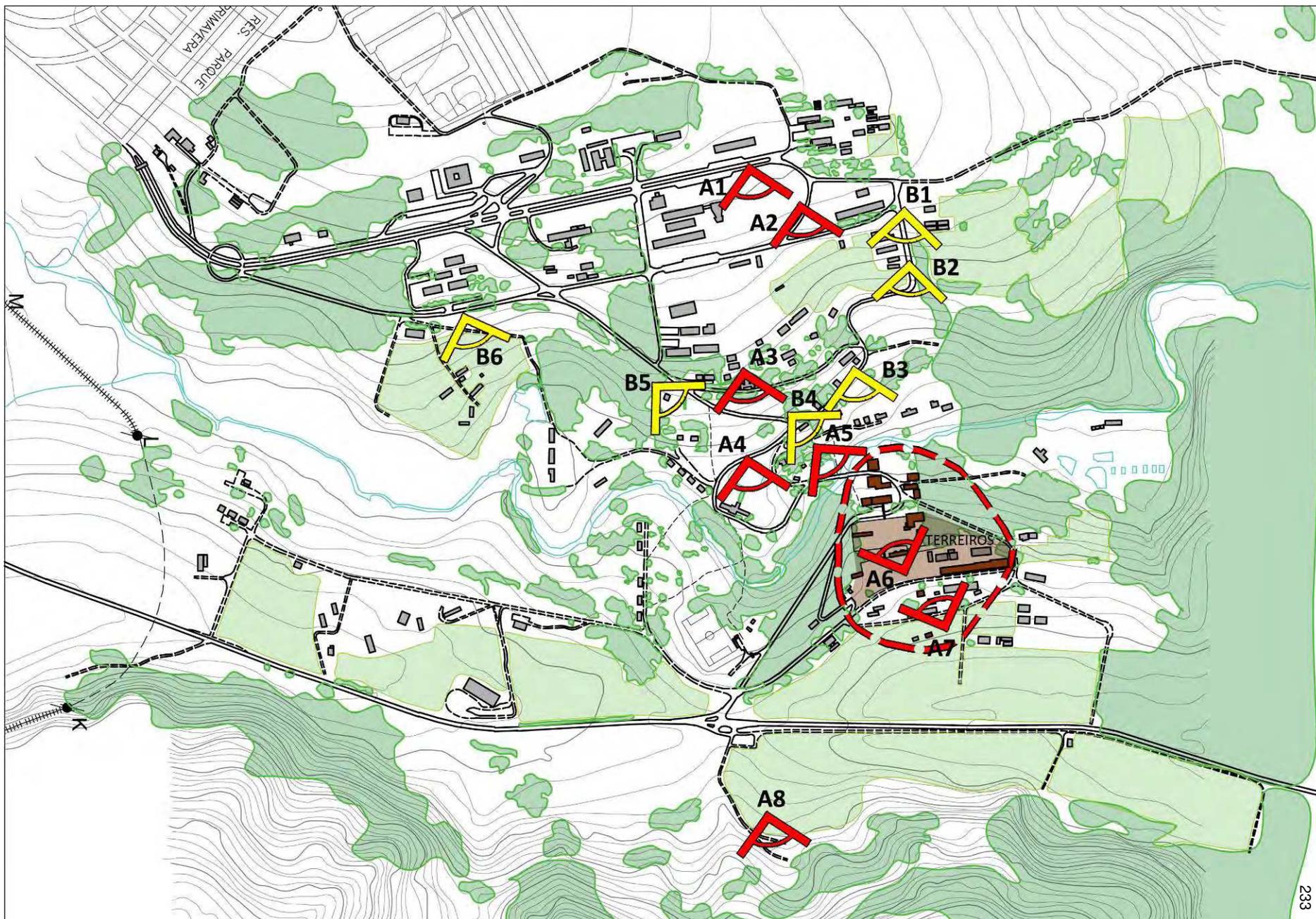
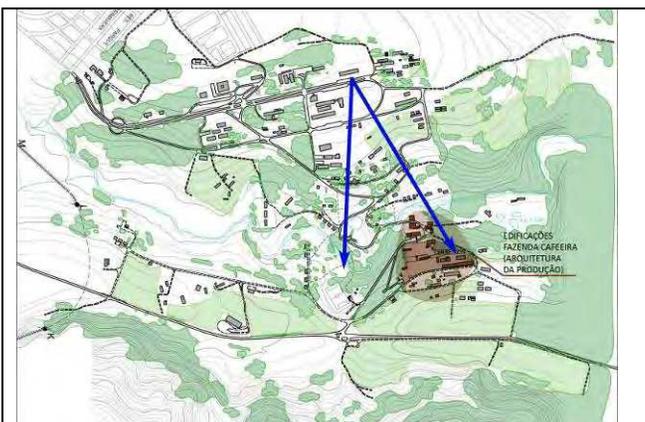


Figura 1 – Fazenda Lageado - Visuais de interesse (EM VERMELHO: VISUAIS EM LOCAL DE PERMANÊNCIA; EM AMARELO: VISUAIS A PARTIR DO SISTEMA VIÁRIO)

FAZENDA LAGEADO - VISUAIS DE INTERESSE

GRUPO	VISUAL
A	01



Ponto de Observação:	Área verde no final da Avenida Central da Universidade
-----------------------------	--



Descrição:	Conjunto Histórico e Cuesta
-------------------	-----------------------------



Descrição:	Cuesta
-------------------	--------

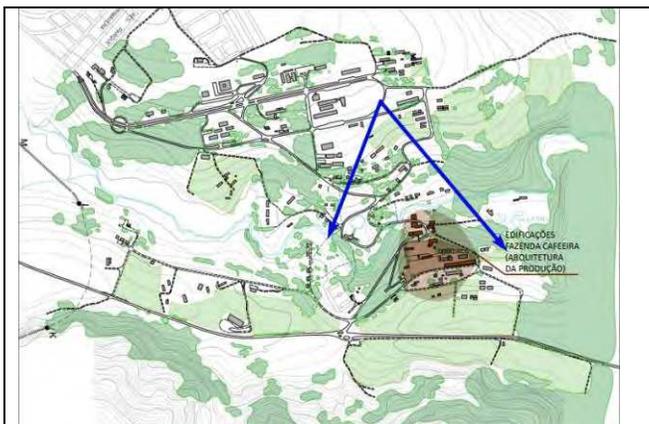
FAZENDA LAGEADO - VISUAIS DE INTERESSE

GRUPO

VISUAL

A

02



Ponto de
Observação:

Sistema viário



Descrição: Vista do conjunto histórico



Descrição: Vista da Cuesta

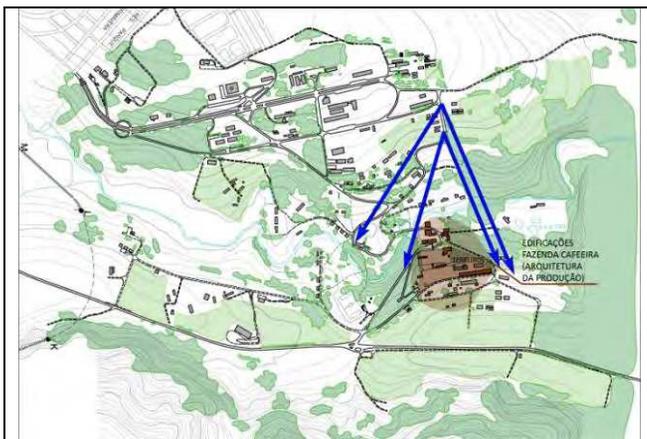
FAZENDA LAGEADO - VISUAIS DE INTERESSE

GRUPO

VISUAL

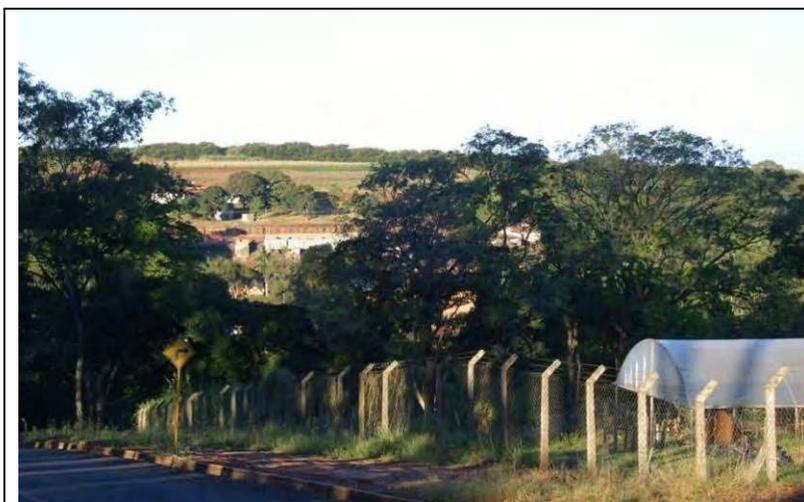
B

01/02



Ponto de
Observação:

Sistema viário



Descrição:

Vista do conjunto de interesse



Descrição:

Vista do conjunto de interesse

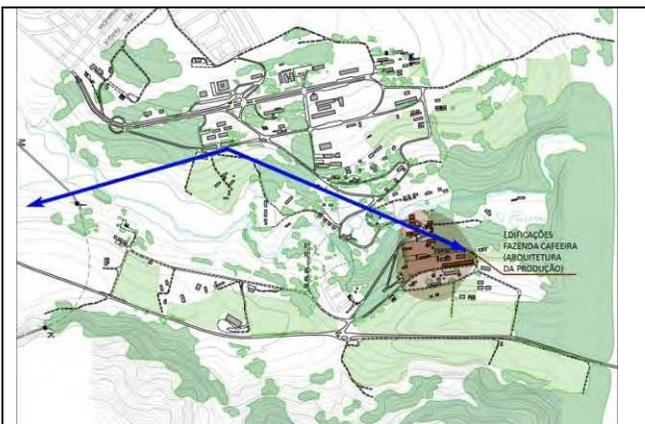
FAZENDA LAGEADO - VISUAIS DE INTERESSE

GRUPO

VISUAL

B

06



Índice
remissivo:

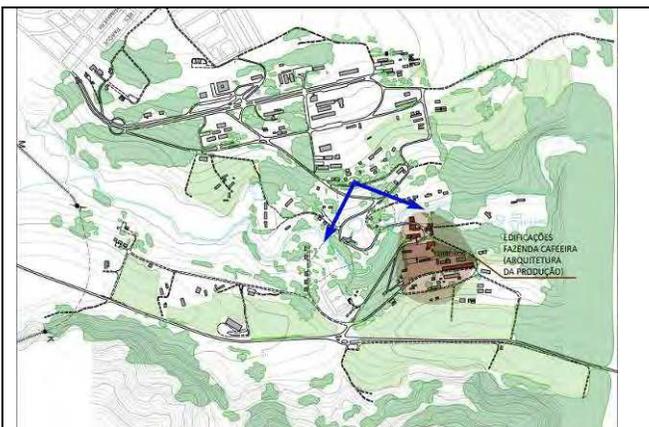
Sistema viário



Descrição: Vista do conjunto de interesse

FAZENDA LAGEADO - VISUAIS DE INTERESSE

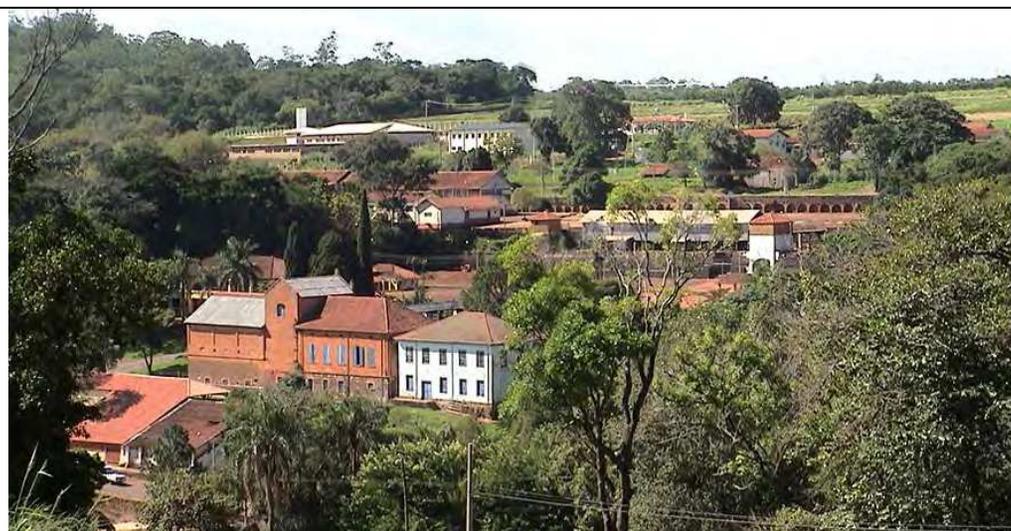
GRUPO	VISUAL
A	03



Ponto de Observação: Diretoria E.E.C.C.



Descrição: Hospedaria



Descrição: Arquitetura da Produção cafeeira

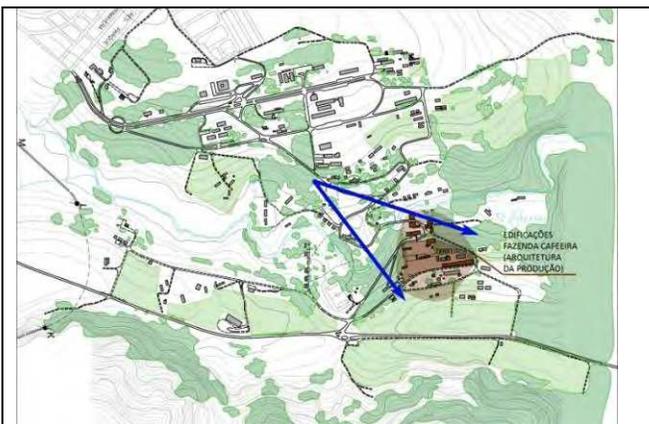
FAZENDA LAGEADO - VISUAIS DE INTERESSE

GRUPO

VISUAL

B

05



Ponto de Observação:

Próximo à Diretoria EECC



Descrição:

Vista do conjunto de interesse

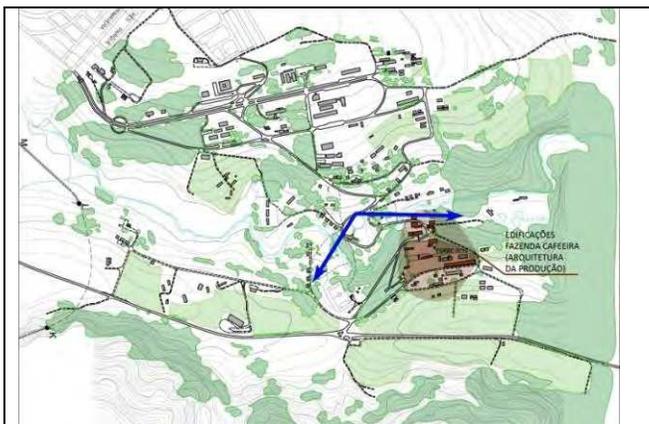
FAZENDA LAGEADO - VISUAIS DE INTERESSE

GRUPO

VISUAL

A

04



Ponto de
Observação:

Praça Hospedaria

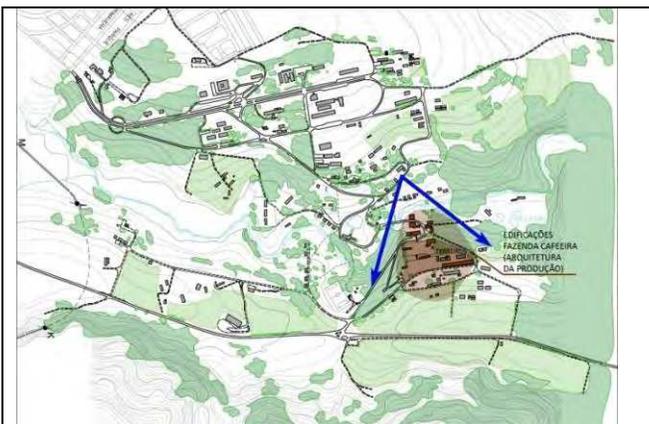


Descrição:

Hospedaria

FAZENDA LAGEADO - VISUAIS DE INTERESSE

GRUPO	VISUAL
B	03



Ponto de Observação: Sistema viário



Descrição: Vista do conjunto de interesse

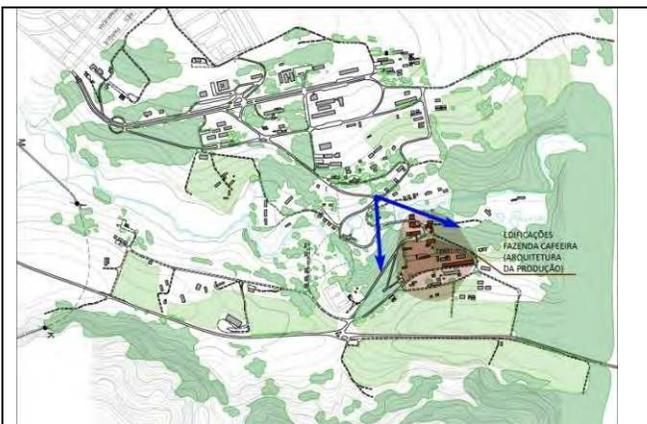
FAZENDA LAGEADO - VISUAIS DE INTERESSE

GRUPO

VISUAL

B

04



Ponto de
Observação:

Sistema viário



Descrição:

Vista do conjunto de interesse

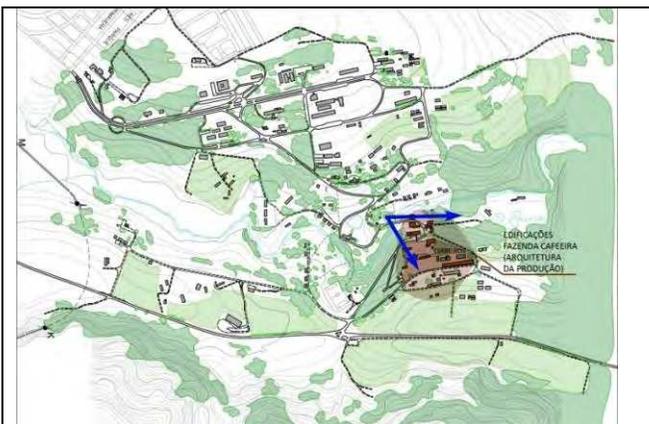
FAZENDA LAGEADO - VISUAIS DE INTERESSE

GRUPO

VISUAL

A

05



Ponto de
Observação:

Lago Casa de bombas e capela



Descrição:

Vista noturna – Tulha e Escola

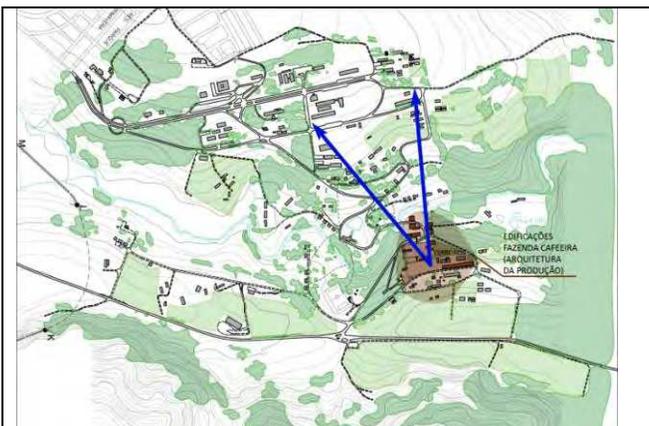
FAZENDA LAGEADO - VISUAIS DE INTERESSE

GRUPO

VISUAL

A

06



Ponto de
Observação:

Terreiro Superior (aquedutos)

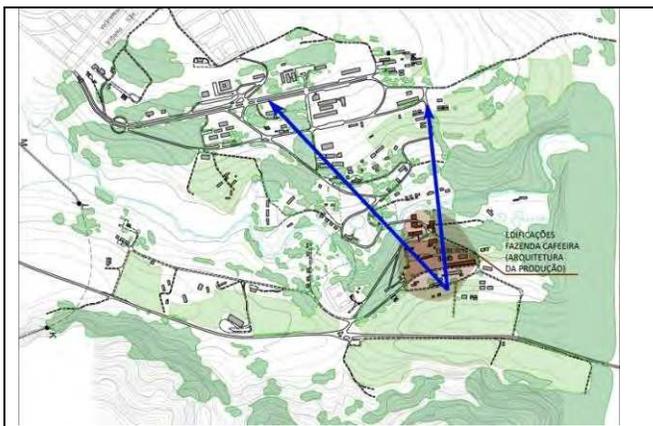


Descrição: Vista conjunto histórico e Vista universidade

Descrição: Vista conjunto histórico e Vista universidade

FAZENDA LAGEADO - VISUAIS DE INTERESSE

GRUPO	VISUAL
A	07



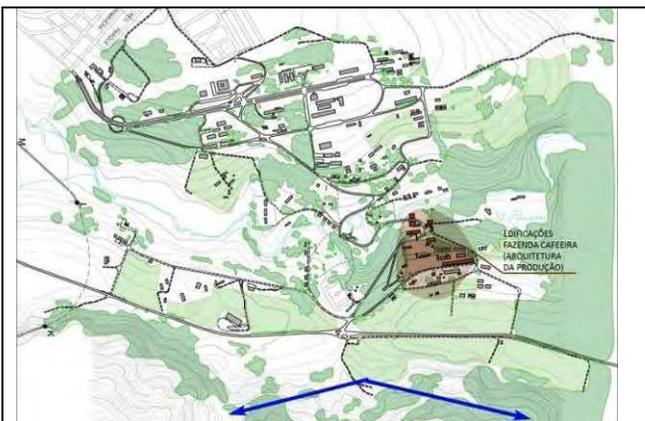
Ponto de Observação:	Caixa d'água
-----------------------------	--------------



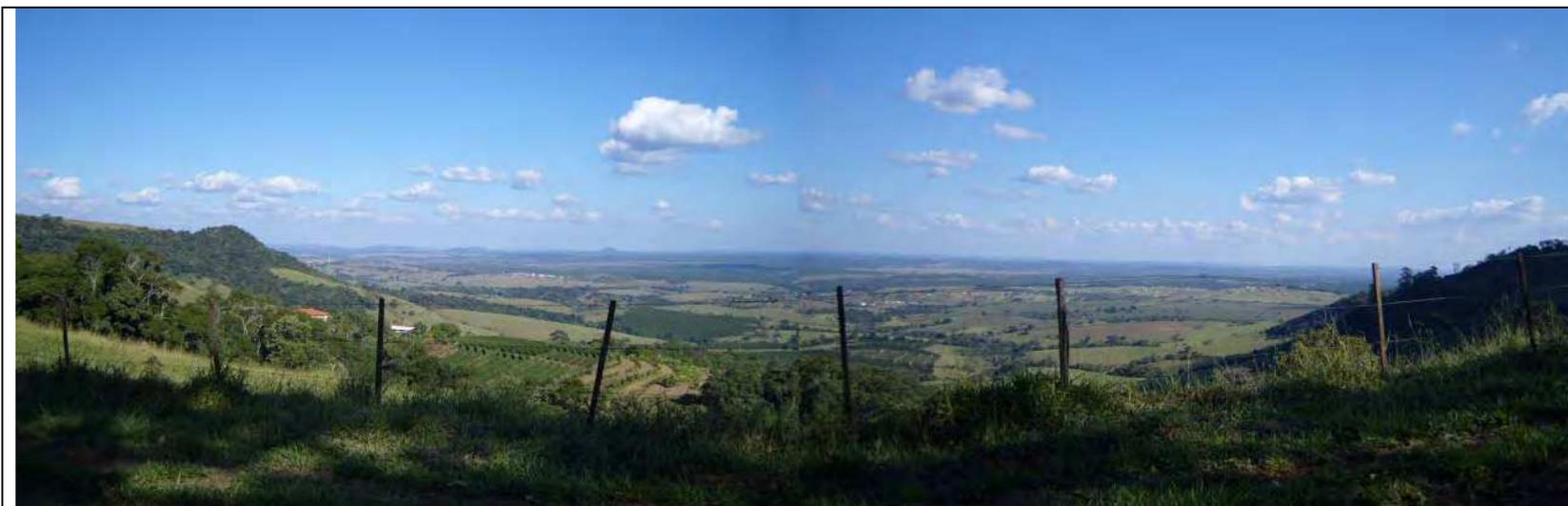
Descrição:	Vista da universidade	Descrição:	
-------------------	-----------------------	-------------------	--

FAZENDA LAGEADO - VISUAIS DE INTERESSE

GRUPO	VISUAL
A	08



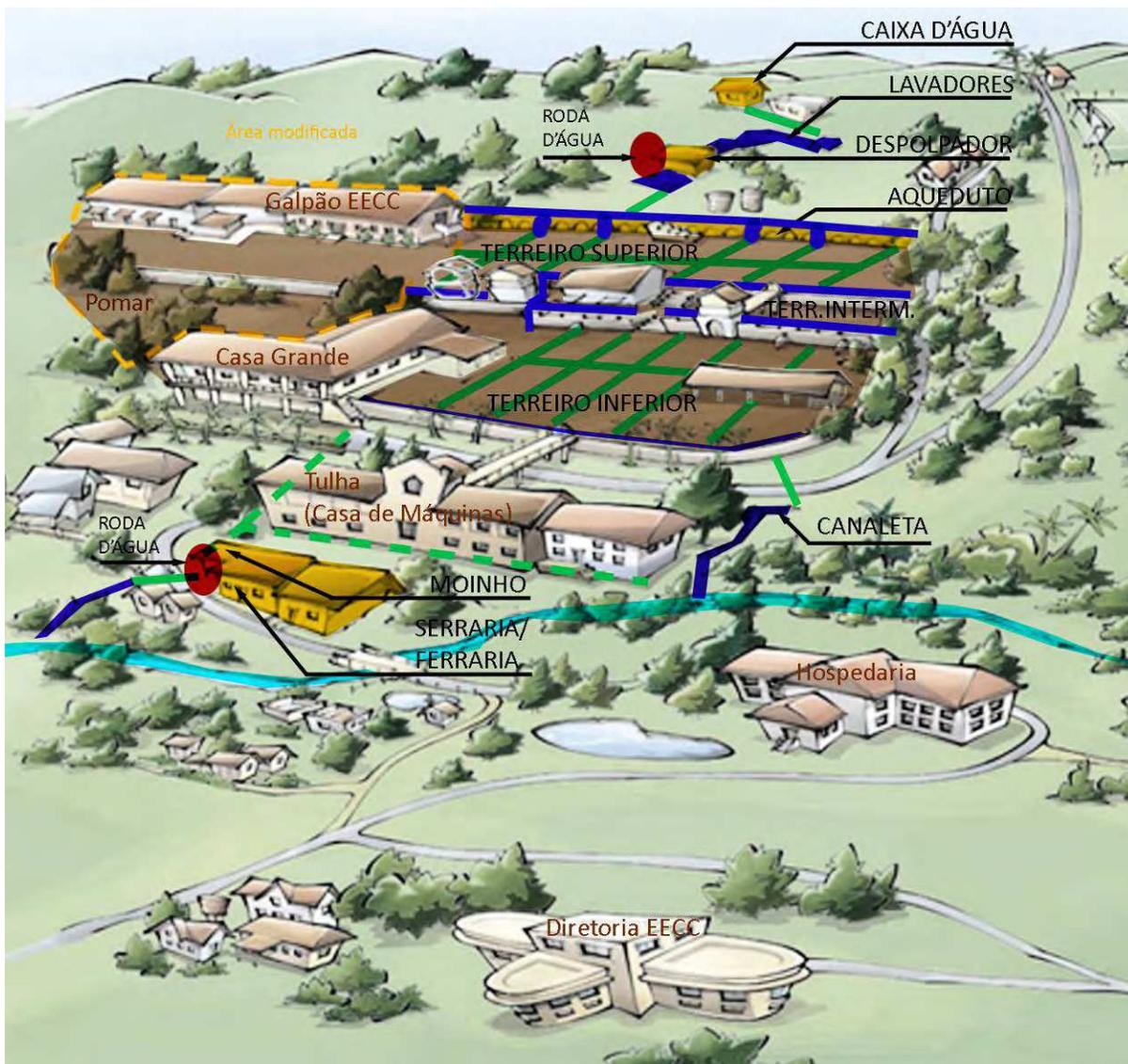
Ponto de Observação: Mirante próximo acesso Fazenda Edgardia



Descrição: Vista panorâmica da Cuesta de Botucatu

ANEXO 03

SISTEMA DE ÁGUAS



Em Azul claro, o Ribeirão Lavapés; Amarelo, edificações que fazem parte do processo; Azul escuro, águas canalizadas (aparentes); Verde (contínuo) – águas canalizadas subterrâneas; Verde (pontilhado) – prováveis caminhos das águas;
 (Ilustração original desenvolvida por Luis Ribeiro, Agência Peagadê, Botucatu/SP. www.peagade.com.br)



Localização: Caixa D'Água

Observação:

Caixa d'água em alvenaria de tijolos (primeiro período): A construção da base, em alvenaria, foi datada para 1907, conforme levantamento por arqueomagnetismo. A parte superior com a cobertura não se tem informações exatas. Foi utilizada nos dois primeiros períodos para o sistema de beneficiamento do café e atualmente serve ao sistema de irrigação da universidade.

Caixa d'água em concreto (segundo período): Edificada em data aproximada de 1939, através de projeto do Engenheiro da Estação Experimental Afonso Poyart.



Descrição: Caixa d'água 1º período na frente e do 2º período ao fundo.



Descrição: Detalhe Caixa D'Água 1º período

FAZENDA LAGEADO – SISTEMAS DE ÁGUAS

Sistema Lavador/Despoldador

FICHA

02



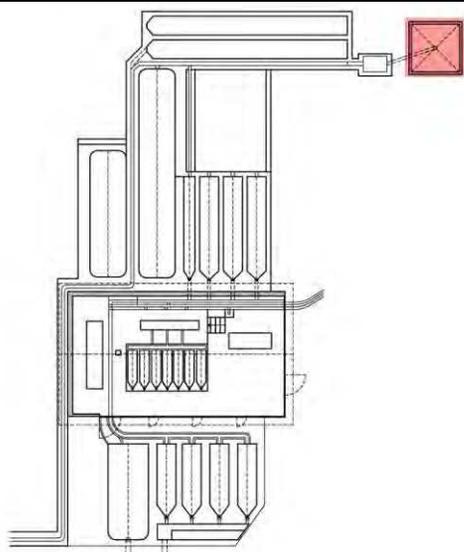
Localização: Despoldador

Observação:

O conjunto despoldador foi edificado no período de fazenda cafeeira. Não se tem a exata data de construção dos lavadores maiores, mas já aparecem no levantamento topográfico de novembro de 1934, de forma que ou foram edificados durante a fazenda cafeeira, ou logo no primeiro ano da E.E.C.C. Uma das plantas encontradas na Biblioteca da FCA, apresenta apenas os lavadores externos menores (fig. 02).

A casa do despoldador possui uma das paredes em alvenaria de tijolos, onde se apoiava a roda d'água. As outras paredes são vedação em madeira, com cobertura em telhas cerâmicas. Não se pode precisar, também, a data destes fechamentos.

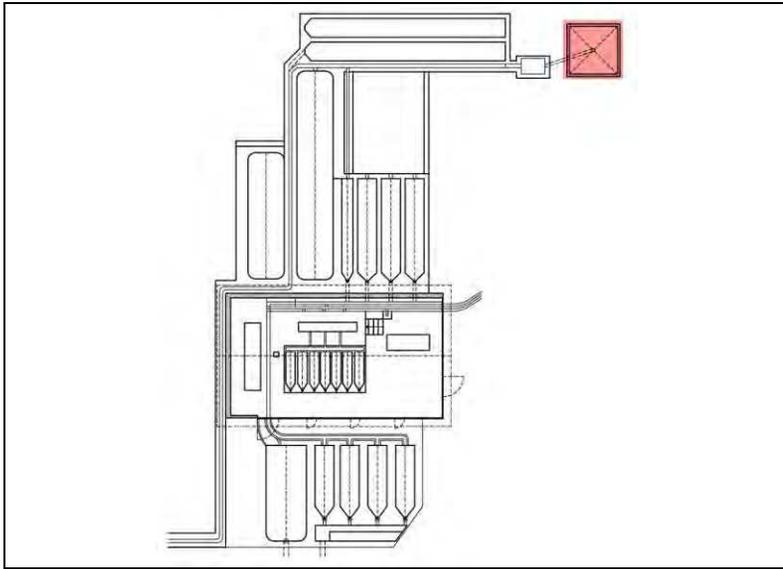
Os bens integrados originais encontram-se em grande parte armazenados dentro da edificação. Estão desaparecidos o despoldador a seco (equipamento de beneficiamento) e grande parte dos bens integrados referentes ao sistema de águas (comportas).



Descrição: Planta (desenho CAD: Mosaico/Mackenzie)



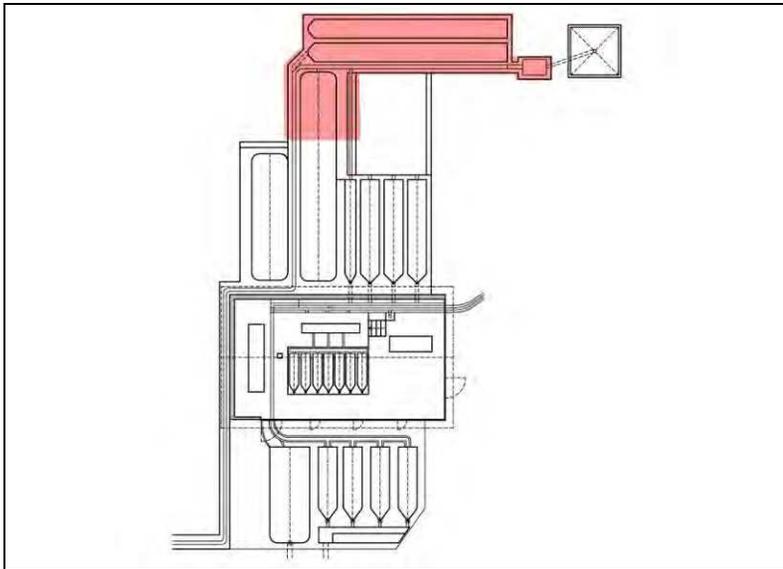
Descrição: Caixa de distribuição. (Foto: Sidney Trovão)



Descrição: Planta (desenho CAD: Mosaico/Mackenzie)



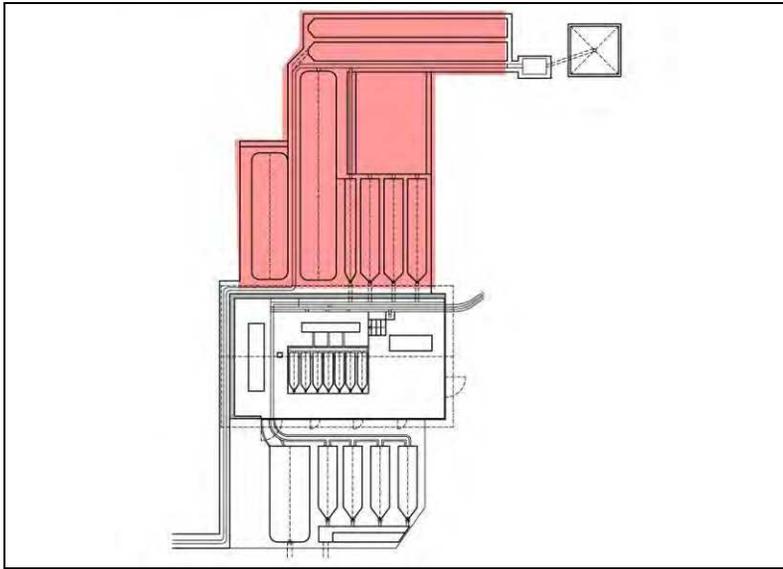
Descrição: Caixa de distribuição. Detalhe Comporta (Foto: Sidney Trovão)



Descrição: Planta (desenho CAD: Mosaico/Mackenzie)



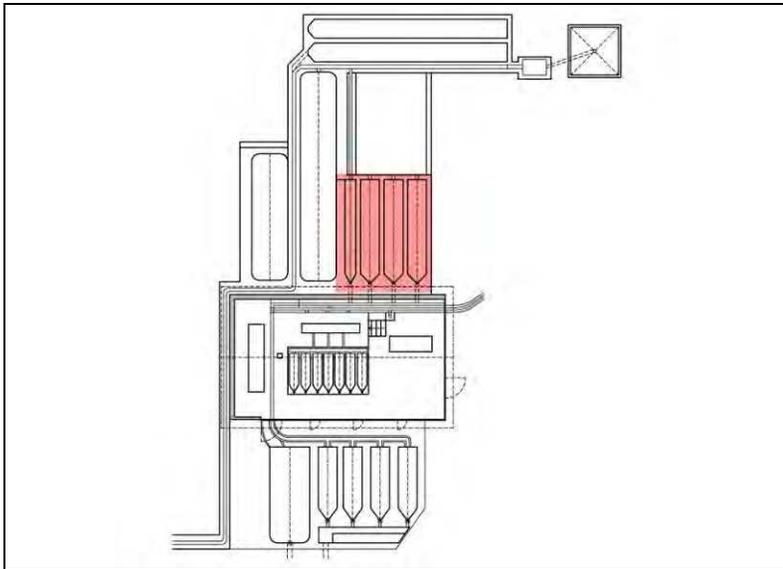
Descrição: Lavadores



Descrição: Planta (desenho CAD: Mosaico/Mackenzie)



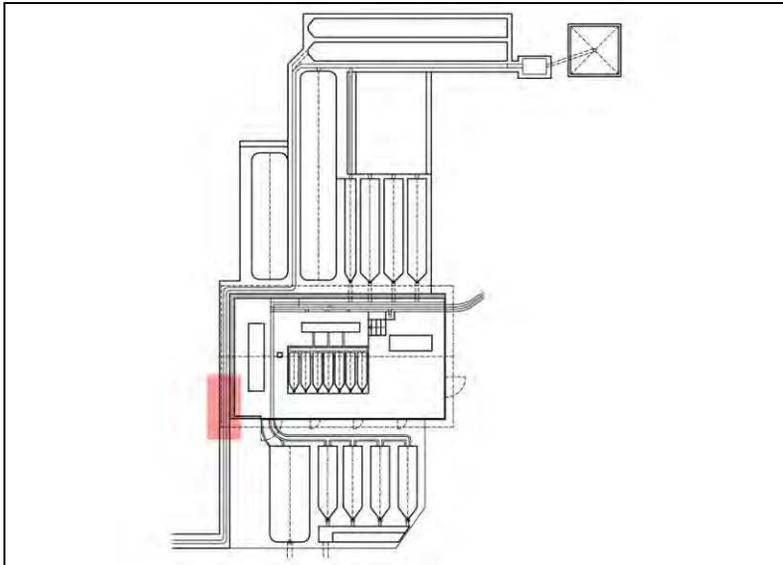
Descrição: Conjunto de Lavadores



Descrição: Planta (desenho CAD: Mosaico/Mackenzie)



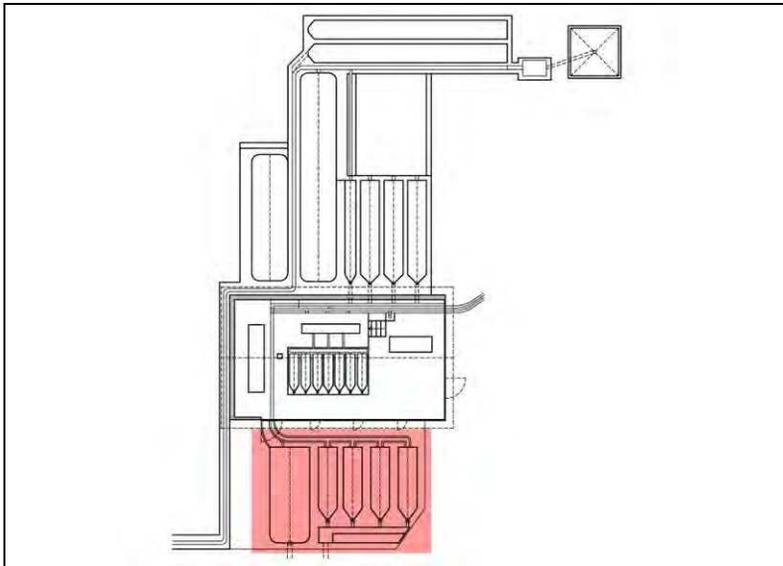
Descrição: Lavadores



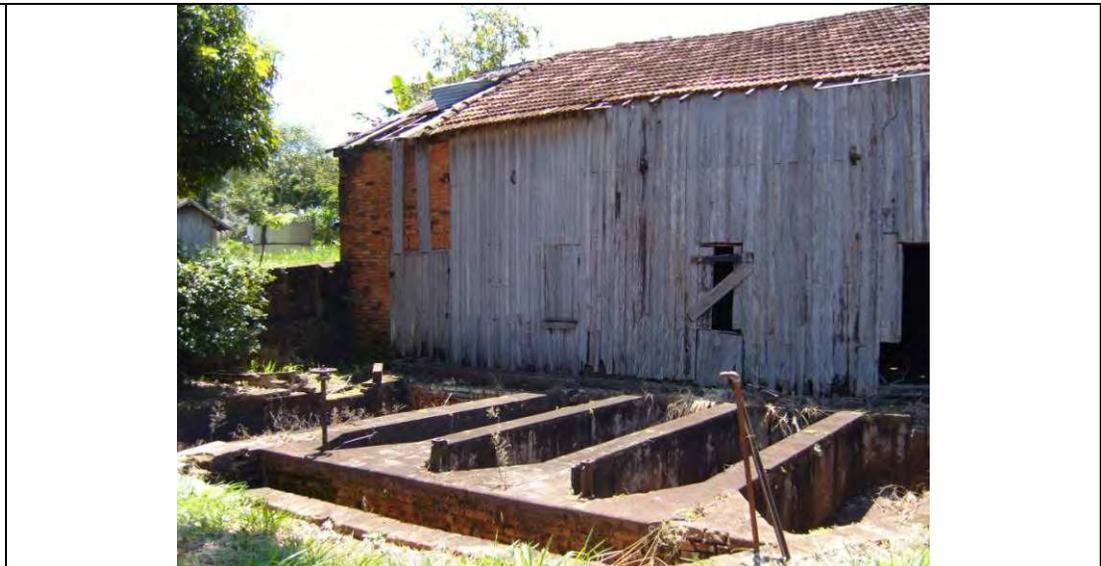
Descrição: Planta (desenho CAD: Mosaico/Mackenzie)



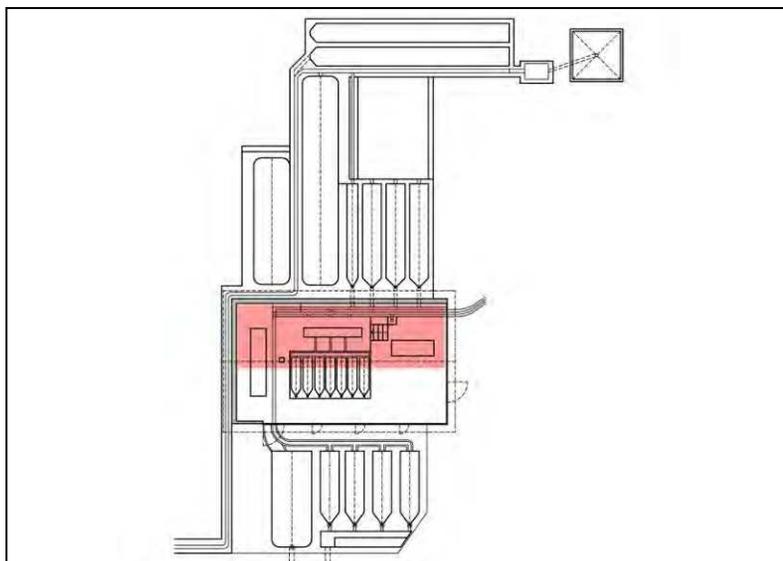
Descrição: Casa do Despolpador (Encaixe roda d'água)



Descrição: Planta (desenho CAD: Mosaico/Mackenzie)

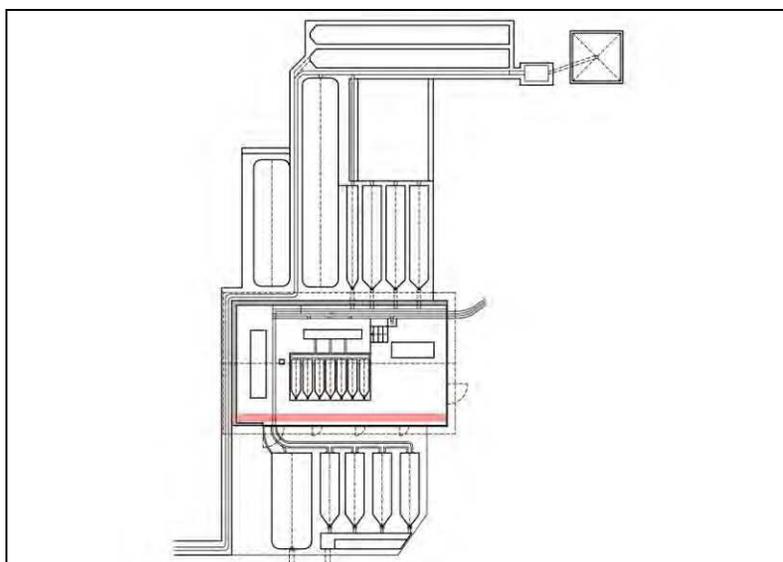


Descrição: Casa do Despolpador e Lavadores



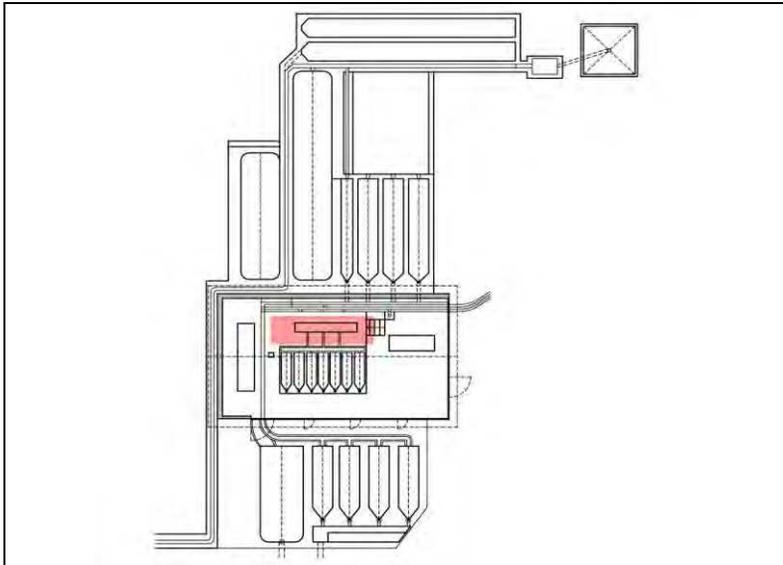
Descrição: Planta (desenho CAD: Mosaico/Mackenzie)

Descrição: Conjunto despoldador e canaletas



Descrição: Planta (desenho CAD: Mosaico/Mackenzie)

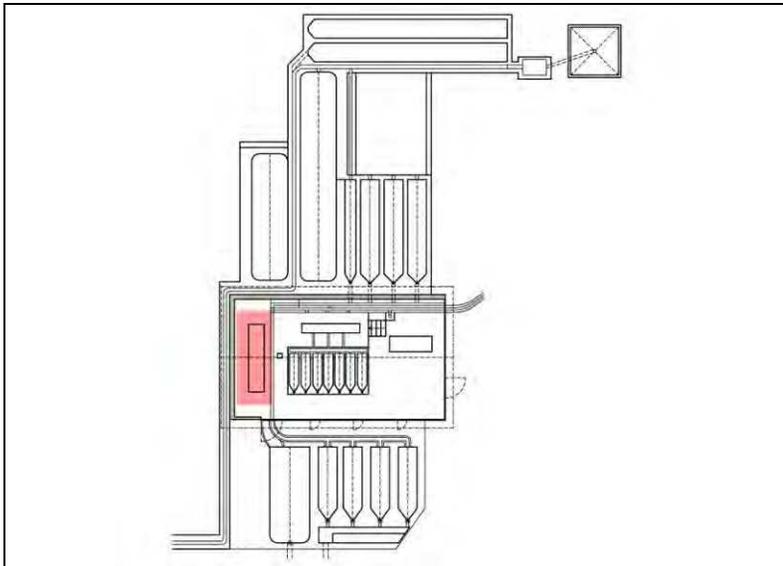
Descrição: Resquíios sistema de transmissão de forças (Jogo de Polias)



Descrição: Planta (desenho CAD: Mosaico/Mackenzie)



Descrição: Despoldador Limeira



Descrição: Planta (desenho CAD: Mosaico/Mackenzie)



Descrição: Despoldador antigo (em madeira)

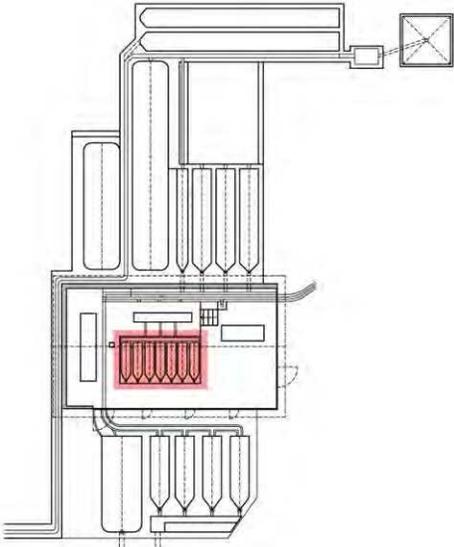
 <p>A technical CAD drawing showing a top-down layout of a manual washer. The drawing features a central rectangular area with a red-shaded section containing several vertical lines, representing the distribution system. Above and below this central area are various pipes, valves, and structural elements. A small square symbol with an 'X' is located in the upper right corner of the drawing area.</p>	 <p>A photograph of a manual washer facility. The image shows several long, rectangular concrete basins arranged in a row. The basins are filled with water and have a distribution system of pipes and valves. The facility is dimly lit, with some overhead lights visible. A red date stamp "DEZ 23 2005" is visible in the bottom right corner of the photograph.</p>
Descrição: Planta (desenho CAD: Mosaico/Mackenzie)	Descrição: Lavadores de Manobra com sistema de distribuição por comportas



Figura 2 – STC – Usina de Despulpamento, Secagem e Benefício de Café de Botucatu – Seção de Despulpamento.
Fonte: Biblioteca FCA (Obras raras)



Figura 3 – STC – Usina de Despulpamento, Secagem e Benefício de Café de Botucatu – Seção de Despulpamento.
Fonte: Biblioteca FCA (Obras raras)

FAZENDA LAGEADO – SISTEMAS DE ÁGUAS

Aquaduto

FICHA

03



Localização:

Observação:

O aqueduto é parte fundamental no sistema de distribuição do café. Após ser lavado e despoldado, era encaminhado aos terreiros para secagem. O projeto deste sistema prevê uma pré-separação por flotação, através das canaletas edificadas sobre os arcos. O café de pior qualidade boiava, o de melhor qualidade era mais denso, e vinha no fundo da canaleta. Desta forma, conforme a abertura da comporta, retirava-se o café escolhido.



Descrição: Vista panorâmica dos aquedutos do terreiro superior



Descrição: Canaleta de distribuição



Descrição: Sistema com comporta para extração do café. Captação de água no piso.



Descrição: Carriola para captação do café e distribuição no terreiro. (Foto: Sidney Trovão)



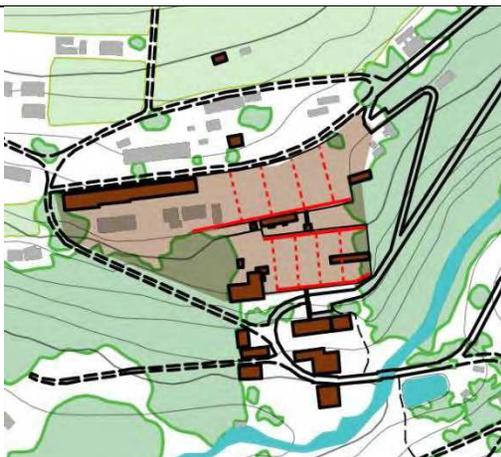
Descrição: Detalhe carriola para captação do café e distribuição no terreiro.

FAZENDA LAGEADO – SISTEMAS DE ÁGUAS

Drenagem dos terreiros

FICHA

04



Localização: Sistema de drenagem dos terreiros

Observação:

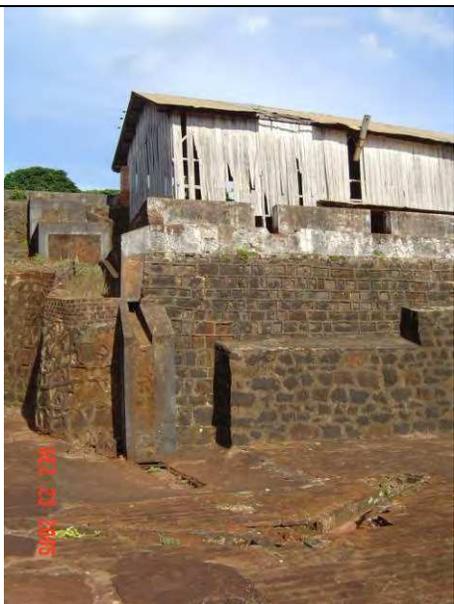
O aqueduto é parte fundamental no sistema de distribuição do café. Após ser lavado e despulpado, era encaminhado aos terreiros para secagem. O projeto deste sistema prevê uma pré-separação por flotação, através das canaletas edificadas sobre os arcos. O café de pior qualidade boiava, o de melhor qualidade era mais denso, e vinha no fundo da canaleta. Desta forma, conforme a abertura da comporta, retirava-se o café escolhido.



Descrição: Canaletas em alvenaria de tijolos e concreto sobre muro de pedra



Descrição: Captação de água no terreiro



Descrição: Sistema de distribuição de água entre os terreiros



Descrição: Canaletas de captação de água no terreiro inferior



Descrição: Vista panorâmica do terreiro inferior

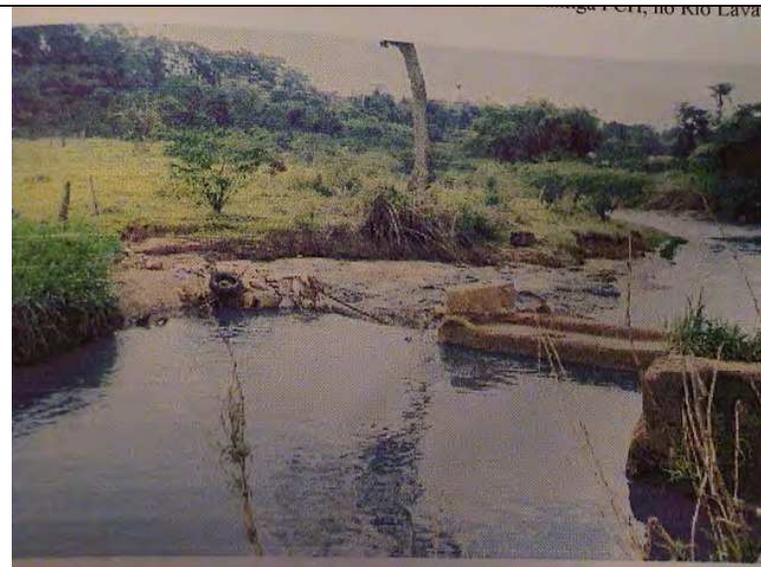
FAZENDA LAGEADO – SISTEMAS DE ÁGUAS	Pequena Central Hidrelétrica e Sistema de abastecimento	FICHA
		05

Localização:	Sistema de abastecimento da PCH	Observação:
		<p>Para instalação da Pequena Central Hidrelétrica, projetada por Afonso Poyart em 1936, foi criado todo um sistema de dutos e canais visando o seu abastecimento contínuo. A parte edificada em alvenaria de tijolos, ou que é subterrânea, encontra-se aparentemente em bom estado, com exceção da barragem, em estado de arruinamento. Todos os equipamentos metálicos originais, como dutos e bens integrados, desapareceram. O equipamento gerador original encontra-se ainda na PCH.</p>

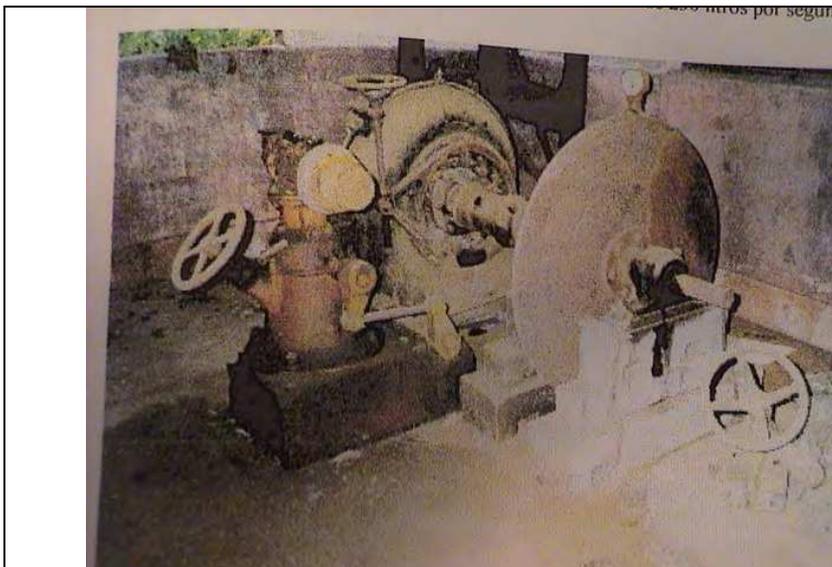
Descrição:	Cabeçalho do projeto de Poyart para a PCH	 <p>PROJECTO DE USINA HYDRO-ELECTRICA DE 45 HP. eff. para a EJTAÇÃO EXPERIMENTAL DE CAFE EM LAGEADO - BOJUCATÚ</p>



Descrição: Provável sistema de águas da E.E.C.C.



Descrição: Barragem no Lavapés. Fonte: Relatório da FCA – 1977 a 1980



Descrição: Equipamento gerador . Fonte: Relatório da FCA – 1977 a 1980



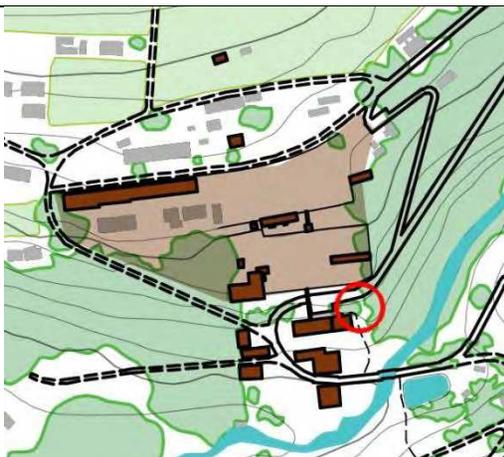
Descrição: Visita da Caixa de distribuição

FAZENDA LAGEADO – SISTEMAS DE ÁGUAS

Caixa de decantação

FICHA

06



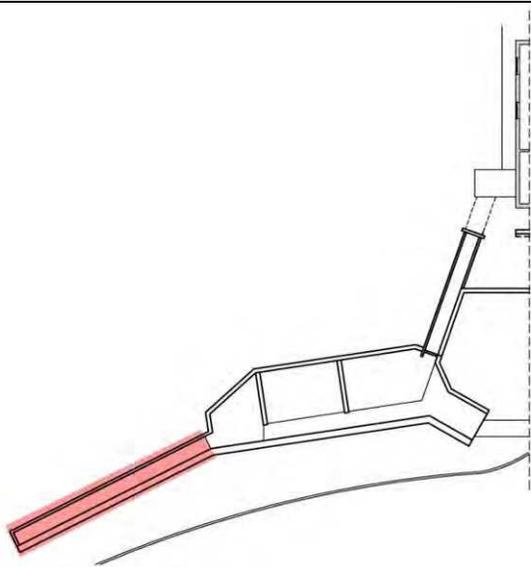
Localização: Decantador

Observação:

Projetada pelo engenheiro Afonso Poyart em 1939 para sanar problema da qualidade da água que servia a Pequena Central Hidrelétrica. Construída em alvenaria de tijolos e concreto. Encontrava-se em grande parte soterrada e com vegetação. A comporta era dividida em duas partes, uma superior para escoamento de águas excedentes e outra inferior para limpeza da areia acumulada.

Pelas plantas encontradas na Biblioteca da FCA, a caixa de decantação faz parte do sistema construído para captação de água para a PCH, diretamente no Rio Lavapés, somando-se à água excedente do terreiro.

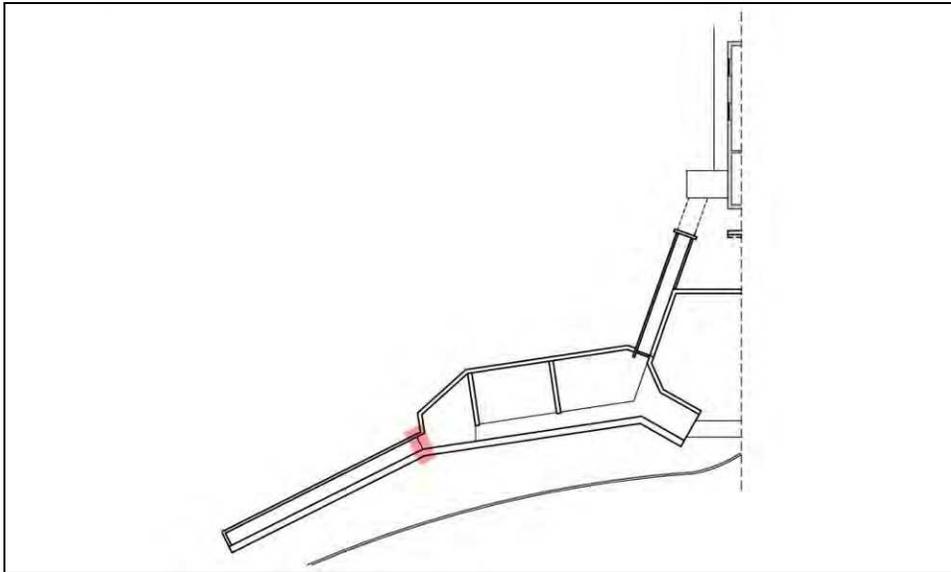
A estrutura encontra-se em bom estado, mas os bens integrados não foram encontrados.



Descrição: Planta



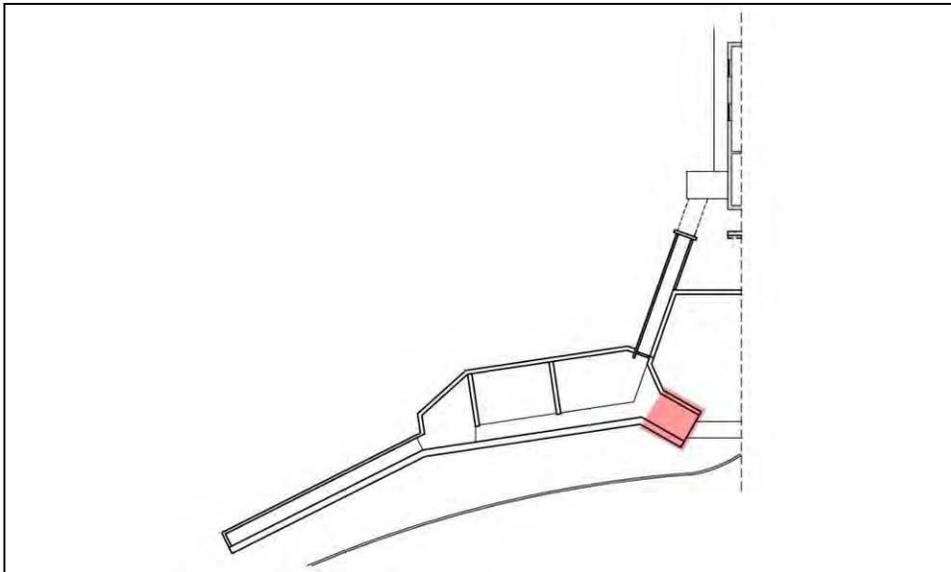
Descrição: Canaleta de captação de água



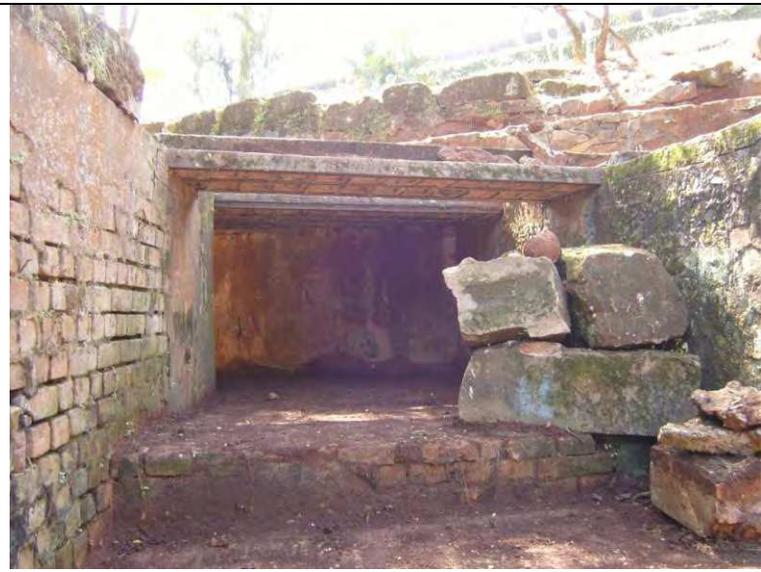
Descrição: Planta



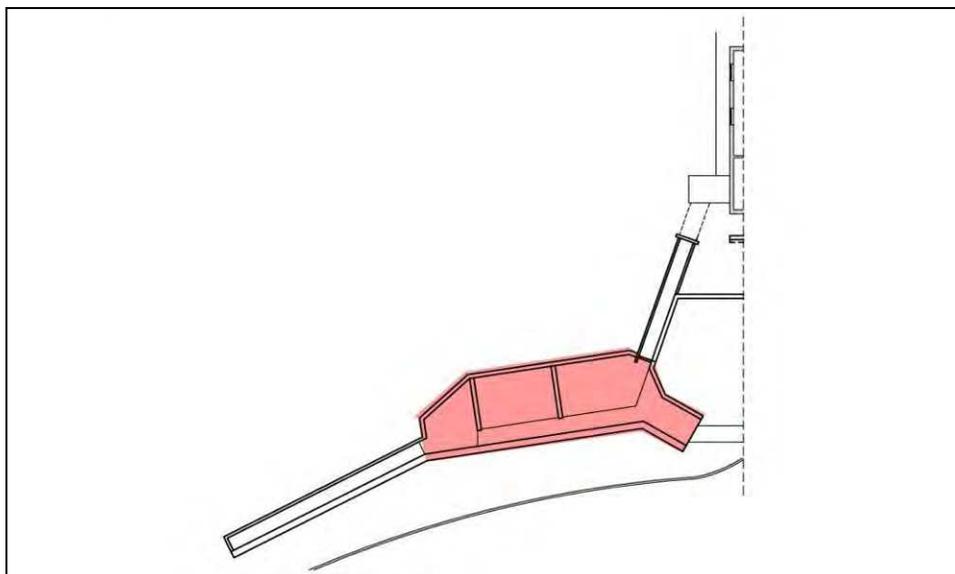
Descrição: Detalhe encaixe comporta



Descrição: Planta



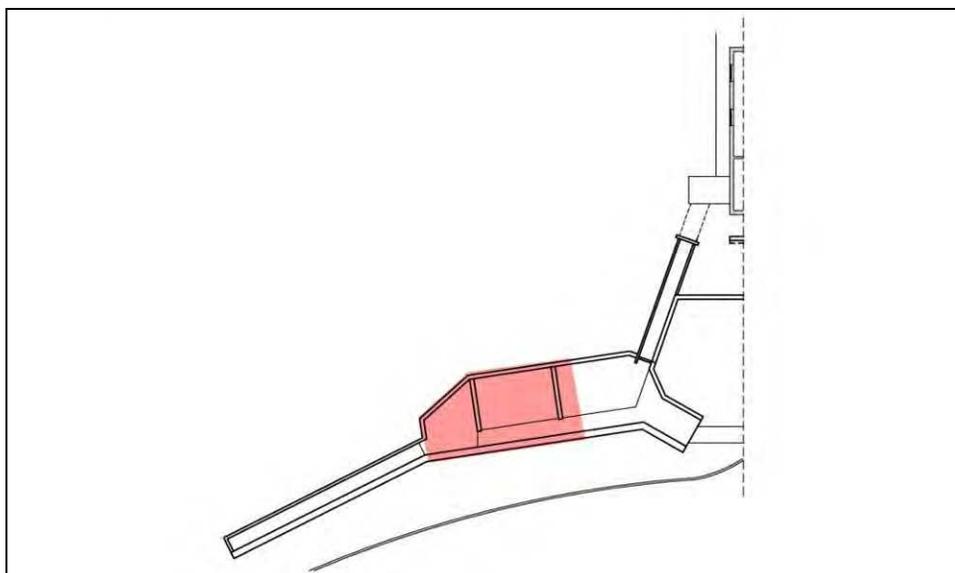
Descrição: Saída de água para duto da PCH



Descrição: Planta



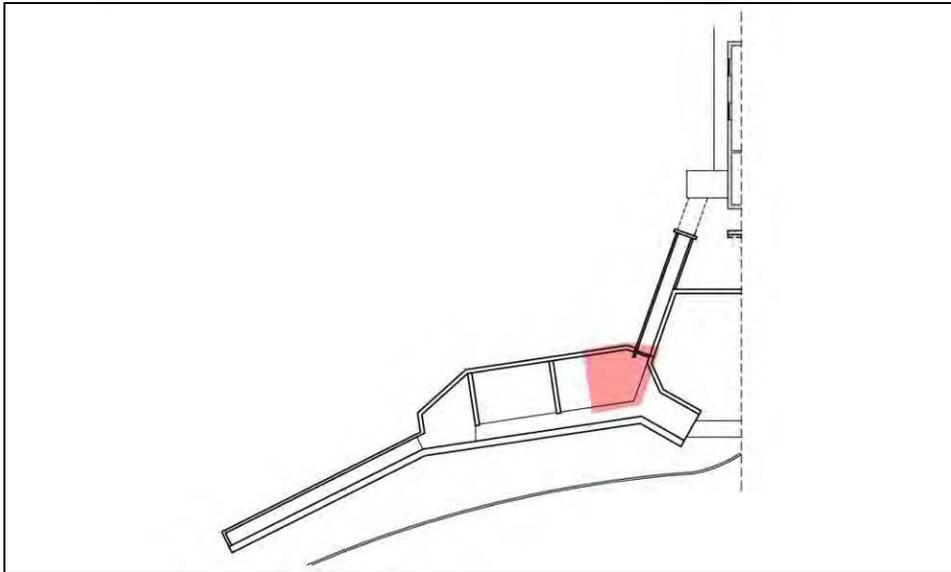
Descrição: Vista da Caixa



Descrição: Planta



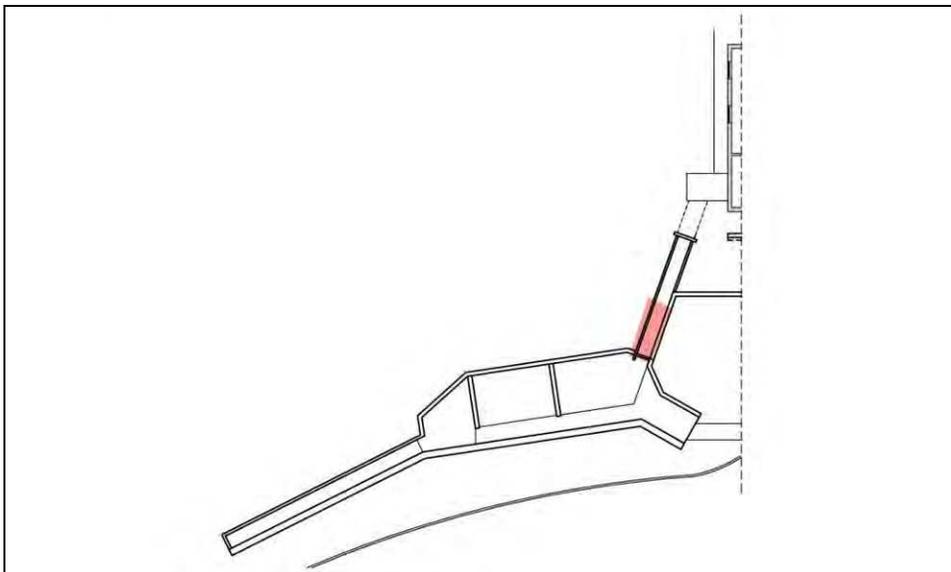
Descrição: Vista parcial da caixa e da canaleta de distribuição



Descrição: Planta



Descrição: Vista da comporta de escoamento e limpeza



Descrição: Planta



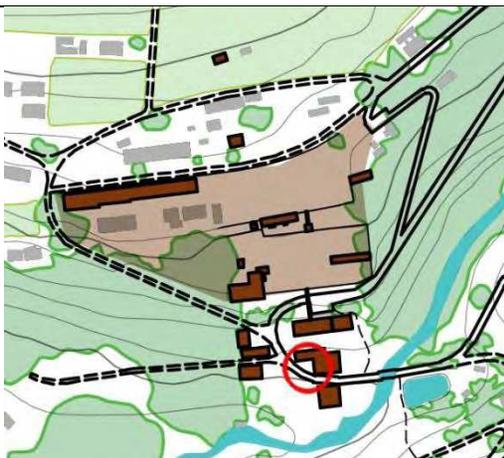
Descrição: Vista da canaleta de escoamento e limpeza

FAZENDA LAGEADO – SISTEMAS DE ÁGUAS

Conjunto Moinho e Serraria

FICHA

07



Localização: Moinho / Serraria

Observação:

O sistema motriz do conjunto Moinho e Serraria inicialmente funcionava através de roda d'água.

Após a instalação do sistema de águas para suprir a Pequena Central Hidrelétrica, foi instalado também um sistema gerador diretamente neste local. A pequena torre em alvenaria de tijolos com duto metálico é o vestígio externo deste sistema. O gerador funcionava na base.

Há um projeto de Afonso Poyart para instalação de um segundo conjunto gerador na seqüência deste primeiro, mas não é visível se foi instalado.



Descrição: Vista externa do Moinho.



Descrição: Antigo local da roda d'água



Descrição: Resquício de equipamento de transmissão de forças para o moinho



Descrição: Moinho interno - Pedra-mó



Descrição: Serraria: Sistema de transmissão de energia para a Serraria, todo em madeira. Original primeiro período.



Descrição: Serraria: Sistema de transmissão de energia para a Serra, todo metálico. Provável segundo período.

FAZENDA LAGEADO – SISTEMAS DE ÁGUAS	Drenagem E.E.C.C.	FICHA
		08

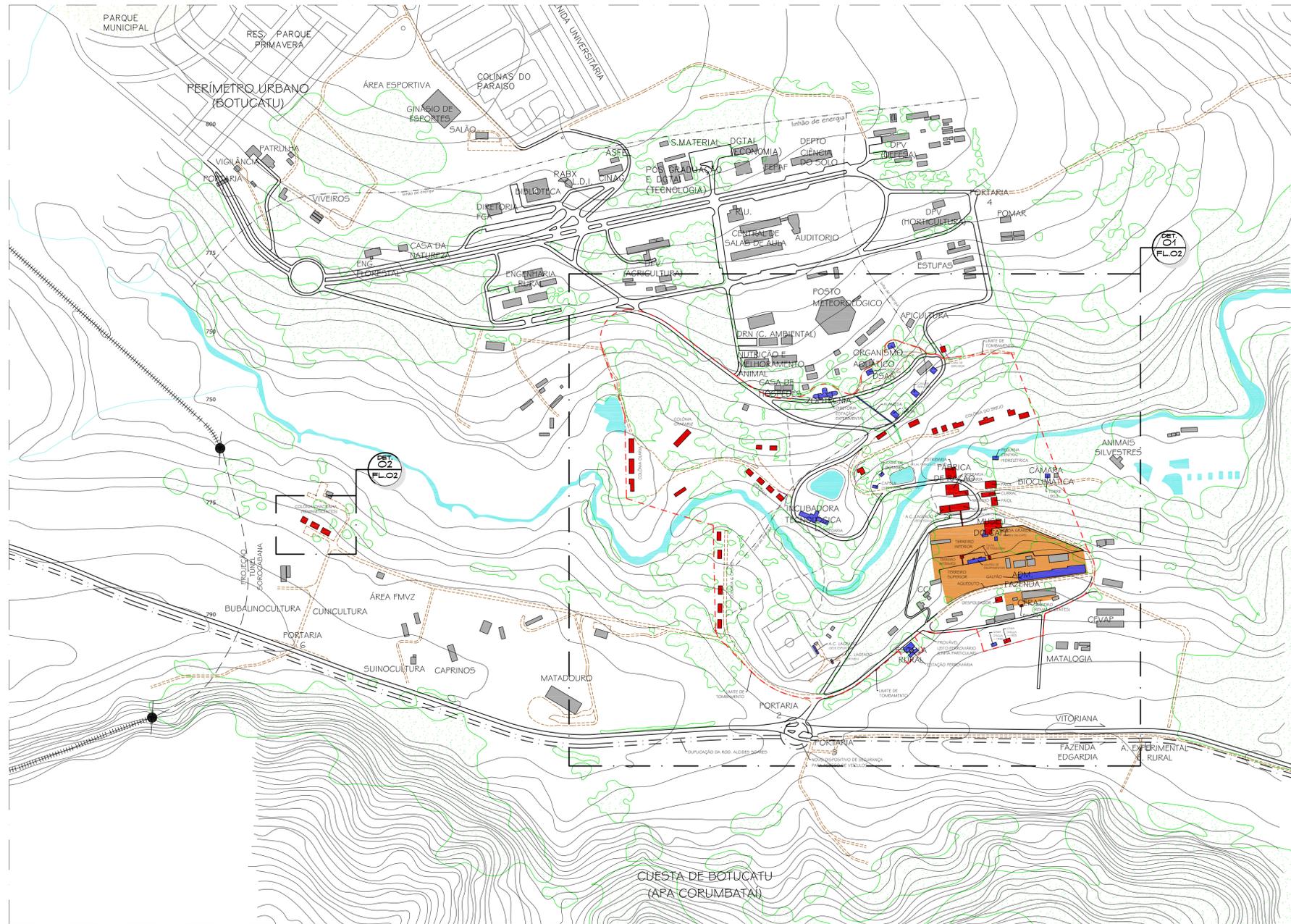
Localização:	Declive em frente à diretoria EECC, até a Hospedaria

Observação:
Na década de 1960, foi construído um sistema de drenagem de águas pluviais para atender à estação Experimental. Algumas das tampas de visita ainda encontram-se visíveis.

	
Descrição: Tampa de visita do sistema. Datado de 1962	Descrição: Tampa de visita do sistema.

ANEXO 04

MAPAS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL



LEGENDA GERAL

- RIBEIRÃO LAVAPÉS
- VIAS EM TERRA
- VIAS EM ASFALTO
- CAMINHOS PEDESTRES
- EDIFICAÇÃO
- TERREIROS
- CURVAS DE NÍVEL
- ÁREA VERDE (GRANDE PORTE)
- DELIMITAÇÃO PROPOSTA PARA O TOMBAMENTO
- FERROVIA EXISTENTE (SOROCABANA)

LEGENDA TEMÁTICA

- EDIFICAÇÕES 1º PERÍODO (FAZENDA CAFFEIRA) 1881-1934
- EDIFICAÇÕES 2º PERÍODO (ESTAÇÃO EXPERIMENTAL) 1934-1972
- EDIFICAÇÕES 3º PERÍODO (UNIVERSIDADE) DESDE 1972

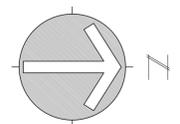
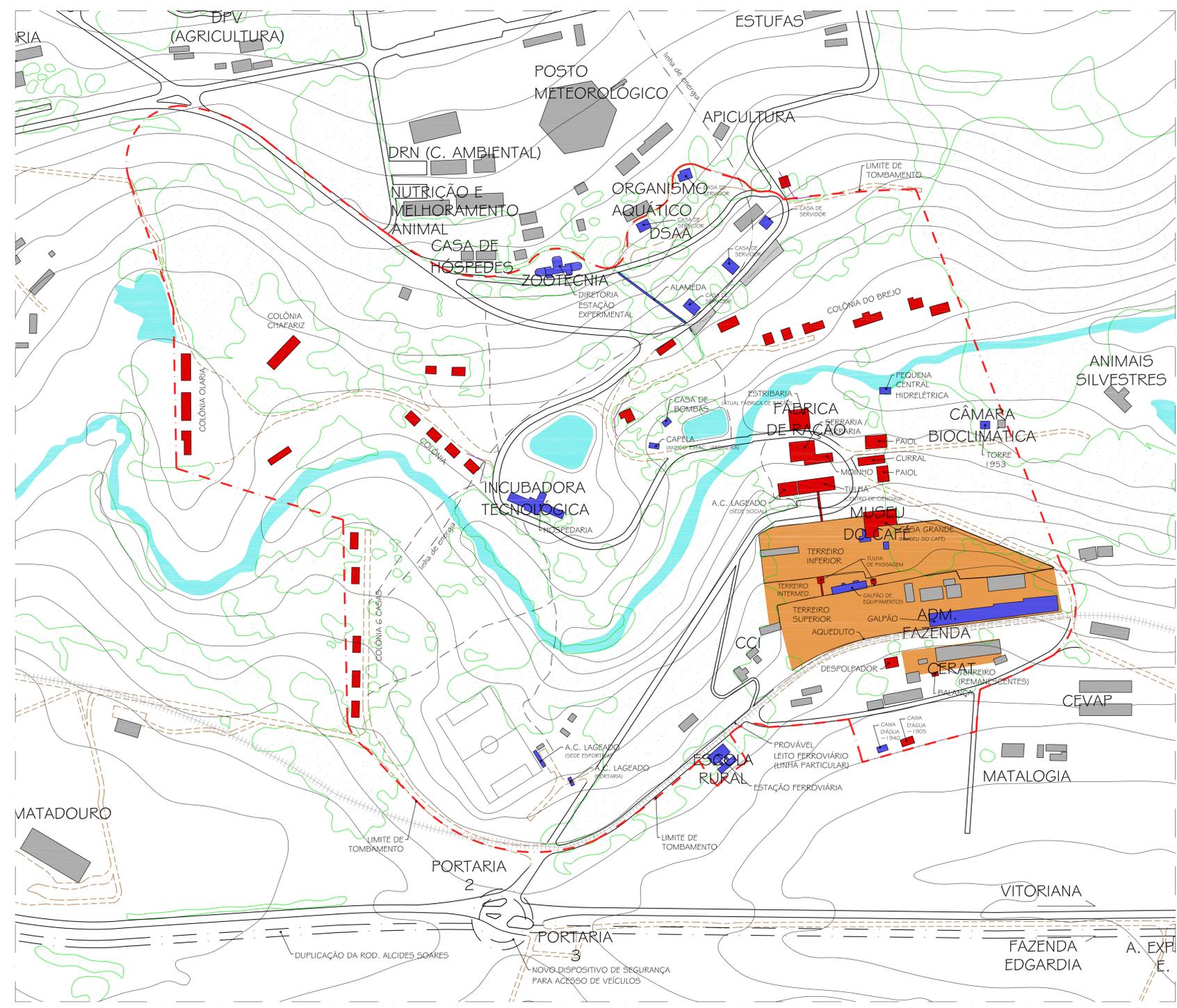
DELIMITAÇÃO PROPOSTA PARA O TOMBAMENTO

NOTAS:
 1- DESENHO BASE MONTADO SOBRE FOTO AÉREA NÃO ORTORRETIFICADA, DATADA DE 2000.
 2- CONFERIR MEDIDAS NO LOCAL.

01 IMPLANTAÇÃO GERAL
 ESCALA: 1:5000

ASSUNTO:
FAZENDA LAGEADO
 IMPLANTAÇÃO GERAL COM DELIMITAÇÃO
 ÁREA PARA CONSERVAÇÃO DE PAISAGEM CULTURAL

001

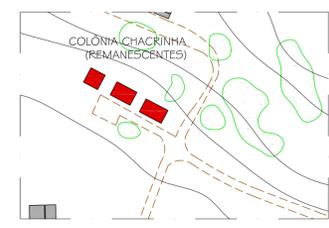


LEGENDA GERAL

-  RIBEIRÃO LAVAPÉS
-  VIAS EM TERRA
-  VIAS EM ASFALTO
-  CAMINHOS PEDESTRES
-  EDIFICAÇÃO
-  TERREIROS
-  CURVAS DE NÍVEL
-  ÁREA VERDE (GRANDE PORTE)
-  DELIMITAÇÃO PROPOSTA PARA O TOMBAMENTO
-  FERROVIA EXISTENTE (SOROCABANA)

LEGENDA TEMÁTICA

-  EDIFICAÇÕES 1º PERÍODO (FAZENDA CAFFEIRA) 1881-1934
-  EDIFICAÇÕES 2º PERÍODO (ESTAÇÃO EXPERIMENTAL) 1934-1972
-  EDIFICAÇÕES 3º PERÍODO (UNIVERSIDADE) DESDE 1972
-  CHAMADAS PARA EDIFÍCIOS HISTÓRICOS DE INTERESSE



02 CONJUNTO FORA DO LIMITE DE TOMBAMENTO
ESCALA: 1:2500

NOTAS:
1- DESENHO BASE MONTADO SOBRE FOTO AÉREA NÃO ORTORRETFICADA, DATADA DE 2000.
2- CONFERIR MEDIDAS NO LOCAL.

ASSUNTO:
FAZENDA LAGEADO
DELIMITAÇÃO ÁREA PARA CONSERVAÇÃO DA PAISAGEM CULTURAL

002

01 LIMITES DE TOMBAMENTO
ESCALA: 1:2500